



Maria Candida Vargas Frederico

**A Rua dos Livros: Cartografia Multissituada do Garimpo e
Comércio Literário no Rio de Janeiro**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Ciências Sociais da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Valter Sinder
Co-orientadora: Profa. Maria Isabel Mendes de Almeida

Rio de Janeiro
Outubro de 2020



Maria Candida Vargas Frederico

**A Rua dos Livros: Cartografia Multissituada do Garimpo e
Comércio Literário no Rio de Janeiro**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Valter Sinder

Orientador

Departamento de Ciências Sociais – PPGCIS PUC-Rio

Profa. Maria Isabel Mendes de Almeida

Co-orientadora

Departamento de Ciências Sociais – PPGCIS PUC-Rio

Prof. Gabriel Banaggia

Departamento de Ciências Sociais – PPGCIS PUC-Rio

Profa. Maria Alice Rezende de Carvalho

Departamento de Ciências Sociais – PPGCIS PUC-Rio

Profa. Myrian Sepúlveda dos Santos

Departamento de Ciências Sociais – PPCIS-UERJ

Profa. Tatiana Braga Bacal

Departamento de Ciências Sociais – PPGSA-UFRJ

Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2020

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Maria Candida Vargas Frederico

Graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2013. Possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma universidade, concluído em 2016. Concluiu doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio, em 2020.

Ficha Catalográfica

Frederico, Maria Candida Vargas

A rua dos livros : cartografia multissituada do garimpo e comércio literário no Rio de Janeiro / Maria Candida Vargas Frederico ; orientador: Valter Sinder ; co-orientadora: Maria Isabel Mendes de Almeida. – 2020.

300 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2020.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Circuito de objetos. 3. Cartografia multissituada. 4. Livros de segunda mão. 5. Colecionismo. 6. Sebos. I. Sinder, Valter. II. Almeida, Maria Isabel Mendes de. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. IV. Título.

CDD: 300

Para Noel, Tonzinho e Amarelinha.

Agradecimentos

Professor Valter Sinder (Orientador), meu primeiro professor de Antropologia das aulas mais cativantes. O professor Valter Sinder participou de todas as bancas da minha trajetória acadêmica, portanto, leu e apontou detalhes e me ofereceu sugestões imprescindíveis em todos os meus textos, da Monografia à Tese. Contudo, é a primeira vez que me orienta formalmente. Agradeço pelas ideias, por pensar junto, pelo encorajamento diante das “questões”, pela liberdade na escrita, pelo toque de ficção, pelas tardes entre papéis e, especialmente, por sua boa escuta.

Professora Maria Isabel Mendes de Almeida (Co-orientadora), agradeço pelas aulas empolgantes e, sobretudo, atuais, frescas e atentas às publicações mais sofisticadas do nosso tempo. Em decorrência de suas aulas pude retornar às minhas “memórias de livraria” e retomar um assunto muito caro e raro à minha trajetória, este que apresento aqui sob o título de tese. Agradeço pelos apontamentos rigorosos e tão alegres em meu texto, pelas correções, pela instigação conceitual e, ao mesmo tempo, pela confiança nas minhas ideias.

Agradeço aos membros da banca examinadora por aceitarem ler e conversar sobre meu texto. Agradeço por mais uma oportunidade de aprender e trocar.

Agradeço a PUC-Rio e ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais pela acolhida revigorante. Agradeço aos professores do PPGCIS pelas ótimas aulas em contribuição para a minha formação intelectual: Felipe Sussekind, Maria Alice Rezende, Roberto DaMatta, Sônia Giacomini, Eduardo Raposo, Valter Sinder e Maria Isabel M. Almeida. Agradeço pela atenção, ajuda e eficiência das secretárias Aline, Mônica e Ana e do secretário Felipe.

Agradeço a Capes/PROSUC pela concessão da bolsa de estudos, sem a qual seria impossível a realização desta tese. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço aos colegas Gianne Neves, Isla Antonello, Júlia Petek, Marcos Milner e Aluysio Athayde pelos anos agradáveis que dividimos durante o doutorado. Vocês estarão sempre em minhas “memórias”.

Agradeço ao professor Carlos Eduardo Rebello de Mendonça, meu orientador de Monografia e Dissertação de Mestrado, por quem eu guardo e nutro um enorme respeito e amizade.

Agradeço aos meus pais pelo incentivo escolar e por terem acreditado enormemente nos estudos, tornando a trajetória científica possível e prazerosa! Agradeço a minha querida mãe por me mostrar a técnica dos estudos, a leitura para a escrita, a concentração e a imaginação contidas nos jogos de tabuleiro, nas bonecas de jornal e nos recortes de revistas: a criatividade. Agradeço a minha mãe pela expressão parecida com a sua, esta que tenho hoje e que é motivo de orgulho meu. Agradeço pelo exemplo de força reinventada a todo instante e pela ternura e segurança do seu colo. Agradeço ao meu pai por me mostrar o livro e a leitura como exemplo de virtude e também por desenhar, gostar de gatos e plantar nossa comida. Na minha cidade não existe livreria e nunca existiu, mas meu pai frequentava a banca de revistas e por isso colecionamos fascículos do enorme Dicionário Aurélio e de várias coletâneas de clássicos da literatura nacional e universal. Agradeço ao meu pai por nunca deixar nos faltar nada. Agradeço as minhas irmãs, Ana Clara e Ana Carolina, pela amizade e pela enorme “força” que me deram para escrever. É na relação entre irmãs que conhecemos o sentido maior da reciprocidade. Obrigada pelo brilho das suas vontades, esforço, dedicação e carinho, que bom tê-las! Nós três estudamos em excelentes universidades e nos formamos professoras.

Agradeço ao meu namorado, Vitor Bambino, pela gostosa companhia. Agradeço pelo que você me inspira neste mundo das artes que compartilhamos, pelo conforto e alívio de poder voar pra bem longe da dureza da vida, pela sua criatividade e empurrão sobre a minha. Mas também pela garantia e segurança, me proporcionando lugar e atmosfera legais para o trabalho, obrigada pelo pouso na cidade grande e obrigada por aceitar, agora, o pouso aqui na cidade pequena. Obrigada por viver comigo entre os gatos, saladas, florestas, música e livros.

Agradeço a minha psicanalista, com quem gosto de falar.

Agradeço a todas as livrerias e livreiros, garimpeiros, catadores, papeleiros e bibliófilos que participam desta tese. Obrigada por me receber entre vocês! Obrigada por fazerem chegar os livros à minha estante!

Resumo

Frederico, Maria Candida Vargas; Sinder, Valter (Orientador); Almeida, Maria Isabel Mendonça de (Co orientadora). **A Rua dos Livros: Cartografia Multissituada do Garimpo e Comércio Literário no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2020, 300 págs. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese tem como objetivo pensar o livro de segunda mão como objeto material inserido em um circuito urbano. Percorrendo o seu caminho e desenhando um mapa cultural, através de pesquisa de campo, os conceitos de profissão ou ofício, consumo, troca, patrimônio, valor econômico e simbólico, ordem e desordem, raridade, tempo e propriedade são destacados. Abordagens críticas questionam os movimentos de consumo colaborativo e a vinculação do livro velho nos sites de venda online, deste modo “uberização do livro” é uma expressão criada nesta tese para pensar parte do circuito envolvendo a internet. A cidade é ocupada pelos livros e pelos livreiros em dinâmicas circulares: eles transitam infinitas vezes indo e vindo por lugares conhecidos e circunscritos tradicionalmente; do lixo até o leilão de obras raras. As livrarias são Sebos de alfarrabistas geridas e habitadas por mestres e aprendizes transmitindo o ofício entre familiares; por outro lado, os sebos de rua “shopping chão”, os das calçadas e das feiras revelam elementos de informalidade e indeterminação econômica e espacial, perseguidos pela administração pública. O livro usado possui marcas das intervenções humanas e circunstanciais – rabiscos, rasgados, colagens, assinaturas, dedicatórias – que lhe conferem os signos de valor. É importante para os membros do circuito identificarem estas marcas para redistribuí-los através da elaboração de descrições e arrumações específicas para cada categoria de livro usado. Bibliófilos são consumidores de livros antigos, livreiros são consumidores de outros livreiros em instâncias diversas, catadores recebem livros daqueles que abandonam e depois vendem para livreiros que oferecem para colecionadores, estes podem abandonar mais uma vez os livros nas ruas ou no lixo, então o ciclo se renova em uma cartografia multissituada.

Palavras-Chave

Circuito de objetos; Cartografia multissituada; Livros de segunda mão; Colecionismo; Sebos.

Abstract

Frederico, Maria Candida Vargas; Sinder, Valter (Advisor); Almeida, Maria Isabel Mendonça de (Co advisor). **The Street of Books: Multi-Sited Cartography of Digging and Literary Trade in Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2020, 300 págs. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis aims to think of the second-hand book as material object inserted in an urban circuit. Traversing your way and drawing a cultural map, through fieldwork, the concepts of profession or trade, consumption, exchange, heritage, economic and symbolic value, order and disorder, rarity, time and property are highlighted. Critical approaches question the collaborative consumption movements and the linking of the old book to online selling sites, so “book uberization” is an expression created in this thesis to think about part of the circuit involving the internet. The city is occupied by books and booksellers in circular dynamics: they travel endlessly to and fro through traditionally known and circumscribed places; from the garbage to the rare books auction. Antiquarian bookstores are inhabited by masters and apprentices transmitting the craft among family members; on the other hand, the “shopping chão”, sidewalks and fairs (flea market) reveal elements of informality and economic and spatial indeterminacy, pursued by the government. The used book has marks of human and circumstantial interventions - scribbles, torn, collages, signatures, dedications - that give it the signs of value. It's important for circuit members to identify these marks in order to redistribute them through the elaboration of specific descriptions and arrangements for each category of used book. Bibliophiles are consumers of old books, booksellers are consumers of other booksellers in different instances, garbage collectors receive books from those they abandon and then sell to booksellers that they offer to books collectors, they can once again abandon books on the streets or in the garbage, then the cycle is renewed in a multi-sited cartography.

Keywords

Object circuit; Multi-Sited Cartography; Second hand books; Collecting; Antiquarian Bookshops.

Sumário

1	Primeiras Páginas	15
1.1	Folha de rosto ou para abrir a tese	15
1.2	A categoria nativa-analítica de <i>garimpagem</i>	17
1.3	Um circuito de objetos materiais na cidade	21
1.4	Sobre a sequência dos capítulos	24
1.5	Fazer pesquisa de campo	28
1.6	Sobre as fotografias	32
1.7	Escrever	34
2	Considerações	37
2.1	Considerações sobre as crises do livro	37
2.2	Considerações sobre o consumo do reuso	49
3	Livros na Internet	58
3.1	O livro mais difícil	58
3.2	Encadeamento arbitrário	60
3.3	<i>Google Book Search</i>	61
3.4	Estante Virtual	64
3.5	Feira da Praça XV	67
3.6	Sebo solidário	74
3.7	A linguagem dos sebos no <i>e-commerce</i>	79
3.8	Embrulhando livros pelo <i>WhatsApp</i>	85
3.9	Uberização do livro	88
4	Livros no Chão	95
4.1	Colportor	95
4.2	Garimpeiros	104
4.3	Papéis de carta	111
4.4	Shopping chão	113
4.5	As ordens no chão	121
4.6	Os Catadores e Eu	128
4.7	Solvitur ambulando	136
5	Livros na Calçada	137
5.1	Sebo de calçada “Pai e Filha”	137
5.2	Mais de mil páginas escritas em <i>Lan House</i>	156
5.3	O Firmino sumiu	160
5.4	Confraria do Olivar	163
5.5	Uma noite na Feira da Praça XV	175

6	Livros no Sebo	184
6.1	Alfarrabistas	184
6.2	Livraria I: Elizart	191
6.3	Sebão	200
6.4	Livraria II: Academia do Saber	208
6.5	Sebosos	217
6.6	Claraboia	221
7	Colecionadores de Livros	229
7.1	Bibliófilos ou amigos dos livros	229
7.2	As fichas da Livraria Kosmos	239
7.3	As fotografias da Livraria São José	247
7.4	Leilão sem uísque	254
7.5	Ex Libris e outras miudezas	259
7.6	Colecionadores	267
8	Últimas Páginas	271
8.1	Colofão ou para fechar a tese	271
8.2	“Passar pra frente”	280
	Referências Bibliográficas	282
	Anexos	294

Lista de Figuras

Figura 1:	Livros na casa do livreiro Enilson	72
Figura 2:	Embrulhando livro pelo <i>WhatsApp</i>	87
Figura 3:	Mapa de garimpagem do Alexandre	101
Figura 4:	Dois livros do Círculo do Livro	110
Figura 5:	Pasta de papéis de carta	111
Figura 6:	Livros no chão I	118
Figura 7:	Livros no chão II	121
Figura 8:	Livros voadores	122
Figura 9:	Livro São Jorge dos Ilhéus, de Jorge Amado	126
Figura 10:	Catadores	131
Figura 11:	Pequenos mapas	132
Figura 12:	Nós, catadoras	133
Figura 13:	Batatas em formato de coração	134
Figura 14:	Uma mão que filma a outra	135
Figura 15:	Espumas Flutuantes	141
Figura 16:	Cartão de visita “Alda Livros”	146
Figura 17:	Crachá do livreiro Silvio de Ambulante Legal	147
Figura 18:	Comprovante de isenção de TUAP do livreiro Silvio ..	147
Figura 19:	Sebo de calçada “Pai e Filha”	148
Figura 20:	Caixas de livro na calçada	148
Figura 21:	Livro Mirgorod, de Nikolai Gogol	155
Figura 22:	Banner “O sonho impresso de José”	158
Figura 23:	Sebo de calçada do José	159
Figura 24:	Bancada de livros do Fernando	161
Figura 25:	Bancada de livros na entrada do metrô do Flamengo	162
Figura 26:	Comprovante de isenção de TUAP do livreiro Olivar	165
Figura 27:	Bancada de livros do Olivar	168
Figura 28:	Transporte e depósito de livros	177
Figura 29:	Noite na Feira da Praça XV	180
Figura 30:	Livros na Feira da Praça XV	182
Figura 31:	Os livros nossos amigos	183
Figura 32:	Sebo Elizart	192
Figura 33:	Sobrado do Sebo Elizart.....	194
Figura 34:	Balcão para cadastramento de livros	198
Figura 35:	Cartões de visita e etiqueta de livraria	199
Figura 36:	Festa de 30 anos do sebo Elizart	203
Figura 37:	Sebo O Acadêmico do Rio	204
Figura 38:	Corredores e fardos de livro no sebo Elizart	205
Figura 39:	Mapa com três sebos Academia do Saber	209
Figura 40:	Gatos no sebo Academia do Saber	213

Figura 41:	Balcão na entrada do sebo Academia do Saber	214
Figura 42:	Vitrine do sebo Academia do Saber	216
Figura 43:	Interior do sebo Academia do Saber	217
Figura 44:	Livreira	218
Figura 45:	Estante de depósito “na altura dos andares”	223
Figura 46:	Galerias de um depósito de livros	224
Figura 47:	Computador antigo descartado no depósito de livros	226
Figura 48:	Livros arranhados pelos gatos	227
Figura 49:	Claraboias	227
Figura 50:	Livros e lupa da livreira Margarete Cardoso	241
Figura 51:	Fichas da Livraria Kosmos	243
Figura 52:	Código de letras e números da Livraria Kosmos	244
Figura 53:	Catálogos da Livraria Kosmos	245
Figura 54:	Cartão de visita da Livraria São José	251
Figura 55:	São José - Livreiros reunidos no final do expediente...	252
Figura 56:	Os livreiros com Carlos Ribeiro e Walter Cunha	252
Figura 57:	Porta retratos do livreiro José Germano	253
Figura 58:	Livro Martin Fierro, de J. Hernandez	257
Figura 59:	Livros expostos para leilão	258
Figura 60:	Fotografias, bilhetes e cartas na Feira da Praça XV ...	260
Figura 61:	Livro com carta dedicatória, assinatura e etiqueta	262
Figura 62:	Livro com assinaturas e preços rabiscados	263
Figura 63:	<i>Ex Libris</i> I	264
Figura 64:	<i>Ex Libris</i> II	265
Figura 65:	<i>Ex libris</i> III	266

Lista de tabelas

Tabela 1:	Sebos por planos de adesão à Estante Virtual	66
Tabela 2:	Recomendações da Estante Virtual	89
Tabela 3:	Tarifas e indicadores de excelência da Estante Virtual	90
Tabela 4:	Vendas e Tarifas da Estante Virtual	90
Tabela 5:	Legenda do Mapa do livro feito pelo Alexandre	100
Tabela 6:	Shopping chão de livro (Centro-Botafogo)	119

O amigo informa que a cidade tem mais um sebo. (...) Para onde foram os livros usados, os que tinham na capa esse visgo publicitário, as brochuras encardidas, as encadernações de pobre, os folhetos, as revistas do tempo de Rodrigues Alves? Tudo isso também é *gente*, na cidade das letras, e, como gente, ninho de surpresas: no mar de obras condenadas ao esquecimento, pesca-se às vezes o livrinho raro, não digo raro de todo, pois o faro do mercador arguto o escondeu atrás do balcão.

(Carlos Drummond de Andrade, O Sebo)

Falar de livros é a melhor das prosas.

(Rubens Borba de Moraes)

Le temps n'a rien changé: Amélie continue de se réfugier dans la solitude. Elle prend plaisir à se poser des questions idiotes sur le monde ou sur cette ville qui s'étend là sous ses yeux.

(*Le Fabuleux Destin d'Amélie Poulain*)

– Pois bem, Giácomo, eis quinhentas. Oh, não! Não queres vendê-lo, Giácomo? Mas eu o terei, eu o terei hoje, já, é-me necessário, nem que precisasse vender este anel dado em um beijo de amor, nem que precisasse vender minha espada ornada de diamantes, meus palácios, palacetes, nem que precisasse vender minha alma; é-me necessário esse livro, sim, é-me necessário a qualquer custo, a qualquer preço; em oito dias defenderei uma tese em Salamanca. Necessito desse livro para ser doutor.

(Gustave Flaubert, *Bibliomanie*)

1. Primeiras Páginas

1.1 Folha de rosto ou para abrir a tese

A presente tese trata-se de uma descrição densa sobre o circuito urbano de garimpo e comércio de livros de segunda mão na cidade do Rio de Janeiro. Como objeto material, os livros mantêm-se em fluxo contínuo pela cidade em um circuito de multissituações: movendo-se “de mão em mão” pelas ruas e calçadas, leilões e feiras, livrarias e internet, através de livreiros, catadores, garimpeiros e colecionadores.

Antes de apresentar, com mais detalhes, o objeto de pesquisa e suas questões, seria importante reconstituir alguns passos em direção ao que venho sustentar aqui.

Em 2016, eu iniciava o curso de doutorado interessada em realizar uma pesquisa sobre livros. O meu desejo era construir um projeto que pudesse ser capaz de abranger e retornar questões soltas em minhas pesquisas anteriores sobre livros. Como monografia¹ de graduação, eu apresentei um estudo sobre escritores independentes que publicavam poesias em *fanzines* e as vendiam nas portas de centros culturais da cidade do Rio de Janeiro. O que estava em jogo, neste trabalho, era a autonomia de artistas frente aos desafios de “viver de literatura” na cidade, sendo um grupo identitário jovem. A recusa deles em relação ao mercado editorial tradicional fez-me procurar pequenas editoras como projeto de Mestrado² e tentar compreender a realização do trabalho de publicação literária em um cenário emergente, mas que não deixava de situar-se na formalidade convencional do mercado. Durante uma década, de 2005 a 2015 (anos de início da graduação e final do mestrado), estive entre livros, livrarias, escritores editores e livreiros, sobretudo, demarcando duas pontas muito bem diferenciadas em aspectos de relacionamento com o consumo, a criação, a produção e a circulação: autonomia, criatividade e

¹ FREDERICO, Maria Candida Vargas. Outro eixo em circulação das artes: o poeta volta às ruas. Monografia de graduação defendida em 2013, no Instituto de Ciências Sociais ICS-UERJ. Publicada como artigo em: Revista Intratextos, 2014, vol 6, no1, p. 68-81 DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2014.12818>

² FREDERICO, Maria Candida Vargas. Tentativas de formação de um campo literário de pequenas editoras: tramas e casos. Dissertação de Mestrado defendida em 2016, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PPCIS-UERJ.

identidade de um lado e mercado, formalidade e dependência de outro. A minha percepção sobre a circulação de livros vinha de uma abordagem linear, fixa e dicotômica, percebendo oposições, quando o que estava em jogo eram as relações, negociações, agenciamentos e barganhas.

No doutorado, ao mesmo tempo em que eu gostaria de continuar pesquisas sobre livro, interessava-me construir outras questões capazes de analisar amplos aspectos do livro, enquanto objeto material em movimento, aspectos de um circuito de bens materiais na cidade. Pensando-os como um tema clássico abordado em pesquisas sobre sistemas culturais, assim como José Reginaldo Gonçalves ressaltava sobre “todo um vasto e heteróclito conjunto de objetos materiais circula significativamente em nossa vida social por intermédio das categorias culturais ou dos sistemas classificatórios dentro dos quais os situamos, separamos, dividimos e hierarquizamos”.³ Para a qualificação do projeto de doutorado, preparei um roteiro de pesquisa que incluía o que chamei de “papelada”: fotografias, bilhetes, cartas, cartões postais e uma infinidade de impressos, frequentemente, acompanhantes dos livros usados, coisinhas guardadas ou escondidas dentro dos livros. Esta papelada veio a compor, no texto atual, uma análise sobre as marcas de intervenções humanas e circunstanciais – rabiscos, rasgados, colagens, assinaturas, dedicatórias, *ex libris*, etiquetas – que lhe conferem os signos distintivos de valor, capítulo 7.

Depois da qualificação e diante do início da pesquisa de campo, pude perceber que a “papelada” correspondia a um recorte impossível de se construir. O meu interesse pelas coisinhas tornava-se fragmentado, porque o campo começava a me mostrar a complexidade de outras questões que envolvem livros usados. Estar na cidade tornava a pesquisa cada vez mais comprometida com os caminhos do livro, com a sua espacialidade, com as dimensões do mercado, com as suas conexões com outros objetos, com as mãos que os conduziam, com as dimensões urbanas da vida literária. Assim, os livros de segunda mão e a trajetória de livreiros de sebo pareciam me levar para uma possível etnografia nestas dimensões e para uma pesquisa de fôlego que eu sempre quis fazer.

A pesquisa foi realizada durante um ano, entre março de 2019 e março de 2020, e na medida em que a pesquisa de campo avançava, muitas indagações

³ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O espírito e a matéria: o patrimônio enquanto categoria de pensamento. In: Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Museu Memória e Cidadania; Garamond, 2007, p 14.

confundiam-se: como funcionam os sebos? Por que as pessoas passaram a comprar livros pela internet? Como funciona um sebo *on-line*? Os livros de sebo vêm do lixo? Quem recolhe os livros no lixo? Como executar esta atividade? Os sebos que funcionam diretamente nas ruas distinguem-se das livrarias em que aspectos? Fatores ambientais relacionam-se com a manutenção de livros velhos? Livros usados ou livros novos? Como tornar-se livreiro? Como se deu a história das livrarias cariocas? Por que colecionar livros e não os ler? Preço, condições físicas, raridade, estoque, depósito, distribuição, higienização, restauro... Assuntos e micro questões que apareciam. Pois bem, a qualidade de informações que a pesquisa me revelava transformava o conjunto destas curiosidades em questões centrais que passaram a nortear a pesquisa etnográfica:

- Quais seriam as dinâmicas móveis que transportam os livros de segunda mão por diversos pontos e situações na cidade, considerando a heterogeneidade do percurso?
- Como, por quem e sob quais condições e circunstâncias os livros velhos circulam?
- O volume expressivo de livros de segunda mão em fluxo relaciona-se com algum indicador subterrâneo de leitura no país?
- As recentes crises sofridas pelas livrarias no país, especialmente no Rio de Janeiro, oferecem riscos ou vantagens ao circuito de livros usados?
- Como relacionar-se com livros de segunda mão? Como ler, manusear, colecionar?

1.2 A categoria nativa-analítica de *garimpagem*

A elaboração de tais questões e a tentativa de perceber os seus enlaces em campo e durante a primeira fase de escrita levaram-me à categoria nativa-analítica de *garimpagem*, como argumento central que envolve a circulação dos livros de segunda mão na cidade. E mais do que uma categoria nativa – fazendo referência ao garimpo urbano, diretamente relacionado à atividade de catadores ou garimpeiros de objetos descartados nas ruas da cidade – *garimpagem* surge como uma categoria de pensamento entre livreiros e o conjunto de atores que se conectam

a este segmento de livro. A densa etnografia começava a repetir-se, a cada situação observada, em atitudes de garimpo.

Para o circuito de livros de segunda mão importa o fazer e o refazer do circuito, movendo-se pela cidade que é ocupada pelos livros e pelos livreiros em dinâmicas circulares: eles transitam infinitas vezes indo e vindo por lugares conhecidos e circunscritos tradicionalmente. Estes lugares conhecidos não são garantia e, tampouco, confirmação de roteiros alinhados, a sua cartografia é elástica, um livro que percorre a cidade pode ou não percorrer um ou outro ponto, mas o conjunto de livros de segunda mão os percorrem todos na indeterminação e imprevisibilidade que corresponde aos cruzamentos, aos enlaces, aos roteiros aleatórios entre pontos reincidentes. Livros de segunda mão circulam por outro sistema diferente da estrutura de produção e distribuição de livros novos, mas inclui livros novos em sua circulação, disputando o seu significado e condição.

A ausência de solidez nas “políticas do livro” em uma construção histórica do campo literário e livreiro no país (sobre a tardia liberdade de circulação de livros no Brasil, apenas no século XIX;⁴ sobre a disposição majoritária de livrarias nos bairros de elite socioeconômica; a debilitária formação de leitores; a ausente formação educacional de livreiros; o ausente reconhecimento da atividade de livreiro como profissão, considerados vendedores; a não implementação do preço fixo do livro, principalmente) abre espaço para muitos “esquemas” substitutivos, criativos e independentes. A fragilidade e constituição histórica precária do nosso mercado livreiro viabilizam outras maneiras de mover, classificar, disputar, dar visibilidade ao livro.

Se não pela condução incessante dos livros de segunda mão por livreiros entre diversos pontos e situações nas cidades – como o Rio de Janeiro –, usando de garimpagem como atividade e atitude, parte significativa da leitura no país estaria ameaçada. Apenas uma, das sete bancadas de livros usados, localizada na entrada da estação de metrô da Carioca, movimentava quinhentos livros por dia, quantidade muito superior à venda diária de uma filial das grandes redes de livraria. Pesquisas,

⁴ O registro da circulação de livros durante o período colonial no Brasil pode ser observado em: MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*. São Paulo: USP, 1969; MORAES, R B. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. São Paulo: LTC, 1979; MACHADO, U. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

como *Retratos da Leitura no Brasil*,⁵ organizadas pela Câmara Brasileira do Livro, são capazes de apresentar dados sobre a circulação de livros novos por analisarem informações obtidas por livrarias e editoras; já os dados que poderiam apresentar os índices de circulação de livros de segunda mão no país, apenas são possíveis de alcançar através de pesquisa de campo etnográfica, visto que os livros de segunda mão circulam em uma dimensão subterrânea, misteriosa, não evidente e difícil de mensurar.

Em diversas outras cidades no mundo, também existe circulação de livros de segunda mão em bancadas de rua, livrarias, antiquários e feiras (feira do rolo, *flea market*, *yard sale*; *garage sale*; *street market*; *brocante*),⁶ parecidos com os sebos daqui. No entanto, o que percebo nesta pesquisa, na atitude de pessoas frente à circulação de livros usados, revela usos e configurações da ideia de *segunda mão* associada à categoria de *garimpagem* como recurso tático para participar e se mover na vida urbana, promovendo a circulação de objetos materiais usados na cidade por esta perspectiva. Assim, a ideia da segunda mão é tratada, principalmente, no sentido de viabilizar infinitos proveitos daquilo (objeto, atitude, situação) que se mantém girando para alcançar amplos e dispersos grupos de pessoas, menos como “reuso consciente”, reciclagem ou curiosidade e fetiche, mas como recurso tático de distribuição e proveito daquilo que é escasso, pouco distribuído e marcador de desigualdades em um sistema de precariedades.

Neste cenário, a categoria nativa-analítica de *garimpagem*, que livreiros e catadores revelam, é norteadora da retirada de proveito daquilo que, por vezes, apenas é possível alcançar sob as condições de segunda mão. Ao mesmo tempo, a *garimpagem* não deve ser entendida como uma atitude de causa necessária para suprir ausências e garantir proveitos. Ela aparece sob estas circunstâncias e nestes termos se procurarmos na *garimpagem* o seu restrito significado de atividade de garimpo – como categoria nativa dos catadores de objetos descartados nas ruas da cidade. Mais do que isso, a *garimpagem* é imbuída de outras significações, como

⁵ Pesquisa apresentada a cada quatro anos pelo Instituto Pró-Livro, em parceria com a Câmara Brasileira do Livro. A 4ª edição de *Retratos da Leitura no Brasil* foi publicada em março de 2016 e, até a presente data, a 5ª edição ainda não foi publicada. Ver todas as edições em: plataforma.prolivro.org.br.

⁶Ver: RENÓ, Rosângela. Menos-Valia Leilão. São Paulo: Cosac Naify, 2012. DEBARY, Octave. Antropologia dos Restos. Pelotas, RS: UM2 Comunicação, 2017. LORETTI, Priscila. Do luxo ao lixo, do lixo ao luxo: uma história da valorização e desvalorização de objetos a partir da feira de antiguidades da Praça XV. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

categoria capaz de promover análises, inclusive sobre as situações de garimpo etnografadas. Portanto, para captar o sentido da garimpagem, nesta pesquisa, procurei saber: a) em que situações ela é acionada; b) por quem e c) com que intenções e sob quais aspectos.

Para pensar a *garimpagem*, procurei reunir termos nativos, conceitos e teorias sobre a vida urbana e sobre um repertório subjetivo de lógicas sobre recomposições: “correria” no sentido literal de velocidade e no sentido metafórico de “fazer uma correria” como parte de uma jornada em condições de precariedade; “viração”⁷ como uma lógica da rua para “se virar” em esquemas de versatilidade; “fazer rolo” como a atitude de negociar, barganhar, trocar em uma rotina incerta; “passar pra frente” como gerir os fluxos, fazer circular em uma interminável camada de situações da segunda mão; “reunir e dispersar” no pensamento de colecionadores como os fluxos do movimento de livros na cidade; “tramas”,⁸ “pedaços”,⁹ “fios”¹⁰ que cruzam o território e a vida urbana como trajetória e projeto¹¹ em narrações; “desmobilizações táticas”¹² e atualizações em resistência à cinética moderna; “nômade”,¹³ quem a cidade reúne em reconfigurações para pensar a garimpagem como um conceito transeunte; “*flâneur*”¹⁴ vagante pelas passagens, imagens e paisagens na multidão; “caminhar”¹⁵ pela cidade inventando o cotidiano. Ademais, pensar a garimpagem implica em pensar em um sistema de

⁷ O conceito é largamente abordado em pesquisas desde: GREGORI, Maria Filomena. *Viração: experiências de meninos de rua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. BURSZTYN, Marcel. *No meio da rua: nômades, excluídos, viradores*. In: *No meio da rua*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. Busco a abordagem de viração em: FERNANDES, Adriana. *Escuta Ocupação: arte do contornamento, viração e precariedade no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, PPCIS-UERJ, 2013.

⁸ TELLES, Vera da Silva. *Nas tramas da cidade: Trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006; TELLES, V.S. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

⁹ MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

¹⁰ SILVA, Hélio R. & MILITO, Cláudia. *Vozes do Meio Fio*. Editora Relume & Dumará, Rio de Janeiro: 1994

¹¹ VELHO, Gilberto. 1973. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; VELHO, Gilberto. 1994. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

¹² ALMEIDA, Maria Isabel M. *Cartografias da Paragem*. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.

¹³ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra*. In: *Mil Platôs*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

Busco a abordagem de nômades também em: ALMEIDA, Maria Isabel M. *Noites Nômades*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003; CAIAFA, Janice. *Movimento Punk na cidade: a invasão dos bando sub*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

¹⁴ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

trocas, assim, os repertórios de trocas pensados por Marcel Mauss (1950, 2003), Bronislaw Malinowski (1922, 2018), Mary Douglas (1979, 2006) e Jean Baudrillard (1968, 1973) serão acionados.

A variedade de sebos e a feira do rolo no Brasil são instâncias consolidadas pela ideia de garimpagem, assim, as modas do retrô e do vintage e o retorno recente ao analógico e ao usado não os constituem, mas dão visibilidade a um circuito complexo. A garimpagem envolve também acordos, negociações, abordagens, performances, rituais, barganhas, seleção, descarte, desvios, truques, riscos, esquemas, invenções, frestas, brechas, reposicionamentos e relações com a cidade; assim, a garimpagem reconfigura-se para além das táticas e saídas na precariedade nas ruas, através da experiência de garimpeiros catadores, mas inclui a maneira de ver e viver dos livreiros de sebos, desde a sua constituição tradicional, como instâncias da variedade e da indeterminação, como lugares de expectativa na garimpagem do livro raro, esgotado, difícil e como modo de operar conceitualmente sobre a variedade. Assim, todas as situações apresentadas nos capítulos envolvem a garimpagem e, por isso, foram privilegiadas entre muitas anotações ao longo da pesquisa de campo. Isto porque a garimpagem é o fio condutor das situações e trajetórias que compõem o circuito e o mantêm em fluxo contínuo. Todos garimpam e todos pensam como garimpeiros através da garimpagem.

1.3 Um circuito de objetos materiais na cidade

Para tal, busco na proposta de etnografia multissituada (*multi-sited ethnography*) de George Marcus¹⁶ (1995) um caminho para percorrer situações na cidade e na abordagem de Malinowski, em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, sobre o *Kula* como referência – livremente contextualizada – de circuito. O mapeamento de um circuito é feito correndo-o, rastreando-o, seguindo livros e pessoas pela cidade e anotando cada um dos seus pontos (lugares e situações) em dinâmica combinada. Seguir apenas os livros ou seguir as pessoas que os transportam (livreiros, livrarias, consumidores), separadamente, nos seus interesses, resultaria no registro do “mercado editorial” ou “mercado livreiro” e não é este o meu objetivo. Para correr o circuito de livros de segunda mão de forma combinada e

¹⁶. MARCUS, George E. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. Annual Review of Anthropology, 1995.

multissituada é importante seguir livros acompanhados de diversas pessoas, cruzando os pontos de captação e distribuição em ciclos de idas e vindas constantes. O circuito dos livros de segunda mão é um circuito da experiência, não adianta explicar por meio de entrevistas distanciadas, é preciso presenciar, pois as pessoas assim como os pontos percorridos com os livros nas diversas situações mantêm-se em mudança: eles transitam entre atividades, lugares, papéis e suas atribuições, ora como garimpeiros e consumidores de feiras, ora como livreiros e leiloeiros, ora como colecionadores e vendedores na internet, em uma vasta garimpagem.

Seguir o percurso de pessoas com objetos materiais na variedade que caracteriza a multissituação demanda a tentativa de identificar os problemas de escala. Os livros não circulam apenas presencialmente, mas também na internet representados por “descrições”, por linguagens, códigos, convenções do *e-commerce* e esta condição influencia todas as outras; um exemplo é pensar no conflito decorrente das disputas pelos espaços físicos ocupados como depósitos para livros destinados à venda *online*. “Varreduras” de diversos *sites* compõem esta etnografia e, ao mesmo tempo, em outro ponto da escala, visitas aos locais físicos de aglomeração dos livros e livreiros da internet também foram percorridos. Leilões e lixões, feiras e sebos, a cidade “de ponta a ponta”.

Além disso, este circuito inclui ampla cartografia de sentidos, afetos, técnicas, signos e atribuições subjetivas e práticas através de trocas supra econômicas: o valor em dinheiro dos livros não define, em última instância, a sua classificação, ordenação e distribuição. Objetos velhos circulam devido ao falecimento do antigo possuidor, ao seu descarte na rua ou no sebo, ou pelo descuido, confusão, perda, empréstimo, por infinitos motivos. Os livros fazem de seus leitores “guardiões temporários”, porque os ultrapassarão no tempo, sua duração em movimento é conduzida por elos de transporte ocasionais de um circuito admitido na imprevisibilidade, pois nela está contida a sua transmissão.

Compreendo este circuito de objetos na cidade através de uma cartografia multissituada para circunscrevê-lo, para recortá-lo e tentar medi-lo. As combinações, atravessamentos e cruzamentos dos agentes, lugares e objetos neste circuito é imprevisível, contudo, deixa rastros e estes rastros riscam um mapa conduzido pelas trajetórias contidas nos relatos ouvidos e vividos em campo. As regras, as ordens, os entendimentos, as crenças, os rituais, o fazer e as teorias etnográficas os circunscrevem e cada um dos capítulos escritos nesta tese pretende

descrevê-las, analisando e detalhando cada uma das situações. Então, ao entrevistar um livreiro, presencio a chegada de outro que nos mostra outras camadas de circulação (no caso do Henrique e Alexandre no Catete, capítulo 4), ao segui-los percebo que o primeiro ocupa uma posição quase fixa de mediação entre consumidores e livros, enquanto o segundo investe numa relação entre fluxos de variados objetos usados, celulares, roupas, antiquarias, prestação de pequenos serviços e livros, dados que não obtive à primeira vista. No caso do livreiro Olivar (Capítulo 5) são mobilizadas dimensões que se costumam com os livros, quando ele intervém, ao mesmo tempo e sob diferentes abordagens, na banca de calçada da Carioca, na feira da Praça XV, no leilão de livros raros e na internet, entre outros casos.

Assim, uma etnografia multissituada pretende conhecer a paisagem e, em trânsito, compor as questões interessantes a serem investigadas com profundidade, tramas e casos, narrativas, trajetórias pessoais, memórias, planejamentos, rotas, composições micro e macro na esfera do circuito em linhas cruzadas de aproximação e relação. Deste modo, alguns passos foram sugeridos por George Marcus para seguir deslocamentos: siga as pessoas; siga os objetos; siga as metáforas; siga o enredo, o relato ou a alegoria; siga a biografia; siga o conflito.¹⁷

Para definir o seu argumento, a etnografia multissituada projeta-se em torno de fios ou redes em associação e conexões justapostas, semelhante à estratégia proposta por Bruno Latour na teoria do ator rede (Actor-Network-Theory) apresentada em *Reagregando o Social*, livro publicado pela primeira vez em 2005, em conversa com Callon, 1986; Law, 1986, referindo-se a proposta de simetria analítica para novas ontologias, ao incluir não humanos como agentes. Através de rastreamento descritivo, seguir conexões entre atores heterogêneos, pessoas, eventos, coisas, artefatos. Em certa medida, a teoria do ator rede orientou a minha atitude em campo, visto que os livros correm a cidade e por vários motivos (antiguidade, materialidade, textualidade, sinais e marcas, localização) intervêm como agentes das conexões.

Para George Marcus, o trabalho de campo como foi concebido, com imersões resultando em monografias clássicas – tendo como precursor Malinowski

¹⁷ Texto original em inglês: *Follow the People; Follow the Thing; Follow the Metaphor; Follow the Plot, Story, or Allegory; Follow the Life or Biography; Follow the Conflict*. Cada um dos passos destaca-se como subtítulo no texto. (MARCUS, 1995).

– já procurava envolver tais passos na medida em que etnografava uma comunidade inteira sob amplos aspectos. Para uma pesquisa urbana com escalas globais, a etnografia multissituada opera para relacioná-las e, mesmo em circuitos locais, muitas situações integram conexões, demandando um deslocamento de enredo e não exatamente de paisagem pelo que o autor aponta como “intensidades e qualidades variadas”.¹⁸ Ainda assim, George Marcus pensa a “etnografia estrategicamente situada” (*single-site*) em um único lugar, mas em contexto multilocal, tal qual o circuito dos livros na cidade do Rio de Janeiro e não em todo o país ou no mundo, de todo modo, o valor do livro raro que transita no Rio de Janeiro é decidido nos leilões da *Christie's* e da *Sotheby's*, a Estante Virtual comercializa os livros na internet no formato da AbeBooks e outros *marketplaces*, e a Amazon interfere direta e indiretamente nas decisões de editoras e livrarias.

Em um sistema de trocas, os livros vão e vêm, passam de mão em mão e voltam para as mesmas mãos, repetem incontáveis vezes os ciclos de obtenção e distribuição: são presenteados, achados, perdidos, comprados, doados, recebidos, emprestados, leiloados, expostos e também são arrumados, classificados, anotados, lidos, rabiscados, amassados, molhados, queimados, abandonados, ensolarados, manchados, bichados, empoeirados, amados, odiados, perseguidos, herdados, recolhidos, retribuídos, trocados. Depois voltam a correr entre as mesmas e outras mãos por dias e séculos, pelo Rio de Janeiro. Até os bibliófilos, aqueles que mais retêm, também soltam, eles costumam participar de leilões, compram ou herdam bibliotecas de amigos, frequentam sebos, e quando a sua coleção está, enfim, fechada e concluída, eles morrem e a sua biblioteca volta a circular. O leitor de ocasião, que compra estritamente para ler e que mantém pequenas estantes em casa, descarta seus livros aos poucos, doando para alguém, ou para alguma instituição, ou jogando no lixo, ou guardando até esquecer.

1.4 Sobre a sequência dos capítulos

A sequência de temas e situações apresentadas por capítulo não corresponde ao caminho percorrido durante a pesquisa de campo. Os capítulos foram

¹⁸ Texto original em inglês: “But not all sites are treated by a uniform set of fieldwork practices of the same intensity. Multi-sited ethnographies inevitably are the product of knowledge bases of varying intensities and qualities.” (MARCUS, 1995: 100).

organizados na tentativa de tornarem visíveis as multissituações de um circuito muito disperso e heterogêneo, aproximando as narrativas capazes de concatenar as principais questões levantadas na tese. Além disso, um capítulo referencia o outro em uma escrita conectada para destacar o movimento circular da *garimpagem* como categoria nativa-analítica, propulsora dos fluxos que conduzem os livros de segunda mão pela cidade.

O capítulo 1, Primeiras Páginas, compõe-se de textos que introduzem a leitura total da tese. O objeto de pesquisa, o projeto, as questões, o argumento central, a pesquisa de campo, a escrita e a visualidade da tese são apresentados.

O capítulo 2, Considerações, apresenta duas considerações: “sobre a crise dos livros” e “sobre o consumo do reuso”, no intuito de apresentar uma possível contextualização das condições cinéticas que envolvem a economia do livro. A *garimpagem* é constituída de um ritmo veloz e “a corrida do livro” aparece entre alguns aspectos da sequência de crises sofridas pelas maiores livrarias do país nos últimos anos, relacionando-se com o fluxo acelerado das trocas no universo digital, ao mesmo tempo em que tenciona e se conecta aos interesses do consumo de reuso, ou *slow movement*, destacando as livrarias de usados. A mudança de eixo ocasionada pela falência de diversas livrarias abastece de livros as livrarias de segunda mão, em uma dinâmica de barganha entre as noções de velho e novo, mas também de barganhas sobre a virada de um modelo “predador” de consumo para outro disfarçado. As duas contextualizações apontam para o *site* de vendas Estante Virtual como o seu vetor: a Estante Virtual reúne sebos tradicionais e emergentes, ou independentes, compostos por livros de segunda mão garimpados pela cidade em uma dinâmica que reforça a precarização dos livreiros garimpeiros.

Os capítulos 3 e 4, Livros na Internet e Livros no Chão, procuram desenvolver um debate, através das situações, sobre as questões principais citadas na seção anterior. Deles, os posteriores capítulos da tese se conformam, apresentando situações e arranjos em decorrência destes dois. Os detalhes biográficos, o manejo do livro, a correspondência contemporânea dos ofícios, a movimentação e relações com a cidade, entre outras demandas, aparecem nos capítulos 5, 6 e 7 orientados pela *garimpagem*.

O Capítulo 3, Livros na Internet, apresenta a rotina de dois livreiros virtuais, com experiência docente em escolas públicas e com formação universitária, “se virando” como livreiros em dinâmicas que os fazem garimpeiros de livros e também

garimpeiros das possíveis “saídas” para viver, sustentar-se, manter-se estudando, enfim, reorganizar as suas trajetórias. Estudantes-professores-livreiros-garimpeiros que comprem e catam livros por todo lado na cidade para venderem na internet, frequentando sebos, feiras, instituições de caridade e universidades em busca de livros usados. A quantidade de livros cadastrados e vendidos diariamente pela Estante Virtual revela altos índices de consumo de livros velhos, o que não significa exatamente leitura, mas a sua movimentação. A maneira de funcionamento do *site* e as exigências sobre os livreiros interferem nas disposições tradicionais de sebos e as negociações sobre preços, lugares de captação e depósito dos livros, condições do livro, qualidade dos livreiros, valoração, seleção e classificação dos livros até a linguagem das suas descrições no *site* revelam aspectos amplos da garimpagem. Neste capítulo, a garimpagem surge em ação como metáfora e técnica, como categoria capaz de mover e explicar atitudes e pensamentos, tanto circunscritos no mundo dos livros, quanto sobre a subjetividade dos envolvidos. A Estante Virtual reuniu a dispersão de livreiros e provocou um surto de garimpagem de livros usados.

O Capítulo 4, Livros no Chão, apresenta a categoria de garimpagem através do entendimento de catadores de objetos materiais descartados nas ruas da cidade. O garimpo é a atividade e o local da garimpagem, mas também é o objeto garimpado. Garimpeiros urbanos, análogos aos garimpeiros das minas de metais, automeados por praticarem a atividade do garimpo de forma independente de cooperativas e empresas numa intensa jornada em busca de preciosidades. Garimpar é uma das maneiras de viver na precariedade da vida urbana, “viver do garimpo” é viver na informalidade, criando “esquemas” como atalhos a se percorrerem com destreza. Garimpeiros também são pessoas que movem objetos “daqui para ali”, como de um sebo para outro, atravessando livros. Catadores recuperam, selecionam, classificam, descartam, avaliam e hierarquizam objetos materiais coletados, eles dominam as técnicas corporais e de outros instrumentos para viabilizar a garimpagem. Depois de repartido o garimpo, feito enquanto a garimpagem acontece, cada objeto segue diferentes destinos, o ferro-velho, o galpão de reciclagem de papel, o antiquário, o sebo e a feira informal chamada shopping chão, gerida autonomamente pelos catadores. O shopping chão é lugar e situação de novas recuperações, como um mercado de pulgas, nestas feiras, os objetos já não atendem mais por suas denominações anteriores, livreiros garimpam

livreiros no shopping chão de livros e de variedades, catadores tornam-se livreiros, livreiros tornam-se garimpeiros. E etnógrafos também garimpam assim como cineastas, em *Os catadores e eu* (VARDA, 2000), ideias, situações, presenças, novidades, ordens, impedimentos, teorias, pensamentos. Neste capítulo, o *underground* da troca é apresentado através da categoria de garimpagem, nas entranhas da cidade, pelas situações de barganhas e esquemas.

O capítulo 5, Sebos de calçada, apresenta a trajetória biográfica de livreiros experientes no manejo do livro de segunda mão. Os sebos são bancadas fixas na rua, uma na esquina movimentada da Rua do Catete e a outra na pequena rua que dá acesso à entrada do metrô na Estação Carioca. Estas pessoas recebem ofertas de livros pelos catadores garimpeiros, por catadores especializados no garimpo de papel, por funcionários das portarias de prédios e por vizinhos de bairro. O sebo na calçada pode funcionar legalmente através de licença concedida pela prefeitura, mesmo assim, constantemente, como “camelôs”, livreiros de calçada escapam da fiscalização pelas brechas das relações mantidas com a rua, como amizades, trocas econômicas, favores, proteções e até uma confraria de leitores. O sebo de calçada transita na indeterminação de quase livraria e quase feira, ao mesmo tempo em que ocupam lugar fixo nas calçadas, as bancadas correm a cidade de manhã e à noite entre depósitos arranjados, os livros se expõem ao sol, à chuva e a toda sorte de mobilidades.

O capítulo 6, Livros no sebo, apresenta a rotina e história de dois sebos em formato tradicional de livraria, localizados no centro da cidade em prédios antigos e em ruas de grande movimento. São sebos de composição familiar, geridos por sucessivas gerações de livreiros que aprenderam entre si o ofício dos livros. Este capítulo pensa nas delimitações frágeis sobre tradição e inovação frente às novas configurações do comércio do livro atravessado pela venda na internet. Outros livreiros garimpam em sebos por serem pontos fixos de captação, classificação, ordenação, reparo e circulação de livros, mas também são lugares onde os livros podem repousar em labirintos e desaparecer. Entrar em uma livraria torna-se misterioso, são lugares de memória e do desejo de perder-se em galerias do passado. Mas de que passado estamos falando? Patrimônio, resíduos, ruínas, desgastes entram em questão. Algumas questões sobre modelos de consumo colaborativo pensadas pelas noções de retrô e vintage surgem aqui. As categorias de “sebo” e

“sebo fino” são apresentadas e analisadas pelos livreiros e a proposta de passear por elas é sugerida, recolhendo vantagens, condições e propostas.

O capítulo 7, Colecionadores de livros, apresenta situações que envolvem o colecionamento de livros de segunda mão considerados pelos museus, leilões, livrarias especializadas e bibliófilos como raridades. O caminho percorrido por estes livros é o mesmo de todos os outros livros velhos e usados, acrescentando instâncias de proteção. Colecionadores visam obter para reunir, eles garimpam elementos que dão sentido ao conjunto da longa trajetória dos livros, como detalhes, marcas, intervenções. Garimpam para preservar o livro em condições de fluir, bibliófilos percebem-se como “guardiões temporários” de livros que das suas mãos passarão a outras, em ciclos sem fim de procura, obtenção e, novamente, dispersão. Passam por eles as convenções de valor do livro raro. O catador orienta a sua seleção também sob os critérios de valoração dos colecionadores, classificando os livros que serão negociados no sebo e os que vão para o antiquário. Colecionar é buscar, dar sentido ao disperso ao reuni-lo. Os colecionadores participam do circuito de livros de segunda mão desde o seu garimpo no lixo das ruas, passando pelos diversos sebos e feiras, os bibliófilos estão na “correria do livro”.

1.5 Fazer pesquisa de campo

Durante um ano, iniciando em março de 2019 a março de 2020, aproximadamente, estive entre livros e livreiros na cidade do Rio de Janeiro e pude acompanhá-los em diversas situações que envolviam a circulação dos livros. Neste tempo, realizei a etnografia através de um cronograma de pesquisa de campo: a ideia inicial seria encontrar uma situação, um livreiro em um ponto qualquer da cidade em que eu me sentisse à vontade e houvesse ocasião para conversar, a partir deste ponto todos os outros seriam decorrentes. Não existia um mapeamento prévio, tudo que eu sabia era que um ponto me levaria a outro, certamente, e assim o fiz. Vale explicar que a delimitação geográfica apresentada no texto final – zona centro e zona sul – ajusta-se aos caminhos de uma disposição etnográfica, aquela que eu pude fazer. Ou seja, outra pesquisa com livros conduzida por outros pesquisadores resultaria em outros rumos. Interessa-me o mundo dos livros na cidade desde que iniciei o curso de graduação em Ciências Sociais, em 2005, na UERJ, e de 2019 para cá reencontrei situações de outros tempos, de quando eu percorria a cidade

como estudante que procurava as livrarias e feiras como lugares de pesquisa, mas também de leitura e passeio. Mesmo assim, estive em situações semelhantes, nunca iguais.

O meu lugar na etnografia inclui a minha vivência anterior em livrarias também como livreira, por isso fiz a escolha de apostar em roteiro aberto para não me enganar em repetições pela cidade. Em 2009, trabalhei pela primeira vez como livreira em uma rede de livrarias muito popular, localizada em shopping na zona sul da cidade. Esta experiência, que durou mais de um ano, introduziu-me diretamente nos bastidores venda de livros sob ambiente da mais efêmera novidade: o livro novo, o lançamento, a exposição na vitrine, a divulgação e a oferta novíssima que seria superada na próxima semana. Mas uma grande e importante empresa de livros também comporta muita variedade e à esta me reportava durante o expediente, além disso, as tarefas tradicionais de uma livraria eram mantidas, como a arrumação e reposição de livros na estante. Em 2011, trabalhei como livreira na Bienal Nacional do Livro, no Rio de Janeiro, e neste mesmo ano iniciei outra experiência, com duração de seis meses, em uma livraria especializada em livros de Humanas publicados por sua editora, também na zona sul da cidade. Nela pude compreender a circulação de livros novos em outras esferas, por universitários, escritores e estudiosos de um viés, nela pude ter uma relação mais íntima também com a manutenção de toda a livraria por tratar-se de pequena loja, movendo-me desde o caixa ao salão até o depósito de livros. No final de 2012, durante dois meses de férias até início de 2013, dividi uma barraca na Feira de Antiguidades da Praça XV, um amigo vendia livros e discos usados e eu vendia *bottons* ou broches. Algumas informações importantes sobre os arranjos da feira eu conheci nesta época, contudo, a feira está em constante transformação, desde a sua criação na década de 1980, por isso muitas impressões antigas foram revistas durante o campo. A cidade é mistério para seus andarilhos e habitués e continuava sendo mistério enquanto eu flanava para escrevê-la.

Partindo da prerrogativa de que etnografia não é método, em concordância com Mariza Peirano,¹⁹ procurei elaborar formas de entrar em campo e abordagens específicas para conversar através de técnicas de pesquisa convencionais à Antropologia: observação participante com entrevistas e uma imersão pessoal,

¹⁹ PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

fazendo do convívio com livreiros o meu cotidiano durante um ano. De acordo com (PEIRANO, 2014: 383) “monografias não são resultado simplesmente de ‘métodos etnográficos’; elas são formulações técnico-etnográficas. Etnografia não é método; toda etnografia é também teoria”, assim, Mariza Peirano enumera algumas características essenciais de uma boa etnografia: 1. “consideram a comunicação no contexto da situação”; procurei apresentar-me como estudante e pesquisadora em todas as situações e em cada uma delas a minha abordagem procurava respeitar e dialogar e, sobretudo, escutar, reconfigurando as questões iniciais. 2. “transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando experiência em texto”; anotei em cadernos de campo o percurso e explico melhor a transformação do texto na parte “1.7 Escrever”. 3. “detectam a eficácia social das ações de forma analítica”; busquei descrever analisando em formulações teórico-etnográficas e abri o projeto para captar os fatos e as teorias etnográficas.

Entre as formas que eu elaborava para entrar e fazer campo, a mais eficaz era, sem dúvidas, simplesmente parar diante de uma exposição de livros – não me importando se era na feira, na calçada ou na livraria – e comprar livros. Como iniciar uma abordagem sobre a circulação de livros em ambiente de consumo e venda de objetos sem participar efetivamente desta troca? Então, eu comprava livros e conversava na medida em que os detalhes da negociação avançavam, falávamos sobre preços, sobre a antiguidade da obra, sobre a sua importância na literatura, sobre os horários de funcionamento da “loja”, sobre quais dias se mantinha aberto, sobre o lugar para guardar, sobre transportá-los, adquiri-los, enfim, sobre todos os assuntos que o livro nos levaria a conversar. Para chegar até este entendimento, muitas vezes, eu apenas me apresentei como pesquisadora sem comprar livros e não fui bem recebida pelos livreiros.

E se quiser compreender o comportamento dos livreiros, “procure o livro” e comprem os livros, deste modo o conselho de Edward E. Evans-Pritchard de “*cherchez la vache*” para conversar com os Nuer me calhou super bem, “eles são boiadeiros, e o único trabalho em que têm prazer é no cuidar do gado. Eles não só dependem do gado para prover muitas das necessidades vitais, mas possuem o modo de encarar o mundo de um boiadeiro” (Evans-Pritchard, 1940, 1999: 23), então, o antropólogo precisou adquirir algumas cabeças de gado para sentir-se aceito pela comunidade e poder aprofundar o campo. Livreiros querem saber de

livros e todos os assuntos começam ou terminam em livro, assim, “qualquer assunto que começasse, e de qualquer ângulo que o abordasse, logo estaríamos falando de vacas e bois, vitelas e bovinhos, carneiros e ovelhas, bodes e cabras, bezerros e ovelhas e cabritos” (1999: 27). O interesse dos livreiros por livro não corresponde apenas a sua atividade profissional e dedicação ao trabalho, mas a um modo de viver livreiro.

Pois bem, depois do primeiro encontro, os outros seguiam-se sem maior necessidade de comprar, mas sempre era bom e assim fui montando uma coleção de livros aleatórios comprados de livreiros durante a pesquisa de campo e em muitas ocasiões, depois de nos conhecermos, livreiros me presenteavam com livros. Durante a etnografia eu mantive cadernos de campo (sobre eles eu explico melhor na parte “1.7 Escrever”) e realizei onze entrevistas gravadas em áudio e depois transcritas, além destes registros, parte dos dados foi captada durante conversas informais e observação.

Contudo, estar entre livros e livreiros na cidade também significou conduzir uma pesquisa atravessada por desencontros, sumiços, desconfianças e desistências. Principalmente sobre a tentativa de acompanhar o cotidiano de trabalho dos livreiros independentes que expõem os livros diretamente nas ruas. Nos dias de chuva ou nos dias de “batida da guarda municipal” eles sumiam, alguns trocavam de ponto e depois reapareciam, muitas vezes, encontrei livreiros, aleatoriamente, em outros pontos. Apenas uma livreira me pediu para desistir da pesquisa e inutilizar fotos e entrevistas feitas, ela não me explicou o motivo. Outra livreira me pediu para não fotografar o seu rosto, apenas os livros. Em alguns momentos, eu chegava a imaginar que não encontraria mais alguns livreiros, alguns deixavam de responder as minhas mensagens pelo celular, outros me negaram qualquer informação pessoal que escapasse do assunto dos livros. Em outros momentos, eles reapareciam e continuávamos a conversar, alguns me telefonavam para contar coisas e ainda tinham os que tomavam a iniciativa e marcavam eles próprios as nossas entrevistas. Muitos deles foram entrevistados durante o garimpo e nestas ocasiões aprendi que apertar as suas mãos empoeiradas e “ensebadas” – referente a sebo de livros e dos livros – pelo manejo, na chegada e na saída de uma conversa é “sinal de respeito e humildade”, nos aproximando horizontalmente na pesquisa. Entre as limitações da pesquisa, eu previa encontrar uma distinção discriminatória de mim, através de machismo resultando em impedimentos da minha presença em

algumas situações pelos livreiros, catadores e garimpeiros, majoritariamente homens. Por isso, abrir contato com catadores diretamente enquanto garimpavam foi a melhor saída que eu encontrei para “flagrar” o garimpo sem precisar pedir que eles me levassem consigo para garimpar. Eu, diretamente, comecei a aparecer nos lugares e encontrá-los. Assim, não foi tão difícil conversar com eles como pesquisadora enquanto mulher e jovem.

Os livreiros dos sebos me recebiam para conversar e, durante longas tardes, a rotina da livraria se misturava ao encontro nestes lugares fixados em lojas, telefonar e aparecer, ou simplesmente aparecer e aproveitar as brechas dos afazeres para continuar as entrevistas e a observação. O fechamento recente (de 2017 para cá) de muitas livrarias no Rio de Janeiro (ver 2.1 Considerações sobre as crises do livro) desestabilizou muitos deles pela ameaça constante das crises envolvendo o valor dos aluguéis de imóveis no centro da cidade, pela falência de editoras e livrarias de livros novos, que interferiam no consumo de livros em uma escala que os afetava. Constantemente, ao estar entre livreiros, tornava-se fundamental suspeitar dos firmes arranjos e daqueles fixados na calma.

1.6 Sobre as fotografias

Eu inseri 65 fotografias na tese. A minha intenção é aproveitar as possibilidades etnográficas de uma expressão verbal-visual. Elas desempenham um papel na narrativa e os seus lugares no texto foram pensados para: expor o mergulho em campo, para explicitar teorias etnográficas, para compor atmosferas, para me ajudar a recordar, para tornar visível aquilo que não se escreve, para remontar explicações sistemáticas, para localizar no tempo e espaço, para descrever detalhes em cor, luz e densidade, para captar o momento exato, para registrar, para me autorizar como pesquisadora em campo, para comunicar, para mostrar o outro e para me mostrar. Eu selecionei 65 imagens de mais de 400 fotografias tiradas durante um ano de pesquisa, sobretudo, escolhi entre elas aquelas que continham nas anotações no meu caderno de campo e em diversos trechos incluídos no texto final da tese. Eu menciono a fotografia como integrante do momento experienciado.

O livreiro Alexandre (capítulo 4) surgiu enquanto eu fotografava os livros expostos do livreiro Henrique, primeiro ele apareceu captado na foto, depois nos olhamos sem mediação do celular. Enquanto eu entrevistava o livreiro Enilson, o

livreiro Eduardo nos fotografava em sigilo e eu recebi, posteriormente, a foto impressa por suas mãos numa segunda entrevista (capítulo 3). Os catadores de livros no chão da feira da Praça XV posicionavam-se como na pintura exposta no filme de Agnes Varda e isso precisava ser mostrado (capítulo 4). Durante o transporte dos livros da Carioca para a banca de revista, pelo rapaz do carrinho, a minha atitude de acompanhante do percurso portando um celular nas mãos foi entendida como a de uma cineasta em cena (capítulo 4). Cada um dos balcões das livrarias Elizart e Academia do Saber reuniam um cenário, assim como as galerias dos depósitos e a luz da claraboia (capítulo 6). Quando eu tirei fotos das fotografias da mocidade do livreiro José Germano na Livraria São José, ele se emocionou, recordou e quis me falar sobre o seu passado (capítulo 7). As fichas da livreira Margarete Cardoso revelavam o capricho e o rigor da sua pesquisa bibliográfica através da imagem da sua caligrafia e dos códigos de valor anotados nos livros (capítulo 7). *Ex libris*, assinaturas e dedicatórias compõem cenários imagéticos nos livros.

Etienne Samain²⁰ releu a obra de Malinowski durante todo o seu campo na Nova Guiné através das suas fotografias, concluindo que em seu conjunto – *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (75 fotos), *A vida Sexual dos Selvagens* (92 fotos) e *Jardins de Coral* (116 fotos) – foram incorporadas 283 fotografias em 1883 páginas, em uma média de uma fotografia a cada sete páginas (SAMAIN, 1995 : 32). Margaret Mead escreve os princípios da Antropologia Visual,²¹ em 1975, contribuindo para a normalização do papel da visualidade como parte do contexto etnográfico, sendo parte da narrativa e recurso de registro tão ficcional quanto o próprio caderno de campo.

As fotografias inseridas nesta tese foram tiradas por dois celulares: Samsung Galaxy J3 e Xiaomi Redmi Note 7. As fotografias da figura 1 foram tiradas pelo livreiro Enilson; a figura 2 apresenta recortes de pequenos vídeos feitos com o celular do livreiro Eduardo; as figuras 10, 11, 12, 13 e 14 são recortes fotográficos do documentário *Os Catadores e Eu*, de Agnes Varda; a figura 58 mostra fotografias tiradas pela bibliotecária Ângela Gabriela; as figuras 63 e 64 são

²⁰ SAMAIN, E. “Ver”e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

²¹ MEAD, Margaret. Visual Anthropology in a discipline of words. In: HOCKINGS, Paul (Ed.). Principles of Visual Anthropology. Paris: Mouton, 1975. p. 3-10.

fotografias tiradas de livros citados na fonte de cada uma delas. Entre as fotografias, insiro um recorte do mapa virtual das ruas da cidade pelo *Google Maps*, na figura 39.

1.7 Escrever

Ao final da pesquisa de campo, quando eu voltei para casa e me esforcei para reunir todos os meus cadernos de campo, fotografias e anotações mentais, eu parei e reli *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe, por sugestão da minha psicanalista. O motivo não era exatamente acadêmico, contudo, a sua leitura naquela hora me caiu muito bem. Como escrever uma etnografia? Inicialmente, tornando visível aquilo que está encoberto pela evidência, isto é, “o simples e estranho”, o óbvio, porque aquilo que está em evidência está escondido. Quais seriam as questões subterrâneas ao olhar da etnografia e que saltavam às vistas no cotidiano dos livros e livreiros? Marilyn Strathern aborda o “ponto cego” da pesquisa etnográfica ao escrever, concluindo o artigo *O efeito etnográfico*, que “pode-se dizer, na verdade, que as relações são o que faz as pessoas “verem” o que quer que elas vejam” (STRATHERN, 2017: 376) e “como já se notou muitas vezes, o material [da pesquisa de campo] é administrado de modo a separar o menos evidente do mais evidente e, assim, destacar o trabalho de elucidação” (2017: 321). Assim, eu mergulhava mais uma vez em pesquisa de campo, agora, entre os papéis e recordações para escrever o que eu trazia de lá, pois “voltar do campo” significa inverter as orientações. O efeito etnográfico inclui a duplicação da pesquisa de campo ao incluir a apresentação literária da experiência de campo, deste modo “cada um deles cria o outro” e “as ideias e as narrativas que conferiam sentido à experiência de campo cotidiana têm de ser rearranjadas para fazer sentido no contexto dos argumentos e das análises dirigidos a outro público” (2017: 312).

Durante o ano que estive entre livreiros na cidade do Rio de Janeiro, escrevi alguns cadernos de campo, foram muitos se eu considerar a infinidade de papéis soltos incluídos nos cadernos, literalmente. Nas idas e vindas de Cachoeiras de Macacu – a cidade onde eu resido – para o Rio de Janeiro, muitos papéis viajaram nas bolsas e mochilas, porque na medida em que o campo avançava e eu reunia anotações, vinha-me um forte receio de perdê-los no caminho. Eu comecei a imaginar assaltos, perdas, enfim, diversas ocasiões que poderiam me separar do

registro do campo, então, comecei a trocar os cadernos, deixando os já anotados guardados em casa. Esta dinâmica de tentar preservar os escritos do perigo inconsciente me levou a acumular materiais dispersos que depois precisei reunir e entender. Este receio de “perder material”, que frequentemente afeta pesquisadores, pode ser compreendido através da noção de autoridade. Preservar os cadernos seria garantir a comprovação material de que eu estive em campo e isto me autorizaria como pesquisadora, demonstrando eventos escritos no momento em que eles aconteceram, entretanto, esta atitude frente aos cadernos revela ainda certa confusão ou distorção do sentido da pesquisa de campo.

James Clifford, em *A experiência etnográfica*, pensa o processo que levou a concepção do relato escrito na etnografia como sinal de “verdade” nas monografias clássicas, por outro lado, o autor apresenta a sua concepção de autoridade etnográfica pela escrita e autoria como uma negociação que dá lugar a paradigmas discursivos dialógicos e até polifônicos, incluindo múltiplos sujeitos que estiveram no campo e que permanecem em implicações na escrita. “O modo predominante e moderno de autoridade no trabalho de campo é assim expresso: ‘você está lá... porque eu estava lá’” (CLIFFORD, 2014: 18) e (2014: 21), “se a etnografia produz interpretações culturais mediante intensas experiências de pesquisa, como uma experiência incontrolável se transforma em relato escrito e legítimo?”. Na introdução de *A escrita da cultura*, intitulada *Verdades parciais*, James Clifford lembra que a palavra ficção em sua origem latina significa *fingere*, apontando que “os escritos etnográficos podem ser adequadamente chamados de ficções no sentido de ‘algo feito ou modelado’ (...) mesmo os melhores textos etnográficos – ficções sérias, verdadeiras – são sistemas, ou economias, de verdade” (CLIFFORD, 2016: 38).

Assim, meu receio – de perder os cadernos – transformava-se em desprendimento do texto inicial e reconhecimento das dimensões relativas do registro etnográfico. Então, eu apresento na tese longas narrativas no formato de “trechos das anotações no caderno de campo” e estas anotações não devem ser consideradas como espelho das experiências vivenciadas em campo, mas um exercício de escrita. Afinal, como Clifford Geertz nos mostra em *Obras e Vidas*, “a capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem

realmente penetrado numa outra forma de vida” (GEERTZ, 2009: 15), ou seja, é na clareza da escrita que as peculiaridades convincentes do “estar lá” dão um caráter de credibilidade à obra apresentada, “estando aqui”. Então, os cadernos manuscritos foram digitados, reescritos, redivididos por assuntos e mais uma vez editados; não importava muito mais as sequências de datas e locais, mas as concatenações que me levariam a montar os capítulos.

Mesmo consciente da possibilidade de relacionar a pesquisa de campo com as questões de fundo que eu pretendia levantar sem precisar citar longamente os cadernos de campo, eu escolhi citá-los. A minha intenção em expor detalhes da condução da pesquisa no texto e trechos das entrevistas realizadas deve-se à dimensão extravagante que a imersão em campo veio a ter, caracterizando uma descrição densa. Esta foi uma das maneiras que eu encontrei de refazer em texto o percurso de um circuito descontrolado, imprevisível e muito grande. Pra Clifford Geertz, em *A interpretação das culturas*, não são as técnicas e os processos da prática da etnografia como “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário” que definem uma pesquisa, mas “o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”” (GEERTZ, 1989: 15). Para tentar decifrar as diferentes “piscadelas” que os livreiros deixavam escapar durante a pesquisa, era preciso suspeitar a todo momento da intensidade e motivação da minha participação no campo e o momento mais oportuno para fazer esta análise é quando se pretende escrevê-la. Escrevendo, eu precisei tomar algumas decisões sobre fragmentar os relatos e, literalmente, me incluir nas situações, o que acabou sendo inevitável, assim, fui incorporando no percurso uma escrita etnográfica que me coube, como uma “autoetnografia”, e por isso descrevo sensações e muitas cenas afetivas, inclusive cenas que denunciam a minha situação de “afetada” (FAVRET-SAADA: 2005) e “deslumbrada” (STRATHERN: 2017), assim alongo as descrições, e a cartografia dos livros na cidade vai ganhando outros rumos.

2. Considerações

2.1 Considerações sobre as crises do livro

Eu deixei de me preocupar com o fim do livro. E isto me ocorreu depois de ler uma pilha de autores bibliófilos²² (Rubem Borba de Moraes, Plínio Doyle, José Mindlin, Ubiratan Machado, Josué Montello, Eduardo Frieiro, Ricardo de Bury, entre outros), porque, até então, os teóricos das Ciências Sociais ou da História (Roger Chartier, Robert Darnton, J.B. Thompson, entre outros) apenas me mostraram um longo debate em torno de crises. Tentei fazer um balanço de todas elas, ou aproximá-las em um esquema de perigos; pensei na crise do suporte, desde o bloco de argila, o couro animal, as primeiras fibras vegetais, as misturas de tecidos e cola, um enorme esforço para se chegar a uma estrutura segura ao manuseio e ao tempo. Pensei também que, depois de estabelecido como livro, como códice, assim encadernado e copiado com caligrafia caprichada, ele precisou de enormes espaços, porque já não cabia mais em armários para cilindros. As oficinas vieram, as corporações pactuavam o saber da sua feitura, da sua distribuição, da sua proteção. Mas também vieram o fogo, as guerras, a perseguição política e contra a ciência, a perseguição racista e religiosa, porque o livro é documento e prova escrita e assinada. A grande difusão da cultura escrita e acesso à informação, na virada da idade média para a modernidade no ocidente, deve-se a Johannes Gutenberg, inventor da imprensa, da técnica com tipos móveis, um conjunto de letrinhas soltas de combinação inimaginável capaz de reproduzir um texto perfeitamente diversas vezes e de maneira idêntica. Assim, gravou a sua bíblia de 42 linhas em 1455, o mais importante incunábulo do mundo, avaliada em 40 milhões de Libras pela casa de leilões Christie's de Londres, em 2019.²³ Cito Gutenberg pensando que depois do seu livro, um códice de folhas dobradas e redobradas, costuradas, protegido por capa e de texto reproduzido mecanicamente, o livro não passou por mais nenhuma crise. Este tornou-se o livro tal qual a colher, o martelo, a roda ou a tesoura, na aproximação feita por Umberto Eco (que também é bibliófilo); em *Não contém com*

²² Sobre os bibliógrafos citados e sobre a atividade da bibliofilia, eu explico melhor no capítulo 6 “Leilão e Bibliófilos”.

²³ <https://www.christies.com/features/Good-Books-A-primer-on-Bible-collecting-8445-1.aspx>

o fim do livro, ele dizia que, uma vez inventados, não podem ser aprimorados, não dá pra fazer uma colher melhor do que uma colher e nem o livro melhor do que o livro. Hoje, num processo de produção completamente digitalizado, desde a escrita até a impressão, passando pelo tratamento do papel e pela distribuição física, ou virtual, o livro continua como nasceu. Até mesmo os atuais suportes de acesso digital do livro (*Kindle*, PDF, *ebook*) mantêm-se organizados por uma sequência de páginas. Dados de pesquisa da Câmara Brasileira do Livro dizem que o *e-book* ocupava 1,09% do mercado editorial em 2016.²⁴ Mas uma coisa é a crise do livro como objeto e outra é a crise do livro como um compacto de informação. Mas esta segunda definição de livro não seria também atribuída a sua primeira? Nesta medida não é a mesma coisa? O livro é um objeto material e, ao mesmo tempo, um suporte de informação. A perseguição à informação já configurou e deflagra diversas crises, contornáveis, que é melhor do que superáveis, ou mesmo negociadas: a queima aproximada de 700 mil volumes, incluindo obras gregas irrecuperáveis, na Biblioteca de Alexandria, e, ainda assim, muitos pergaminhos foram enterrados e escondidos; O *Index librorum prohibitorum*, da Igreja Católica, ao mesmo tempo em que a proteção de inúmeros volumes em conventos; a Real Mesa Censória da Corte Portuguesa, que proibia a circulação de livros no Brasil colonial e, ainda assim, formavam-se bibliotecas importantes em Minas Gerais e no Rio; a queima dos “livros degenerados” durante o nazismo na Alemanha e, posteriormente, a construção de um museu dos livros na mesma praça (a Bebelplatz), para lembrar e nunca mais se repetir; a explosão das bibliotecas de Bagdá durante a Guerra no Iraque;²⁵ inúmeros governos autoritários, destruição e reconstrução. As “crises do livro” sempre vão existir, não existe livro sem crise, a crise acompanha o livro, e ele resiste à insegurança.

Mas o assunto sobre o qual venho pensar agora é a crise das livrarias brasileiras, em especial cariocas, ou o seu modelo recente de gestão que vem fracassando, e sobre o comércio de livros novos vendidos nas livrarias mais importantes do país – a Livraria Cultura e a Livraria Saraiva. Um negócio totalmente diferente dos que trato aqui nesta tese, mas que merece muita atenção, nesta abertura, já que se envolve diretamente no circuito do livro aqui investigado.

²⁴ <http://cbl.org.br/imprensa/noticias/por-que-o-e-book-nao-vingou-no-mercado-editorial>

²⁵ Ver História universal da destruição dos livros. Das tábuas sumérias à guerra do Iraque, de Fernando Báez. Ediouro, 2006.

Confundindo-se com a própria história do livro, os alfarrabistas, vendedores de livros de segunda mão, vivem de um negócio lento e constante, firmado sobre uma base de circulação inevitável, já os livreiros de novos não contam com um acervo próprio e, ao mesmo tempo, circulante, abundante e que custe muito barato. Pelo contrário, o seu acervo é composto por expressivo volume de livros consignados por editoras que demandam prazo para a venda, precisando fazer *recall*, prestar contas para suas distribuidoras, fazer balanços de estoque rigorosos, investir em publicidade, sublocar vitrines, incrementar a sacola dos clientes com papelaria e eletrônicos. O giro do livro novo precisa ser rápido ou pelo menos previsto.

Vamos pensar no caso do grupo espanhol com atividade no Brasil: o Editorial Planeta. Este grupo – incluindo 10 selos – publica em média 150 livros por ano e as suas duas maiores consignatárias no país são a Cultura e Saraiva. A Planeta do Brasil tem uma linha editorial voltada para livros de vendagem muito rápida, que precisam ser consumidos no tempo da sua publicação, com uma validade bastante perecível, livros para serem lidos durante uma viagem, assuntos presos à atualidade, biografias midiáticas. Agora imagine que, em 2017, a autobiografia escrita por Pedro Herz – presidente e proprietário da livraria Cultura – estava com pilhas expostas em todas as filiais da rede e, não por acaso, publicada pela editora Planeta. A qual chegou a dever R\$ 2,4 milhões²⁶ em 2018. O que poderia ter levado o livreiro a publicar a história da livraria Cultura através da sua narrativa às vésperas da sua maior e mais intensa crise?

Em *O livreiro: como uma família que começou alugando 10 livros na sala de casa construiu uma das principais livrarias do Brasil*, Herz anuncia no primeiro parágrafo da primeira página do seu livro: “vivo cotidianamente a responsabilidade de administrar 17 lojas, 1,5 mil funcionários, 5 milhões de clientes, 9 milhões de produtos. Pois esta responsabilidade crescerá mais ainda: acabamos de comprar as operações da FNAC no Brasil”. Em julho de 2017, a Cultura assume as operações da Fnac Darty no Brasil,²⁷ licenciando a sua marca, em contrapartida recebe R\$ 130

26 Reportagens de jornal referentes aos dados mencionados acima, entre outras. Me reporto através de notícias da mídia nacional devido à atualidade do acontecimento, pois não encontrei, até o momento, uma literatura acadêmica ou especializada sobre o assunto. <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/principais-dividas-da-livraria-cultura.html>.

27. <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/livraria-cultura-comprara-operacoes-da-fnac-no-brasil.ghtml...> E <https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2017/08/apos-comprar-fnac-cultura-demite-cerca-de-40-de-funcionarios.html>. (25/11/2018).

milhões para custear as despesas com o seu funcionamento a fim de evitar um longo e oneroso processo de desligamento do país, já que a FNAC pretendia encerrar as suas atividades aqui e a Cultura já estava endividada. O acordo foi firmado. E Herz continua: “Isso implica administrar mais 12 lojas, 600 funcionários, outros milhões de produtos, parte deles em seguimentos que jamais experimentamos. Pedro, em que belo desafio você se meteu, justo num país em crise!”. A resposta sobre as suas motivações autobiográficas eu não posso supor aqui, ainda assim, posso apresentar alguns dos passos dados pela livraria Cultura em direção ao pedido de recuperação judicial com fechamento de lojas e demissão em massa. Vamos começar do começo.

Depois da leitura do seu livro, posso apontar quatro momentos da sua trajetória: inicialmente, a Biblioteca Circulante, funcionando em casa, idealizada por sua mãe, Eva Herz, que gostava de ler e que encontrou no negócio de aluguel de livros, entre compatriotas em São Paulo, uma saída para a família sobreviver assim que chegou, da Alemanha, ao Brasil; nesta época, 1947, Pedro tinha 7 anos de idade. Depois, a livraria Cultura torna-se, enfim, uma loja independente da casa, com endereço comercial no Conjunto Nacional, em 1969, após 22 anos de empréstimo domiciliar. Em sua terceira fase, a Cultura, já com algumas lojas de rua, avança no modelo de *megastore*, inaugurando lojas enormes em área nobre de São Paulo e em *shopping*, começando pela Villa-Lobos, inaugurada no ano de 2000 com 3.350 m²; incluindo mais a Sala Eva Herz, uma rede de teatros em várias outras cidades como Rio de Janeiro, Recife, Curitiba, Salvador e Brasília. Livrarias aconchegantes com café e espaço para crianças. “Chegar e ficar” e não mais “passar e ir embora” explica um novo conceito de livraria *loja-shopping megastore*, com um custo de operação das unidades alto. E, por último, a abertura de capital.

Em 2009, a Cultura conhece uma gestora de recursos chamada NEO Investimentos (ligada ao Banco Itaú), atraindo um fundo interessado em investir na empresa: “E foi assim que o Capital Mezanino, o fundo administrado pela NEO, comprou 25% da Livraria Cultura, ficando a família Herz com 75%. Essa operação mudou por completo nossa relação com os parceiros. (...) E o que buscam acionistas? Buscávamos o lucro”. Pedro Herz diz que a partir daí começou uma “revolução na empresa”, os anos se passam, seu filho mais velho se torna CEO e vem a crise econômica generalizada em 2014. O Capital Mezanino, então, propõe

otimizar recursos, economizar, “realocar aqui e ali”. Em 2016, o Capital Mezanino deixa a Livraria Cultura e a família volta a ser dona de 100% da empresa, decidindo recomprar as suas ações. A partir de 2013, a Livraria Cultura vem sendo processada com ações na justiça do trabalho por funcionários e ex-funcionários de diversas filiais, alguns, demitidos por justa causa, alegando perseguição, outros acusando a empresa de falta de transparência com as contas dos salários, e tantos outros por adoecimento no trabalho, constrangimento e desvio de função.²⁸ A Livraria Cultura passa a fazer cortes severos e redução progressiva nos custos: “Estamos ajustando metas. Realocando pessoas. Eliminando gorduras. Vitaminando nossa produtividade. Eis o grande desafio que temos pela frente ao comemorar os 70 anos da Livraria Cultura em 2017”, explica Herz, em seu livro.

A Cultura apostou na absorção de dois diferentes negócios para tentar aglutinar uma fatia maior do mercado livreiro e poder driblar a crise - a Fnac e depois a Estante Virtual. À última, dedico o primeiro capítulo da tese. Por ora, posso dizer que a Estante virtual é uma empresa brasileira fundada em 2005, como um portal virtual de comércio eletrônico (*e-commerce*) que conecta livreiros e consumidores de livros usados, raros, esgotados e uma pequena parcela de seminovos e novos, estes últimos já a partir de 2014. No estilo *marketplace*, assim como a estrangeira *Abebooks*, vendendo livros de segunda mão. Entretanto, a partir da sua cooptação pela Cultura, ela passa também a vender cada vez mais livros novos – os livros do estoque das lojas da Livraria Cultura –, ficando bem parecida com o modelo da *E-bay* ou mesmo da *Amazon*, e aqui como a Submarino, a Cnova (Casas Bahia, Ponto Frio e Extra), a OLX, o Mercado Livre e, acima de tudo, procurando superar a *Amazon* no Brasil. A Estante Virtual gerencia 2.699 contas de livreiros, somando 19.306.735 livros à venda; desde 2005 já vendeu 23.870.721 livros para 5.838.381 leitores de acordo com o site,²⁹ até este momento. A Cultura

28. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/03/em-recuperacao-judicial-livraria-cultura-enfrenta-enxurrada-de-aco-es-na-justica-do-trabalho.ghtml>. E

<https://passapalavra.info/2019/04/126181/>,
<https://passapalavra.info/2019/04/126330/>, <https://passapalavra.info/2020/02/129948/>, <https://passapalavra.info/2019/04/126363/>, <https://veja.abril.com.br/entretenimento/livraria-cultura-se-defende-apos-cusacoes-de-ex-funcionarios/>.

Os *links*, acima, referem-se ao “Pacto de Mediocridade”, firmado entre ex-funcionários da Livraria Cultura, de 2013 até 2016. A história deste “pacto” foi divulgada em uma reportagem jornalística através do *site* Passa Palavra. A reportagem teve grande circulação nas mídias, nesta época, resultando em mais aberturas de processo judicial contra a empresa e na resposta oficial da Livraria em seu site.

29. <https://www.estantevirtual.com.br/>.

comprou a Estante Virtual em dezembro de 2017, cinco meses depois de adquirir a Fnac, em julho. Reunindo sebos de todo o país, a Estante Virtual assume novas orientações de funcionamento, introduzindo um modelo de produtividade baseado em níveis de confiança e aprovação, além de outro regime de cobrança das taxas sobre as vendas, um esquema de operação já conhecido no mundo do *e-commerce*. O conjunto de livreiros do portal opõe-se às novas medidas, produzindo abaixo-assinados, ameaçando a saída em bloco do *site*, com desligamento das contas, assim como fizeram os sebos frente às cobranças exorbitantes da *Amazon*.³⁰ Enfim, livros novos, usados, *e-book*, aparelhos eletrônicos e papelaria. A Cultura abraçou todo o mercado do varejo editorial e tecnológico.

Assim como a Livraria Circulante, a Livraria Acadêmica, precursora da Saraiva, também iniciou a sua trajetória com um negócio de livros usados. Em 1914, a sua primeira loja era fundada no Largo do Ouvidor, por Joaquim Ignácio da Fonseca Saraiva, um imigrante português que residia em São Paulo. Próxima à Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, a livraria especializou-se em livros jurídicos. A Saraiva é uma livraria centenária cuja tradição se funda nesta área do conhecimento com desdobramentos para a criação de uma editora especializada, a Saraiva S.A. Livreiros Editores, em 1947. Já nos anos de 1970, a Saraiva abre a sua segunda loja na Praça da Sé e se torna uma empresa de capital aberto e, na década de 1980, cria o seu próprio serviço de distribuição de livros, vindo a possuir o maior alcance geográfico e o mais diversificado acervo do país.³¹

Ainda pioneira no varejo livreiro, em 2016, a Livraria Saraiva registrou R\$ 1,26 bilhões em vendas; já em 2017, vê-se pressionada pelo tamanho alcançado pela Livraria Cultura. A Saraiva avançou para o modelo de *megastore* com livrarias em *shopping center* a partir da década de 1990, inaugurando em 1996 as enormes filiais no *Shopping Center Eldorado* e a *Mega Store* do *Shopping Center Ibirapuera*, com lojas em praticamente todas as capitais e grandes cidades do país, somando 113 livrarias abertas – incluindo as lojas da rede Siciliano, incorporada em 2008. A maior marca relacionada ao livro no Brasil é a Saraiva. Idêntica onde quer que se

30. <https://oglobo.globo.com/economia/sebos-fazem-greve-contramazon-retiram-mais-de-1-milhao-de-livros-de-estantes-virtuais-23211913>.

<https://www.publishnews.com.br/materias/2017/12/26/livraria-cultura-compra-estante-virtual>

31. Informações publicadas em seu site com última atualização em 03 de dezembro de 2018. http://www.saraivari.com.br/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=49680.

vá, quase insípida, inodora. O estabelecimento de um *layout* literário e comportamental no consumo de livros. As lojas não encarnavam as peculiaridades locais, seja em Recife, São Paulo ou Rio. Nas cores amarelo e preto, as suas lojas eram repletas de publicidade de editoras e lançamentos de CDs e DVDs por toda a loja, as *megastore* tinham o *Music Hall* e comodidades como sofás, cafés e carpetes nas estantes de livros infantis; todas as outras tinham também máquinas digitais de ver preço, pontos com computadores para pesquisa ao acervo, “colaboradores” usando avental, pilhas enormes de livros na entrada, lançamentos de *best sellers* internacionais, filas dobradas e redobradas num caminho extenso até os caixas, alinhadas por gôndolas de coisinhas de papelaria e chocolates, balcão de atendimento ao cliente e os previsíveis avisos ao microfone... *G5 ou E7, por favor, compareça ao balcão de atendimento*. Um modelo de negócio de sucesso que funciona como uma loja de departamento.

Em sua trajetória, a Saraiva procurou atuar em duas frentes: a educativa e a tecnológica. A primeira corresponde a sua tradição como uma livraria ligada ao consumo universitário e, nos anos de 1990, abre a sua linha editorial para os livros de negócios, administração, economia e *Marketing*, enquanto que já vinha desde a década de 1970 editando livros didáticos e paradidáticos para o ensino básico. A editora Saraiva se consolida no mercado dos didáticos e as suas lojas são os grandes polos de venda durante a campanha de “volta às aulas”, recebendo listas de diversas escolas privadas e atendendo através da sua distribuidora a demanda de governos para escolas públicas, participando dos planos como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A partir de 2007, a Saraiva assume o Ético Sistema de Ensino, começando a investir em um comércio de conteúdo educacional digital, com a elaboração de material de apoio pedagógico neste formato. Daí em diante, a sua editora lança o Saraiva Tec e o Agora, um sistema de ensino para a educação pública; junto a Hoper Educação, lançam também material de apoio para cursos superiores de Administração e Direito, como Saraiva Solução de Aprendizagem ao adquirir a Editora Érica Ltda. Especializada em conteúdo para o ensino técnico profissionalizante.

A sua frente tecnológica inicia-se em 1998 com a abertura do primeiro *e-commerce* de livros do país, o www.saraiva.com.br, *site* que, em 2009, lança o Saraiva *Digital Player* para *download* de música e filmes e, em 2010, o Saraiva

Digital Reader, uma plataforma para *e-book*; ainda neste ano, inaugura a primeira loja *iTown*, uma Saraiva dedicada à venda de produtos da *Apple* no Brasil. Em 2013, a Saraiva cria o Publique-se!, um *self-publishing* para livro digital, pensando no gigantesco crescimento de publicações independentes no mercado editorial; em 2014, aos 100 anos, a Saraiva apresenta o Lev, seu leitor digital portátil, parecido com o *kindle*, e, em 2017, a aposta no modelo *omnichannel*, operação que integra lojas físicas, internet e dispositivos móveis.

As livrarias Cultura e Saraiva entram com pedidos de recuperação judicial que preveem um plano para resolver as suas dificuldades financeiras. A Cultura em 25 de outubro de 2018 e a Saraiva em 23 de novembro de 2018. A Cultura tem seu plano aprovado pelos credores em 12 de abril de 2019 e a Saraiva em 29 de agosto de 2019. Na data referida, a Cultura deve mais de R\$ 285 milhões para credores que aceitaram desconto de até 70%, pagos em 12 anos e com carência de dois anos. E a Saraiva deve R\$ 684 milhões, tendo que pagar apenas 5% do montante em 15 anos.³²

Até julho de 2019, a Saraiva fechou 29 lojas e mantém em funcionamento 69 lojas, de acordo com o seu *site* oficial, em maio de 2020. Na mesma data, a Livraria Cultura funciona com 15 lojas, tendo fechado, em outubro de 2018, a sua última livraria no Rio de Janeiro, inaugurada no prédio do antigo Cine Vitória, no centro da cidade, em 2012. A última loja da Fnac no país encerra as suas atividades também em outubro de 2018. A Estante Virtual é vendida para a Rede de lojas Magazine Luiza (rede varejista de eletrônicos e móveis) em fevereiro de 2020.

A Associação Nacional de Livrarias (ANL) promove para o natal de 2018 uma campanha chamada #VemPraLivraria, na qual participam as livrarias Leitura, Cultura, da Vila, Curitiba e Saraiva, com o intuito de convidar as pessoas para comprar livros como presentes de final do ano. No texto de sua divulgação pela página da ANL, a ideia de experiência ou vivência em livraria é o mote do movimento, na tentativa de “resgatar” a noção de livraria como sinônimo de lugar para fazer amigos, conversar durante toda uma tarde ou, no final do expediente, promover debates, descobrir autores novos e se atualizar. Uma experiência relacionada às livrarias tradicionais que não adotaram o modelo de gestão

32. O seu processo está divulgado no site da empresa:
http://www.saraivari.com.br/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=66595.

megastore, em que a livraria se tornou um lugar para ouvir música, tomar café, comprar um celular, chocolates, lápis e borracha, aproveitar *wifi* grátis... E, por último, prostrar e conhecer autores novos. Parece um pouco tarde, já em 2018, depois que as duas maiores livrarias do país pediram ajuda à justiça para não falirem. Esta campanha não surgiu de livrarias pequenas em apuros por causa de exorbitantes valores de aluguel no centro do Rio ou de São Paulo ou das que se viram acucadas diante da venda *online* e começaram a se transformar em livrarias empacotadoras para a Estante Virtual. Ainda assim, a *hashtag* foi repetida no natal de 2019 e ainda maior, envolvendo editoras e artistas através das redes sociais da internet, a ideia seria usar a *hashtag* em textos de declaração de amor aos livros, à literatura e às livrarias.

Na edição de 2019, a XIX Bienal Internacional do Livro no Rio, ocorrida em setembro, registrou 4 milhões de livros vendidos, em um crescimento de 11% em relação à edição de 2017, com uma frequência de mais de 600 mil visitantes durante 10 dias de evento. Como, a cada edição, a Bienal se supera em vendas ao mesmo tempo em que o mercado livreiro entra em colapso? Talvez porque a crise realmente não seja do livro, talvez porque a bienal seja, acima de tudo, “uma experiência” promovida pelas mais ricas editoras do país, talvez porque, a cada ano, os governos distribuam *voucher* para alunos de escolas públicas comprarem livros,³³ injetando indiretamente dinheiro público nas contas de algumas editoras, talvez porque vender livro em evento não custe tanto como gerenciar uma loja física permanentemente, talvez porque muitos autores façam seus lançamentos na bienal, porque autores internacionais de séries de sucesso também venham lançar seus livros no evento, talvez porque, inseridos nesta experiência, os visitantes se entusiassem mais pelo consumo do passeio do que pelo livro... Talvez. Os livros continuam vendendo e circulando. Todo esse montante de livros vai circular, vai envelhecer, vai ser gasto e vai ser trocado. O livro novo da bienal chegará em breve nas estantes físicas dos sebos e na internet dos sebos.

Durante a edição de 2019 da bienal do livro, a editora Companhia das Letras superou em 20% o seu faturamento da edição anterior. A livraria Cultura e a Livraria Saraiva já deviam uma enorme quantia à Companhia das Letras, desde 2018, quando tiveram os seus planos de recuperação aprovados, sendo R\$ 7,5

33. <http://cultura.rj.gov.br/secec-e-seeduc-levarao-40-mil-alunos-da-rede-publica-a-bienal/>

milhões pela Cultura e R\$ 18,6 milhões pela Saraiva; valores que deverão ser pagos, com descontos, em no mínimo 12 anos. Neste contexto, a editora resolve também lançar uma campanha pelo livro: as cartas de amor aos livros. A partir da iniciativa de Luiz Schwarcz – escritor, editor e fundador da Cia. das Letras – a campanha tomou fôlego e alcançou uma série de artistas, livreiros e editores de todo o país. Em 27 de novembro de 2018, a sua carta, publicada no *blog* da editora, dizia: “O livro no Brasil vive seus dias mais difíceis.” - o livro ou o mercado editorial? - e segue apresentando motivos econômicos e uma proposta de campanha:

Nas duas últimas semanas as duas principais cadeias de lojas do país entraram em recuperação judicial, deixando um passivo enorme de pagamentos em suspenso (...) Na Companhia das Letras sentimos tudo isto na pele, já que as maiores editoras são, naturalmente, as grandes credoras das livrarias, e, nesse sentido, foram muito prejudicadas financeiramente.(...) O que precisamos agora, entre outras coisas, é de cartas de amor aos livros. Aos que, como eu, têm no afeto aos livros sua razão de viver, peço que espalhem mensagens; que espalhem o desejo de comprar livros neste final de ano, livros dos seus autores preferidos, de novos escritores que queiram descobrir, livros comprados em livrarias que sobrevivem heroicamente à crise, cumprindo com seus compromissos, e também nas livrarias que estão em dificuldades, mas que precisam de nossa ajuda para se reerguer.

A repercussão da sua carta foi imediata, já no dia 29 de novembro de 2018, dois dias depois, o jornal O Globo publica uma matéria citando a carta de Luiz Schwarcz e convida toda a comunidade livreira do país e a todos os leitores a se juntarem à Cia. das Letras e também a escreverem as suas cartas de amor aos livros. Nesta reportagem, foram divulgados 33 relatos de personalidades ligadas ao livro, agitadores culturais, atores e atrizes, cantores, líderes de movimentos sociais, escritores, entre outros. A carta de Rodrigo Ferrari, livreiro, dono da livraria Folha Seca – tradicional livraria no centro do Rio – encerra, assim, o chamado no Globo:

(...) Pedem esta carta por conta da falência de duas grandes cadeias de venda de livros. Essa quebra já era esperada: eles não pagavam ninguém há tempos; mas como existem poucas livrarias para escoar nossos produtos, as grandes editoras não pararam de fornecer livros a eles, ao contrário do que acontece com as pequenas. Essas grandes editoras chegaram a ter lojas exclusivas nessas cadeias só com livros de seus catálogos. Pode haver coisa mais estapafúrdia que uma livraria de uma editora só? Por mais que essas editoras praticamente estejam monopolizando o mercado? Não pode. O livro e os leitores não merecem. Então, por favor, peço a todos e principalmente aos grandes editores e às grandes corporações comerciais: por amor aos livros, respeitem nosso comércio. Lutem conosco pela lei do preço único, que visa normatizar o mercado e regulamentar os preços dos livros, estabelecendo limites para impedir a criação de monopólios. Somos pela bibliodiversidade. Queremos livros, leitores, livrarias e editores. Sempre. Não posso deixar de me despedir com um mantra: menos armas; mais livros!

Ana Maria Machado, escritora e colunista do mesmo jornal, deseja, no dia 24 de dezembro de 2018, que “haja muitos livros ao pé de árvores de Natal esta noite”. O seu pedido de natal pode ter sido atendido, porque o ano de 2019 registrou vendas de 49 milhões de unidades, segundo pesquisa da Gfk *Retail and Technology Brasil* divulgada pela Associação Nacional de Livrarias, totalizando 2,1 bilhões de reais em faturamento, sob a venda de livros novos em lugares oficiais de venda. Os livros continuam vendendo.

Eu li o *best seller* “Livrarias” de Jorge Carrión, um escritor espanhol que decidiu fazer um ensaio de viagem registrando e refletindo sobre as livrarias de vários lugares do mundo que ele chegou a conhecer – a livraria Berinjela e a Leonardo da Vinci, inclusive, constam entre elas. *Livrarias* foi traduzido e publicado no Brasil em 2018, mas escrito em 2013, momento em que algumas livrarias norte-americanas e europeias também passaram por crises, muitas fecharam as portas. A *Barnes & Noble*, em 2013, viu-se à beira da falência depois da tentativa de concorrer com a *Amazon*, publicando o *Nook*, uma plataforma para venda e leitura de *e-book*. Em Madri, as tradicionais Livraria Rumor e Altair fecharam; em Barcelona, além da Livraria *Catalònia*, a *Anocray Delfin* também fechou. “De acordo com a Confederação Espanhola de Livreiros, mais de cem livrarias encerraram atividades pelo país desde 2009. Mais de 1,2 mil postos de trabalho foram abolidos e pelo menos outras 500 livrarias, de um total nacional de 3,5 mil, estão ameaçadas.”, diz a matéria do jornal Estadão aqui no Brasil, em março de 2014.³⁴ Em Portugal, foram-se 120 livrarias; no Reino Unido, das 4 mil livrarias, em 2014, restaram 987, afirma a *Booksellers Association*.³⁵ A crise das livrarias, que já havia alcançado outros países, chega aqui em 2017, trazendo consigo algumas hipóteses: os hábitos de leitura mudaram e não se encaixam mais num modelo de livrarias físicas, ou os hábitos de leitura mudaram e não se encaixam mais num modelo físico de livro, ou as crises econômicas, como a recessão de 2008 nos Estados Unidos e a crise de 2014 no Brasil, afetaram as livrarias, ou as redes de livrarias no estilo *megastore* não suportam as demandas de suas operações porque são muito caras, ou ainda, a *Amazon* e o *e-book* devastaram o cenário das

34.<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,internet-e-criises-ameacam-livrarias-da-europa-imp-,1136116>.

35.<https://www.booksellers.org.uk/>.

livrarias tradicionais e independentes existentes até então. Todas as alternativas parecem corretas.

A meu pedido, em setembro de 2019, a Associação Estadual de Livrarias do Rio de Janeiro listou as livrarias fechadas na cidade desde 2017. Foram elas: Livraria Bolívar; Casa Cruz (5 lojas); Livraria Cultura (2 lojas); Entretexto Kids; FNAC; Letra do Céu; Luzes da Cidade - Botafogo; Moviola; Saraiva (4 lojas); Yan Livros (2 lojas); Sebo Al-Farabi; Arlequin; Livraria Camões.

Jorge Carrión narra o fechamento da antiga Livraria *Catalònia*, aberta desde 1924, há 88 anos funcionando em Barcelona quando, em 2013, deu lugar a um *McDonald's*. Ela estava a dois passos de uma loja da *Apple* e a duzentos metros da Fnac, dizia o autor:

Dia a dia testemunhei o desaparecimento dos livros, as estantes vazias, o pó, esse pó que é o grande inimigo dos livros, livros que não estavam mais lá, que eram apenas o fantasma, a memória, mais e mais o esquecimento de alguns livros que, em uma quarta-feira, nem sequer tinham mais prateleiras nas quais existir, porque o lugar foi esvaziado, ficou cheio de operários que desmontavam as estantes e as gôndolas e preencheram tudo com brocas e barulho, aquele barulho que durante anos, quando passava pela mesma porta o que emanava dela era silêncio e limpeza, e agora surgia uma nuvem de poeira, carretas carregadas de escombros, de ruína, a progressiva transformação da promessa de leitura, do negócio da leitura na ingestão de proteínas e de açúcares, o negócio da comida rápida. (CARRIÓN, 2018: 251).

Em uma das minhas primeiras visitas à banca de livros do Olivar (explico melhor no Capítulo 3), na entrada do Metrô da Carioca – Centro do Rio durante 2019 –, me chamou a atenção uma livraria discreta na lateral do térreo do edifício Central na Av. Rio Branco. Ela dava de frente para a bancada de livros usados do Olivar. Eu nunca tinha entrado lá, entretanto, a sua fachada era completamente familiar a mim, porque fazia parte do meu mapa caminhante da cidade. Era a Livraria Camões, dedicada à literatura portuguesa no Brasil, aberta desde 1972, que comunicava com um papel cartolina escrito à mão e colado na vitrine o fechamento definitivo da Livraria em 26/07/2019. Desde 2014, a Camões poderia fechar, quando a editora portuguesa Almedina passa a administrar a livraria. Nas muitas visitas que fiz à banca de livros na Carioca, eu observava a livraria já vazia, entre uma farmácia e um restaurante que servia *chopp*. Olhando pra cima, o seu imenso prédio estava totalmente preenchido por lojas, *boxes* e galerias de venda de produtos eletrônicos e de informática. Virando o olhar para a avenida, na sua calçada, multidões de camelôs vendem no chão e em banquetes de madeira improvisados

réplicas de *CorelDraw*, *Photoshop*, *Pen Drive*, chip de celular e mais chocolates, remédios venenosos... E livros.

Para onde vão os livros quando as livrarias fecham?

Eles podem ser devolvidos às editoras, como ocorreu agora (2020) com a Saraiva, tendo que devolver 50% de cada título consignado. Se parte destes livros devolvidos forem considerados encalhe pelas editoras, eles podem ser vendidos como “ponta de estoque” para livreiros de feiras, como a feira da Associação Nacional de Livrarias, a feira itinerante das praças do Rio, para livreiros de feiras eventuais nos térreos de *shoppings*, para livreiros de sebos, ou vendidos em *marketplaces* da internet com 90% de desconto. São as pilhas do mesmo volume de livros novos que achamos por R\$ 5 e R\$ 10 depois de alguns anos da sua última edição. Estes livros podem ser negociados também para outras redes de livrarias sem perder o seu valor, transitando no caminhão da distribuidora diretamente de um estoque para outro, sem voltar para a editora. Eles também podem ser vendidos para o governo, através de projetos de democratização e incentivo à leitura. Podem ser triturados ainda novos e vendidos a preço de papel para o pagamento de gráficas; podem ser doados para presídios e bibliotecas públicas, comprovando ações que lhe isente o imposto de renda; podem ser jogados no lixo. Infelizmente, umas livrarias se vão, outras vêm, e os livros circulam entre as noções de novo e de velho. Apenas as livrarias e editoras não controlam o movimento dos livros, veremos que um sistema de trocas os movimentaria.

2.2 Considerações sobre o consumo do reuso

Retornamos aos livros de segunda mão ou eles sempre estiveram por aqui? O circuito dos livros usados permanentemente sobrevive na cidade e, se eu pudesse conversar com o Umberto Eco, ainda sobre as suas aproximações entre colheres e livros, eu diria que o livro de segunda mão é como um gato. Acredito que possua sete ou mais vidas, é habilidoso nos altos e baixos, nos tombos e quedas, enxerga muito bem na noite dos tempos e, como uma fera semidomesticada, adora o conforto das estantes, mas não dispensa a aventura para além dos muros da casa. Visitando outras freguesias, recebendo novos cuidados, remendando seus arranhões e feridas, reconhecendo suas marcas. Recentemente, apareceu na minha casa um

gatinho já bem velhinho, o Vovô, ele espreitava a janela vindo do telhado, disfarçava, calculava o pulo e o trajeto exato até o potinho de ração dos outros gatinhos que moram comigo. O Vovô me surpreendeu, porque eu nunca tinha conhecido um gato tão antigo, com tantos caminhos percorridos antes daqui. As suas orelhas eram desenhadas por picotes que pareciam um bordado bem fininho, quase transparente e frágeis ao toque. Faltavam-lhe duas presas do mesmo lado, mostrando a sua estrutura de proteção já decaída. A sua penugem era bem desbotada, um tanto amarelada e com manchinhas marrons. Suas visitas se tornaram constantes, ele recebeu repreendas dos gatos mais novos, mas depois se firmou um bom diálogo. Cada um com o seu charme e todos gatos. Pensei em prendê-lo comigo, ele era a minha raridade, eu queria preservá-lo, então abri uma brechinha entre os outros potinhos, fui apertando até conseguir encaixar o seu. Ele ficou comigo durante um tempo. Os gatos e os livros têm olhar brilhante, vivo, eles são senhores dos seus caminhos. E nós, será que estamos mais atentos agora à beleza da sua longevidade e liberdade? Ao encanto das suas marcas, ao respeito com as suas tantas vidas pregressas, com seus misteriosos destinos, com seu costume circulante entre as nossas mãos?

Pretendo, neste texto, considerar que: em primeiro lugar, os livros de segunda mão nunca deixaram de circular e compõem a imensa maioria de todos os livros que existe; em segundo lugar, podemos pensar sobre a estreita fronteira conceitual entre livro novo e livro usado e, em terceiro lugar, o livro usado vem sendo acolhido cada vez mais por mãos que ainda não o conheciam. Sendo assim, o universo do livro usado, ou de segunda mão, é vasto. Os capítulos desta tese tentam pensar sobre cada um dos seus ângulos e também das suas posições e movimento num circuito urbano, desde o livro vendido na internet, nos sebos e nas bancadas de rua, passando pelos livros recolhidos nas portas de prédios, até aqueles que compõem coleções preciosas. Por isso não irei adiantar o assunto.

Na minha segunda consideração, a fronteira de status entre um livro usado e um livro novo se atravessa em um triz. Um livro pode deixar de ser novo assim que é vendido, quando conhece as ruas pela primeira vez de dentro da sacola da livraria ou no pacote dos correios. Experimente pôr à revenda um livro recém-adquirido? Ele será considerado usado imediatamente. Mas o livro novo pode permanecer nas estantes de alguém por longos anos e, ainda assim, ser considerado

novo, porque só pertenceu a uma única pessoa. Ele pode mudar seu status de novo também quando ganha edições atualizadas, revistas ou ampliadas, daí todas as anteriores são consideradas antigas, o que é diferente de usada. Mas estamos falando de livro novo, por enquanto. O livro novo precisa ser imaculado, se possível ainda dentro do plástico, precisa proporcionar o prazer da inauguração rasgando a sua embalagem e sentindo o “cheiro de livro novo”. Nos últimos vinte anos, publicou-se mais livros do que nos últimos cinco séculos da invenção da imprensa, por isso a renovação do seu giro torna cada tiragem menos nova do que a seguinte, em um turbilhão de lançamentos que desmonta e relativiza os seus critérios de atualidade. Diversas vezes, compramos livros gastos em livrarias de novos. Estranhamente, eles nunca saíram da livraria e, durante muito tempo, estiveram apostos diante das nossas mãos, nas estantes, sustentando um status de livro novo. Ao longo do tempo, eles foram arrumados e desarrumados, espanados, manuseados, receberam as alternâncias do tempo frio e calor, e da luz elétrica desbotando as suas capas, da poeira ocasional engrossando as suas páginas. E quantas vezes alguém não pediu para um livreiro buscar “lá dentro” um exemplar novo que não fosse o exposto, por se tratar de “mostruário”. Então, excetuando as últimas edições dos livros recém-publicados e ainda frescos nas livrarias, o restante todo deixa de ser livro novo e está prestes a correr o circuito dos velhos.

Os livros de segunda mão têm hoje as atenções voltadas para si e o seu raio de alcance não orienta mais para o passado, pelo contrário, faz parte de uma percepção transversal do tempo, manifestando-se no gesto de olhar para o lado e na esquivia de permanecer caminhando adiante. Então, retornar aos livros de segunda mão é destacá-los numa dinâmica cuja chave de compreensão poderia estar na ideia de compartilhamento, mas não se trata apenas disso. Aponto, assim, para um movimento de crítica do modelo de produção acelerado da modernidade e do seu consumo de bens, vindo a se tornar uma espécie de “virada do consumo consciente” ou sustentável, em que voltar-se para o livro usado faria todo sentido.

“O que é o flagrar de novos modos de vida e o que é o reencontrar de velhas utopias apenas recicladas por uma cultura de consumo?”, pergunta Maria Isabel M. Almeida, em seu livro *Cartografias da Paragem*, publicado em 2016, ao apresentar a ideia de desmobilização em diálogo com Peter Sloterdijk, frente à mobilização infinita da produção ocidental moderna. Através do ponto de vista cinético, o

progresso e a ideia de superação da natureza precisam frear, pois a sua velocidade destrutiva arrebenta. A autora investe no conceito de desmobilizações táticas como a retirada, a desconexão, a transitividade e a invenção para reduzir, construindo a sua ideia-metáfora de *paragem*, isto é, uma “tomada de distância frente ao turbilhão de um mundo cuja engrenagem parece se mover em direção à maximização incontrolável do progresso e da aceleração” (Almeida, 2016: 15). Em *A Mobilização infinita* (1989, 2002) Peter Sloterdijk pensa a mobilização através do espírito da auto-intensificação, numa dinâmica cada vez mais incrementada do “fatal *mais*”, na acumulação produtiva de trabalho, de mercadorias, de consumo e dos seus resíduos que se espalham por todo o ocidente moderno de maneira espaçosa e intransigente ao se jogar numa massa de movimento à deriva. Como excedente cinético, “esse *mais* é o demônio do erro tipográfico, que desfigura o texto tão bem composto” e “põe rios de mercadorias a correr, frotas a cruzar, escadas rolantes a deslizar, atmosferas a mudar, faunas a desaparecer. Já lá vão os tempos ingênuos, em que era dado aos homens pensar que se tinham de mover para que o mundo andasse para a frente” (SLOTERDIJK, 2002: 29).

Sloterdijk busca o conceito de mobilização em Ernest Jünger, autor de “obras mal-afamadas”,³⁶ romancista alemão que publica em 1930 o livro *A Mobilização Total*, uma elaboração pessoal da sua experiência na guerra, em que separa o fenómeno da mobilização da sua acepção puramente militar, alargando o seu significado. A mobilização “é uma categoria do universo bélico, que abrange os processos críticos graças aos quais potenciais de combate em estado de repouso são levados à prontidão para entrar em ação” (SLOTERDIJK, 2002: 39) como uma reserva sempre crescente de forças, tornando-se capaz de neutralizar a diferença, moralmente importante, entre guerra e trabalho. O trabalho é um objeto sociológico clássico: trabalhar para manter a coesão social, Durkheim; trabalhar para alcançar a dignidade espiritual ainda vivo, Weber; e Marx, trabalhar e dividir para garantir a igualdade material. Jean Baudrillard, em *A troca simbólica e a morte* (1976), pensa a associação entre trabalho e morte através da racionalidade moderna, “é o infinito do capital que passa ao infinito do tempo” (BAUDRILLARD, 1996: 198), fórmula que poderia adiar a irreversibilidade da morte, esta obsessão com a

³⁶ Ernest Jünger teve as suas obras associadas ao nazismo alemão através da cooptação da sua figura de trabalhador como soldado. A expressão “mal-afamadas” é de Peter Sloterdijk.

superação da morte é “o impasse absoluto da economia política: ela deseja abolir a morte por meio da acumulação – mas o próprio tempo da acumulação é o da morte”. Trabalhar, produzir, acumular e consumir para a manutenção do giro, supostamente infinito das engrenagens produtivas, trocando na mesma moeda um inevitável por outro, assim Baudrillard explica como a produção é o seu próprio simulacro.

Peter Sloterdijk chamou, inicialmente, o seu livro de *Eurotaoísmo* e manteve o terceiro capítulo com este título, acrescentando-lhe um ponto de interrogação. Abrindo o livro na última página deste capítulo, na sessão homônima, encontramos um aforismo de Tao Te King, XXIV,³⁷ sobre o movimento de pés e pernas, como epígrafe, e logo abaixo apenas uma frase “O eurotao, que possa ser pronunciado, não é o verdadeiro eurotao, etc” (SLOTERDIJK, 2002: 150). Como o ocidente moderno o vem pronunciando é a questão, e por quê? O autor se refere a uma espécie de renascimento asiático no Ocidente moderno produzido pela incapacidade da sua racionalidade de repensar e, principalmente, viver para além da arrebentação cinética da sua mobilização. O Ocidente cansou e busca nas filosofias orientais um norte reverso para gastar os seus últimos recursos, mas pronuncia-o como já havia dito Edward Said,³⁸ buscando uma Ásia conveniente. Então, “Enquanto o Oriente real precipita na mobilização industrial, científica, política e militar, para deitar para trás das costas as suas antigas maneiras de pensar e de ser, o Ocidente passa por uma asiaticização cultural, para a qual não há paralelo histórico” (SLOTERDIJK, 2002: 58).

Para Jean Baudrillard, em *A sociedade de consumo* (1995), a fadiga é o novo “*mal du siècle*”, um sintoma coletivo das sociedades pós-industriais. O autor busca no significado da fadiga a contradição de um século que deveria contribuir para resolver as demandas por bem-estar, “é que a sociedade que se considera e se contempla em progresso contínuo para a abolição do esforço, para a resolução das tensões, para maior facilidade e automatismo, surge na realidade como sociedade de ‘stress’, de tensão, de ‘doping’”, e, ainda “os heróis do consumo sentem-se cansados. (...) A fadiga ou a ‘astenia’ interpretar-se-á então como resposta, sob forma de recusa passiva, do homem moderno às condições de existência”

³⁷ “Quem se põe em bicos de pés não se tem firmemente em pé. Quem abre as pernas não anda para a frente.” p. 150.

³⁸ Edward Said, *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Publicado em 1978.

(BAUDRILLARD, 1995: 193-4). Considerando também este agravante, Byung-Chul Han escreve uma série de ensaios sobre a sociedade atual global. O autor aborda a sociedade do desempenho sem desempenho, a sociedade do *doping*, em *A Sociedade do Cansaço*, numa escala oscilante entre os polos positivo e negativo. Positiva é a sociedade do excesso de estímulos, impulsos, atenção e desempenho que tem o seu revés no esgotamento anestesiado artificialmente. “O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma”, explica, ao pensar nas recentes enfermidades (depressão, *burnout*, déficit de atenção ou síndrome de hiperatividade) que evidenciam, no desgaste humano, o reflexo da condução maximizada da sua produtividade. Assim, a sociedade do cansaço deixa de ser negativa quando se expõe. O sujeito de desempenho “não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho, espera acima de tudo alcançar prazer. (...) Deve ser um empreendedor de si mesmo” (HAN, 2019: 83), as ordens do outro e o dever disciplinar, referentes à negatividade, são transformadas em novas coações; o autor traz considerações freudianas³⁹ a respeito da supressão da negatividade, das proibições e do dever.

Chegamos a um impasse. Se correr no ritmo da mobilização infinita causa atropelos, então, o que reduzir? A capacidade cinética das máquinas de corrida ou o *modus operandi* do seu condutor? O “arranca e para pós-moderno” descrito por Sloterdijk faz referência aos engarrafamentos nas grandes cidades, num esforço de se manter indo adiante por vias antes expressas, agora vertiginosas, atordoantes, engasgadas. “O automóvel é o que há de mais sagrado na Modernidade, é o centro da religião universal cinética, é o sacramento rolante que nos proporciona a participação naquilo que é mais rápido que nós próprios” (SLOTERDIJK, 2002: 37). Este intervalo de força do pisa e solta no acelerador pode ser a metáfora do consumo colaborativo do século XXI, movimento intencionado a desmanchar o movimento rompante, ao mesmo tempo em que gasta recursos de energia para o seu giro. Consumir e reconsumir o excedente da produção, criando outros circuitos de mobilidade das coisas, tardando a sua renovação produtiva e o aumento de lixo. Mas também, alimentando um sofisticado sistema de amparo da circulação. Sistema

³⁹ O autor desenvolve um longo diálogo com as obras de Freud, o qual não considero oportuno estender aqui.

este que desacelera aqui para acelerar ali. Por exemplo, ao consumir roupas de segunda mão, freando as confecções, estimula-se a correria dos brechós, dos *marketplaces* de usados, das entregas por correios, do uso do cartão de crédito, da disposição de um mercado operado por gente que se autoexplora numa garimpagem incessante atrás de objetos na cidade. Na outra ponta, está quem acolhe e incentiva este sistema ao consumir coisas e serviços, supostamente, livres das grandes corporações.⁴⁰ A *e-commerce* Estante Virtual sobrevive deste mesmo engasgo, reunindo livreiros sem direitos, nenhuma garantia de vínculo, nem segurança da continuidade da plataforma que, desde a sua criação em 2005, já foi vendida duas vezes por operadores de estilos completamente diferentes (Livraria Cultura e Magazine Luiza). O terceiro capítulo da tese vai pensar a Estante Virtual. Por ora, o problema conceitual do impasse da aceleração e a sua solução colaborativa nos atém.

Duas publicações são interessantes para tentar entender a virada atual do consumo colaborativo, ou compartilhado, conduzindo ao interesse recente pelos objetos de segunda mão. Dois livros populares em livrarias, *best sellers* sobre o assunto. O primeiro é o livro *Devagar: Como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade (In praise of Slow)* escrito por Carl Honoré, publicado em 2004, no Canadá, em 2005 aqui; o segundo é o livro *O que é meu é seu: Como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo (What's Mine Is Yours: The Rise of Collaborative Consumption)* escrito por Rachel Botsman e Roo Rogers, publicado em 2010, nos Estados Unidos, em 2011 aqui.

Devagar começa com a epígrafe “A vida não se limita a ir cada vez mais rápido”, citando Gandhi, imprimindo ao seu livro a ideia da busca no Oriente como solução para os seus excessos, “o problema é o que o nosso amor à velocidade, nossa obsessão em estar sempre fazendo cada vez mais em tempo cada vez menor foi longe demais” (HONORÉ, 2006: 14), entretanto, destaca no Japão aquilo que veio a se chamar *karoshi*, designação para “morte por excesso de trabalho”. Trazendo elementos de crítica e afinidade com o mundo não ocidental, que lhe parece marcado por diferenciações. Carl Honoré é um jornalista canadense que

⁴⁰ O *e-commerce* de roupas de segunda mão www.enjoei.com.br foi criado em 2009 como um passatempo de amigos aproximando “enjoados” e “consumidores de enjoos” de roupas que saíam e entravam de guarda-roupas comuns. Hoje, com 7,5 milhões de usuários, a plataforma divulga roupas de artistas da televisão e promove a venda de grandes grifes.

decide escrever sobre o *Slow Movement* e culto da velocidade enquanto aguardava na fila de embarque de um aeroporto europeu. Ele começou a se questionar sobre a “doença do tempo”⁴¹ e toda a pressa que envolve uma viagem a trabalho, isto lhe surgiu, porque lia um artigo de jornal sobre *História para fazer dormir em um minuto*, divulgação de um livro que se propunha a contar histórias clássicas da literatura infantil em apenas um minuto para fazer as crianças dormirem logo. Seu livro inicia-se com o levantamento de uma série de ocasiões e atitudes aceleradas, depois dedica cada um dos seus dez capítulos para apresentar movimentos específicos relacionados ao *slow movement*, como “os médicos da paciência” na medicina, “as vantagens de trabalhar menos” em trabalho e por aí em diante, sexo, lazer, comida, cidade etc. Em 2006, um ano após a sua publicação no Brasil, pela Editora Record, *Devagar* já estava em sua 4ª edição; neste tempo, o autor participava de eventos motivacionais relacionados ao consumo colaborativo.

O segundo *best seller* do consumo colaborativo, *O que é meu é seu*, levanta os seguintes “princípios de funcionamento”: massa crítica, capacidade ociosa, crença no bem comum e confiança entre estranhos, os pilares de uma socioeconomia emergente. Histórias pessoais são medidas para a verificação dos status de confiabilidade, afinal, este mercado se faz principalmente na internet. Ao comprar um livro na Estante Virtual, por exemplo, a garantia dos termos de sua modalidade de comércio proporciona a segurança de poder desistir ou devolver. Agora, quando o negócio comercial é feito no *e-commerce* e praticado fora dele, como Uber, Airbnb etc., a confiança entre estranhos precisa apresentar vantagens. Esta tendência de o consumo colaborativo buscar o convencimento nas relações baseadas em convicção: “reduzir, reciclar, reutilizar, reformar e redistribuir – e é considerada uma forma sustentável de comércio. Ela contesta o relacionamento tradicional entre produtor, varejista e consumidor, e interrompe as doutrinas de ‘comprar mais’ e de ‘comprar um novo’ (BOTSMAN; ROGERS, 2011: 62). Depois apresenta o lado da moeda corporativo:

Não só as coisas indesejadas que ele jogaria fora têm um valor para outra pessoa, mas também que um mercado de itens usados poderia ser um grande negócio. Itens que têm utilidade zero para uma pessoa ainda podem ter um valor de mercado ou de utilização para outra pessoa, mesmo que o item seja considerado desatualizado ou quebrado (BOTSMAN; ROGERS, 2011: 119).

⁴¹ Expressão de Larry Dossey, médico americano, 1982. Citado pelo autor.

Para Sloterdijk, a ética pode provir diretamente da cinética “Já não há imperativos éticos de tipo moderno que não sejam, ao mesmo tempo, impulsos cinéticos”, portanto, a desmobilização cria sentidos e um deles provém da escalada emergente do consumo colaborativo. Quando afirmo que os livros de segunda mão sempre estiveram por aqui e que, por ora, as atenções consumistas estão voltadas a eles, não pretendo atribuir-lhes a circulação tão somente a esta demanda, visto que já circulam muito antes da própria modernidade, mas:

fundir moralidade e física, motivos e movimentos numa unidade de ação. Este segredo leva ao centro ativo daquilo que a filosofia contemporânea chama de subjetividade. A sua essência é inseparável da misteriosa força de iniciativa que se manifesta como a capacidade de pôr em marcha *novas* séries de movimento intituladas ações (SLOTERDIJK, 2002: 32).

Mary Douglas e Baron Isherwood, em *O Mundo dos Bens* (1979, 2006) dizem que os bens, o trabalho e o consumo “têm sido artificialmente abstraídos da totalidade do esquema social” e que recuperar a sua unidade poderia ser um bom começo, os autores, uma antropóloga e um economista, pretendem com este livro pensar uma teoria do consumo independente das determinações de até então, tentando corrigir a versão da racionalidade econômica imposta através da abstração de suposto indivíduo racional. Por que as pessoas querem bens? A teoria cultural do consumo percebe-o independentemente tanto do comércio como da lei, numa relação que é livre, ainda que numa área de comportamento cercada por regras incluindo serviços profissionais e pessoas conduzindo a sua distribuição. Mary Douglas pensa na poesia como finalidade da linguagem, tal qual a do consumo seja dar sentido, assim, os livros na cidade ao serem consumidos, eles compõem como ativos um circuito em movimento e, justamente, ao se pensar cineticamente as operações que os envolve, ou sustentam, ou dão sentido, é que o seu giro vem à tona pela volta das atenções sobre objetos de segunda mão.

3. Livros na Internet

3.1 O livro mais difícil

Conheço uma pessoa aficionada por cinema e, em uma de nossas conversas, ela me contou que não assistia aos filmes em casa, na televisão ou no computador, porque, em algum momento, todos os filmes pelos quais ela se interessava, podendo ser o mais raro, *cult*, antigo, atual, alternativo ou *blockbuster*, seriam exibidos em algum dos cinemas de centros culturais do Rio e ela preferia esperar o tempo que fosse para assistir em tela grande; além de cinéfila, era também uma *ratinha de biblioteca*. Parei para observar, durante os quatro anos de doutoramento, e o mesmo vi acontecendo com os livros que eu me interessava e que, por minha vez, preferia não os ler no computador. O livro mais difícil, aquele que eu não achava em sebo algum, em biblioteca nenhuma, que eu vigiava durante seis meses, um ano... Um dia ele acabaria aparecendo na Estante Virtual. O mais intrigante ainda acontece quando, não resistindo a um livro que surge caríssimo, adquirido depois de muita ponderação, ele ressurgiu, inesperadamente, muito barato e disponível. Hoje eu tenho dois exemplares da mesma edição portuguesa de *A Mobilização Infinita*, de Peter Sloterdijk.⁴² Estive com este livro em minhas mãos no primeiro ano do doutorado, quando uma professora me emprestou, e eu aproveitei muito pouco da sua leitura, devolvendo-o poucos dias depois. Pensando bem, eu não conseguia lê-lo porque as anotações à lápis, de canto a canto, em todas as suas margens me sufocavam o ritmo da leitura, além disso, era uma polifonia ensurdecadora. Na minha cabeça juntavam-se à minha voz, evidentemente, a voz da professora nas anotações, numa entonação diferente da minha, mas reproduzida pela minha memória, e também a do próprio autor, não exatamente presa ao texto, porque era eu quem lia na minha intenção de dar-lhe sentido. Em 2019, eu fui atrás deste livro em bibliotecas públicas e universitárias e não achei em nenhuma delas, das cinco ou seis que conheço, incluindo a Biblioteca Nacional. Verifiquei também nos *sites* das maiores redes do país, Saraiva e Cultura, e nas independentes, Martins Fontes,

⁴² Livro publicado, originalmente na Alemanha em 1989, e traduzido para o português em 2002 pela editora Relógio D'Água, sem publicação até esta data no Brasil.

Leonardo da Vinci, Argumento... Lembrei que a Livraria da Travessa⁴³ tinha acabado de inaugurar uma filial em Lisboa e liguei pra uma de suas lojas no Rio para saber se, por um acaso, eles poderiam importar este livro pra mim, nada feito. Procurei na Estante Virtual e no Mercado Livre e nada, nenhum exemplar à venda. Na *Amazon.br*, o livro custava R\$ 450 com entrega prevista para 90 dias e na Estante Virtual, depois, ele apareceu por um sebo paulistano especializado em importação, custando R\$ 350 mais o frete. Eu soube depois que, ao comentar em um anúncio no *site* Mercado Livre a respeito deste livro, com oferta indisponível, o sebo de São Paulo teria se atentado para esta procura e feito a sua oferta. Cheguei à conclusão de que só me restava a opção de comprar diretamente de Lisboa e esperar os três meses até a sua chegada, fiz então uma busca nos *sites* das livrarias portuguesas e me deparei com um valor alto, incluindo as taxas de importação, entre elas a página oficial da Editora Relógio D'Água, a Fnac, a Bertrand e a Almedina. Então, adiei a sua leitura e fui habilitar o meu cartão de crédito para a função de compras internacionais. Inacreditavelmente, meu primeiro exemplar atravessou o oceano em julho de 2019 e veio parar em minhas mãos em menos de uma semana, porque um amigo estava retornando das suas férias em Lisboa e achou bastante razoável, até divertido – como ele disse –, aceitar a missão-aventura de percorrer as ruas de uma cidade desconhecida atrás de um livro de Filosofia Política. Ele foi comprado na Fnac, custando €15,14, arredondando para, à época, R\$70. O meu segundo exemplar veio, inesperadamente, quando eu tinha deixado de lhe perseguir, ou rastrear, em 20 de janeiro de 2020. Sabemos que o sistema operacional dos celulares com internet retém um número sem igual de informações a nosso respeito, referentes ao nosso histórico de buscas e também dos algoritmos dos próprios *sites* que visitamos, chegando a nos oferecer produtos de acordo com tendências de consumo etc. A Estante Virtual usa *gadgets* de propaganda para novas entradas no *site*, enquanto pesquisamos outras páginas na internet, e foi assim que o difícil livro de Peter Sloterdijk veio aparecer em destaque no canto do meu monitor, no valor de R\$13, pelo Sebo Logos Virtual⁴⁴ – que vendia mais onze títulos diferentes da

⁴³Endereço: R. da Escola Politécnica 46, 1250-096 Lisboa, Portugal. <https://oglobo.globo.com/ela/gente/livraria-da-travessa-abre-filial-em-lisboa-primeira-fora-do-pais-23724001>.

⁴⁴<https://www.estantevirtual.com.br/livreiros/sebologosvirtual?editora=religio%20d%20agua&ofset=1>. Sua apresentação no *site*: “Sebo Logos Virtual, Rio de Janeiro - Rio de Janeiro. Trabalhamos com venda de saldos e pontas de estoques de livros novos e compra e venda de livros usados. A

editora Relógio D'Água. Eu não quis saber se estava novo, usado, rabiscado, colorido... Comprei-o imediatamente e, depois disso, tenho vigiado a sua movimentação nos *sites* brasileiros, assim como um passatempo acadêmico, para não dizer uma obsessão quase bibliófila.

3.2 Encadeamento arbitrário

Decidi começar pelos sebos virtuais, os quais, como de praxe, finalizam uma obra sobre livros, porque o digital e a internet vêm sendo abordados como futuro e as obras são organizadas, em sua maioria, seguindo um roteiro linear de passado, presente e futuro num encadeamento arbitrário. Esta escolha me pareceu importante para destacar ótimos fios condutores e através deles foi possível percorrer toda a cartografia do circuito carioca do livro usado. Por tratar-se da venda de livros físicos em um ambiente digital, a Estante Virtual participa do circuito de movimentação dos livros usados na cidade, grandes *sites* que comercializam livros digitais e novos, como a Saraiva.com e a *Amazon.br*, não oferecem esta trilha. O acervo da Estante Virtual é abastecido por contas de sebos que, por sua vez, precisam montar os seus estoques através da garimpagem de livros, numa rotina misteriosa, incerta e desconhecida para não livreiros.

Um acervo de livros novos é composto através das listas de pedidos endereçadas às editoras e distribuidoras, podendo inclusive fazer importações, consignações, devoluções e manter excedentes nos depósitos; a sua fórmula logística não difere de outros negócios. Os *sites* com forte volume de livros digitais, como a *Amazon*, operam através da sua insuperável variedade, permitindo que os autores, independentes das editoras, também possam publicar seus *e-books* de maneira simplificada, “transforme seu texto em *eBook* com apenas um click”. A Estante Virtual depende da disposição aleatória dos livreiros atuando em um circuito movente na cidade, pois quando eles saem de casa para garimpar os livros mais difíceis ou mais baratos ou aqueles que não transitam mais entre os novos nas livrarias, eles não fazem absolutamente nenhuma ideia do que vão encontrar, diferentemente da segurança e previsibilidade da logística de livros novos. Este

livraria possui 10 anos de funcionamento. Membro desde 15/08/2008, 1039 livros cadastrados. 94% de avaliações positivas nos últimos três meses”.

mistério, a sua imprevisibilidade e a diversidade não programadas das suas buscas, confere a Estante Virtual o seu caráter abrangente, a sua *cauda longa*.

Mas que fios condutores são estes que se destacam ao iniciarmos a tese pelos sebos na internet? Os livreiros entrevistados ao longo da pesquisa de campo, os que mantêm livrarias e também aqueles que vendem os livros em bancadas nas calçadas, os que participam de feiras de antiguidades e os livreiros que vendem exclusivamente na internet, todos eles apontam a Estante Virtual como responsável por uma parcela significativa de suas vendas e, para atender a sua demanda, até os sebos mais tradicionais e resistentes à internet digitalizaram a busca no acervo, cadastrando os livros diretamente no *site*. Forte diferenciação é marcada entre livreiros com espaço em loja e livreiros que precisam guardar os livros em casa, a desigualdade referente à quantidade de funcionários, espaço para depósito e aquisição do estoque é invisibilizada na plataforma. Com a Estante Virtual, surge uma categoria de livreiros independentes dos sebos, sem ponto de captação de livros e precisando rodar a cidade, numa garimpagem sem precedentes, visitando residências, portarias de prédios, associações beneficentes, universidades, feiras de antiguidades, gráficas, depósitos de coleta de papel e também o lixo urbano. A Estante Virtual participa do circuito de livros de segunda mão diretamente na cidade, a exposição dos livros no *site* é apenas a ponta aparente de uma série de atravessamentos impulsionados na interface virtual e concluídos no mundo físico. Este capítulo é dedicado a pensar sobre o *e-commerce* de livros usados por meio das trajetórias de dois livreiros independentes: Enilson e Eduardo.

3.3 Google Book Search

Nem o *eBook*, nem o seu suporte *Kindle* e nem o *Google Book Search* foram suficientes para inverter ou, mesmo contrabalancear, o interesse pelo livro físico, tanto que empresas importantes no mundo, como a *Amazon*, continuam vendendo brochuras por valores maiores do que custam os *eBooks*. A questão depois dos anos 2010, essencialmente, foi saber como vender mais livros materiais e como inserir estas vendas em um universo de aplicativos e plataformas de vendas de tudo, o livro material não foi substituído, ele não acabou. O receio de Robert Darnton em *A Questão dos Livros: passado, presente e futuro* (2010) sobre a proposta do Google de digitalizar as maiores e mais importante bibliotecas do mundo, como a biblioteca

de Harvard, controlando o acesso à informação pelos livros, não foi realizado como ele esperava ou temia, a informação aberta ou paga através de plataformas ainda não desmonta o circuito do livro físico. O eixo digital veio a se tornar um imperativo do mundo corporativo, não pelo conteúdo digitalizado, mas sim pelo suporte *online* empregado, como plataformas de vendas que acabaram também cumprindo o papel de cadastrar quase todas as bibliotecas do mundo. “Em junho de 2007, fiquei sabendo que Harvard estava envolvida em conversas secretas com o Google, a respeito de um projeto que me tirou o fôlego”, e continua o autor, “O Google planejava digitalizar milhões de livros (...) Tudo seria baseado num banco de dados que se tornaria a maior biblioteca do mundo, (...) jamais sonhada desde a biblioteca de Alexandria.” (DARNTON, 2010: 9).

“Que vantagens mútuas conectam as bibliotecas e a internet?”, pergunta na introdução do seu livro, talvez ele estivesse olhando para os planos do Google e para o crescimento da “ameaça *eBook* e pdf”. Esta conexão entre bibliotecas e internet pode ser vista através das plataformas de *e-commerce* que acabaram por cadastrar uma imensidão de bibliotecas particulares em todo o mundo para fins de venda do acervo físico e não digital. Grande ironia. Outra coisa a se pensar também é que a coisa material está em voga, os suportes considerados antigos, retrô, *vintage*, a coleção, o ato de colecionar e o objeto tátil têm as atenções voltadas para si e as plataformas digitais no universo *on-line* possibilitam hoje a obtenção da coisa material. Na dependência da informação, por vezes, apenas disponível em conteúdo digital, pdf principalmente, pesquisadores se veem impossibilitados de ter acesso ao livro físico, tanto por sua raridade, quanto pelos cuidados da sua preservação pelas bibliotecas públicas e universitárias que apenas disponibilizam para consulta, ou mesmo pelos altos preços de venda. Edições esgotadas, difíceis, muito caras ou protegidas por direitos autorais são digitalizadas pelo Google atendendo a este setor. “Quando empresas como o Google olham para bibliotecas, não enxergam meros templos do saber, veem ativos econômicos em potencial, aquilo que chamam de ‘conteúdo’, prontos para serem explorados” (DARNTON, 2010: 29). Mas os pesquisadores interessados em obras raras, acadêmicas ou difíceis, não formam o mercado de livros mundial. As grandes editoras e o Google não podem disponibilizar ou publicar apenas livros digitais para um mercado que ainda consome, e muito, livro material e que pretende fazer coleção, que consome o objeto também, que lê e compra rápido, para estes leitores o conteúdo digitalizado

não emplacou. Os pesquisadores precisam do conteúdo digitalizado, o restante de leitores pode ou não precisar. Então é vantajoso trabalhar com as duas frentes de livros digitalizados e brochuras, via *marketplaces*, resultando na investida de *sites* como a própria *Apple*, *Amazon*, *AbeBooks*⁴⁵ e a Estante Virtual, no Brasil, em vender livro físico em ambiente digital.

Em seu livro *Instruções para um futuro imaterial* (2019) Stefano Quintarelli – especialista em Tecnologia da Informação e ativista mundial da regulação e direitos na internet – explica o que ele chama de “infosfera”, ao afirmar que a internet é absolutamente real, sendo o lar da dimensão imaterial do mundo. *Apple*, *Amazon*, *Internet Bookshop* (IBS) são os principais distribuidores de livros digitais do mundo, “mercados imateriais”, os direitos de uso, condições aceitas, licença de uso, cláusulas contratuais e seus mecanismos básicos de operação, políticas de regulamentação e a obrigação de suportes exclusivos produzidos pelos distribuidores de conteúdo deixam de incentivar o crescimento deste mercado em relação ao livro material. Para Quintarelli, a infosfera não é mais segura do que as transações convencionais fora dela, lembrando algumas consequências da imaterialidade, a *Amazon* deletou, sem aviso, “dois livros do autor George Orwell de todos os dispositivos por conta de um problema de direitos autorais” e ainda “um tribunal condenou a *Amazon* a pagar 150 mil dólares a um garoto que perdeu seus livros de George Orwell (...) resumindo, nós, leitores, teremos menos controle sobre nossos livros com um mero direito de uso”⁴⁶ (QUINTARELLI, 2019:153). No entanto, para ele, a diferença de predileção entre leitores de *eBook* e livro físico tende a diminuir com o aprimoramento dos suportes *e-reader*, novas tecnologias de cor e adaptação da leitura em tela durante mais tempo. De acordo com o autor, a tradicional forma de propriedade seria substituída por uma licença de uso, um contrato entre usuário e o distribuidor, então, as plataformas de livros digitais não venderiam livros, e conclui, “elas concedem licenças de uso para arquivos que apresentam o conteúdo anteriormente impresso nas páginas de um livro”.

⁴⁵ A *AbeBooks*, portal de vendas de livros canadense, comprada em 2008 pela *Amazon*, no mesmo ano que inicia as suas atividades no Brasil sob o nome de Gojaba. Ver: “A guerra das traças” em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1302201007.htm>.

⁴⁶ <https://www.nytimes.com/2009/07/27/technology/companies/27amazon.html>.

3.4 Estante Virtual

Como num mito de origem, o jovem André Garcia narra o surgimento da Estante Virtual pelos idos de 2004, enquanto ocupava um quartinho nos fundos do apartamento do seu avô, em terras cariocas. Neste tempo, o rapaz formado em Administração fazia os exames para ingressar no curso de Mestrado em Psicologia numa Universidade de São Paulo. Exausto da leitura de cem livros ao longo de um ano e dependente dos empréstimos em bibliotecas, conhece pela primeira vez os descaminhos e a obscuridade dos estabelecimentos mais desafiadores da cidade: os sebos. Como num rompante de coragem, o destemido moço regressa ao lar com o desafio da mudança das coisas, então reúne todo o seu conhecimento num plano: a libertação dos livros acadêmicos mais difíceis de se encontrar. Por fim, viaja pelos quatro cantos do seu mundo convidando ilustres livreiros para a sua jornada, convence-os de exhibir os seus tesouros numa dimensão encantada, tornando-se o mais poderoso mercador de livros raros que existe.

Procurar livros nas estantes de sebo envolve algumas peculiaridades de atenção e até mesmo técnicas corporais (MAUSS, 2003), lembra o criador da Estante Virtual, André Garcia, quando perguntado sobre as suas dificuldades em achar o que procurava, ainda quando precisava buscar as livrarias físicas especializadas em livros de segunda mão; uma delas era movimentar a cabeça ora de um lado, ora de outro, tentando ler as lombadas. André fala desta experiência durante uma entrevista,⁴⁷ em 2009, nesta ocasião a Estante Virtual já agrupava 1.500 sebos e registrava 300 mil buscas diárias. A Estante Virtual vai ao ar em 2005, após um ano de planejamento, enquanto apenas “meia dúzia de sebos”, lembra André, possuía *sites* na internet com acervo registrado, outros cem em todo o país eram apenas *homepage* com fotos e *link* de *e-mail*. A plataforma pertenceu à Livraria Cultura entre dezembro de 2017 e fevereiro 2020, quando foi vendida para a rede Magazine Luiza, reunindo, atualmente, 2.699 sebos, com acervo total de mais de 19 milhões de livros à venda e 14 buscas por segundo no horário comercial. Em 2008, a Estante registra os primeiros mil livreiros cadastrados; em 2010, o primeiro milhão de leitores cadastrados; em 2013, o início da venda de livros novos; em

⁴⁷ <https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/andre-garcia-criador-do-site-estante-virtual/>.

2015, somam 15 milhões de livros no acervo e, em 2018, 20 milhões de livros vendidos.

As citações referentes ao André Garcia, que farei aqui, advêm da transcrição que fiz de duas entrevistas suas para os seguintes canais no *YouTube*: *Man in the Arena*,⁴⁸ com 49:37 minutos, em 2015, e *Portal Literal*,⁴⁹ com 12:12 minutos, em 2011. Busquei o seu contato junto aos livreiros entrevistados, durante a pesquisa de campo, alguns o conheciam, porque André costumava visitar as livrarias com alguma frequência e também porque percorreu as mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro apresentando-lhes a proposta da plataforma, quando iniciou o seu projeto, no entanto, devido à mudança de direção da Estante Virtual em 2017, os livreiros perderam o seu contato. Estas duas entrevistas, citadas acima, são respectivamente as maiores e mais completas que tive acesso ao fazer diversas buscas ao seu respeito. Nas citações usarei (GARCIA, *Man in the Arena*, 2015) e (GARCIA, *Portal Literal*, 2011).

Aquilo [o pequeno número de sebos com acervo cadastrado na internet] me chamou atenção em termos de desigualdade, em termos de oportunidade e de achar livros, e eu, como marketeiro de longa data, vi que naquilo existia uma oportunidade. Curioso é que eu precisava complementar minha renda pro mestrado, foi, ao mesmo tempo, pela experiência em procura de livros e a minha necessidade de complementar a minha renda que eu tive a ideia da Estante. Visitei todos os *sites* e fui catalogar, comprei guias de sebos, fiz um banco de dados com eles todos, de modo que, quando eu lançasse o *site*, eu já saberia pra quem ligar e disparar mala direta. Em setembro de 2004, eu tive a ideia. Eu aprendi programação pra fazer a Estante. Durante um mês, eu engoli alguns livros de programação, eu estava num ritmo de leitura muito forte, eu passei de Freud pra *Java Script* em um mês. Depois disso, eu comecei a planejar o serviço em termos de *marketing* do que eu tinha na cabeça. Foi um ano neste processo, que foi o ano sabático que eu tirei trabalhando no quartinho de empregada da casa do meu avô, aí nasceu a estante depois de um ano. Foi lançado em outubro de 2005, no final de 2005, tinham uns trinta e poucos sebos no ar, em uma semana eu já tinha doze, que era o dobro dos sebos que tinham acervo na internet antes da Estante. Estes primeiros que entraram me contaram que já estavam esperando por isso há muito tempo, outros falaram que também já tiveram esta ideia antes. A Estante surgiu como um negócio efetivamente inovador que conectava estes sebos, estas lojas que já existiam, que conectadas elas serviriam pra um outro propósito, não só pra garimpar livros em loco, conectados eles comporiam o acervo que você poderia comprar aquele livro que você quer. A prática física nos sebos que hoje ainda é assim é você ir e ver se o livro te acha, este é o barato de ir num sebo. A gente totalmente acredita nisso, a gente não acredita em migração pro virtual, em fechamento de loja, a Estante acredita que a loja é vital pro negócio pelo contato com o livreiro que estimula a leitura e, mais do que isso, para a aquisição de livros, porque o sebo compra livros de pessoas físicas e a loja é um ponto de captação, então, isso é crucial para o negócio. Você

⁴⁸ https://www.youtube.com/watch?v=GjU_Ic0TVqQ.

⁴⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=3d0Yt4fvPgW>.

quer fazer espaço na sua casa ou você tem meia dúzia de livros que você já leu e você quer renovar... Fazer girar esta rede. Foram 14 milhões de livros já. Tem gente que escreveu livros há muito tempo e não tinha mais nenhum exemplar, o autor não tinha e achou na estante virtual. Tem gente achando livro que o avô escreveu e que a família também não tinha. Isso falando de livros raros e esgotados, né? Mas isso não é a maior parte do negócio. A maior parte do negócio são livros seminovos, quem não é cliente do mercado de sebo e de livreiros acha que é coisa pra livros raros e coisas de sebo, mas não é só isso. O sebo hoje tem qualquer livro que você imaginar, inclusive, livros recém-lançados e por um preço super especial. (GARCIA, *Man in the Arena*, 2015).

A Estante Virtual foi apelidada de “Google dos Sebos”⁵⁰ e não à toa, pois se tornou, além do principal portal de buscas de livros de segunda mão, uma referência sobre a atualização destes estabelecimentos. Se um sebo abre e outro termina as suas atividades ou, se um sebo muito antigo e resistente à internet decide cadastrar o seu acervo, é pela Estante Virtual que nos informamos. Além disso, através da busca nos cadastros é possível rastrear os sebos de todo o país, mapeando-os por estilo, perfis etc. “Edifício Maletta [BH] é a maior concentração de sebos do país, (...) um sebo de lá me falou: ‘está vendo esta prateleira aqui, todos os livros de Heidegger, é o maior acervo de Heidegger para pronta entrega do país’” (GARGIA, *Man in the Arena*, 2015). Na tabela, a seguir, apresento a estrutura atual de catalogação da Estante Virtual, através de três planos para associados, sendo cada um deles referente ao número de livros cadastrados: Plano Prateleira, até 2 mil livros; Plano Estante, entre 2 mil e 20 mil livros, e Plano Catálogo, entre 20 mil e 500 mil livros. Os dados da tabela estão divulgados no *site* oficial da Estante Virtual e foram organizados por mim para esta tese, privilegiando o cadastro geral para as categorias em “Brasil” e os dados sobre o estado do Rio de Janeiro. No *site*, esta informação está disponível através da ferramenta de busca “Sebos & Livreiros”, separando os resultados por estados do país.

Tabela 1: Sebos por planos de adesão à Estante Virtual.

Plano Prateleira RJ				
Total de contas: 309	Total de acervo: 148,673	Maior acervo: Livraria Europa Prime, Rio de Janeiro, RJ. 1.998 livros	Mediana: Duas Capas, Maricá, RJ. 276 livros	Menor acervo: Cassar Livros, Rio de Janeiro, RJ. 1 livro
Plano Prateleira Brasil				

⁵⁰ <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-google-dos-sebos>. Publicação de 12/05/2009.

Total de contas: 1.497	Total de acervo: 1,969,369	Maior acervo: Livraria Europa Prime, Rio de Janeiro, RJ. 1.998	Mediana: Quitanda de Livros, São Paulo, SP. 337 livros	Menor acervo: Dilmara Leite, Feira de Santana, BA. 1 livro.
Plano Estante RJ				
Total de contas: 98	Total de acervo: 771,818	Maior acervo: Raízes Livros, Niterói, RJ. 19.652	Mediana: Livraria Diálogo, Niterói, RJ. 6.048 livros	Menor acervo: Luciano Livreiro, Duque de Caxias, RJ. 2.003 livros
Plano Estante Brasil				
Total de contas: 708	Total de acervo: 5,683,218	Maior acervo: Lugar do Livro, Piracicaba, SP. 19.995 livros	Mediana: Caminhos do Saber, Rio de Janeiro, RJ. 6.911 livros	Menor acervo: Sebo Carpina, Carpina, PE. 2.000 livros
Plano Catálogo RJ				
Total de contas: 12	Total de acervo: 368,598	Maior acervo: Livraria Sebo Panorama, Niterói, RJ. 48.455 livros	Mediana: Livraria Diálogo e Cultura2, Macaé, RJ. 27.670 livros	Menor acervo: Livraria Republicana, Niterói, RJ. 21.396 livros
Plano Catálogo Brasil				
Total de contas: 181	Total de acervo: 8,705,039	Maior acervo: Um Livro, Cotia, SP. 2.341.351 livros	Mediana: Jorge Farias7, Diadema, SP. 36.420 livros	Menor acervo: Livraria a Livreira, São Paulo, SP. 20.049 livros

Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/garimpepor/sebos-e-livreiros>. Dados da tabela divulgados no site e mensurados por mim em dezembro de 2019.

3.5 Feira da Praça XV

Foi na Feira de Antiguidades da Praça XV que eu conheci o Enilson, um dos livreiros mais antigos no portal de buscas Estante Virtual, no dia 25 de maio de 2019. Nesta ocasião, eu já havia me aproximado do Alexandre, seu amigo, e era a terceira vez que nos encontraríamos para conversar. Alexandre é um livreiro que conheci na Rua do Catete e sobre ele vou explicar melhor no capítulo 4, Livros no chão. Desde 2007, Enilson atua exclusivamente na EV⁵¹ como “leitor-vendedor” (categoria de plano gratuito para os primeiros associados, desde 2005) ele percorre todo o circuito se relacionando com outros livreiros na cidade, seguindo o rastro dos livros por sebos de lojas, sebos de calçada, feiras, universidades etc. Sabendo

⁵¹ Abreviatura para Estante Virtual.

disso, organizei as citações do meu caderno de campo compreendendo as suas relações, então, Enilson volta a circular em outras partes da tese e, por sua vez, livreiros atuantes noutras partes do circuito também aparecem aqui, como é o caso do Alexandre.

Anotações no caderno de campo. Data: 25/05/2019:

Feira da Praça XV. Cheguei na feira às 16h. Eu carregava uma mochila e uma bolsa de ombro tipo eco bag com roupas e livros comprados ali mesmo, enquanto eu aguardava o Alexandre mais cedo, e com os sapatos garimpados na vinda de quando eu passei pelas calçadas da Central, eu estava caminhando com peso. Chegando, passo direto pela feira oficial no intuito de encontrar o shopping chão que ficava ali depois das barcas, fui correndo tanto que só pude observar nas mesas desmontando e o movimento dos caminhões da organização. Não tinha mais feira no chão, avistei somente umas pessoas e um cachorro reunidos no local e já se preparavam pra sair, também não vi mais nada de xepa, era tarde demais. Volto atravessando a Praça XV, a caminho do CCBB, porque pensei em assistir um filme. Naquele dia, eu havia perdido o contato com Alexandre, então, avisto na direção do Arco do Teles outras pessoas reunidas, pensei que poderia ser a xepa de final de feira. Não pude acreditar, fui me aproximando e vi que eram livros, um monte de livros, uma montanha deles, ainda com capas, ali no chão, sendo revirados num canto da praça. Caminho diretamente a me juntar a eles. Avisto um homem que penso ser o Alexandre, olho bem à distância, era o Enilson, depois vejo o Alexandre que estava do lado dele. Por um minuto, todo o peso das bolsas e o cansaço das pernas desapareceram, corri lá. Tinham mais dois professores do Estado, Enilson também era, ele leciona História, e uns curiosos e outros catadores de xepa. Todos homens, uns oito, até a Shaina chegar, e assim que avisto a Shaina, me sinto num roteiro aberto, ela é poeta de rua, e nos conhecemos da época da minha monografia de graduação, quando escrevi sobre o seu grupo de artistas.⁵² Era realmente uma montanha de livros revirados. Todos separam, apalpam, escolhem e levam na bolsa os livros que querem. Alguns estão com o celular na mão e ao seu lado têm algumas pilhas de livros separadas, eles verificam alguma coisa na internet. Eu e Alexandre nos abraçamos e tentamos explicar um pro outro por que nos desencontramos. Enilson é amigo de Alexandre e eles se conhecem há muito tempo. Enilson compra livros e garimpa também pra vender na Estante Virtual. Mora em Niterói, trabalha como professor em Niterói e no Rio. Depois que escolheram os livros, o restante dos outros ficou no monte. Fotografei os livreiros, os livros no chão e a Shaina. Eles se curvavam esticando os braços e se agachando para catar os livros. Um gari da Comlurb que limpava a praça veio com uma minicaçamba, uma dessas lixeiras de rodinha para recolher os livros que sobraram. Neste momento, eles ainda escolhiam os livros e falavam sobre os que prestavam e os que não prestavam. O rapaz da limpeza não estava com pressa e os livros que ele recolheria não iam por

⁵² Eu defendi a monografia “Um outro eixo em circulação das artes: O poetas volta às ruas”, no curso de Ciências Sociais ICS-UERJ, em 2013. Esta pesquisa foi realizada junto aos poetas fanzineiros que atuavam nas portas de centros culturais na cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião, conheci a Shaina, uma das poucas escritoras entre muitos artistas homens. Assim que a vi também selecionando livros na feira, pensei estar num momento de escape, numa dimensão temporal suspensa, ou melhor, num roteiro aberto em que uma personagem conhecida de outro filme atravessa a cena, num *crossover* pós-moderno. Mas a cidade é pequena e os seus fenômenos, inevitavelmente, encontram-se acumulando e refazendo outras cenas e são novamente investidos de significados, tanto aos meus olhos de pesquisadora, quanto aos seus na medida em que estão todos em relação, entretanto, não voltei a vê-la.

falta de tempo pra selecionar, mas porque não prestavam mesmo de acordo com os avaliadores da ocasião. Ficaram os livros técnicos, *pockets* em língua estrangeira, a maioria em francês, revistas velhas e não antigas, literatura universal em português na milésima edição, enfim, aquilo que eles chamam de *saldo*, com baixo valor comercial e que não valem o peso e o esforço de carregar. Os livreiros cadastrados na feira, os que expõem os livros nas mesas, costumam descartá-los no final da feira muito devido ao peso e à renovação constante do acervo das barracas. Observando enquanto o gari recolhia o restante dos livros, Enilson falou sobre a sua experiência com as vendas na Estante Virtual, sobre livros valiosos que já vendeu e comprou e sobre as regras do *site*. Marcamos uma conversa para a próxima quarta, dia 29/05, na PUC, pois ele mencionou um sebo que ocorre a cada dois meses nos *pilotis* e convidou o Alexandre também para ir. Saímos da Praça XV em direção à Avenida Rio Branco, porque o Enilson queria pegar o metrô na Carioca ao mesmo tempo em que eu acompanharia de ônibus o Alexandre até Botafogo. Já passava das 17h num final de semana, as ruas do centro da cidade ficavam vazias e as nossas mochilas, bolsas e malas carregadas de livro.

O manuseio constante do celular pelos livreiros enquanto eles selecionavam os livros na feira era intrigante, porque estava evidente não se tratar de verificações particulares, mas sim de uma atitude coletiva frente ao aparelho, aliás, com o aparelho. As consultas definiam o tamanho das pilhas de livros que se formavam na praça, em algumas ocasiões, um livreiro se levantava indo mostrar o *display* para o outro, e nele viam motivo de graça e de contestação. Era impressionante a habilidade com os aparelhos que passavam de uma mão à outra ao mesmo tempo em que eles reviravam o monte de livros. Na quarta-feira combinada, nos encontramos nos *pilotis* da PUC, Enilson veio ao meu encontro trazendo sacolas de mão, dessas reforçadas na costura das alças, aquelas bem grandes que são vendidas nos caixas de supermercado, junto às sacolas, ele também segurava o celular. Paramos para observar o movimento do sebo sentados em um banco de cimento que ficava ao lado da exposição, nos apresentamos melhor e começamos a falar sobre livros, acomodados entre as bolsas e os aparelhos, porque ele permitiu que a entrevista fosse registrada através do gravador de áudio. As mesas do sebo estavam lotadas de pessoas olhando e algumas também compravam muito e carregavam bolsas, sobre as quais Enilson apontava dizendo reconhecer quem comprando livro para revender, “se uma pessoa está olhando um preço de livro na Estante Virtual, eu já sei que é vendedor, porque uma pessoa que vai simplesmente comprar, ela não vai ver preço na Estante Virtual, ela vai comprar por interesse dela”. Mas como você sabe observando daqui quem está olhando na Estante Virtual?, ele

seguramente me responde “se eu vejo aquela “tarjinha” vermelha no celular eu já sei”. O enigma das verificações combinadas no dia da feira estava solucionado.

No seu irônico *Manifesto Ciborgue*, traduzido para o português no livro de sua organização *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*, Donna Haraway procura desfazer as fronteiras entre as categorias de natural e artificial (natureza e cultura), “um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção”, imagine, então, que esta criatura está incorporada no pacato e supostamente tradicional livreiro de sebo, se revelando astuto em tecnologia, concebendo a ideia do corpo como uma máquina de alta *performance*, suportando o forte peso das bolsas lotadas de livros e equilibrando-as num acoplamento de mãos e celulares. A tarja vermelha que Enilson decodifica, ao olhar no *display* dos outros livreiros, é uma faixa no *layout* do *site* indicativa para cada título procurado em uma lista referente às suas entradas. Depois de digitar o nome de um livro na busca, o seu resultado é apresentado em seguidos registros ocupando toda a sua página, contendo neles o seu valor, autoria e quantidade de ofertas e, para cada registro, aparece uma faixa vermelha onde se lê “ver livros”, ao clicá-la é possível conferir os detalhes de cada item, como endereço do sebo, sinopse do livro e a descrição das suas condições físicas. Outra tarja vermelha aparece também, quando já selecionamos o livro procurado, neste caso, ela indica “adicionar ao carrinho”. O ensaio de Donna Haraway propõe a dissolução dos “tipos de seres” ao confundir as suas ontologias, da subjetivação da máquina e a mecanização do humano quando “as coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação. Este ensaio é um argumento em favor do prazer da confusão de fronteiras” (HARAWAY, 2009: 37).

E quais são os livros que *prestam* e os que *não prestam* para vender na internet? De acordo com os livreiros, estas categorias são empregadas estritamente no sentido da aprovação e desaprovação no contexto da venda na internet e, para esclarecer as suas escolhas literárias, os livreiros travam bons diálogos a respeito dessas definições. Não é comum ouvir um livreiro dizer que Machado de Assis não preste ou mesmo que Shakespeare não preste por tratarem-se de autores clássicos da literatura, reconhecidos e, convencionalmente, indicados nas primeiras páginas dos *sites* que vendem livros e nas mesas de destaques permanentes nas livrarias físicas. Entretanto, *Dom Casmurro* e *Romeu e Julieta* (em português) costumam,

inicialmente, entre R\$6 e R\$600 e entre R\$4 e R\$188, respectivamente, os valores mais baixos cobrados por um livro na Estante Virtual. A busca por *Dom Casmurro* resultou em 786 novos e 2.387 usados no total de 3.173 exemplares em 600 vendedores e, deste total, 1.404 deles custam até R\$12. Obras de Machado de Assis chegam a custar mais do que Shakespeare, levando em consideração que é um autor nacional e que a oferta por livros raros é, por este motivo, mais comum, ainda que as suas primeiras edições raríssimas não circulem no *e-commerce* doméstico, pois se encontram nos catálogos de leilão, tanto no Brasil, quanto no mundo – assunto tratado no capítulo 6 “Colecionadores de Livros”. A busca por *Romeu e Julieta* resultou em 906 novos e 2.660 usados no total 3.566 exemplares em 682 vendedores e, deste total, 1.196 deles custam até R\$12.

Era como num jogo de batatas quentes, na correria para descartar um e procurar outro, os livreiros tinham poucos instantes para fazerem as suas avaliações sobre os livros, dentro da lógica: se o livro da vez era *O amante de Lady Chatterley*, um deles dizia que “realmente, este livro vende! Nunca sai de moda água com açúcar picante!”, a batata pulava de mão em mão, porque aparecia alguém interessado em acrescentar “mas este livro... pela sua edição... mas o autor...” e ressaltavam um detalhe aqui, outro ali, fazendo questão de deixar bem claro que conheciam muito bem as obras que descartavam. A expressão que os livreiros usam para classificar os membros do seu grupo e definir o seu ofício e a sua lógica é *conhecer de livro*. Quem não *conhece de livro* é vendedor, não livreiro. É compreensível que um livreiro decida não vender *Madame Bovary* e prefira vender *Casais inteligentes enriquecem juntos*, entretanto, é atribuição sua explicar para os outros por que toma esta decisão, enumerando as características tanto de um quanto do outro, demonstrando a sua ilustração. Esta expressão é melhor compreendida ao longo dos capítulos através da *garimpagem*. Os livros que *não prestam* para vender na internet são aqueles que demandam um esforço não equivalente a sua recompensa, em termos econômicos estritos, mas também envolvendo outras variáveis como: mesmo um livro sendo adquirido “de graça”, um importante conhecimento anterior ao seu encontro é indispensável e valioso em termos de economia das relações e da experiência como livreiro que *conhece de livro*, então, ao chegar até a feira no dia e horários corretos com equipamentos adequados para o garimpo, bolsas e celular, tendo ainda à ponderação da economia do espaço para guardar os livros em casa, a *expertise* na atividade de embrulhar, a logística do envio

e a prontidão no atendimento *online*, tudo isso conta na hora da decisão e, consequentemente, para a sua avaliação.

Figura 1: Livros na casa do livreiro Enilson



Fonte: Fotografias de Enilson cedidas para a tese, em 2019.

Transcrição de parte da entrevista realizada por mim com o livreiro Enilson.

Data: 29/05/2019

PUC-Rio, Sebo nos *pilotis*. A minha trajetória com livros usados é desde o início da faculdade na década de 1990. Eu passava em todos os sebos, eu sempre fui um leitor profícuo e eu nunca gostei muito de xerox. Eu sempre procurava, quando eu tinha dinheiro, comprar o livro mesmo usado, então eu conhecia todos os sebos da cidade e de Niterói também, eu vasculhava e encontrava normalmente os livros. Principalmente no horário do almoço eu tinha tempo para poder ir nestes sebos e adquirir os livros que eu desejava, mesmo que fosse pra ler só um capítulo, durante todas as minhas faculdades e desistências de faculdade. Eu iniciei e não concluí os cursos de Biblioteconomia na UFF, Filosofia na UERJ, Economia na UFRJ. Eu

concluí os cursos de História na UFF, Filosofia na UFRJ e Direito na UERJ. Eu entrei para um Mestrado em Filosofia na UFRJ e eu havia passado em vários concursos públicos naquele momento, por isso tive que adiar o Mestrado, dando preferência para outra graduação. Eu não podia largar o trabalho porque eu não era rico e tinha acabado de entrar, não tendo direito à licença sem vencimento, por isso acabei perdendo o Mestrado. Passou algum tempo, eu entrei em Direito na UERJ, no final da década de 1990, porque eu decidi que eu precisava ganhar dinheiro desesperadamente, porque este negócio de ficar lendo não dá dinheiro. E primeiro eu tentei a Economia na UFRJ, passei e não consegui acompanhar, porque o meu trabalho teve uma modificação no horário e passei a trabalhar mais vezes na semana. Eu faltava a muitas aulas de Economia na UFRJ, porque eu dava aula de História em Realengo, no município do Rio. Eu abandonei Economia que era um curso integral e, no ano seguinte, eu fiz vestibular e fui fazer Direito na UERJ, que era um curso noturno. Era super concorrido na época, mas eu já era formado em História, então, fui até muito bem colocado e resolvi fazer Direito que era muito agradável de se estudar, mas ninguém ali estava afim de estudar nada, todo mundo ali estava afim de ganhar dinheiro. Eu até estava afim de ganhar dinheiro, mas eu sempre fui hipnotizado por esta coisa de estudar e acabei fazendo um curso de direito bom na teoria, mas péssimo na prática, que é o essencial para exercer o Direito. Você tem que fazer estágio, você tem que saber conversar com um juiz, como tratar as partes e isso só a experiência que dá e não só a teoria. Então eu não exerço, apesar de ser formado em Direito. Durante a faculdade de Direito, eu tinha este ímpeto de comprar livros em vez de tirar xerox. (...) Eu continuei comprando os livros de teoria do Direito em Sebos, porque são livros que não se atualizam por não ser direito formal e sim teoria. Hoje eu tenho uma biblioteca razoável nesta área, leio os livros e a maioria deles foi comprada em Sebos. Até 2007, eu fui apenas comprador de livros usados, neste ano, eu entrei em um novo Mestrado e eu precisei decidir se eu continuava no Estado e no Município do Rio como professor ou se eu fazia o Mestrado. Eu resolvi lagar o maior salário que eu tinha do Município e ficar com o salário do Estado e fazer o Mestrado. Eu comprava livros para o Mestrado e vendia livros meus que eu não estava usando mais. Foi em 2007 que eu comecei a vender livros de fato em grande quantidade pela Estante Virtual e, em 2008, eu vendi muito livro, porque no final de 2007 eu tive um problema no Estado, entrei num inquérito administrativo e fiquei sem salário. Eu tinha pedido exoneração no Município, fiquei sem salário no Estado e estava sem bolsa no Mestrado, foi desespero total e eu comecei a vender muito livro e passei praticamente a viver da venda dos meus livros. (...) Então, eu vendi muitos livros que eu não queria vender, mas porque estavam num preço alto e a Estante Virtual foi muito boa pra mim naquele momento, quando ela ainda não era tão profissional ou sovina. (...) Eu ainda vendo muito livro e consegui me sustentar sem salário nenhum durante dois anos vendendo meus livros, eu tenho muitos livros que eu já tinha guardado desde o início da década de 1990, depois disso o meu salário do Estado retornou e eu decidi não voltar a trabalhar excessivamente como professor e buscar oportunidades na pós-graduação, tentar fazer a carreira acadêmica. (...) Era muito importante para mim a venda de livros usados e eu cada vez comprava menos, eu comprava menos e vendia mais. Primeiro eu vendia os meus, eu tenho hoje mais de 10 estantes de livros com mais de 10 prateleiras. Eu guardo em casa, eu moro hoje em um apartamento em Niterói destes antigos bem grandes e na minha casa toda tem livro, sala, quarto, tudo tem livros, quase no banheiro também. Agora eu estou tendo um problema, porque nas mudanças, quando você tem livros, elas dobram de preço porque ninguém consegue carregar. De dois anos pra cá, eu intensifiquei a venda de livros, só que aí eu descobri um mercado de livros usados. Na verdade, de uns cinco anos pra cá, eu comecei a descobrir que existiam pessoas que compravam usados para revender e, como eu tinha muito conhecimento de livros, eu comecei a perceber, poxa, este livro eu comprei caro e ele está esgotado

há anos... E aí eu comecei a entender. O resultado é que, se antes eu queria despejar todos os meus livros para poder morar numa casa menor, pagando menos aluguel, porque meu salário é baixo, daí eu acabei descobrindo este mercado de livros usados e comecei a me entupir de livros, eu comprava e revendia. Hoje eu tenho mais ou menos estas estantes em casa, fora o que eu tenho em caixas, eu fiz um sofá de caixas, eu fiz uma cama de caixas só de livros que eu comecei a comprar usados. (...) Eu nunca fui ambicioso por dinheiro, quando eu entrei no Direito e na Economia, eu pensava em ganhar dinheiro para poder estudar, porque eu nunca fui rico, a minha família é muito pobre. Eu nasci em Vila Cruzeiro e fui criado em Vigário Geral. Hoje eu só moro em Niterói, porque eu não consegui pagar aluguel no Rio. Eu tenho 52 anos e entrei na minha primeira faculdade em 1989.

3.6 Sebo solidário

Do sebo bimestral nos *pilotis* da PUC-Rio, eu passei a frequentar a sua edição permanente em Botafogo, numa instituição beneficente chamada CELPI - Costura e Lactário Pró-Infância, fundada em 1925, onde, em todas as quartas-feiras, acontece o sebo de livros e o brechó de roupas e outras coisas antigas e usadas, doadas à instituição e mobilizadas nestes eventos para o sustento e manutenção das suas intervenções junto à comunidade que atende. No meio tempo da entrevista com Enilson, na Universidade, fomos fotografados e só viemos a saber do registro algumas semanas depois, quando encontrei pela segunda vez o Eduardo, um livreiro que, assim como o Enilson, atua exclusivamente na Estante Virtual. Na ocasião, fui visitar o sebo em Botafogo e Eduardo me recebeu com um envelope dizendo que tinha um presente pra mim, era uma fotografia impressa e embrulhada em plástico transparente, nela me vi conversando com o Enilson, eu anotava com o rosto inclinado para o caderno, enquanto ele falava concentrado com o olhar no horizonte. Eduardo conta que fez cópia da foto pro seu amigo e me convida para entrar.

Anotações no caderno de campo. Data: 18/09/2019

Botafogo. Observação geral: eu cheguei às 9h 45min para observar a abertura do sebo e brechó da CELPI que começa às 10h. Algumas *brecholeiras* (categoria nativa) já estão esperando no portão e Enilson aparece vindo na calçada, entramos juntos e conversamos durante toda a manhã. Eu contei 52 caixas de plástico recheadas com livros, tipo dessas de compra de supermercado, encostadas numa parede do salão interno da instituição. As caixas estão empilhadas até quase o teto e os livreiros vão desempilhando para escolher. Inicialmente, quatro livreiros se debruçam sobre as caixas, a escolha dos livros começa do salão dos fundos para a varanda da frente, passando pela sala de sebo onde os livros já estão marcados para venda, com as bolinhas coloridas. Estes livros do salão interno ainda não foram para o sebo, eles acabaram de chegar das captações externas, de doação, e durante

o dia ainda tem livro chegando e, bem antes dos clientes eventuais do sebo, os livreiros são os primeiros a escolher e comprar. A pesquisa no celular é livre (em outras garimpagens não pode pesquisar no celular, o que explico no capítulo 4). Ambiente de gentilezas e cortesias, livreiros cumprimentam voluntários, todos parecem se conhecer. São *habitués*. Numa mesa ao lado das caixas, de madeira e bem grande usada para as tarefas com as crianças na ONG, um dos livreiros para e começa a pesquisar os preços na Estante Virtual, ele separa montes de 35 livros e vai pesquisando no seu canto, depois que já terminou de escolher, “acima de R\$20 é preço bom”. A sequência é esta: desencanaixotar os livros, escolher, pesquisar na EV, definir os livros que *prestam*, depois verificar com umas das voluntárias do sebo o valor deles e fechar a compra. Para outro livreiro, livros só prestam para vender na internet, se puderem cobrar acima de R\$50, não alcançando este valor, ele devolve para as caixas os livros baratos. Enilson gosta de achar livro caro, ele seleciona bastante, mas acaba levando também alguns baratos, ele é rigoroso, os baratos ele compra pra ler e faz questão de anunciar isto para os outros livreiros: “eu gosto de ler e também estou aqui para comprar livros para mim”. Se o livreiro vende muito e se tem espaço, ele compra tudo, até os mais baratos, se não tem onde guardar muito, compra pouco e os mais caros. Um livreiro me mostra feliz um achado, para ele era um valor médio, custava R\$109 reais na Estante Virtual, ele tinha acabado de verificar: *Teoria geral dos direitos humanos*, 3ª ed, da Saraiva do autor André de Carvalho Ramos. Em momentos de descontração, todos sentam em volta da mesa, depois de já terem verificado os seus livros, enquanto esperam uma segunda leva de caixas que pode chegar, estão esperando também a voluntária responsável pelos livros para calcular e dar os preços. Todos riem lembrando de casos da Filosofia, dois deles são formados em Filosofia, um mostra no celular as fotos da Simone de Beauvoir nua e depois Nietzsche nu. Ninguém acredita na veracidade das fotos, procuramos na internet e ficamos rindo das montagens com o Nietzsche, mas a foto da Simone era verdadeira. Enilson sabe dos signos astrológicos de vários escritores e faz uma relação entre eles e os seus personagens mais célebres, para ele os cancerianos são sempre homens “mais afeminados” e traídos, fazendo chacota com o Bentinho, de Machado de Assis, que nasceu em 21 de junho.

Eduardo estava entre os livreiros que o Enilson dizia reconhecer no sebo da PUC por também estar com o celular na mão, de onde se podia ver a tarja vermelha correndo na tela. Eduardo é geógrafo e, durante quatro anos, trabalhou como professor concursado em escolas de educação básica do Estado do Rio de Janeiro, fez Mestrado na mesma área e gosta de ler, *conhece de livro* e já lia antes de se tornar livreiro. “De vez em quando, acabo achando algumas *pepitas de ouro* custando R\$300, R\$400. Não coloco pra vender livros abaixo de R\$15 na EV, a não ser que venda rápido”, explica Eduardo, “se tem livros acima de R\$150, um preço alto, mas se a data de cadastramento é antiga, eu sei que não vende”, completando o seu pensamento. Ele se diz colaborador, o que significa quase voluntário na CELPI, a partir do momento em que passou de cliente do brechó e sebo passando a ajudar na instituição, como explicador na atividade “A hora do dever”, que ajuda crianças de cinco a sete anos no dever de casa da escola. “De

todos os livreiros, eu sou o mais enraizado aqui”, explica o Eduardo, que frequenta a instituição, além de todas as quartas, outros dias da semana também, “uma casa de amor pra mim”. Eu lhe pergunto qual é o seu roteiro amplo de garimpagem: “onde costuma ter livro: centros espíritas, igrejas, sebos... Já sou de confiança aqui e as voluntárias já me ligaram para eu buscar livro nas casas uma vez”, ele fez amizade, já é de casa, “tenho liberdade, minhas fontes, meu itinerário, meu horário”.

Trecho de entrevista realizada por mim com Eduardo. Data: 13/11/2019

Eu comecei com a Estante Virtual vendendo livros em 2010 e passei a dar aula no Estado em 2013 como professor de geografia. No início, eu comecei a vender sem pretensão nenhuma e eu não tinha ideia de que isso ia crescer. Você vai vendendo dois, três, muito devagarinho mesmo. Eu dei aula normalmente até 2017 e em 2018 eu tive um problema na escola. Eu cheguei um dia no colégio e vários professores estavam fora da grade de horário, sem turma para trabalhar, estava um alvoroço a escola. Ficamos assim cerca de cinco meses indo pra escola sem dar aula direito e, quando veio um horário de aula pra mim, ele veio em dois colégios diferentes e ainda mais distantes de onde eu moro. Trabalhei por quatro anos dando aula no Estado. Eu tinha uma matrícula de 16h em Geografia, em concurso público. Eu já pensava na Estante Virtual, eu pensava que se eu quisesse eu podia ficar só nisso. Quando teve este problema aí, eu pensei em sair de uma vez. Eu trabalhava dando aula para o EJA, à noite. Eu tinha que sair de casa no final da tarde, início da noite e era uma confusão, todo mundo saindo do trabalho e indo pra casa, sempre pegava ônibus lotado, trem cheio, sempre ia em pé. O tempo que eu levava pra chegar e sair das escolas era enorme, eu ficava duas horas pra ir, no mínimo duas horas, daria umas duas horas de aula e depois mais duas horas pra voltar pra casa tarde, 22h:30, pra ganhar mil reais, chega né. Qual foi o benefício disso? Eu ganhei mais tempo pra trabalhar nesta atividade de venda de livro que me dá um pouco de prazer, eu gosto. Não ter que dar satisfação pra ninguém também é bom.

Eduardo se diz acumulador de objetos, sempre comprou roupas em brechós e foi neles que descobriu os livros, ambiente em que, não sendo exatamente um sebo, os livros sempre custavam muito barato; então, começou a vendê-los para sebos físicos tentando ser *atravessador*, depois viu que ganhava pouquíssimo assim, desistiu, não chegou a um ano. Saiu contrariado com o valor que os livreiros de sebo pagavam. *Pega aqui e leva ali*. “No meu quarto só cabem livros e roupas, objetos, não dá pra entrar, durmo na sala”. Eduardo aluga uma casa na rua onde mora para aumentar o depósito doméstico, uma kitnet vazia onde guarda os livros em caixas de papelão e caixas de plástico e também no chão. Eduardo já tem um acervo mental, ele sabe o que tem e o que não tem e sabe avaliar livro, “sabe o que é bom”, *conhece de livro*. Gosta de achar marca texto, faz coleção. Ele tem plano nos correios para não pegar fila, sendo autorizado a entregar os pacotes direto na

porta dos fundos da agência perto da sua casa, na zona norte do Rio, onde mora com os pais, que o ajudam levando também as encomendas. Cadastrado desde 2009 na categoria extinta de “Leitor-Vendedor”, aquele que inicialmente apenas comprava, mas que lhe era permitido cadastrar e vender até 500 livros. Em 2010, Eduardo começa a vender e hoje sua conta na EV possui (na data da entrevista acima) 1.374 livros atendendo ao Plano Prateleira, referente a um acervo até 2 mil livros à venda.

A convivência enquanto ocorrem as negociações entre os livreiros na garimpagem incluem disputas e atritos: “Quem é o dono do livro? Quem achou primeiro? Do outro é sempre melhor”, um tenta persuadir o outro sobre a qualidade de um livro. *Urubuzentos!*, atacou com denúncias, um deles. Cooperação ou competição, barganha? Afinal, são todos mercadores, negociantes, mas como funciona isso? O clima amistoso entre livreiros conhecidos revela, ao mesmo tempo, as suas regras, obrigações e implicações porque eles são também rivais na hora da compra e venda, o jogo de trocas pode ser observado nas suas atitudes frente às caixas: quem é mais veloz na seleção?; quem conhece mais de livro?; quem é mais e quem é menos rigoroso quanto aos preços?; quem conhece melhor as voluntárias? Se um descarta, o outro pega, e uns ajudam outros oferecendo “pepitas” em troca de favores. O encantamento a cada caixa de livro que chega, a expectativa de tirar de dentro e ver. É gostosa a descoberta, excitante. Depois de atravessar o brechó e o sebo da frente, chegando até as caixas no salão dos fundos, agora as regras são eles mesmos que desenvolvem, são montanhas de livro e alguns livreiros querem achar o melhor, o mais caro, a preciosidade. Os livreiros que são assíduos compradores no sebo têm descontos especiais: comprando 10 livros, têm 10% de desconto, 20 livros, 20%, 30-30% até 50-50%. A regra inicial é: apenas os livreiros que já frequentam o sebo podem convidar outros de fora, mas os clientes do sebo da parte da frente podem descobrir o salão nos fundos e, então, precisam se apresentar para alguma voluntária e pedir para entrar, todos os livreiros devem respeitar o sistema de descontos, podem pagar com dinheiro e cartão de crédito à vista, nenhum deles pode deixar livros guardados para buscar depois, e nenhum deles pode pedir para separar livros à distância, as compras devem ser presenciais para livreiros.

Este “pré-sebo” não é divulgado como parte do sebo oficial e para se chegar até lá é preciso que o livreiro já tenha se relacionado com a instituição ou com os

frequentadores mais antigos e é importante que ele se apresente como livreiro e não como leitor, porque aos leitores funciona o sebo já cadastrado com as bolinhas coloridas coladas na lombada dos livros, referentes aos preços. O salão dos fundos é onde são guardadas as roupas e os livros que chegam como doação e, à medida que vendem “lá fora”, as voluntárias entram buscando mais coisas para repor a exposição, esta movimentação das voluntárias trazendo coisas “lá de dentro” para o evento do brechó e do sebo faz pensar que a sua entrada não parece livre aos recém-frequentadores, o conjunto destas percepções conduz à ideia, mesmo sem aviso formal, de entrada apenas para pessoas autorizadas, os “membros”. Mas não existe uma proibição ou autorização explícitas sobre nada disso, as relações desenvolvidas durante a convivência entre clientes, livreiros e voluntárias da instituição estão em processo.

Transcrição de parte da entrevista realizada por mim com a voluntária responsável pelo sebo solidário. Data: 29/10/2019

PUC-Rio, 16h, Sebo nos *pilotis*. A geração de renda da CELPI mais antigamente era por meio de sócias e sócios que contribuíam mensalmente. As contribuições foram diminuindo muito, e já há muitos anos que foi aberto o bazar da CELPI, onde se vendia de tudo um pouco. Uns livros que lá chegavam eram meio que postos de lado, mas, num belo dia, o meu pai resolveu desmanchar uma estante da casa dele e eram livros muito bons, porque, modéstia à parte, meu pai lia muito bem, ele era do mercado financeiro, sempre se interessava muito por política, por história e economia, eu sou da área de Economia e pensei que aqueles livros não iriam pra a reciclagem. Eu resolvi fazer uma lista e circular no departamento de Economia, onde eu trabalho, e decidi vender estes livros todos em benefício da CELPI. Isso foi há mais de dez anos. O que aconteceu foi que nós vendemos uma grande parte dos livros e, depois disso, alguns professores também me deram mais livros e o sebo começou desta forma, de um trabalho de amor e solidariedade de professores que viram ali uma chance de fazer o conhecimento circular. (...) Por que a gente hoje recebe tanto livro? Porque a gente faz o livro chegar nas mãos de pessoas que querem ler, que são interessadas, é uma operação perfeita, porque quem doa fica satisfeito e quem compra também fica super satisfeito, seja um intermediário, seja um consumidor final. (...) Nós mantemos os nossos preços baixos de propósito, muito raras as exceções, porque a gente quer que os livros andem depressa, as doações chegam e a gente não consegue arrumar, então, a gente arruma, arruma e elas estão sempre chegando mais. (...) O mais impressionante é que, neste ano na PUC, contando com esta, nós estamos chegando aproximadamente a 20 mil livros vendidos. A gente vendeu em média uns 6 mil nas três temporadas, esta é a quarta temporada do ano e nós já passamos de mil e, se você olha lá na CELPI, parece que não vendeu nem 20, se você chegar lá amanhã [quarta-feira] a sensação que você vai ter é de que não saiu nada de tanto livro que chega. É incrível, a gente sai com isso tudo e lá continua cheio de livro, amanhã quem for lá vai comprar livro, vai ter livro nas estantes, vai estar tudo igual, porque é muito livro que chega.

Os livreiros foram aparecendo, eu não sei quem apareceu primeiro, o Eduardo está há bastante tempo com a gente, talvez dos compradores fixos ele é um dos mais antigos, nós tivemos outro muito antigo que também trabalhava de casa na Estante Virtual e parou. Um outro que tinha uma lojinha no Catete eu acho que também parou. Estes livreiros são muito sabidos, eles são muito conectados. Perto de nós tem uma obra social espírita onde eles já iam e eu acho que lá já havia livros à venda. Muitos que chegam lá dizem que já passavam ali na frente porque conheciam outras, mas sempre viam o portão fechado, mas passam hoje na quarta-feira e entram. E os livreiros foram chegando, muitos, ao chegar, não se declaravam livreiros e era uma coisa que a gente achava engraçada e ia aos poucos desconfiando de como era possível aquela pessoa ler aquilo tudo e em diferentes frentes, a pessoa compra psicologia, compra economia, astronomia, cuidados com crianças... Aos poucos eles foram percebendo que para nós não há diferença, nós adoramos os livreiros e nós queremos que eles comprem muito. Eu acho que nós estamos ajudando os livreiros, de certa forma, as famílias que nós ajudamos são famílias destituídas, muito pobres, é diferente, mas eles também estão lutando pelo dia a dia deles, ninguém escolhe ficar aqui selecionando livro o dia inteiro, se puder estar empregado ganhando muito bem. De certa forma, eu acho que nós ainda estamos ajudando, eles vão fazer o lucro deles e está tudo certo.

3.7 A linguagem dos sebos no e-commerce

A linguagem dos sebos no *e-commerce* precisa atender exigências do *site*, como título da obra, ano de publicação, editora e as suas condições físicas, referência às classificações de usado, seminovo e novo, além disso, existe um campo a ser preenchido pelos livreiros que diz respeito a sua descrição e, neste texto, supostamente livre, os sebos manifestam o seu entendimento de livro ou, ainda, como conhecem de livro e do que é importante ser descrito e de que maneira. Enilson preza pela descrição intelectual do livro, explicando o seu assunto com alguma informação de fundo, alguma curiosidade, contextualização, associação, ele é pouco descritivo no que diz respeito ao objeto material, entretanto, atende às informações que considera importantes para evitar a possibilidade de um cliente lhe enviar e-mail solicitando mais detalhamentos. Quando faz a descrição do objeto, ele tende a supervalorizá-los, “novo, mas com assinatura”, “em excelente estado”, “ótimo estado”, usando expressões tendendo ao novo. A sua descrição do objeto é instruída na linguagem que adquiriu frequentando sebos como comprador exigente durante muitos anos, somada a um detalhe erudito de estudante de filosofia e de leitor de romances. Eduardo preza pela integridade física do objeto, informando se as páginas estão amareladas, o tamanho exato de um furo, se possui rabiscos ou assinaturas, ele preenche todos os quesitos exigidos pelo *site*, é cuidadoso, quase cirúrgico, a sua descrição é comprometida com as condições “reais” do livro objeto,

o que revela muito da sua trajetória como colecionador e acumulador. São dois perfis, no entanto, as suas descrições podem ser comparadas àquelas dos sebos de loja, visto que Eduardo e Enilson são livreiros independentes que iniciam as suas vendas já na internet. Como os novos livreiros aprenderam a descrever, classificar, hierarquizar os livros? Com os antigos, com o *site*? Será que os antigos precisaram se adaptar à linguagem da internet? Será que todos eles param para ler o que o outro escreveu? Eles garimpam fragmentos de códigos de descrição para constituírem sua linguagem?

A intenção é tentar perceber se existe alguma diferenciação de entendimento sobre o manejo dos livros, o seu ofício de livreiro, a sua intimidade com ele manifestada através das descrições, ao passo que também seria importante verificar se o *site* padroniza este entendimento. Podemos pensar a estrutura dos consensos nas expressões mais usadas. Dois sebos tradicionais na cidade, os quais pude conhecer durante a pesquisa de campo, com perfis diferentes entre si, tiveram as suas descrições, na Estante Virtual, anotadas para este exercício de comparação, são eles o Sebo Elizart e o Sebo Academia do Saber – mais detalhes estão no Capítulo 6 Livros no Sebo. Através de busca aleatória – sem o apoio de qualquer programa de interpretação de dados – nas contas cadastradas na Estante Virtual, compus uma nuvem de palavras e expressões descritivas e fiz a seleção de algumas descrições completas:

Eduardo: Rio de Janeiro - RJ. Sem apresentação específica. Avaliações 100% positivas, 85 avaliações nos últimos 3 meses. Membro desde 26/02/2009. Possui 1.374 livros cadastrados.

Nuvem de palavras e expressões descritivas:

rasura, arestas, arranhada, no estado, bom estado, excelente estado, papel, brochura, capa dura, edição, edição especial, tiragem, impressão, volume, coleção, segunda folha, contracapa, mancha amarela, resquício de umidade, suave sujidade, leves desgastes, pontas amassadas, folha rasgada, dedicatória, assinatura, rabiscos, etiqueta, avaria, encapado, plástico, adesivo transparente, folhas, linhas de dobra, folha arrancada, desgaste pontual, folha dobrada, sinais leves de manuseio, carimbo, livro, borrado, traços de caneta, selo na capa, sublinhado, lápis, anotações, rubrica, micro pontos amarelos, sinais de manuseio, trecho, textos, fotos em preto e branco, boa resolução, livro encapado, carimbo da editora, sinais de uso, antiga dona, extremidade inferior da capa, rala sujidade suave, conservação, furos, caneta colorida, folha guarda, acidez do papel, autografados.

Algumas descrições completas:

1. “Na foto, à esquerda, canto superior, vê-se a lombada da caixa amarela e preta, que acomoda o livro de capa dura das histórias ‘A promessa’ e ‘A pane’. Brochura, 220 páginas, sem rasura, folhas e arestas claras.”;
2. “Leve vinco diagonal de 16 cm na capa entre a aresta dianteira e a aresta inferior.”;
3. “Livro em bom estado, apesar de sinais de manuseio nas pontas inferiores das primeiras folhas. 4ª edição. Brochura, 588 páginas, das quais 76 apresentam superposições de caneta marca-texto. Algumas das mesmas testemunham traços de lápis. Folhas brancas. Arestas predominantemente brancas.”;
4. “Livro em muito bom estado. Brochura, 329 páginas, sem rasura - à exceção de um carimbo de biblioteca de universidade particular na segunda folha. 2ª tiragem; Livro de capa dura em bom estado, revestido por capa destacável. Carimbo na primeira e na segunda folhas. Folhas brancas. Arestas claras, com pigmentos amarelos. Um furo de traça na capa, que não chegou ao verso da capa.”;
5. “Livro em bom estado, embora exiba desgastes moderados nas partes externas. Rasgo de 2 cm na extremidade inferior da capa, na dobra com a lombada. Um rasgo de 6 cm na extremidade superior da contracapa, na dobra com a lombada. Assinatura na segunda folha. 2ª edição. Brochura, 392 páginas, sem rasura. Outro detalhe: na contracapa e nas últimas seis folhas, na extremidade dianteira, em área já sem texto, marginal da folha, existem dois furos perfeitamente redondos, feitos por aparelho furador.”.

Enilson: Niterói – RJ. “Venda e compra”. Avaliações 100% positivas, 2 avaliações nos últimos 3 meses. Membro desde 20/05/2007. Possui 476 livros cadastrados.

Nuvem de palavras e expressões descritivas:

texto, leitura, muito conservado, caneta, destaques, sumário, no estado, belo acabamento, temas, rabisco, coletânea, lombada, livro, publicação, artigos, novo, perfeito estado, luz solar, reimpressão, listas, pintas ocre, conclusão, pontuações, capa dura, sublinhados, assinatura, incólume, rabiscos, autores, esgotado, contracapa, novíssima, escritos, destaques, trata de, oxidações, coleção, primeira edição, manchas, interesse, excelente estado, garatuja, desbotamento, perfeito, envelhecimento, clássico, paginação, original, índice, tradução, dedicatória, autografado, dobra oblíqua, prefácio, referência no assunto, colecionador, sinais de uso, sem marcas de uso, livro clássico, texto bilingue, anotações, papel, indispensável, assunto, lápis, subtítulo, revisado, papel fotográfico, bom estado geral, marca-texto, introdução, sem mofo, ilustrações pictográficas, prestigiado, versão.

Algumas descrições completas:

1. “O livro estaria novo se não fosse uma chuva que provocou uma pequena mancha de umidade que secou nas duas primeiras folhas, sendo a primeira delas com a dedicatória à escritora Gri por Gd, que suponho seja Gadelha, 185pp.”;

2. “Livro com páginas amareladas no lado oposto à lombada. Páginas envelhecidas, em sublinhados a lápis e uma garatuja à caneta na página 49. Leitura preservada. 114pp.”;
3. “Livro em estado de novo de 319pp que aborda o tema nas mais diversas civilizações, Pérsia, Grécia, Roma, Egito, Palestina, Síria, Bizâncio, no Ocidente e no cristianismo. Pequenas marcas de pétalas de rosa entre as seguintes páginas 74-75, 138-139, 186-187 e 212-213.”;
4. “Excelente estado, 250p. Ricamente ilustrado. Melhores campanhas, grandes gênios da criação, personagens inesquecíveis.”;
5. “Tradução título: A corte suprema no sistema político brasileiro. 299p. Ótimo estado de conservação. Pequenas pintas ocre na lateral oposta à lombada e na folha de rosto. Miolo e texto preservado. O livro de tradução proibida pelo autor, ex-ministro e ex-presidente do STF, além de relator do mensalão. Descubra por quê?”

Academia do Saber: Rio de Janeiro - RJ. “Localização conforme código na descrição do livro... AV. Passos cod2, Obs.: Nossa atualização de acervo é feita uma vez por semana, por isso alguns livros podem não estar mais em nossa estante física. Pedimos a compreensão dos clientes”. Avaliações 98% positivas, 254 avaliações nos últimos 3 meses. Membro desde 01/12/2008. Possui 36.485 livros cadastrados. Sebo fundado em 1970.

Nuvem de palavras e expressões descritivas:

umidade, amareladas, disposição do livro, bom estado, obra, lápis, fita adesiva, ótimo estado, danos, livro novo, livro, cola, desgaste, conservação, depósito, caneta, encadernado, mancha, furos, folha, grifado, papel, autografado, miolo, dedicatória, tempo, ressecamento, capa, laterais, edição, código, disponível, página, localização, estante, deteriorada, pagamento, boleto, renovação, amarelado, preservado, páginas, *contact*, confirmação, lombada, capa, folhas, estado regular, ação do tempo, mal estado, danificado, ação natural do tempo, grifos, dobra, orelhas, ótimo estado, brochura, pedidos, sujo, orla amarelada, estoque, sublinhados, contato, ondulação, cod., letras douradas, rotatividade, volumes, minúsculos, extremidades, loja física, bordas, leves manchas, manuseio, traça, leitura, quantidade de páginas, marca texto, papel, assinatura.

Algumas descrições completas:

1. “125 págs. Livro em bom estado. Brochura. Estoque Cod 2 N 53281.”;
2. “Estoque n. 4422. plan6. 75. págs. Brochura. Idioma: Espanhol. Folhas amareladas devido à ação do tempo. Capa amarelada e com desgastes. Obra em bom estado.”;

3. “122. págs. Livro em bom estado. Brochura. Levemente amarelado. Estoque cod. 2 n. 62951. Atenção! Pedidos feitos por Depósito, favor aguardar a Confirmação da Disposição do Livro no Estoque.”;
4. “Estoque n. 54605. 119. págs. Brochura. Folhas amareladas devido à ação do tempo. Obra em bom estado. Diante da grande rotatividade de nosso Estoque e de estarmos funcionando também com a Loja Física, eventualmente alguma Obra pode não estar disponível à Venda.”;
5. “(Estoque L0889); Capa brochura em bom estado de conservação; Miolo Possui Grifos A Lápis, Leve Contato Com Umidade; Lombada em bom estado; Bordas Possui Leve Manchas, Leve Contato Com Umidade; Quantidade de páginas 327. – 201632537.”.

Elizart: Rio de Janeiro – RJ. “Fundada em 1972, somos um dos melhores e mais completos sebos do Brasil. Venham nos visitar”. Avaliações 98% positivas, 91 avaliações nos últimos 3 meses. Membro desde 13/10/2005. 16.233 livros cadastrados. Sebo fundado em 1972.

Nuvem de palavras e expressões descritivas:

livro novo, acidez do papel, furos, dedicatória, conservação, páginas, folha guarda, caneta, *ex-libris*, chuva, anotações, lápis, edição, antigo dono, bom estado, umidade, desgaste, manchas, stl, ótimo estado, amarelado pelo tempo, esgotado, sol, autografado, papel *contact*, sem grifos, miolo, caixa protetora, tempo, carimbo, lombada, parte inferior, raridade, autor, capa, primeira edição, razoável estado, verso, antigo dono, 1ª página, manchas, assinatura, contracapa, revestimentos, brochura, rasura, marca texto, letras, sobrecapa, escrito, canto inferior, rasgada, ilustrado, encapado, marca de dobra, impressão, parte inferior da capa, encadernado, descolorido pelo sol, livro novo etc., parte superior, capa dura, texto, nome, etiqueta, bordas, danos, página ondulada, papel, coleção, folha de rosto, editado, levemente amareladas, formato, tomo, gravura, prefácio.

Algumas descrições completas:

1. “Brochura, ilustrado, 16 páginas, Bom Estado (sem grifos, rasuras, etc) stl.”;
2. “Brochura, 108 páginas, Bom Estado (sem grifos, rasuras etc; a folha guarda (1ª página) foi arrancada pelo antigo dono; páginas levemente amareladas pelo tempo; leve mancha na lateral direita da capa).”;
3. “Brochura, 176 páginas, Ilustrado Bom Estado (várias páginas com grifos e escritos feitos a lápis; páginas levemente amareladas pelo tempo).”;
4. “Contos. Brochura, 174 páginas, Bom estado (páginas levemente amareladas pelo tempo; carimbo com *ex-libris* do antigo dono na folha rosto).”;
5. “Encadernado (capa dura), ilustrado, 216 páginas, Razoável Estado (sem grifos, rasuras etc; capa descolorida pelo Sol; marcas de etiqueta na capa; leves manchas nas bordas lateral e inferior das páginas).”;

Os sebos que já vinham de uma trajetória com lojas na cidade abertas ao público se manifestam nas descrições dos livros na internet de maneira mais direta. Tanto a Academia do Saber quanto a Elizart, dois estabelecimentos que iniciaram as suas atividades na década de 1970, usam códigos de localização dos livros no estoque, estes códigos ficam visíveis nas descrições da Estante Virtual, por exemplo: “Estoque Cod 2 N 53281”, nos anúncios da Academia e “stl” – *Standard Template Library* – na Elizart. São contas com 36 mil e 16 mil livros cadastrados, respectivamente, a organização das estantes, nesses casos, é imprescindível para que o livro não desapareça simplesmente entre todos os outros. A Estante Virtual exige pronto atendimento garantindo ao cliente até 2 dias para que o livro seja postado, penalizando as contas que não atendem dentro deste prazo. Para um sebo que vende 70 livros por dia para a internet e precisa cumprir os prazos de envio, os códigos são importantes, além disso, ao cadastrarem o acervo na Estante Virtual, fazendo das informações publicadas nos anúncios os seus guias internos de localização e preço, as descrições no site realizam uma espécie de ponte entre a loja física e a “infosfera” do real virtual (QUINTARELLI, 2019). As descrições curtas, diretas e utilizando códigos, assim como “sem grifos, rasuras etc” repetidos nos anúncios do sebo Elizart, são uma pista para pensarmos que os sebos mais antigos e com maiores acervos atuando hoje na internet precisaram se reorganizar para atender a uma demanda nova, realocando funcionários para as tarefas de cadastramento, embrulho e envio dos livros e organização da loja, por isso, definir um padrão descritivo pode facilitar as suas operações, ainda assim, vemos nas nuvens de palavras que os termos e expressões para descrições específicas do estado do livro se repetem nos quatro casos, “amarelado, rasura, bom estado, brochura, número de páginas, desgaste, umidade, mancha, lápis, caneta, dedicatória, assinatura, carimbo”, entre outros, são comuns nas descrições, porque fazem parte daquilo que os livreiros chamam de *conhecer de livro*, o entendimento próprio do ofício, a sua técnica e subjetividade, a sua lógica, presentes nos termos garimpados.

A linguagem percebida através da nuvem de palavras e das descrições completas revelam a maneira pela qual esta garimpagem subjetiva de termos acontece, para tal é importante conhecer a trajetória de cada um dos quatro sebos e quando elas se cruzam. Sobre os sebos mais antigos, Academia do Saber e Elizart, o capítulo 6 vai pensar mais detalhadamente. As contas na internet do Eduardo e do Enilson mostram através das suas descrições, acervos menores, Eduardo com

aproximadamente 1.300 livros cadastrados e Enilson com menos de 500 livros – devido ao seu plano gratuito de até 500 cadastros (plano leitor-vendedor), inexistente hoje para novos livreiros –, no entanto, Enilson possui uma quantidade muito maior de livros em casa, os acervos menores revelam também espaços menores de armazenamento se equilibrando no ambiente doméstico. Enilson e Eduardo descrevem de maneira diferente um do outro, prezando cada um deles pelos destaques que elegem mais importantes, para um, as condições físicas do livro, com cuidado milimétrico, para o outro, aquilo que ele entende sobre “valorizar positivamente a obra”, tendendo ao aspecto de livro novo e ao mais interessante de cada livro. Talvez, então, tanto os sebos mais antigos, quanto os que já nasceram na internet, tiveram que fazer uma troca, buscando aqui e ali termos e expressões que se adequassem ao *e-commerce*.

3.8 Embrulhando livros pelo *WhatsApp*

Eduardo trabalha todos os dias *garimpando* livros pela cidade a fim de montar um acervo para vender na internet, diferentemente dos livreiros que têm lojas funcionando na rua, Eduardo não possui um ponto fixo de captação de livros. Em pontos fixos, o livro vai até os livreiros por alguém que se desfaz, negocia ou mesmo por pessoas que passam em frente e decidem deixar um contato de telefone para vender ou receber uma avaliação da sua biblioteca, em outros casos, os livros chegam através do contato por telefone, distribuído em cartões de visita, pintados na fachada da livraria e anunciados nas suas contas na internet. Para os livreiros sem livraria, o trabalho é inverso. Às quartas, Eduardo frequenta o sebo da CELPI em Botafogo e, nos outros dias da semana, ocupa-se de outras visitas. Nesta dinâmica diária e diurna, ele precisa fazer o trabalho complementar às vendas em casa e à noite, numa técnica super habilidosa de embrulho desenvolvida por ele.

Eu faço os embrulhos de madrugada e, no dia seguinte, eu estou escangalhado, muito cansado e tenho que acordar cedo, por exemplo, para vir aqui [CELPI]. Já tiveram algumas vezes que eu vim pra cá sem dormir, fiquei embrulhando livro de madrugada e vim pra cá sem dormir. Hoje eu fui dormir era mais de 5h, já estava claro já, isso é comum de terça pra quarta, por exemplo, eu venho pra cá com duas horas de sono, porque eu trabalho praticamente todo dia. Chega na sexta-feira, me dá preguiça de embalar os livros, porque eu já embalei segunda, terça, quarta, quinta, aí acumula livro que vendeu na sexta, vende também sábado e domingo e eu vou embalar só domingo, à noite, na hora do fantástico mais ou menos. Eu costumo ficar a madrugada fazendo isso e, na segunda-feira, eu acordo tendo que

correr atrás de livro, tendo dormido apenas 1 hora de sono. Isso é muito comum de domingo pra segunda, de terça pra quarta, é comum eu dormir 2h, 3h por noite, 1h 30min.

Transcrição de áudio de vídeos sobre como o livreiro Eduardo embrulha os seus livros vendidos na internet. Recebidos em 30/10/2019, quarta-feira, às 2h 15min da manhã.

Vídeo 1 – 00:00:40 s. Vou tentar te mostrar aqui em vídeo uma das formas de embalagem que eu uso. Temos aqui um livro que já está com acolchoamento de isopor, eu tenho ele aqui de várias grossuras, de 30 mm, de 20 mm de espessura, este aqui acho que é de 10 mm, tenho outro de 15mm, então, agora eu vou passar uma bobina de EP [folha de espuma polietileno] nesse livro.

Vídeo 2 – 00:00:46 s. Depois que o livro foi embalado com esta capa de bobina de EP que eu uso e compro na Kalunga [papelaria], então, está acolchoado todo ele e nas extremidades superior e inferior pelo isopor. Agora eu vou colocar esta ripa de um papelão grosso que eu já cortei pra conferir uma dureza maior ao pacote, porque o livro pode sofrer pressões e, provavelmente, sofrerá dentro das sacolas dos correios e ele pode envergar, a pressão pode ser muito forte e danificar o livro. Então tem essa ripa dura aqui de papelão e aí eu vou embalar neste papel *craft* aqui.

Vídeo 3 – 00:00:53 s. Este pacote, aqui no lado, eu usei esta fita *3M Tartan*, um pouco fina, mas é garantia de boa qualidade. No entanto, nas extremidades superior e inferior eu vou usar esta fita aqui: *Tacky-Tape Pro* ela é bem mais grossa, é usada, por exemplo, pra vedar furo de borracha e pra envolver canos também. Como você pode ver, todos os livros já estão revestidos com estas ripas de isopor, este aqui mais grosso [livro] eu coloquei até dos lados também, uso vários tipos de fita até a *Silver Tape* que é até mais cara, mas é muito resistente e muito boa.

Vídeo 4 – 00:00:16 s. Eu também gosto de passar uma fita transparente em cima dos dados [destinatário e remetente], porque pode chover, pode pingar e borrar a assinatura, imagina se borra um número aqui, o carteiro não consegue entregar, né.

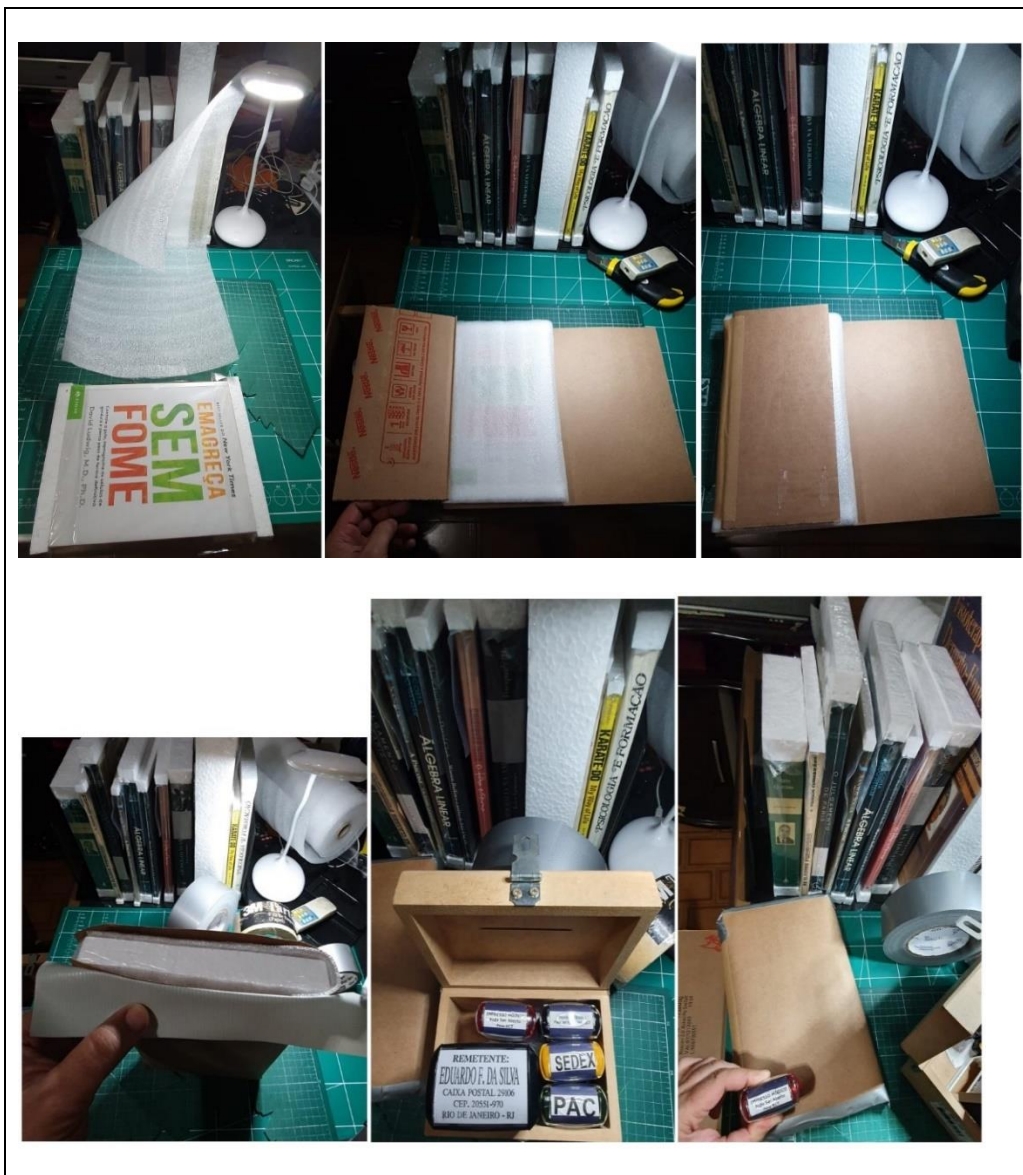
Vídeo 5 – 00:00:15 s. Tudo certinho, agora é só colocar o meu carimbo aqui de trás no remetente, foi!

Vídeo 6 – 00:01:19 min. Então ficou pronto este pacote, está vendo? Bem rijo, bem duro, então eu estou satisfeito com ele, eu sei que ele vai chegar no destinatário sem amassar. Este tipo de embalagem usando este *craft* mais fino com uma ripa de papelão duro tem pouco tempo, tem alguns meses, antes eu fazia tudo assim: usando papelão puro, eu pegava o livro, já com isopor nas extremidades, aí cortava aqui [no papelão], aí depois eu teria que dobrar a folha de papelão pra ele virar [no ângulo de fechar no livro], esta força que eu empenhava e empenho ainda, né, para dobrar várias vezes os papelões duros em todos estes livros me cansa muito, eu gasto muita energia corporal tendo que fazer força pra dobrar, então, pra alguns livros, os menores, por exemplo, eu estou lançando mão deste tipo de embalagem, usando este *craft* mais fino e, mesmo assim, eu preparo o isopor, eu boto uma bobina de EP, eu boto uma folha de papelão.

Vídeo 7 – 00:00:37 s. Eu protejo o livro de modo que eu gaste o menos de energia, tendo que fazer menos força dobrando o papelão todo. Este livro, no entanto, maior

e mais grosso, ele vai no papelão direto, então, eu vou ter que cortar [pega uma folha de papelão que é uma caixa desmanchada], então, este papelão grande eu vou cortá-lo aqui, vou colocar o livro sobre ele e vou precisar dobrá-lo, fazendo mais força pra dobrar um papelão duro, mas pelo menos vai muito bem embalado.

Figura 2: Embrulhando livro pelo WhatsApp



Fonte: Fotos encaminhadas para mim, no dia 30/10/2019, por um livreiro via WhatsApp.

Por sua vez, Enilson divide o seu tempo entre o trabalho como professor nas escolas, o garimpo dos livros pela cidade e a parte complementar feita em casa, referente aos embrulhos, ao envio dos livros e as verificações constantes no *site* para responder as dúvidas de compradores, atualizar o cadastro e concluir vendas. Enilson embrulha os livros em estilo diferente do de Eduardo, ele procura gastar o mínimo de esforço e dinheiro nos embrulhos, desenvolvendo uma técnica baseada na utilização de materiais recicláveis e praticamente gratuitos. Enilson aproveita

dos supermercados as sacolas dos caixas e os sacos transparentes de embalar legumes, de todas as outras lojas, incluindo os mercados, ele aproveita as caixas de papelão, que também as busca nas calçadas, à noite; das sapatarias aproveita além das caixas também o papel leve amassado que já protegeu os sapatos vendidos. Ele procurou criar habilidades de embrulho pensando em adaptar os modelos que reconhecia da época que apenas comprava livro pela internet.

Trecho da entrevista com o livreiro Enilson sobre como ele embrulha os seus livros vendidos na internet. Respondida por *e-mail* no dia 25/10/2019.

Inicialmente, era muito difícil saber como embalar os livros, porque cada agência dos Correios fazia sua exigência. Optei por embalar num saco plástico e envolver parcialmente com papelão a capa, a contracapa e a lombada. Isso porque as agências dos Correios exigiam saber se eram realmente livros os objetos enviados. Inclusive alegavam que não poderia haver nem sequer uma folha solta no envio por impresso e registro econômico. Sempre desconfiei de que o motivo era a cobrança maior do envio via PAC. Era difícil essa forma de embalar, pois o papelão deveria ser adequado ao livro, cortado adequadamente, fácil de dobrar sem danos. Nessa época, vendia para comprar outro livro. Posteriormente, passei a vender por necessidade e embalar mais rapidamente no mesmo processo. Deixava os papelões previamente cortados. Quando passei a comprar livros novos e baratos para revender, tive necessidade de embalar ainda mais rapidamente. O método passou a ser embalar em saco plástico comprado e colocar dentro de envelopes pardos comprados no tamanho adequado. O papelão era gratuito e saco plástico para frutas e legumes do supermercado também, os meus sacos de supermercado também reutilizo, mas não dão conta das vendas. Atualmente, os livros muito caros eu embalo também em plástico bolha ou de isolamento de polietileno reciclado por mim de lojas comerciais. Os nomes do remetente e destinatário têm etiqueta oferecida pela Estante Virtual, doravante EV, mas desperdiçavam muito papel, porque não preenchiam totalmente a folha A4. Prefiro preencher manuscrito, mas já usei e voltarei a usar carimbo para remetente. Uma de minhas reclamações era exatamente a forma de embrulhar. Eu queria embrulhar como a maioria dos livros que eu comprava, saco plástico e envelope. As agências mais resistentes eram as agências oficiais dos Correios. Alegavam que o livro deveria ficar com folhas aparentes, mas as outras terceirizadas não. Os livros, que eu recebia, raramente vinham com plástico bolha e, muitas vezes, sem plástico, o que seria temerário em dias de chuva.

3.9 Uberização do livro

Quantas vezes alguém parou por alguns instantes para fazer as avaliações sobre os serviços das suas compras *on-line*? Eu me dei conta de que nunca ou raramente respondo aos questionários que me são enviados por *e-mail*, logo depois da conclusão de um pedido, então, fui verificar. Não encontrei na minha caixa de *e-mail* nada referente a avaliações respondidas e, se não me falha a memória,

realmente não me lembro de tê-las devolvido, mas, para a minha surpresa, encontrei no *site* a lista inteira de todos os livros que comprei pela Estante Virtual. Desde 22/05/2013, sou cadastrada como cliente e durante todos estes anos eu comprei 301 livros, sendo 258 adquiridos nos quatro anos do Doutorado. Eu provavelmente recebi 301 *e-mails* de avaliações dos serviços prestados por livreiros e nunca respondi. São 98,54% de avaliações positivas para o *site*, representando a média de todas as avaliações dos serviços prestados pelas contas cadastradas, por isso possui três certificações importantes de reputação, segurança, confiança e de qualidade conferidas aos *e-commerces* no mundo: o selo de navegação segura do *Google Transparency Report*; o selo de compra garantida – exigência das normas de direitos do consumidor na internet – que se compromete a cobrir o pagamento em casos de insatisfação, devolução ou extravio e o selo diamante da *ebit Nielsen Company* de qualidade como “excelente” por ter entre outras coisas, no mínimo, 2 mil pesquisas de avaliação no ato da compra e 85% de entregas dentro do prazo. O que venho pensar aqui é sobre a participação dos livreiros nestes índices.

Clicando no *link* “Quero ser livreiro” na Estante Virtual, abre-se uma página que explica o perfil de funcionamento da empresa, algo como a sua missão e as regras de participação. Em primeiro lugar, “Por que vender na Estante?” seguido dos enunciados “Empoderamos os pequenos vendedores”, “Somos a livraria mais democrática” e “Seu negócio é o nosso negócio”. Por último, “Como vender na Estante?” apresenta cada um dos planos para livreiros associados – Plano Prateleira, Plano Estante e Plano Catálogo – que são separados hierarquicamente, então, deve-se obrigatoriamente iniciar a sua experiência como vendedor no plano prateleira e só depois de noventa dias passar ao seguinte, podendo cadastrar mais livros sob uma taxa de custos mais alta. Abaixo, nas tabelas 2, 3 e 4, mostro as recomendações do *site* para os livreiros de como aprimorar os seus índices de excelência e as tarifas. Estas informações estão disponíveis no *site* apenas para livreiros e me foram repassadas pelo Eduardo:

Tabela 2: Recomendações da Estante Virtual

Recomendações para aprimorar seus índices de excelência:	
1.	Atualize seu acervo para evitar a exibição de livros duplicados e/ou que você não tenha mais em estoque;

2. Verifique diariamente suas vendas no <i>site</i> e poste pedidos recebidos em no máximo 48 horas. De preferência, no mesmo dia;
3. Responda as qualificações de compradores com cortesia e profissionalismo. O comprador geralmente cria lealdade a quem é gentil e prestativo. A Estante Virtual leva em consideração seus comentários ao moderar as qualificações negativas;
4. Ofereça livros com preços atrativos. Pesquise e compare, dentro e fora da Estante Virtual;
5. Procure ser bem descritivo nas descrições das condições do livro. Qualquer omissão de informação poderá acarretar em qualificações negativas e cancelamentos;
6. Negocie com seus parceiros dos Correios uma maior agilidade na retirada dos livros, bem como a entrega imediata da informação sobre o código de rastreamento dos pedidos.

Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/> em 01/11/2019.

Tabela 3: Tarifas e indicadores de excelência da Estante Virtual

Excelência em comércio eletrônico	
1. Índice máximo de pedidos não postados	3%
2. Índice máximo de cancelamento por falta de estoque	5%
3. Índice máximo de cancelamento de pedidos	20%
4. Índice mínimo de qualificações positivas	97%
5. Tempo médio de postagem	48h

Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/> em 01/11/2019.

Tabela 4: Vendas e Tarifas da Estante Virtual

Volume de vendas	Tarifa cobrada
0 a R\$4.999,99	12%
R\$5.000 a R\$ 9.999,99	11%
R\$10.000 a R\$29.999,99	10%
R\$30.000 a R\$49.999,99	9%
mais de R\$50.000,00	8%

Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/> em 01/11/2019.

Ao longo de consecutivas mudanças na direção e venda da empresa, a primeira, em 2017, para a Livraria Cultura e a segunda, em 2020, para a Magazine Luiza, as cobranças de rendimento, os planos de cadastros, as recomendações e os indicadores de excelência vêm se mantendo iguais. O acervo geral da Estante é composto majoritariamente por contas que atendem ao plano prateleira, (ver tabela 1), a variedade do acervo também é devido à imprevisibilidade do cadastramento dos livreiros independentes, entretanto, “empoderamos os pequenos vendedores” não faz muito sentido quando as maiores tarifas sobre a venda dos livros é cobrada para este grupo, diminuindo à medida que as vendas aumentam, numa proporção pouco alcançada no desempenho de livreiros que não chegam a vender mais de R\$5 mil em um mês. Em uma entrevista para um canal de *YouTube* sobre negócios, (GARCIA, *Man in the Arena*, 2015) criador da Estante Virtual explicava, como gestor e não como alguém que *conhece de livro*, o funcionamento das suas exigências para os livreiros: “Está diretamente ligado ao bolso dele, ele tem que vender bastante e atender bem, se não isto tem impacto direto (...), a gente entendeu que não bastava a nossa curadoria, a nossa gestão, se isso não tivesse impacto direto, então está tudo conectado”.

Em suas narrativas, Eduardo e Enilson contam como se sentem envolvidos no circuito da venda de livros na internet:

Transcrição de trechos da entrevista com Eduardo. Data: 13/11/2019

(Garimpo e jornada de trabalho) Neste dia, a gente [ele e uma amiga também livreira virtual] estava numa fila para entrar em um prédio numa situação de venda de livro que acontece no dia seguinte, quer dizer, as pessoas tentam chegar o mais cedo possível, eu cheguei até algumas vezes no dia anterior por volta de 22h30min - 23h. Às 10h, as pessoas entram por hora de chegada, então as pessoas vão chegando muito cedo e é distribuída uma pré-senha informal e às 9h chega a pessoa que intermedia entre a dona da casa que quer vender suas coisas e as pessoas que querem comprar. Era uma família que estava vendendo tudo, guarda-roupa, cama, livro etc., para uma cartela de clientes interessados. Ela já tinha divulgado através de fotos antes, porque ela pretendia vender a casa. Então, tem uma ordem de entrada na casa, entram um, dois ou três de cada vez, já nos dizem que os livros estão no segundo quarto à direita, não sei o que está no banheiro, outra coisa está na sala em cima do sofá... Então esta livreira comentou comigo neste contexto, “a Estante escraviza a gente, né”, a gente estava lá de madrugada na calçada do Leblon e eu fiquei pensando comigo que não. A gente quer ganhar o máximo de lucro e quer vender o máximo possível, quer vender mil, R\$2 mil, R\$3 mil.

(Férias) Eu já tirei “férias” da Estante Virtual uma vez “obrigado”, porque eu estava escrevendo a minha dissertação de mestrado. Não tinha como ficar nessa correria de comprar livro pra vender, levar pra casa, embrulhar. Acho que não foi nem um

mês, foram 3 semanas. Eu não paro, porque eu deixo de ganhar e eu não sinto muita falta de parar não, mas seria bom para minha saúde e ter uma disciplina, porque eu acabo trabalhando de madrugada. Agora eu tenho feito assim: segunda-feira eu embalo, aí terça não, dia sim, dia não. Eu vendo em média 40 livros por semana.

(Liberdade e segurança) Na Estante eu me sinto muito mais livre e pode ser uma enganação também. Eu preciso refletir sobre isso. Mas eu não deixei [as escolas] o Estado exatamente para vender livro, eu já vendia livro antes do Estado, eu resolvi depois partir para só vender livro. Eu vendia livro e dava aula e, ano após ano, a venda de livro ia melhorando a situação. Eu tenho hoje uma certa segurança que vai aparecer livro aqui, que vai aparecer na zona norte, todo lugar que eu vou buscar aparece e, então, eu me sinto um pouco seguro.

Transcrição de trechos da entrevista com Enilson. Data: 25/10/2019 e 29/05/2019.

(Jornada de trabalho e suporte aos compradores) Relação formal e mínima possível. Não gosto do trabalho virtual e me sinto explorado por pagar taxas a intermediários. Também me exige tempo que gostaria de aproveitar em leituras e estudos, o que gera um conflito de consciência. Nasci para o estudo. Uma das coisas que mais me irritam são as perguntas de possíveis compradores. Muitas vezes são perguntas desnecessárias que estão na descrição ou que não são de minha alçada: o livro vai chegar rapidamente?; em que estado está o livro?; sabe dizer se tem edição mais recente?; esse livro trata do quê?; pode me enviar mais fotos do livro?; quando o livro é barato não respondo. E por falar em livros baratos... Correspondem aos piores clientes, os mais chatos... Prefiro não vender, se desconfio do humor do cliente. Já tive avaliações negativas de clientes de livros baratos e também cancelei vendas para esses clientes que perguntavam muito e não se entendiam comigo. Inclusive, outros livreiros me informam, às vezes, de certos compradores, principalmente revendedores.

(Garimpo) Agora, pra eu adquirir para vender, eu vou na praça xv, na rua, em qualquer lugar que eu vejo livro na rua e no chão eu paro, às vezes, eu estou passando de ônibus, se eu vir livro, eu paro. É ali que estão os livros esgotados, os livros que ninguém consegue, (...) se eu vir, eu desço rapidamente para comprar aquele livro, porque eu sei que aquele livro é caro. O circuito é Praça XV, chão da Lapa até o Largo do Machado e CELPI principalmente.

Para Enilson, é um complemento de renda, já foi renda principal quando ele ficou sem o salário da escola, e, para Eduardo, começou como renda complementar e tornou-se hoje sua renda principal, decidindo deixar a escola. As suas trajetórias e percursos se encontram quase simetricamente, dois livreiros professores, Enilson e Eduardo possuem alta qualificação profissional, tanto como livreiros *que conhecem de livro*, como professores, formados em importantes Universidade, com pós-graduação e aprovados em concurso público. Os livreiros não são remunerados pelo trabalho de garimpo, embrulho, postagem e monitoramento das vendas em verificações constantes pelo celular no aplicativo, os meios necessários para o seu trabalho não são garantidos pelo *site*, também não existe nos termos de

cadastramento nenhuma garantia mínima relacionada a um contrato ou vínculo, porque a concepção de *startups* (Airbnb, Uber, Amazon, iFood etc) de um modelo jovem ou emergente de negócios virtuais, atuante em cenários de incertezas, motivados pela ideia de “consumo compartilhado”, se responsabiliza apenas pela gestão entre fornecedores e consumidores de serviços. São empresas que funcionam através de aplicativos de celular e compõe o fenômeno da “uberização”⁵³ do trabalho ou *Gig Economy* (economia dos bicos). Os livreiros não são trabalhadores do *app*, eles são tão clientes como os consumidores de livro. A empresa é “B2B2C”⁵⁴ – *Business-To-Business-To-Consumer* –, o que significa que leitores encontram livreiros, sendo tanto uns quanto outros, seus clientes: “a Estante está no meio e presta serviço para dois clientes. O livreiro também é um cliente, pois ele compra um serviço de catalogação de acervo, de comércio eletrônico, de atendimento”, define o criador da Estante Virtual.⁵⁵ Neste sistema, controle, vigilância e regulação são atributos de uma nova lógica da economia digital em que os livreiros são microempreendedores de si, colaboradores, prestadores de serviço disponíveis para assumir os riscos e os custos da sua empreitada, entretanto, desfrutando de uma meia liberdade, pois estão, a todo momento, sendo avaliados quanto a sua produtividade, que, em casos negativos, podem incorrer em punições como o bloqueio temporário ou definitivo do acervo de livros cadastrados.

⁵³ A expressão Uberização faz referência direta ao *App Uber* de serviço de motorista particular contratado pela internet. O livro de Tom Slee, “Uberização”, título original “What’s Yours Is Mine: Against The Sharing Economy”, 2016, traduzido como “O que é seu é meu: contra a economia do compartilhamento”, publicado no Brasil em 2017, reflete sobre um modelo de “negócios geridos por empresas de tecnologia através de aplicativos de celular” e a sua ideia ao escrever este livro sobre “as promessas da Economia do Compartilhamento não foram cumpridas, em vez de compartilhamento, assistimos a uma apropriação corporativa da energia coletiva, com investimentos bilionários”, “já houve muito debate sobre se “Economia do Compartilhamento” (*Sharing economy*) é o nome correto a se usar para descrever esta nova onda de negócios, e um bocado de outros nomes foram aventados: consumo colaborativo (*collaborative consumption*), economia em rede (*mesh economy*), plataforma igual-para-igual (*peer-to-peer platforms*), economia dos bicos (*gig economy*), economia da viração, serviços de concierge, ou – um termo cada vez mais usado – economia sob demanda (*on-demand economy*).” p. 36. Outras definições são pensadas por autores da Sociologia do Trabalho como Ricardo Antunes “infoproletariado” e “novo proletariado de serviços”; e Ruy Braga “Precariado”, “proletariado precarizado”. ANTUNES, R; BRAGA, R. Infoproletários: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2015. ANTUNES, R. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

⁵⁴ B2B (Business-To-Business) e B2C (Business-To-Consumer) e B2B2C (Business-To-Business-To-Consumer).

⁵⁵ <https://projetodraft.com/os-acertos-e-erros-da-estante-virtual-primeiro-acervo-digital-de-livros-do-pais-que-este-ano-cresceu-20/>

Um fenômeno que se retroalimenta. Quanto mais acervo mais busca, quanto mais busca, mais venda e mais acervo sendo digitalizado. Os sebos estão satisfeitos, hoje a estante é responsável por metade das vendas deles, é como se tivesse dobrado o volume de venda que eles tinham e a gente adicionou um novo mundo virtual (GARCIA. *Portal Literal*, 2011).

As vendas não aumentaram, as vendas presenciais foram substituídas pelas vendas *online* e até diminuídas, considerando que a venda secundária que acontece na loja, quando o cliente encontra algo inesperado e leva junto, deixou de acontecer. Numa loja digital, a venda secundária acaba acontecendo de forma pulverizada, porque o resultado das buscas e os anúncios similares que aparecem na tela não são exatamente do acervo da primeira compra. Enilson lembra que “quem era habitué de sebos no Rio via que alguns deles estavam fechando, a maioria dos sebos que eu conheço, às vezes, mantém uma única loja aberta e as demais apenas virtuais”. O livro *Devagar* de Carl Honoré (2005), *best seller* do micro empreendedorismo colaborativo, é o livro inspiração para o criador da Estante Virtual que, em sua entrevista comemorativa de dez anos da sua *startup*, indica para o público. André encontra na ascensão do *slow movement* uma forma para impulsionar sua ideia de atuar no ramo de livros usados através das noções de consumo prudente, consciente e desacelerado, porque reusa, voltando às atenções para os livros de sebo, no entanto, os livreiros virtuais e físicos, os trabalhadores do *site* e da rua, só correm.

4. Livros no Chão

4.1 Colportor

Alguns dos livros que eu acabei por adquirir, durante a pesquisa de campo, parecem-me, agora, no momento de escrever, completamente misteriosos, porque eu não faço ideia do seu lugar na trama. Muitos eu comprei para abrir contato com livreiros, outros eu recebi deles como presente, mas tem ainda aqueles que eu comprei supostamente como material de apoio para abordagens na tese. Um bom exemplo é *Jantar Secreto* (2016), escrito por Raphael Montes, um roteirista brasileiro de cinema e TV que já publicou outros livros e ganhou alguns prêmios. O livro tem todos os cortes de miolo em vermelho, numa cor intensa que me lembrou algumas edições da bíblia. Na capa, uma mancha escorrida de três dedos sujos de sangue e na contracapa a imagem de um garçom vestindo *smoking*, luvas brancas e gravata borboleta, trazendo em uma das mãos a bandeja vazia, no outro braço um guardanapo dobrado e, tanto na camisa branca, quanto no punho de uma das mãos, um pouco mais de sangue. Eu comprei *Jantar Secreto* pela Estante Virtual, ele me custou R\$20 reais, valor anotado a lápis na folha de guarda, onde se lia também “como novo”, descrevendo a sua situação de objeto de segunda mão, provavelmente nunca antes lido. Mas como um livro de romance policial poderia vir a contribuir aqui? Em absolutamente nada, se um dos personagens da trama não trabalhasse em uma livraria na cidade do Rio de Janeiro e se Raphael não citasse como epígrafe uma frase do Rubem Fonseca, “Sei que tem gente que não vai acreditar nesta história que estou contando...”, escritor que eu, especialmente, gosto. Eu não li este livro.

Mas eu nunca poderia imaginar, um dia, adquirir os seguintes livros: *Colportor de Êxito* (1998), escrito por Nicolás Chaij, e *O Colportor Evangelista* (1999), de Ellen G. White, publicados pela Casa Publicadora Brasileira,⁵⁶ a editora especializada da Igreja Adventista do Sétimo Dia. São dois manuais de colportagem sobre a venda de livros evangélicos. Livros de capa dura na cor preta com as letras do título e autores em dourado, com arabescos no seu entorno, as folhas são na textura daqueles livros da editora Abril vendidos em bancas de jornal, um deles veio assinado com “Adriano Luz, junho de 2003”. Eu me lembro exatamente por

⁵⁶ As informações sobre a CPB estão divulgadas no *site*: www.cpb.com.br. Acesso em 01/06/2020.

que comprei estes livros: eu tinha acabado de conhecer o Alexandre, um livreiro que durante a sua adolescência e início da fase adulta foi vendedor de livros evangélicos de porta em porta, como um Colportor, aquele que, de acordo com a sua crença, responde a uma incumbência divina de levar a “palavra”, e neste caso, escrita. A CPB, ou simplesmente Casa, funciona com 20 livrarias em algumas capitais do país, São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Curitiba, Fortaleza, Recife, Goiânia, Porto Alegre e por aí vai; a editora foi fundada em 1900 com o periódico *O Arauto da Verdade*, a sua primeira publicação feita em um prelo trazido dos Estados Unidos. Eu não li nenhum dos três livros. *Jantar Secreto* e os manuais de colportagem permaneceram na estante que reservei para os livros da tese, ora subiam, ora desciam uma prateleira, devido ao grau de importância que eu lhes dava. Em que capítulo entrariam? Em que momento do cronograma de leitura? A presença deles me incomodava, porque eu tinha certeza de que seriam essenciais, mas depois as suas vocações foram se perdendo. Talvez eu tivesse relacionado a ideia de circuito, rastro, trilha, rede, cartografia às histórias de suspense e talvez eu tenha me importado muito com a definição da categoria de colportor; percorrer a cidade não é especialidade de detetives e a história de vida do Alexandre não poderia ser compreendida por nenhum manual.

No bairro do Catete, na fronteira entre as zonas centro e sul da cidade, existe, ao longo das suas calçadas, uma grande variedade de livreiros expondo no chão e em bancas de madeira e foi observando uma destas livrarias que conheci o Alexandre, no dia 26 de março de 2019, às 17h. Muita gente passa. Os livros estão diretamente no chão sem tecido ou plástico e alinhados, rigorosamente, em 3 fileiras com 25 livros aproximadamente em cada uma delas. Os pés dos passantes estão na altura dos livros. Tem gente que não vê ou percebe e pisa neles, isso acontece muito. Alexandre aparece para conversar com outro livreiro no momento em que eu fotografava a feira, quando eu o vi pela primeira vez foi através das lentes do meu celular, ele apareceu na foto e depois parou ao lado dos livros retirando dos ombros a sua mochila pesada, acomodando-a em cima de um carro estacionado. Os dois livreiros se curvavam para olhar dentro da mochila, enquanto Alexandre ia tirando volume por volume: “estava levando em Botafogo, mas achei melhor te mostrar antes”, oferecendo para o outro cinquenta revistas em quadrinho do Super Homem e Batman por R\$1,50 cada uma. Paro de fotografar assim que ele atravessa o meu

enquadramento, aproximo-me dos livreiros e sou apresentada, pelo primeiro, como uma estudante que está pesquisando livros na rua para a faculdade, Alexandre se dispõe a ajudar, deixando telefone e *e-mail*; ele é um mediador, atravessador, garimpeiro, garimpeiro de garimpeiro, faz rolo, troca, se vira, negocia, um “tipo” “faz tudo” no “esquema” do livro.

Alexandre aprendeu a trabalhar com livros, em 1996, na Igreja Adventista do Sétimo Dia, em São Gonçalo, quando decidiu estudar para Colportor Evangelista, o que foi fundamental para ele se tornar *expert na venda de livros*, expressão diferente de *conhecer de livro*, expressão fluente entre outros livreiros entrevistados, como os livreiros virtuais, no capítulo 3, porque ele aprendeu a trabalhar com um nicho muito específico de livros, os de religião e de saúde, já que os adventistas também são vegetarianos. Ele sabia praticar as abordagens de porta em porta oferecendo os livros com os quais mais tinha intimidade e domínio para explicar o conteúdo, convencer da importância da sua leitura e finalizar vendas; ele passava nas casas, pela primeira vez, anotando os pedidos em um catálogo da instituição para depois voltar com os livros encomendados, caminhando com peso apenas na volta. A sua editora promovia cursos junto à igreja para treiná-los como vendedores de livros, e o Alexandre se sentia muito confortável porque já gostava de ler; entretanto, exercia as atividades de um vendedor de livros em um nicho muito específico e numa posição de subordinado a um método que não se aplica ao trabalho com outros livros, pois na colportagem não se aplica a garimpagem.

Em 2004, aos 27 anos de idade, ainda decidido a seguir na instituição, ele inicia o curso de Teologia Adventista em uma cidade do interior de São Paulo, custeando os seus estudos com o dinheiro da venda dos livros consignados, mesmo estando fora da sua cidade, porque fora acolhido como missionário colportor no Serviço Educacional Lar e Saúde – uma empresa distribuidora de livros e revistas para a CPB –, o que lhe conferia muito orgulho pela independência financeira e também pelo prestígio e conhecimento que dizia obter através do ofício. Durante quinze anos, Alexandre se dedicou a colportagem, de 1996 até 2011, quando deixa a igreja – por motivos não declarados nas entrevistas –, rompendo com a tradição da sua família na instituição, a qual ele frequentou desde criança e conheceu a sua primeira esposa e mãe do seu primeiro filho. O livreiro retorna à São Paulo, após deixar a igreja e a colportagem, e durante dois anos (2012-2013) exerce outras atividades profissionais, como garçom e atendente de *telemarketing*, num período

da sua vida dedicado a aproximar-se do seu primeiro filho muito pequeno, quando sua ex-esposa, missionária, muda-se com o filho para seguir os seus projetos. Separado da família, em outra cidade e fora da igreja, Alexandre se desestrutura, perde o emprego, precisa viver nas ruas durante alguns dias e depois vai morar em abrigos, onde se torna voluntário e conhece assistentes sociais, decide fazer um pré-vestibular social e passa para o curso de Serviço Social na UFF. Mas antes de voltar para casa, como estudante, neste ínterim de rua e abrigos, Alexandre conhece o rolo de rua, a garimpagem, a viração, ele precisa sobreviver e vai atrás daquilo que ele mais reconhece da sua trajetória de vida: os livros. Alexandre percebe que as calçadas de São Paulo são ocupadas por um fluxo enorme de comércio informal, entre eles bancadas de livros usados. A princípio ele é curioso, depois se enturma e se envolve no negócio, percorre a cidade atrás de sebos, seguindo os livreiros que conhecera. Em 2014, seu filho viaja com a mãe, ainda como missionária, para morar nos Estados Unidos e Alexandre retorna para o Rio de Janeiro e se matricula na universidade.

Assim que nos conhecemos, eu lhe propus desenhar um “mapa do rolo de livros na cidade” e durante alguns encontros nos concentramos para traçar a sua cartografia, então, fomos percebendo que inúmeros caminhos levariam de casa para a universidade. Alexandre mora no município de São Gonçalo, em Alcântara – na região metropolitana do Estado do Rio – e costuma vir para o Rio passando antes por Niterói, se direcionando para o campus da UFRJ na Praia Vermelha, em Botafogo, para onde ele transferiu a sua matrícula na UFF. Alexandre, agora, tem 42 anos de idade, é casado, tem mais dois filhos, não voltou a frequentar a Igreja Adventista do Sétimo Dia, descobriu o rolo de livros na cidade do Rio e divide o seu tempo entre a garimpagem, a família e os estudos; e, mais uma vez, Alexandre vende livros para poder estudar.

Anotações no caderno de campo. Data: 17/04/2019:

IFCS. 14h. Mapa. Conversamos por *WhatsApp* para marcar um próximo encontro. Desta vez não iríamos caminhar e fazer negócios, eu sugeri que poderíamos começar a rabiscar um mapa do seu itinerário livreiro pela cidade. Alexandre costuma almoçar no restaurante universitário do campus de Humanas da UFRJ, no centro da cidade, porque ele possui carteirinha da instituição. Procuramos uma sala de aula vazia que pudéssemos usar uma mesa e não achamos de imediato, subimos algumas escadas, as laterais e as principais, caminhamos por corredores, pegamos saídas paralelas que atravessavam departamentos e salas de secretaria, Alexandre me guiava, eu o seguia. Depois nos vimos perdidos dentro do IFCS, porque nenhum dos dois estudava lá. Nos contentamos com um corredor onde alguns alunos

dormiam no chão num pós-almoço, que ficava de frente para o salão nobre no segundo andar, usamos uma mesa longa, destas do mobiliário antigo da faculdade, destinadas para a inscrição dos convidados nos eventos do salão. Alexandre me disse que em alguns lugares de todas as universidades sempre têm livros para doação, fomos procurar e achamos dois pelos quais ele se interessou, estavam numa pilha junto de panfletos do movimento estudantil e algumas xerox de textos acadêmicos no corredor. Uma publicação com incentivo do governo federal sobre políticas públicas, algo assim, encadernado como catálogo, papel *couché* e bem pesado, outro parecia ser uma publicação gratuita distribuída para alunos de Ciências Sociais. Sentamos, enfim, para rabiscarmos o mapa com anotações organizadas em tópicos de lugares, rolos, compra e venda de livros, começando em Alcântara e terminando em Botafogo. A escrita do mapa nos rendeu uma longa conversa, a cada ponto que Alexandre destacava na cidade, ele relembrava histórias, me dizia nomes, valores, fazia a sua economia, o seu trajeto. Falava da sua vontade de montar um sebo perto da sua casa, que sentia falta das crianças, enquanto estava na rua e que gostaria de trabalhar perto. Tinha planos de passar em um concurso ou trabalhar em uma ONG depois de formado, assim poderia se organizar e abrir o sebo e que, se isso acontecesse, ele já saberia exatamente como trabalhar. Não se imagina longe dos livros, me disse que gosta do contato com os livros e que já está acostumado a eles, que caminha e vê livros. Passamos pelo pátio da universidade algumas vezes, quando chegamos e saímos para beber água, em umas das voltas, eu parei para olhar a mesa de livros da editora da UFRJ, ela tem ponto fixo ali, a livraria fechou e no seu lugar funciona, agora, o restaurante universitário. Alexandre não deu atenção, ele disse que aqueles livros eram caros, a sua intimidade com livros se dá no circuito dos usados, o livro gasto que circula e que passa por suas mãos; diante da banca de livros novos, Alexandre não se entusiasma. O mapa foi nos mostrando que a concentração de livreiros de rua na cidade está mesmo no seu itinerário, do Centro até Botafogo. Alexandre não conhece muito bem a Tijuca e não costuma visitar a Zona Norte e já morou no Cosme Velho, ali na respiração do túnel Rebouças. Aprendeu o caminho a pé para chegar na Praia Vermelha por dentro, vindo da Praça XV, passando pelo Centro, Largo da Carioca, Cinelândia, atravessando os bairros da Lapa, Glória, Catete, Largo do Machado, Flamengo até Botafogo. Refletimos sobre o seu itinerário fazer o caminho para chegar à faculdade, ele acrescenta que, antes de estudar no Rio, ele já conhecia alguns poucos livreiros do Centro da cidade, mas não frequentava a Zona Sul. Decidimos dar uma pausa no mapa e Alexandre me convida para conhecer os sebos da Praça Tiradentes, os famosos e tradicionais sebos dos irmãos da Academia do Saber: Rodrigo, Renato e Ricardo. Visitamos as três lojas, uma na Avenida Passos, a outra na sua esquina com Rua Luís de Camões e a terceira na Rua da Constituição. Era véspera de feriado e dois dos irmãos tinham viajado, conversamos com funcionários em duas lojas. Alexandre oferece revistas em quadrinhos, a sua especialidade atual, eles respondem que só com o dono. Na última loja, enquanto Alexandre mostrava os quadrinhos, eu folheava alguns livros empilhados na porta, ele precisava vender. Entramos nas três lojas, mas em uma delas fomos até o segundo andar, era a maior delas, um sobrado comprido com escadas antigas de madeira e corrimão largo, com pilhas de livros nos degraus, estantes até o teto, mesas de exposição lotadas, caixas de papelão fechadas e abertas, ele foi me levando até o segundo andar: um salão dedicado aos quadrinhos. Olhamos várias revistas que ele gosta e que são boas para negociar, aponta as estantes, separa algumas, folheia outras, diz que ali é o lugar na cidade inteira onde mais se encontra HQs. Chegamos até o baú do tesouro! depois de rabiscarmos o mapa.

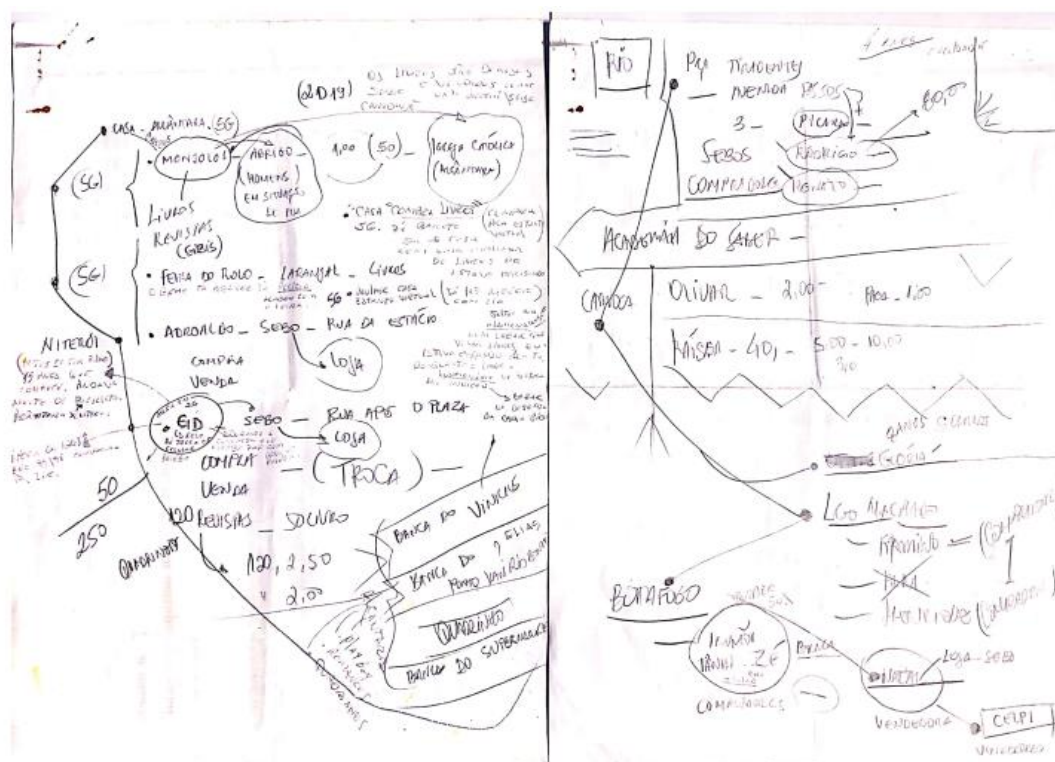
Tabela 5: Legenda do Mapa do livro feito pelo Alexandre:

Legenda do Mapa do livro feito pelo Alexandre			
Lugar	Ponto	Objeto	Rolo
Alcântara Bairro: Monjolos	shopping chão da parada de ônibus	livros, revistas e HQs	compra e vende
Alcântara Bairro: Monjolos	Abrigo de homens em situação de rua	Livros	compra
Alcântara Bairro: Centro	shopping chão no ponto de vans para Rio Bonito	Livros	Compra
Alcântara Bairro: Centro	Bazar da Igreja Católica	Livros	Compra
Alcântara Bairro: Centro	Banca do <i>Supermarket</i>	HQs	Compra
São Gonçalo	Feira do rolo de São Gonçalo	Livros, revistas e HQs	Compra, vende e pega a xepa
São Gonçalo Bairro: Laranjal	Casa com placa “compro livros” (vendedor da Estante Virtual)	Livros	Vende
São Gonçalo Bairro: Zé Garoto	Casa com placa “compro livros” (vendedor da Estante Virtual)	Livros	Vende
São Gonçalo Bairro: Alameda	Bazar beneficente	Livros	Compra
São Gonçalo Bairro: Fonseca	Banca do Vinícius	Livros	Compra e vende
Niterói Bairro: Centro, na rua da Universidade Estácio	Sebo do Adroaldo	Livros e HQs	Compra e vende
Niterói Bairro: Centro, rua após o Plaza	Sebo do Cid	Livros	Compra e vende
Rio de Janeiro Bairro: Praça XV	Feira de Antiguidades da Praça XV	Livros, revistas e HQs	Compra, vende e pega a xepa
Rio de Janeiro Bairro: Central	Shopping chão do terminal de ônibus da Central	Livros, revistas e HQs	Compra
Rio de Janeiro Bairro: São Cristóvão	Feira do Rolo de São Cristóvão	Livros, revistas e HQs	Compra, vende e pega a xepa
Rio de Janeiro Bairro: Praça Tiradentes	Os três Sebos Academia do Saber	Livros, revistas e HQs	Vende
Rio de Janeiro Bairro: Praça Tiradentes	IFCS	Livros	Pega doação
Rio de Janeiro Bairro: Carioca	Bancada do Olivar	Livros	Vende e compra
Rio de Janeiro Bairro: Carioca	Bancada da Raíssa	Livros	Vende

Rio de Janeiro Bairro: Lapa	Shopping chão da rua da Lapa	Livros, revistas e HQs	Compra
Rio de Janeiro Bairro: Glória	Bancada de livros do Seu Carlos	Livros	Vende
Rio de Janeiro Bairro: Glória	Shopping chão da rua da Glória	Livros, revistas e HQs	Compra
Rio de Janeiro Bairro: Glória	Feira Popular da Glória	Livros, revistas e HQs	Compra, vende e pega a xepa
Rio de Janeiro Bairro: Catete	Shopping chão do Henrique	Livros, revistas e QHs	Vende
Rio de Janeiro Bairro: Largo do Machado	Shopping chão do Firmino	Livros	Compra e vende
Rio de Janeiro Bairro: Botafogo, na praça do metrô	Banca dos Irmãos Tânia e Zé	Livros	Vende
Rio de Janeiro Bairro: Botafogo	CELPI Sebo beneficente	Livros	Compra apenas no Natal
Rio de Janeiro Bairro: Botafogo	UFRJ Faculdade de Economia	Livros	Pega doação
Rio de Janeiro Bairro: Botafogo	Shopping chão em frente ao Pinel	Livros	Compra e vende

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Figura 3: Mapa de Garimpagem do Alexandre



Fonte: Mapa desenhado pelo livreiro Alexandre. 2019.

A sua rotina é: ele sai de Alcântara para o Rio de manhã cedo, desce no centro da cidade e depois faz rolo de livros, almoça no restaurante universitário do IFCS, durante a tarde, caminha negociando os livros e, à noite, vai para a Praia Vermelha estudar. Durante três dias da semana de manhã, ele faz estágio em uma ONG até 13h, na Maré e, nos dias sem estágio, Alexandre vem de Alcântara e desce em Niterói, vende, compra e troca livros por lá e depois vem para o Rio. Alexandre faz rolo, os livros passam por ele, ele não acumula livros e compra muito pouco para si. Combinamos de percorrer um caminho juntos em busca dos livros e ele aceitou que eu acompanhasse o seu dia de trabalho. Encontrei Alexandre no dia 06/04/2019, por volta das 11h, na Feira da Praça XV: ele me acenou de longe com sorriso, vindo das barcas, ele trazia duas mochilas, uma de costas e outra de rodinha. Alexandre vem com as mochilas vazias, enche, carrega peso, está acostumado a andar, depois sai negociando os livros, volta pra casa sem nada e com o dinheiro. Alexandre gosta de negociar revistas em quadrinho, HQs, e as melhores de vender são Turma da Mônica Jovem. Então, fomos garimpar a feira. Na primeira barraca que paramos, Alexandre comprou 70 revistas de super herói que lhe custou R\$30; na segunda barraca, comprou 25 revistas em quadrinhos sortidas de Mônica e super heróis e 10 livros sortidos de literatura *best seller*, tudo por R\$18; a cada barraca de livros, parávamos, nada de roupa, antiquarias, bugigangas... Apenas livros, revistas e quadrinhos. R\$5 para ele é caro, até R\$3 é a sua média de preço para comprar, então ele espera até o final da feira, porque fica mais barato, além disso, depois das 16h tem a xepa; chego a uma das barracas à frente, como cliente, Alexandre chega às barracas por traz, como negociante; ele fala direto com o vendedor, cumprimenta, depois escolhe, seleciona o acervo dos livros que não estão expostos na mesa, aqueles que aguardam nas caixas para substituir os da mesa quando vendem. Chego, então, pela frente e ele pelos fundos, cercamos a barraca sem perceber.

Durante o almoço, conversamos sobre a sua experiência na igreja e ele me passou os valores das revistas, as quantidades e onde pretendia vender. O calor apertava e as mochilas já estavam lotadas. Eram mochilas bem usadas, remendadas, gastas de tanto peso, marcadas pelo suor, pelo sol, pelas andanças na cidade, com marcas do chão, arrastadas, eram suportes de livros e corpo. As mochilas são o seu aparato, o seu instrumento de trabalho: “já tive várias mochilas, malas de todo jeito, grandes também e troco quando acaba, compro aqui mesmo, [apontando para uma porção de malas de rodinha expostas na feira]”; as mochilas e malas do Alexandre

são como os celulares dos livreiros virtuais, inseparáveis, extremamente necessárias, vinculadas diretamente ao seu ofício.

No dia 25/05/2019, encontrei mais uma vez o Alexandre na Feira da Praça XV, depois fomos para Botafogo, o destino dele era uma banca de jornal, onde ele atravessa livro, na praça do metrô, ali ele já tinha uma venda certa. Eu fiquei sentada durante uns 25 minutos aguardando o Alexandre fechar o negócio, porque ele se direcionou até a banca sozinho, deixando-me sentada na praça com a mala pesada para tomar conta; depois ele voltou e me mostrou a carteira aberta cheia de dinheiro, com várias notas de R\$50, ele estava bastante animado. Sentamos para fazer um lanche e conversar, estava anoitecendo, Alexandre disse que fazia rolo de celular usado com o dono da banca e que hoje tinha revendido dois celulares e por isso fiquei com a mala de livros, “livro não dava aquilo tudo”, me disse, ele compra celulares por R\$80 reais em São Gonçalo e vende por R\$150. Um dia ele chegou nesta banca e ofereceu livros e o dono aceitou vender, mesmo sem “conhecer de livro”, o jornaleiro não sabia expor, nem vender, assim o Alexandre se ofereceu para ficar lá arrumando e vendendo, quando pudesse, e ficava com 50% das vendas. Alexandre explicou que, neste dia, a banca já tinha muitos livros estocados de outras compras e que agora queria dar um tempo, era importante sentir isso, de dar um tempo depois de vender continuamente pra algum lugar. Além da igreja, Alexandre também aprendeu a negociar com o seu pai, que tinha um bar durante a sua infância. Além de celular, ele também vendia outras coisas para o dono da banca de revistas, até um filhote de cachorro da raça *poodle* já lhe encomendaram, mas deixou claro que não se envolvia com drogas, mas que outros objetos ele conseguia na feira do rolo em São Gonçalo, onde tudo é muito barato e tem de tudo.

Alexandre poderia garimpar, vender, negociar, atravessar qualquer outra coisa, mas se especializou em livros; ler era aquilo que ele mais gostava durante a infância e foi através dos livros que ele se tornou colportor evangelista, sendo reconhecido pela instituição e pela sua família como alguém comprometido, tanto com a sua tradição, como também com o seu desejo de conquistar um diploma universitário. Os livros materializavam, ainda, de alguma maneira, os seus desejos, a sua memória, a sua ligação com a família, com a sua independência, com relações de afeto. Quando nos despedimos, ele me disse que não iria para casa, mas que antes passaria ainda na Central para tentar comprar livros ou celulares nas calçadas próximas ao terminal de ônibus, nos fundos da estação, onde funcionava um

camelódromo que pegou fogo e o antigo restaurante de 1 Real, ocupado à noite por um shopping chão com todo tipo de objetos. Quando lhe perguntei se já havia pensado em fazer um ponto de livros na porta da universidade, ele me explicou que não gosta de ficar preso em nenhum serviço, porque tem filhos pequenos em casa e gosta de estar com eles, também porque mora longe e precisa de tempo para o estágio, mas, principalmente, porque gosta é de ficar “rodando” e não pretende carregar mais do que couber na sua mala, pois para trabalhar na rua ele precisaria ter um ponto fixo e um depósito. Ele tampouco pensa em ter uma conta de livreiro na Estante Virtual, acrescentando a sua “falta de paciência para a internet”, ao mesmo tempo em que ele afirma não ter a estrutura necessária para a venda *online*, porque mesmo revendendo celulares, ele não possui internet móvel, também não costuma ficar em casa para organizar um acervo, para responder *e-mail*, enviar fotos, embrulhar etc. Alexandre repete sempre que não quer ter trabalho com nada, que é um estudante pobre e que “tem que se virar”, ele é beneficiário do bolsa família e possui bolsa como estagiário na faculdade, então faz rolo pra não precisar de um trabalho fixo e poder estudar.

4.2 Garimpeiros

Até meados do século XIX, o miolo dos livros era feito, majoritariamente, de uma receita com misturas de tecidos, uns produzidos especialmente nas oficinas tipográficas, misturados ao cal branco e cola, outros do restolho de trapo das ascendentes fábricas têxteis. De Gutemberg aos dias atuais, as folhas dos livros experimentaram além de mesclas orgânicas, também inseticidas e tintas. Lendo o artigo “Pequenas profissões”, publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, por João do Rio, em 1904, reflito sobre a relação entre os livreiros, os trapos e os livros. O papel industrial, claro, finíssimo, perfumado e dedetizado não fez desaparecer a sua história com os trapos e, de maneira figurada, hoje os livreiros que percorrem a cidade fazendo rolo de livros me lembram os trapeiros descritos em *A Alma encantadora das Ruas* (RIO, 2008: 57):

Os trapeiros existem desde que nós possuímos fábricas de papel e fábricas de móveis. Os primeiros apanham trapos, todos os trapos encontrados na rua, remexem o lixo, arrancam da poeira e do esterco os pedaços de pano, que serão em pouco alvo papel; os outros têm o serviço mais especial de procurar panos limpos, trapos em perfeito estado, para vender aos lustradores das fábricas de móveis.

O trapeiro é uma das figuras dos escritos de Baudelaire sobre a cidade, quando o próprio lixo urbano está em simetria com a sua ideia de sentimento ilustre e, ao mesmo tempo, vulgar dos poetas, como nos versos de *Vinho dos Trapeiros*:

(...) ambos realizam seu negócio nas horas em que os burgueses se entregam ao sono, (...) é o passo do poeta que erra pela cidade à cata de rimas; deve ser também o passo do trapeiro que, a todo instante, se detém no caminho para recolher o lixo em que tropeça” (BENJAMIN, 1989: 79).

Ao pensar em Baudelaire, Walter Benjamin busca, na sua definição de trapeiro, esta metáfora:

Aqui temos um homem — ele tem de recolher na capital o lixo do dia que passou. Tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu, é reunido e registrado por ele. Compila os anais da devassidão, o cafamaum da escória; separa as coisas, faz uma seleção inteligente; procede como um avaro com seu tesouro e se detém no entulho que, entre as maxilas da deusa indústria, vai adotar a forma de objetos úteis ou agradáveis.⁵⁷

Catadores, garimpeiros, papaleiros, trapeiros e livreiros. Os livros que já foram trapos são, agora, os trapos das fábricas de livros. Mas quem são e o que fazem os agentes destas categorias? Inicialmente, elas não se diferem ao considerarmos a finalidade do seu ofício que seria a busca especializada e treinada por objetos “de valor” descartados no lixo urbano e distribuídos em sacos, caixas e caçambas de entulhos pelas ruas da cidade – vale esclarecer que não incluo entre elas os catadores de lixões, nem os catadores cooperativados ou funcionários da limpeza urbana como Garis. Na expressão nativa, *garimpeiro* reúne todas as outras categorias e consegue dar o melhor sentido a sua atuação. Então, papaleiros são garimpeiros, porque buscam entre outros objetos os melhores papéis, os mais valiosos; catadores de lata e de fios de cobre garimpam os fios mais inteiros e as latas ainda com lacres; catadores de antiquarias também são garimpeiros da porcelana sem trincos e das colheres da melhor prata; já os trapeiros são como todos acima, porque garimpam as roupas, os casacos e os vestidos para os brechós; ainda existem os garimpeiros que entre colheres, casacos, papelão e latas também garimpam livros; por fim, os livreiros, como garimpeiros, garimpam os livros de todos os outros garimpeiros.

⁵⁷ Citação de citação. Trecho escrito por Charles Baudelaire e citado por Walter Benjamin. BENJAMIN, W. Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 78. O autor menciona tal descrição do trapeiro como parte de um texto escrito um ano antes do poema “Vinho dos Trapeiros”.

O garimpo de objetos nas ruas é a *viração* daqueles que precisam “escapar da vida difícil”, como os que garimpam moradia nas ocupações urbanas, acompanhadas pela antropóloga Adriana Fernandes em sua Tese, *Escuta Ocupação: arte do contornamento, viração e precariedade no Rio de Janeiro*, (FERNANDES, 2013: 292) “a vida, em condições de precariedade, consiste, na maior parte do tempo, num cotidiano de virações, indeterminações e usurpações”, e que as ocupações enquanto “luta por moradia” inscrevem-se como uma viração capaz de minimizar a “vida difícil”. Garimpando a sobrevivência em arranjos de moradia e trabalho, ora camelô de objetos falsificados da grande indústria de plástico e eletrônicos, ora flanelinhas nos estacionamentos de rua, ora ocupantes dos prédios abandonados na cidade, ora catadores e revendedores de coisas descartadas no lixo; é a viração como trabalho precarizado urbano de pobres que “vivem do cisco do que cai das sarjetas” (RIO, 2008: 60). Os miseráveis das profissões ignoradas de João do Rio e, como lembra Adriana Fernandes, em sua Tese, se referindo a Vera Telles, *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*, são os que contornam as “linhas de forças” da informalidade (TELLES, 2010:115).

A viração no contexto do garimpo de objetos de segunda mão vai se desdobrando em atitudes de garimpagem e envolve outros agentes, que não apenas os mais vulneráveis trabalhadores das ruas, mas outros que transitam a informalidade: os funcionários da portaria do prédio que avisam aos moradores para deixar separados com eles os objetos que precisam abandonar e recolhem, no lixo seco do condomínio, latas, papel etc., e “dão fim” aos móveis trocados nas reformas e mudanças e, especialmente, recebem os livros descartados pelos apartamentos, passando-os a diante para os garimpeiros; os funcionários da limpeza urbana, garis, que avisam e negociam o horário do recolhimento do lixo nas ruas com os garimpeiros, que passam 20 minutos na frente do caminhão, em troca de um relógio ou um tênis garimpado que eles mesmos não podem buscar na correria do trabalho; e, ainda, os funcionários das bancas de jornal, no centro da cidade, que acolhem os objetos durante a noite, principalmente livros, quando o garimpeiro não tem depósito para guardar, em troca de pequenos aluguéis.

Corôa trabalha como catador há 25 anos, nos conhecemos na Rua Tonelero, perto do cruzamento com a Rua Siqueira Campos, no bairro de Copacabana, por volta das 21h, horário oficial da coleta do lixo domiciliar exposto na calçada da

porta dos prédios. De acordo com as regras da Comlurb⁵⁸ (Companhia Municipal de Limpeza Urbana da Cidade do Rio de Janeiro) o lixo deve ser posto para fora somente às 20h e recolhido às 21h, assim, no intervalo de uma hora, o lixo fica não-oficialmente “disponível” para a garimpagem. Se o caminhão inicia a coleta no início da Tonelero às 21h, ele passa pelo cruzamento da Siqueira Campos por volta das 21h 25min e, nesta corrida, para ficar sempre alguns minutos à frente do caminhão, ele avança depressa empurrando o seu carrinho de carga. Antes ele morava e trabalhava na Tijuca como porteiro de prédio, um dia foi assaltado e levou um tiro no dedo da mão, perdeu o emprego e um amigo ensinou-lhe o ofício do garimpo; depois disso tudo, ele prefere o que faz hoje, porque sente-se livre e consegue “fazer dinheiro” por conta própria, tendo muito orgulho, pois assim criou e garantiu os meios para sua filha estudar. Corôa é um catador de *objetos de valor* nas ruas da cidade e o seu percurso envolve a Lapa, bairro onde mora no Centro, e os bairros da Zona Sul até Copacabana. O valor atribuído aos objetos garimpados pelo Corôa faz parte de um constante consenso produzido pelos especialistas em antiguidades, através dos eventos de leilão – tema pensado com mais profundidade no capítulo 7 Colecionadores de Livro –, a partir da recepção que ele encontra ao oferecer os seus achados nas galerias e antiquários da cidade, deste modo, mesmo sem compreender a história erudita dos objetos, ele sabe o que e onde negociar o seu garimpo.

Quando conversamos, o seu carrinho estava encostado na calçada ao lado de uma caçamba da Comlurb, ainda muito cheia de sacos de plástico preto e objetos grandes soltos, como portas de guarda-roupa desmontado, fiação e peças de computador, no chão, havia outros sacos e caixas de papelão já abertas e, no carrinho, Corôa já separava os objetos que ele iria levar, ele estava quase todo preenchido, o que indicava que o seu percurso desde o início da Rua Barata Ribeiro tinha sido bom. Eu me apresentei para ele com um aperto de mão, dizendo que sou estudante e que gostaria de conversar um pouco sobre o que ele estava fazendo para uma pesquisa da faculdade. O contato das mãos é importante na chegada e para se despedir e também na hora de tocar os objetos, numa dinâmica de conversar, separar e escolher ao mesmo tempo, então, nos aproximamos, e ele me recebeu limpando a

⁵⁸ <https://comlurbnet.rio.rj.gov.br/Extranet/ConsultaColetaLograd/index.asp>.

sua mão direita na roupa antes de apertar a minha, ele não usava luvas e nenhum outro equipamento de proteção que eu reconhecesse como tal, mas pensando bem, talvez pudesse ser o sapato fechado e a calça *jeans*.

Burrinho sem rabo é o nome que os catadores dão ao carrinho de carga, tratando-se de uma pequena carroceria de aço e madeira com duas rodas traseiras e uma poio frontal para ficar de pé estacionado, o seu tamanho médio é um metro e meio de comprimento e meio metro de largura, podendo suportar até uma tonelada. Alguns catadores não gostam que chamem o carrinho por este nome, porque se sentem ofendidos na comparação direta com eles, já que o empurram com a força dos braços, caminhando à frente da carroceria, ainda assim, esta expressão é comum nas suas conversas, e o Corôa a repetiu algumas vezes. O seu burrinho lhe custou R\$1,5 mil na ocasião, quando comprou no Ceasa (Central de Abastecimento do Rio de Janeiro), em Irajá, bairro da Zona Norte da cidade, ele foi de ônibus e voltou a pé, à distância de 25km até a Lapa, empurrando-o até a sua casa, “normal, caminho muito, tenho muita saúde, sou muito forte, carrego muito peso”. Corôa consegue guardar dinheiro para investir no que precisa para trabalhar e para pagar o aluguel da sua residência, na rua Morais e Vale, conhecida no bairro como *Beco do Rato*. O carrinho pode ser vendido também na CADEG (Mercado Municipal do Rio de Janeiro), em Benfica, bairro da Zona Norte mais próximo do centro da cidade, ou pelo *site* mercado livre, mas para o Corôa, que não possui cartão de crédito, fica ruim comprar pela internet e a CADEG é mais “careira” do que a Ceasa. Ele poderia também ter comprado um *burrinho* de segunda mão, o que já fez outras vezes, direto na porta de galpões de entulho e reciclagem espalhados pelo centro da cidade, mas desta vez ele quis investir em um novo “para não ter dor de cabeça”, referindo-se à manutenção necessária ao carrinho mais usado e ao peso máximo que um novo poderia vir a suportar.

Corôa está acostumado a caminhar e o seu percurso, Lapa-Copacabana-Lapa, faz todo a pé: na ida, ele sai da Lapa cortando os bairros da Glória, Catete, Flamengo e Botafogo, atravessa o túnel Engenheiro Marques Porto, o túnel do Shopping Rio Sul, e segue para Copacabana pela Rua Barata Ribeiro. Ele faz o garimpo na orla e nas duas melhores ruas para encontrar bons objetos no lixo: segunda e quarta-feira: Rua Prado Jr e Orla; terça e quinta-feira: Rua Tonelero e Rua Siqueira Campos; garimpa e também vende expondo os objetos, por isso, na

sexta-feira, ele organiza os seus garimpos em casa e se prepara para carregá-los, à noite, para a Feira da Praça XV, quando os expositores começam a montar as suas barracas na virada de sexta para sábado, a feira funciona todos os sábados das 6h às 14h; aos domingos, expõe na Feira Popular da Glória no mesmo horário. Corôa não faz um garimpo de objetos específicos, como roupas e sapatos, CDs e DVDs, livros e revistas, eletrônicos e relógios, ele seleciona todos os objetos que considera “de valor”, sendo todos aqueles que estão íntegros, sem rachaduras, trincos, quebrados e rasgados, entretanto, para os “muito valiosos”, como porcelana e esculturas em madeira, vidro, joias, boas molduras de quadro etc., ele tem clientes fixos em antiquários que não deixam de comprar devido às avarias. Terminado o garimpo, por volta das 22h, Corôa vai ao *Shopping dos Antiquários*,⁵⁹ na Siqueira Campos, onde negocia os melhores objetos na porta dos fundos das lojas da galeria. Na volta, ele atravessa o túnel Alaor Prata, o túnel velho, que liga Copacabana a Botafogo pelo cemitério, e retorna para a Lapa, buscando nos bairros que se seguem, os objetos que ainda não foram garimpados pelos catadores que trabalham nesta região mais próxima do centro, antes de Copacabana. Os garimpeiros fazem entre si e de maneira negociada, ainda informal, os seus roteiros; o mais antigo na viração apresenta para o novato “os esquemas” do trabalho, os melhores lugares, os horários, os melhores objetos e onde vendê-los, como numa corporação de ofício autogestionada pelos garimpeiros autônomos da cidade e sob a conduta ritualizada da inserção na rua. Corôa vai até Copacabana, porque quanto mais avança pela Zona Sul, mais objetos de valor ele pode garimpar, no entanto, Copacabana ainda é o melhor bairro desta área pela concentração de moradores mais idosos e “em casa de idoso sempre tem coisa boa e os filhos não dão valor”.

Entre outras coisas, Corôa separava numa pilha alguns livros e papéis soltos, ele me disse que prefere não vender os livros como papel velho nos galpões de reciclagem, porque tem pena dos livros serem triturados e porque sempre terá alguém que ainda queira lê-los, ele diz isso lembrando da sua filha que gosta de estudar, além disso, dá-lhe mais dinheiro vendê-los nas feiras em que frequenta como expositor, “passa muito estudante interessado e como eu não sei o que é bom eu levo tudo e eles escolhem”. Corôa separa os livros que considera “antigos” e não

⁵⁹ <http://www.shoppingcidadecopacabana.com/sobre.cfm>.

<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/shopping-dos-antiquarios-em-copacabana-continua-um-oasis-para-quem-ama-antiguidades-23787415>.

apenas “velhos” para oferecer junto nos antiquários, algumas raridades são encontradas no lixo por vários motivos, descuido dos proprietários ao fazerem reformas, mudanças e faxinas, abandono de bibliotecas após a sua morte, entre outras eventualidades, os livros vão para o lixo, quando os porteiros não são acionados antes, e cabe ao garimpeiro a *expertise* de separá-los conforme o seu suposto valor, muitas relíquias podem seguir diretamente para o galpão de papeleiros, mas pode também desviar o seu caminho de rejeição, refazendo o ciclo de movimento dos livros de segunda mão, devido à perspicácia dos catadores. Desfazendo a sua pilha de livros no carrinho, eu me interessei por dois deles: *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, e *A Virgem e o Cigano*, de D. H. Lawrence, duas edições do Círculo do Livro,⁶⁰ uma editora brasileira que promovia um clube literário, nos anos de 1970, principalmente, com boas traduções, capa dura e ilustradas.

Figura 4: Dois livros do Círculo do Livro



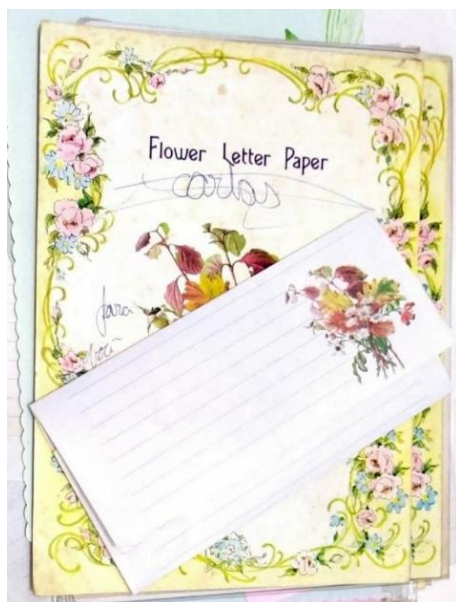
Fonte: fotografia da autora.

⁶⁰<https://www.publishnews.com.br/materias/2012/12/07/71420-a-historia-de-um-clube-do-livro-com-800-mil-socios>.

4.3 Papéis de carta

Na papelada, junto aos livros, Corôa tinha separado uma pasta de papel de carta, daqueles colecionáveis durante a década de 1980 até meados dos anos noventa, quando minhas irmãs e eu sonhávamos com a coleção completa e tantas outras crianças escreviam cartinhas umas para as outras com figurinhas da *Moranginho* e da *Hello Kitty*, de ursinhos e de florzinhas em alto relevo. Era um álbum tamanho A3 com divisórias de plástico, presas por quatro colchetes de alumínio, para guardar aproximadamente cinquenta papéis sortidos de tamanhos e temas, alguns importados, *Flower Letter Paper*, outros picotados nas margens com tesoura de ondinhas, alguns já vinham com as expressões “De:” e “Para:” e outros com as primeiras frases de uma cartinha escrita e depois rasurada. Quando nos despedimos, Corôa me explicou aonde ficava o seu ponto de vendas na Rua da Lapa e na Feira da Glória, eu anotei e fiquei de procurá-lo, ele concordou e me vendeu os dois livros mais o álbum de papéis de carta por R\$30, apertamos novamente as nossas mãos e ele seguiu o caminho do garimpo, no final de semana seguinte, eu fui à feira e esperei exatamente na porta do Banco do Brasil, onde seria o seu ponto, e não o encontrei.

Figura 5: Pasta de papéis de carta.



Fonte: fotografia da autora.

O que os bibliófilos pensam sobre as cartas? Édouard Rouveyre, autor de *Dos Livros* (1880, 2003), publicado como opúsculo com pensamentos e

recomendações para os amigos do livro, foi um bibliófilo, editor e livreiro parisiense, assim, dizia que “de acordo com os autores antigos, um livro diferenciava-se de uma carta não somente por sua extensão, mas porque a carta era dobrada e o livro, somente enrolado” (ROUYEYRE, 2003: 16). O hábito de escrever cartas em papel ainda se mantém vívido ao lado de outras modalidades de envio de mensagens e, durante a conversa entre Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, publicada no livro que reúne as suas entrevistas, *Não contem com o fim do livro*, os autores pensavam que “se a correspondência manuscrita se perder, serão profissões inteiras que vão desaparecer. Grafólogos, escrivães públicos, colecionadores e *marchands* de autógrafos... O que você ainda escreve à mão?”, perguntava JCC para UE, que o responde “começo sempre um novo livro com anotações manuscritas. Faço desenhos, diagramas que não são fáceis de realizar com o computador” (CARRIÈRE; ECO, 2009: 100). Existem os ladrões especializados em rasgar as suas margens com o intuito de aproveitar o melhor papel, eles “destroçam desmedidamente os livros, cortando os espaços laterais para escreverem cartinhas, deixando apenas o texto” (BURY, 2007: 128), alerta o bibliófilo inglês Ricardo de Bury, em *Philobiblon ou o Amigo do Livro*, manuscrito em 1345, cem anos antes de Gutenberg inventar a imprensa moderna, e só impresso em 1473. Inicialmente, quando eu escrevia o projeto da pesquisa de doutorado, as cartas, os livros, os *fanzines*, as revistas, os bilhetes, cartões postais, documentos e toda uma vastidão de papéis seriam considerados *papelada*, em um recorte mais amplo do circuito de coisas que eu buscava conhecer através da pesquisa de campo. Decidindo-me pelo livro de segunda mão, vi-o relacionado a toda a papelada novamente e, a cada encontro seu com uma carta ou um bilhete de teatro, percebo que tais coisas não ficaram de lado, mas vinculam-se aos livros fazendo parte da sua trajetória no tempo, de mão em mão. As cartas também constituem os livros, propriamente, como nos romances epistolares, *Os sofrimentos do jovem Werther*, escrito por Johann Wolfgang Von Goethe, e *As relações perigosas*, de Pierre Choderlos de Laclos, – exemplifico com daqueles que eu li – um gênero narrativo que nos envolve como leitores bisbilhoteiros numa trama de correspondências alheias, conduzidos pela troca e leitura de cada uma das cartas em que o enredo se desenvolve.

4.4 Shopping chão

O livro na altura dos pés é o livro do *shopping chão*. “Esta história começa ao rés do chão, com passos”, como na *Fala dos passos perdidos*, em *A invenção do Cotidiano* (1998) de Michel De Certeau. Uma biblioteca que acompanha os passos dos caminhantes nos centros das cidades, nas feiras e nas calçadas mais largas dos bairros comerciais. *Shopping chão* é uma expressão nativa dos expositores do chão, na cidade do Rio de Janeiro, em contraponto à organização das barracas oficiais na Feira de Antiguidades da Praça XV, o maior e mais frequentado mercado de pulgas da cidade e do país. Depois, o termo se espalhou e inclui todas as aglomerações de comércio irregular ou informal de objetos de segunda mão, majoritariamente garimpados no lixo domiciliar dos bairros de classe média da cidade, diretamente no chão, os objetos estão dispostos sobre tecidos e plásticos como lonas e lençóis. Entre dezembro de 2012 e fevereiro de 2013, eu fui expositora cadastrada na Feira da Praça XV vendendo livros usados, discos e broches, nesta época, eu começava a perceber os livros usados na cidade como um circuito de objetos em fluxo. A feira funciona desde o final da década de 1970, das 6h às 14h. Quando eu expus, os associados pagavam R\$30 por sábado, tendo direito a uma mesa grande de madeira que era trazida por caminhões da organização por volta das 23h da sexta-feira, montadas até às 4h da madrugada de sábado e retiradas da feira por volta das 16h. Neste tempo, a feira acontecia debaixo do antigo elevado da Perimetral, em cima do Mergulhão, demolidos em 2014.

Durante esta experiência, uns amigos e eu não fomos cadastrados formalmente, não tínhamos o crachá como membros da feira e estávamos em um período de férias, não sabíamos se iríamos continuar depois, ainda que isso não tivesse sido informado, as pessoas da organização da feira pediam sempre para esperarmos quando perguntávamos sobre um lugar fixo no corredor das barracas. A nossa barraca não tinha lugar garantido, por isso, a cada semana precisávamos expor em corredores diferentes, o que dificultava a nossa localização para os clientes que quisessem retornar, assim, para garantir um melhor lugar na disposição das mesas, nós precisávamos chegar, ao mais tardar, às 5h30min da manhã. Após a experiência de três meses como expositora na Feira da Praça XV, eu ainda costumo frequentá-la, regularmente, agora, como consumidora e observadora dos fluxos. A

diferença entre nós e outros expositores também não cadastrados do shopping chão na feira da Praça XV é que éramos jovens universitários dispostos a pagar as taxas, cumprir os horários e, principalmente, expor objetos selecionados “de acordo” com a ideia de antiguidade convencionada pelos membros mais antigos e fundadores da feira. Os vendedores de objetos de segunda mão do shopping chão expunham sob outra ideia, rejeitada pelo circuito oficial, assim, as noções de precariedade, pobreza, vida urbana, lixo, raridade, garimpo, reunião e dispersão, ordens e arbitrariedade, cartografia urbana, higiene e sujeira, fluxos e circuitos, esquemas e brechas, garimpagem, são importantes.

Quando chegávamos à feira, uma parte dos expositores do shopping chão já estava lá, porque muitos deles dormiam de sexta para sábado junto aos seus carrinhos de carga, amanhecendo no local, outros ainda vinham por volta das 7h ou 8h, trazendo os objetos à venda. Eles ocupavam o espaço sob o final do elevador da Perimetral, onde as barracas oficiais terminavam, seguindo até o antigo terminal de ônibus que existia ao lado do Museu Histórico Nacional, também ocupavam as saídas das CCR Barcas. Eles gritavam que no chão era mais barato, tudo por um real, dois reais... E diziam que ali era um shopping, debochando dos consumidores e dos barraqueiros da feira oficial. O nome pegou! O shopping chão some e ressurge no movimento da dinâmica de perseguição das guardas municipais. Durante uma visita que fiz à feira, em julho de 2018, o shopping chão estava maior e mais lotado, agora, depois da derrubada do elevador e das obras na região, a feira oficial é montada na própria Praça XV de Novembro, entre o Arco do Teles e o Paço Imperial; o shopping chão fica entre o Paço Imperial e a Alerj. E aquele que já foi do chão é barganhado para estar nas mesas, de um real a grandes cifras, aquele que já esteve nas mesas também pode chegar ao chão, podendo ser dali comprado, depois descartado, garimpado e reexposto; no alto das mesas e na altura dos pés, os objetos transitam.

A dinâmica migratória das feiras, que envolve a origem do shopping chão na Feira da Praça XV, é pensada na dissertação de Mestrado da Priscila Loretti, *Do luxo ao lixo, do lixo ao luxo: uma história da valorização e desvalorização de objetos a partir da Feira de Antiguidades da Praça XV*, PPGSA/UFRJ, 2012, desde a época da Feira do Alba Mar, inaugurada em 1979 pela Associação Brasileira de Antiquários, nos arredores do antigo restaurante inaugurado em 1933, também Alba Mar, à beira da Baía da Guanabara. Neste mesmo período, e ao seu lado, e também

aos sábados, iniciava-se a “feira do troca-troca” no Largo do Paço Imperial, a primeira exibia uma marca de sofisticação das convenções de valor atribuídas aos objetos de arte, aqueles que durante a semana eram vendidos nos antiquários da Zona Sul da cidade, na Siqueira Campos e no Cassino Atlântico; a segunda, exibia a marca do inusitado, presente tanto na indefinição valorativa da troca, funcionando sem dinheiro, quanto dos expositores, que não eram organizados em clube. As barracas na Feira do Albamar eram compradas ou alugadas pela ABA (Associação Brasileira de Antiquários), sendo cobradas em dólar, como numa feira internacional com muitos clientes estrangeiros; na feira do troca-troca, as barracas eram montadas por uma empresa contratada, os feirantes pagavam um valor cobrado por sábado para a distribuição das mesas, como ainda funciona atualmente. Logo no início, já acontecia a circulação de objetos de uma feira para outra, quando os feirantes garimpavam um ao outro.

A feira do troca-troca crescia, enquanto a feira do Albamar começava a desaparecer, durando apenas um ano, de 1979 a 1980, devido aos altos custos e ao “abandono” do local, como se refere (LORETTI, 2012) citando obras intermináveis na Praça XV e a falta de segurança e limpeza para os antiquários, que se preocupavam em expor peças caras, então, a ABA leva os antiquários da Albamar para a Gávea, iniciando a feira da Praça Santos Dumont, ainda em funcionamento aos domingos, desde a década de 1980. Depois de introduzir dinheiro nas negociações do troca-troca, a feira popular passa e crescer muito, incorporando alguns feirantes do Albamar. Sendo a única e agregadora de todos os expositores do centro da cidade, a feira do troca-troca passa a se chamar, em 1996, Feira de Antiguidades da Praça XV, organizada e com regulamentação na prefeitura. De acordo com Priscila Loretti, nesta época, a feira contabilizava 700 barracas, 500 de expositores cadastrados e mais 200 de novos feirantes vindos do shopping chão. Os informais sempre estiveram presentes na região, e, em meados da década de 2000, o shopping chão forma a sua própria associação: “evidencia-se outro cenário contrastante, verificávamos a presença de vendedores que, sem-barracas, ficaram conhecidos por todos aqueles que frequentavam a feira pela categoria nativa de “sem-terra” ou catadores de lixo” (LORETTI, 2012: 53). Em 2016, a Feira da Praça XV foi transferida para a praça ao lado do antigo restaurante Alba Mar devido a obras em seu entorno, mas não durou muitos meses. Hoje, é o shopping chão que

está na praça do antigo Alba Mar, reinaugurado em 2015 e fechado novamente no ano seguinte.

Pesquisando também sobre o shopping chão, conheci o artigo de Douglas Evangelista, *Shopping-chão: identidade e circulação de pessoas e objetos em uma feira de “antiguidades” e “usados” no centro do Rio de Janeiro*,⁶¹ publicado em 2014, partindo da proposta de Michel Agier, sobre observar a cidade como um agente participativo e não apenas como cenário das situações, através desta perspectiva, o autor – editor e graduando em Ciências Sociais pela UERJ – vai a campo, em 2013, para pensar a circulação de objetos na Rua da Lapa e na Feira da Praça XV. A sua percepção envolve todos os objetos garimpados e comercializados no chão, em um olhar não direcionado ao livro. Numa definição descritiva das suas disposições no ambiente, o shopping chão é “um comércio informal que trata, basicamente, da venda de objetos coletados no lixo, expostos em lençóis e toalhas nas calçadas” e ainda “espécie de anexo da feira desprovido de barracas, cujos objetos, embora antigos e usados, não são considerados “antiguidades” pelos realizadores da feira [da Praça XV]” (EVANGELISTA: 2014: 2-3).

Evangelista abre contato com os expositores, em entrevista com um garimpeiro, morador da Lapa e ex-trabalhador da construção civil, desempregado, e uma expositora que recebe doações para vender e não faz garimpo na rua: “o ‘shopping-chão’ é o próprio evento, a feira ilegal; o ‘brechó’ é a prática, o tipo de comércio feito com as peças, sejam elas ‘lixo’ ou ‘antiguidades’, ‘peças boas’” e “um velho conhecido deixou uma sacola com itens a serem revendidos, (...) sua esposa, curiosamente, é uma de suas clientes (...), os objetos circulam da casa dele (...) e voltam à sua casa – não os mesmos, suponho – através das compras de sua mulher” (EVANGELISTA, 2014: 11). Para os entrevistados, os melhores pontos de garimpo são casas antigas de vila, melhores do que apartamentos de luxo, porque em “prédios novos só tem coisa nova”. Dando continuidade à sua pesquisa, quatro anos depois, fazendo campo na Feira de São Cristóvão, Evangelista publica *Pessoas e objetos: agência e consumo de segunda mão na cidade do Rio de Janeiro* (2018)⁶², e ainda que faça referência no título a *objetos* e *agência*, o seu texto não se aproxima da perspectiva da Antropologia Simétrica de Bruno Latour, e sim de questões voltadas aos consensos produzidos pelas instâncias de valoração dos

⁶¹ Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2036>.

⁶² Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/5627>.

objetos, de Bourdieu, vistas como agentes, e à noção de “antiguidade”, assim, apresenta seu argumento com tal relato: “em seu ‘brechó’, o comprador pode contar com descrições detalhadas de cada peça à venda e encontrar livros, materiais de desenho e pintura, além de catálogos de leiloeiros e empresas de arte como *Christie’s* e *Sotheby’s*”, e continua, “Artifícios desenvolvidos por meio da identificação de uma clientela fiel e interessada nesse tipo de mercadoria” (EVANGELISTA, 2018: 5), tendo uma trajetória de catar primeiro latas, papel e coisas para reciclagem, o garimpeiro se torna expert na seleção de objetos “de valor” e monta a sua “vitrine” no shopping chão, demonstrando conhecer alguns critérios valorativos e começando a interagir entre as instâncias citadas acima.

Dois garimpeiros me contaram, em ocasiões diferentes, que no shopping chão da Rua da Glória, na altura na Praça Paris, um expositor exibia, entre outras coisas, um enorme letreiro, destes que funcionam à pilha e com *display* para digitar a mensagem iluminada, como daqueles que avisam “*No smoking*” ou “aberto”, nas portas de alguns estabelecimentos na cidade e, incrivelmente, o caso era que nele lia-se *Shopping Chão* brilhando em luz fluorescente. Mesmo assim, muitos catadores, expositores, garimpeiros também se referem ao comércio informal de objetos de segunda mão nas calçadas da cidade como: feira; feira ao ar livre, feira do rolo; feira do troca-troca; mercado de pulgas; feira do chão; sem-terra; feira de tudo; camelô; brechó; bazar; e nos derivados de shopping chão: shopping, shop chão e chão.

Alexandre, o garimpeiro de livros e ex-colportor, prefere chamar de feira do rolo ou feira de tudo, explicando-me que shopping chão é coisa de carioca e que ele não é do Rio, quando lhe pergunto como ele se refere à “feira do outro lado”, apontando na direção da paralela à feira oficial de barracas da Praça XV. Corôa, o garimpeiro da Rua Tonelero, explicou-me que o seu ponto de vendas era no shopping chão da Lapa e da Glória; muitas pessoas que frequentam e compram dos informais se referem ao comércio como shopping chão, termo que se popularizou na cidade, conferindo-lhe um sentido que abrange as suas variações, convencionando ao shopping chão uma noção tão particular de comércio que se emancipa do sentido originário de apêndice ou sub-feira. Shopping chão se refere à maneira como os objetos são expostos, misturados, desordenados, a maneira como os valores são cobrados, incluindo quase tudo na faixa de dois reais, a maneira como os expositores atendem circulando entre os objetos, sumindo das nossas vistas, nos

chamando de madame, tomando cerveja, rodeados de cachorros e crianças, nos oferecendo com cerimônia uma cadeira de praia para experimentarmos um sapato ou afirmando que ali tem máquina de cartão, num certo deboche por trabalhar e “curtir” – assim como o *mafuá* descrito por Lima Barreto,⁶³ em sua crônica das feiras de quermesse, juntando a fé com o a festa – numa jocosidade implícita na junção dos termos shopping + chão.



Fonte: Fotografia da autora, 2018. Shopping chão da Feira da Praça XV.

Os mais recorrentes shoppings chão da região centro e bairros subjacentes mobilizam-se nos seguintes lugares: ao lado da Feira da Praça XV, aos sábados; na extensão final da Feira da Glória, aos domingos; espalhados por toda a Feira de São Cristóvão, embaixo do elevado da Linha Vermelha, aos domingos; na praça da rua da Lapa, na saída da Rua Joaquim Silva, e na extensão da rua da Glória até o Catete, todos os dias, de manhã até a madrugada, armando e desarmando nos intervalos da rotina de perseguição da guarda municipal. O shopping chão funciona em uma dinâmica imprevisível, ainda que estes sejam os pontos mais conhecidos de comércio de objetos usados no chão da cidade, a sua manutenção depende da intervenção da prefeitura, que pode ser negociada através dos agentes de segurança pública, “fazendo vista grossa”, medida que tem sido aplicada desde o final da agenda de eventos internacionais na cidade, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, depois disso, e da troca de governos, a presença dos expositores do chão tem sido estáveis.

O *shopping chão de livros* está em todos os pontos citados, junto aos outros, na região do Centro, principalmente, e em pontos específicos, separados do restante de shopping chãos de objetos aleatórios. Vale ressaltar que muitos dos que expõem nas feiras no final de semana têm pontos fixos na cidade durante outros dias e muitos dos que expõem no sábado são os mesmos na feira de domingo. Listando apenas o comércio de livros usados, especificamente do chão, fora aqueles vendidos em bancadas e barracas, do Centro a Botafogo, são eles:

Tabela 6: Shopping chão de livro (Centro-Botafogo):

Shopping chão de livros (Centro-Botafogo)	
1. Central: no terminal de ônibus da frente da Central do Brasil	16. Glória: na calçada do Metrô
2. Central: no terminal de ônibus dos fundos da Central do Brasil	17. Catete: no respirador do Metrô
3. Campo de Santana: na extensão da calçada, perto das grades do parque, na Av. Presidente Vargas.	18. Catete: na Praça Fernando Pessoa
4. Campo de Santana: na extensão da calçada, em frente à Faculdade Nacional de Direito UFRJ.	19. Catete: na extensão da calçada da Rua do Catete

5. Praça Tiradentes: na extensão da praça e em frente ao Teatro João Caetano	20. Catete: na calçada do Banco do Brasil
6. Cruz Vermelha: na extensão da praça	21. Catete: na calçada entre as ruas A. Bernardes e Dois de Dezembro.
7. Bairro de Fátima: na calçada do Supermercado Mundial, Rua Riachuelo	22. Largo do Machado: na praça
8. Carioca: no Corredor Cultural em frente ao Metrô	23. Largo do Machado: no respirador do metrô
9. Av. Rio Branco: na calçada da Caixa Econômica Federal.	24. Largo do Machado: na calçada do ponto de ônibus em frente à praça
10. Av. Rio Branco: na calçada do Banco Mercantil.	25. Laranjeiras: na calçada sob o viaduto Engenheiro Noronha
11. Praça XV: na Feira da Praça XV.	26. Flamengo: na calçada do Metrô
12. Lapa: na calçada da Sala Cecília Meireles	27. Botafogo: na Praça do Metrô da Rua Voluntários da Pátria
13. Lapa: na praça da Rua da Lapa na esquina com a Rua Joaquim Silva	28. Botafogo: na calçada em frente ao Botafogo Praia Shopping
14. Glória: na Feira da Glória	29. Botafogo: na calçada em frente ao cinema da Rua Voluntários da Pátria
15. Glória: na extensão da calçada da Rua da Glória	30. Botafogo: na calçada do Pinel / UFRJ

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

No shopping chão, o garimpo é comprado e é vendido. Ali acontece a ampla garimpagem. Os catadores, assim como o Corôa, vendem os seus objetos, aqueles que não foram negociados antes nos antiquários e diretamente nos sebos, os livros de segunda mão garimpados compõem a grande vitrine horizontal, misturados a fitas K7, talheres sortidos, calças de ginástica, bonecas *barbie* faltando um dos braços, cartas soltas de baralho, pilhas usadas, baterias de celular, aparelhos de barbear, revistas eróticas, calendários de farmácia, caixas de fósforo de hotel, roupas de cama, mesa e banho, coleiras de cachorro, armações de óculos de grau, sapatos, bijuterias... E uma infinidade de coisas “de valor” garimpadas, comercializadas e, sim, vendidas. Cada expositor tem o seu espaço individual no chão, formando todos um enorme tapete de *patchwork* ao longo das calçadas, alguns expõem os livros em sessões separadas do restante dos objetos, dentro do

mesmo espaço de venda, outros preferem expor os livros em espaços independentes dos outros objetos, todos juntos e um *shopping chão de livros*. Estes, especialmente, fazem parte do circuito de livros usados na cidade, compondo o roteiro de garimpo dos livreiros: os livreiros virtuais, que buscam livros baratos na cidade para vender no *site* Estante Virtual; os livreiros atravessadores, que compram do shopping chão para vender nos sebos, mas também compram de um shopping chão para vender em outro; os próprios livreiros dos sebos que saem, aos finais de semana, para garimpar *in loco* e se distrair e, ainda, para além dos livreiros, os estudantes universitários, os leitores avulsos e os bibliófilos.

Figura 7: livros no chão II



Fonte: fotografia da autora

4.5 As ordens no chão

As ordens no chão. Por que é tão relevante apontar a estranheza da falta de sessões e de supostas ordens dos livros espalhados no chão? As classificações “obras de consulta”, “literatura estrangeira”, “crítica de arte” e as fronteiras produzidas pelas estantes obedecem às convencionais da divisão dos saberes moderna, contudo, no shopping chão, estão suspensas no “remelexo” da exposição dos livros no chão. Os livros no chão são nômades, migrantes, sobreviventes que se

entrosam na universalidade de ser livro e de estar no chão, livres das estantes, e o que está em jogo é deixar de percebê-los através das ordens de cátedra, compreendendo que a crítica do seu embaralhamento não deve ser percebida pelas condições tais que o fizeram chegar ao chão, pelo descarte, ou não utilidade, perda, falta de espaço, morte do possuidor etc., o livro exposto no chão existe no amontoamento e na dispersão do monta e desmonta dos lençóis e lonas esticadas. A instrução classificatória do dono da banca, que é inusitada e depende de cada um, faz suspender o juízo da ênfase dos seus lugares, onde as estantes ordenadas se refazem e se dissolvem no turbilhão das passagens, das calçadas, da reunião entre títulos, assuntos, gêneros, brochuras, encadernações, apostilas, volumes... A assimetria, a comunicação e as conexões de uma papelada em permanente tradução das suas singularidades no agrupamento.

Móvel pela vulnerabilidade e indeterminação, onde pouco importa para a sua tutela mantê-los em qualquer regime de fixidez, porque ela só pode ser provisória e inclassificável e a única certeza ou segurança que existe na sua condição é a inevitabilidade da firmeza do chão. O livro no chão é um antigo viajante das idas e vindas de um canto ao outro da cidade, um sobrevivente do acaso perambulando nos comboios de resgate, depois de longo tempo nos encarceramentos de galpões, estoques, salões, estantes, vitrines, pacotes, mochilas; podendo ser amado outra vez, os livros saem às ruas para pegar um ar.

Figura 8: Livros voadores



Fonte: fotografia da autora.

Posto isto, “passemos agora às enumerações caóticas, onde impera o deleite de colocar em cena o absolutamente heterogêneo”, anuncia Umberto Eco, em *A Vertigem das Listas* (ECO, 2010: 321), há listas e listas, a lista prática, finita e a lista poética, *ad infinitum*. As listas de livros dos catálogos editoriais são listas práticas e finitas, elas descrevem e enumeram, com segurança, todos os itens conhecidos, formando um elenco, os livros do estoque de uma livraria de livros novos também é organizada em lista prática para localizar os volumes, assim, como a lista de reposição ou devolução de pedidos de uma livraria, o controle e a ordem dos livros se inscreve através das listas com ponto final. As listas terminando em “etc.” são as listas que não formam um elenco com restrições formais, pelo contrário, são as listas poéticas, caóticas e incongruentes, aquelas que deixam os inumeráveis escaparem em uma formação em aberto e, ao mesmo tempo, realizam-se na intenção e não apenas no conteúdo de um sem fim. Assim, as *listas incongruentes* que podem ser finitas em itens, mas não em combinações, como excessos coerentes e enumerações caóticas, de acordo com Umberto Eco, como para Michel Foucault, em *As Palavras e as Coisas*, sobre Jorge Luís Borges, no seu elenco de animais (BORGES, 2007: 124), em *O idioma analítico de John Wilkins* (2007):

Franz Kuhn [na suposta Encyclopaedia Britannica] atribui a certa enciclopédia chinesa [na invenção de Borges] intitulada *Empório celestial de conhecimentos benévolos*. Em suas remotas páginas está escrito que os animais se dividem em a) pertencentes ao Imperador, b) embalsamados, c) amestrados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cachorros soltos, h) incluídos nesta classificação, i) que se agitam feito loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel finíssimo de pelo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar o jarão, n) que de longe parecem moscas.

Borges elabora listas “porque quer dizer por excedentes, por *ybris* e gula da palavra, por alegre (raramente obsessiva) ciência do plural e do ilimitado. A lista se transforma num modo de remisturar o mundo” e “para fazer brotar novas relações entre coisas distantes ou, em qualquer caso, para colocar um talvez sobre aquelas já aceitas pelo senso comum” (ECO, 2010: 327), portanto, em *A vertigem das Listas*, Umberto Eco, não se desfaz da ordem, pois “na medida em que uma lista caracteriza uma série, por desconforme que seja, de objetos pertencentes ao mesmo contexto ou vistos do mesmo ponto de vista (...), ela confere ordem – e, portanto, um toque de forma – a um conjunto que, sem isso, seria desordenado” (ECO, 2010: 131). Assim, a disposição do chão orienta a forma dos livros expostos na rua, na

combinação das lonas e lençóis, dos trapos e dos livros, e dos livros entre livros pondo abaixo as paredes da livraria e as prateleiras das estantes, fazendo-as desabar, como na seção *Varia et Curiosa* (gabinetes de curiosidades) dos *loucos literários* colecionados por Umberto Eco, capaz de pôr “em relação categorias que não poderiam estar juntas. Muitas vezes, sua função é a de substituir a expressão ‘as coisas mais variadas’” (ECO, 2010: 184). Mais uma vez, a indeterminação e a garimpagem daquilo que espalha-se disperso e depois combina-se em barganhas, envolve a sua subjetividade, como outras ordens, para além daquela percebida ao visualizarmos um shopping chão de livros, inicialmente, dispostos numa sequência de enfileiramentos, ocupando todo o espaço, geralmente retangular, da exposição, mas a sua indeterminação como lugar e lógica numa trama quase ficcional.

Por outro lado, os shoppings chão de livros das portas de universidades se parecem mais com as estantes das livrarias convencionais, em forma e conteúdo, são listas práticas, separando os livros por autores e assuntos, aproximando os seus preços daqueles pesquisados nos *sites* de venda de livros, como a Estante Virtual, na proporção valorativa similar aos livros de segunda mão que circulam nos sebos. Nestes, a ordem do chão é pragmática e puramente ocasional, na falta de um suporte mais conveniente, o chão é a sua vitrine, isto acontece porque os seus livreiros, recorrentemente, são alunos, ex-alunos ou frequentadores avulsos da universidade e, na dinâmica do ofício junto à comunidade especializada, o seu *modus operandi* tende a se redesenhar. Os livreiros das universidades não costumam ser garimpeiros como os catadores do centro da cidade, que saem em busca de livros na coleta do lixo domiciliar e em feiras, os livreiros estudantes garimpam dos garimpeiros e recebem ofertas dos catadores de rua, eles mantêm um ponto fixo e protegido pela proximidade com a instituição.

No shopping chão de livros do Henrique, na Rua do Catete, conhecido dos rolos com o Alexandre – livreiro e ex-colportor – os livros são ordenados por um livreiro com formação universitária e que gosta de ler, o que não significa, exatamente, que os seus livros estejam subordinados a um esquema cartesiano:

Anotações no caderno de campo. Data: 26/03/2019 e 03/04/2019:

Dia 26/03/2019. 17h. Henrique, 72 anos, nascido em Natal, mora no Rio há 30 anos, formado em Economia na UFRJ. Não exerceu a profissão e se tornou corretor de imóveis, trabalhando nesta atividade durante muito tempo, não informa

exatamente. Vende livros na calçada da Rua do Catete. Entre 12h e 18h, de segunda a sábado. Reside em Botafogo em um apartamento da família e mora sozinho.

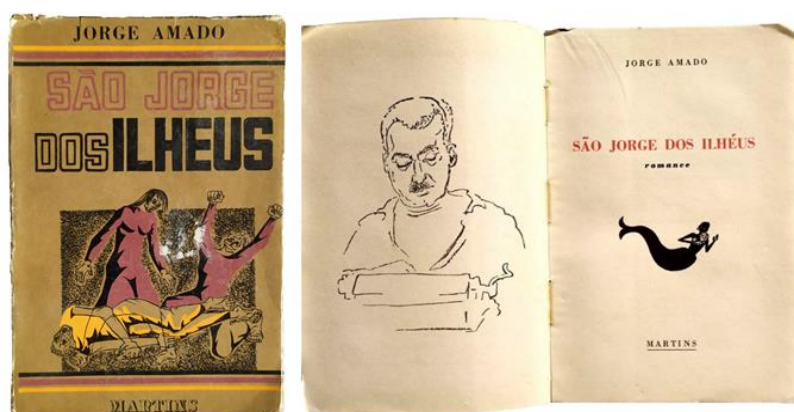
As ordens no chão: Henrique considera “venda ao ar livre” e não conhece o termo *shopping chão*. Ele guarda os livros em casa e se move gratuitamente para o Catete de ônibus, porque possui um cartão *RioCard* Sênior, então, ele transporta os livros, no ônibus, em carrinho de feira. Antes do carrinho, ele transportava os livros em saco de feira, tipo saco de batata, que ainda usa para proteger os livros dentro do carrinho. Comprou o carrinho, porque só o saco era muito pesado e difícil de transportar e ainda antes dos sacos de batata, ele transportava em saco preto de lixo, e trocou porque rasga muito. Em casa possui aproximadamente mil livros. Vai trazendo os mais vendáveis, vai renovando. Literatura, História, Política e Sociologia são os seus preferidos, porém, o que vende mesmo é literatura estrangeira como Danielle Steel, Agatha Christie, Harry Potter, Isabel Allende e alguns livros espíritas. Recebe doação de livros dos moradores do bairro, compra na Carioca e nas feiras da Glória e de pessoas que passam oferecendo (Alexandre e catadores de rua), também “compra de particulares”. “Eu tenho um monte de livro em casa que não me serve. A pessoa trás quando dá numa sacola, vou buscar com carrinho quando são muitos. As pessoas deixam endereço e telefone para marcar”. Enquanto expõe, Henrique lê revistas e jornal de pé, ao lado dos livros, e sentado em um alongamento de construção na fachada de uma loja que serve de banco. Diz estar aproveitando o tempo ao ler. Também gosta de assistir vídeos no celular, não informou quais eram. Henrique usa celular com internet, usa *WhatsApp* e *e-mail* com frequência. Sempre gostou de ler. Não vende sua biblioteca pessoal composta de livros de humanas. Vender livros na rua é sua atividade e fonte de renda há três anos no mesmo lugar, no Catete. 17h. Muita gente passa. Livros diretamente no chão sem tecido ou plástico. Alinhados rigorosamente. 3 fileiras com 25 livros aprox. Os pés dos passantes na altura dos livros. Tem gente que não vê ou percebe e pisa neles. Isso acontece muito. O fluxo de passantes é grande nesta calçada. Outros vendedores expõem ao longo da rua roupas, óculos etc. Sobre a sua visão das vendas de catadores de rua: “livros todos doados ou recolhidos, não sabem diferenciá-los e dar informação a quem pergunta/compra, vendem como qualquer coisa”. Henrique compra dos catadores no shopping chão heterogêneo para vender no seu shopping chão de livros. O livro circula nas imediações. Ele se refere às vendas na extensão entre Catete/Lapa. Henrique garimpa do garimpeiro. Autores juntos, é rigoroso na organização. Considera sua seleção boa de livros expostos, melhor do que os livros expostos por moradores de rua, apresenta postura crítica diante destes por não *conhecerem de livro*. “O cliente abaixa e pega. Eu não teria condições de carregar uma mesa”. “A chuva não trabalha, sempre percebe o tempo, fico atento, recolho os livros e saio antes da chuva, se chover, fico em casa”. Troca: “gente que compra comigo vem trocar. Compra dois livros leva e lê, traz os dois e leva um novo sem pagar. Troco dois por um”. Guarda Municipal: “nunca levaram os meus livros, pedem para tirar, ou por minha idade ou por ser livro”.

Dia: 03/04/2019. 12h. Envio *e-mail* para Henrique e ele me responde. Marquei com Henrique 12h. Queria acompanhar a arrumação dos livros na abertura das vendas. Quando chego ao meio-dia, Henrique está me esperando com tudo ainda guardado.

As ordens no chão: primeiro expõe as revistas, separando-as em pilhas, depois inicia a arrumação dos livros entre autores e temas. Segue a linha da calçada. Henrique segue a separação de cores das pedras verde e rosa na calçada, a banca fica no rosa exatamente. A pedra cinza divide a verde (pedestres) da rosa (loja de livros). A pedra cinza seria a vitrine, o limite. Um parâmetro seguro de rigor no alinhamento dos livros. Todos os outros expositores de outros objetos, os camelôs

ao seu lado, também seguem os limites das pedras. Henrique sabe a que distância começar a expor as revistas. No final das disposições, os livros terminam exatamente onde um poste divide a calçada. Ao lado de revistas *Playboy* estão: *Trilhas da Libertação*, de Divaldo Pereira Franco; *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec; *O Código Da Vinci*, de Dan Brown; *Cérebro*, de Robin Cook. E *Cinquenta tons de cinza* e *Cinquenta tons mais escuros* estão a dois livros de distância dos espíritos e das *playboys*. Compra livros por 1 ou 2 reais e revende por 10 ou 15 reais. “Vender barato facilita para não encalhar”. Não faz pesquisa do valor dos livros na internet. Vende quase todos pelo mesmo valor, em dois grupos: R\$5 e R\$10. Pergunto: qual livro aqui hoje exposto o senhor considera mais valioso? Henrique responde: “Rosamunde Pilcher, *Solstício de inverno*, porque é procurado e vende rápido”, disse. Eu chutaria o *São Jorge dos Ilhéus*, do Jorge Amado, Martins Fontes, 1964, capa de Clovis Graciano, ilustrações de Frank Schaeffer com retrato do autor por Carlos Scliar. Edição linda, comprei-a no final por 10 reais.

Figura 9: Livro *São Jorge dos Ilhéus*, de Jorge Amado.



Fonte: Fotografia da autora.

Voltando à *A alma encantadora das ruas*, João do Rio observa que os trapeiros “dividem-se em duas especialidades: a dos trapos limpos e a de todos os trapos. Ainda há os cursos suplementares dos apanhadores de papéis, de cavacos e de chumbo” (RIO, 2008: 56), os garimpeiros que coletam objetos nas ruas da cidade também orientam as suas atividades através daquilo que procuram, especialmente, da sua especialidade, de como a sua garimpagem foi treinada, e a divisão de mais de um século, na mesma cidade, parece se manter, com a diferença de como os objetos tem vindo a se comercializar, dos mafuás às feiras livres, e das feiras de antiguidades ao shopping chão, e do shopping chão heterogêneo ao shopping chão de livros, e do shopping chão de livros ordenado via de regra pelas estantes acadêmicas e o shopping chão caótico e incongruente. A linha que os divide é o desafio à ordem, ao rigor e à classificação. O tema da ordem foi pensado por Mary Douglas, em *Pureza e Perigo* (2014), através de regras de limpeza e sujeira, “como

se sabe, a sujeira é, essencialmente, desordem” e “a sujeira ofende a ordem” são imperativos das crenças de poluição e da noção de impureza ritual apresentados na introdução da sua obra. Restringir o que é limpo do que é sujo, separá-los e manter a distância do contágio pela condição impura é mover-se, ainda hoje, na modernidade ocidental, conduzindo-nos pelo caminho da pureza e impureza ritual, convencionado pelas religiões, pela educação, pela ciência na vida social, como um sistema simbólico. Separar é limpar, poluído é aquilo que impossibilita o alívio da classificação, por isso é perigoso, a desordem do shopping chão e a sua disposição próxima da altura dos pés é um signo de profanação e os objetos resgatados do lixo são impuros, mesmo ordenados um ao lado do outro, limpos ou lavados após a garimpagem, os objetos do chão continuam desafiando a ordem sagrada do novo e intacto objeto da loja, do livro protegido na vitrine da livraria.

Para a autora, nossa ideia de sujeira seria o cuidado com a higiene e respeito por convenções, “quanto ao aspecto convencional de evitar a sujeira, essas regras podem ser colocadas de lado em nome da amizade” (DOUGLAS, 2014: 19), quando pude perceber, durante a pesquisa de campo, a força da atitude de apertar as mãos dos garimpeiros ao cumprimentá-los e de segurar os objetos para escolher e comprar no shopping chão. Ao mesmo tempo: “embora procuremos criar ordem, nós simplesmente não condenamos a desordem. Reconhecemos que ela é nociva para os modelos existentes, como também que tem potencialidade. Simboliza tanto perigo quanto poder” (DOUGLAS, 2014: 117), isto explica porque a desordem é sedutora, resiste à recusa e a perseguição de guardas e inspeções de higiene. Ela agrega, ao longo do tempo, uma multidão que faz a cata e vende e também aqueles que se aproximam e se envolvem comprando os objetos remexidos na desordem do chão.

Quando a ordem “rejeita elementos inapropriados”, eles se transformam no “ganha pão” de outrem, renovando-se em um circuito de coisas inclassificáveis, perigosas e potentes e, por isso, “é desagradável remexer no refugo para recuperar algo, pois isso restaura a identidade. Enquanto a identidade está ausente, o lixo não é perigoso”, enquanto está preso às lixeiras e guardados nos sacos plásticos, quando eles não fazem lembrar daquilo que foi descartado nas calçadas dos prédios da Zona Sul “também não cria percepções ambíguas, pois pertence, claramente, a um lugar definido, um monte de lixo de uma espécie ou outra. (...) Onde não há diferenciação não há contaminação” (DOUGLAS, 2014: 194), identificar um livro exposto ao

lado de xícaras trincadas e de calças *jeans* ou de um romance espírita ao lado de uma revista erótica é sugerir que as ordens desaparam, “sapatos não são em si sujos, mas é sujeira colocá-los na mesa da sala de jantar (...). Resumindo, nosso comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou ideia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais” (DOUGLAS, 2014: 51), é sugerir que as ordens estão literalmente no chão, mas com uma intensidade de força simbólica movente e fértil.

4.6 Os Catadores e Eu

Eu não conhecia a cineasta Agnes Varda antes do seu falecimento, em março de 2019, embora já tivesse assistido aos filmes marcantes da Nouvelle Vague, François Truffaut e Jean-Luc Godard, o mínimo básico para se dizer que conhece de cinema francês; deste último, impressionou-me *Adeus à linguagem*, um filme recente de Godard, 2014, numa narrativa de imagens vertiginosas e poucas palavras, tecnologia de ponta e mal estar no desdobramento das situações. Quando conheci *Os catadores e Eu – Les glaneurs et la glaneuse* (2000), e a sua sequência *Dois anos depois – Deux ans après* (2002), pude saber, assistindo aos seus filmes anteriores, da sua atitude como precursora no cinema francês de vanguarda, introduzindo, já em 1954, com *La Pointe Courte*, imagens do cotidiano e cenas fora de estúdio, subjetivas e experimentais. Assim, dei-me conta, em uma circunstância de transição entre leituras, projetos e o início da entrada em campo, de que eu gostaria muito de escrever por imagens, tais quais as *imagens do pensamento* de Benjamin, de escrever um ensaio que pudesse se mover nos fluxos e descontinuidades, catando, recolhendo e selecionando, descartando, escolhendo, valorizando e editando, conduzindo o percurso e me elaborando, construindo a minha escrita nas cenas entre os garimpeiros, nada de novo para a narrativa etnográfica, mas ainda empolgante.

Os catadores e Eu é um documentário de Agnes Varda sobre a dinâmica tradicional francesa de catar as coisas que sobram, a batata, o trigo, os móveis na calçada e o lixo do supermercado... O reaproveitamento de objetos e cenas se vinculam às percepções e sentimentos de tempo e memória, em que os interlocutores e a cineasta se mostram em curso. Exibido no Brasil em 2002, no

Festival internacional de cinema “É Tudo Verdade”, dois anos depois da sua estreia na França e no mesmo ano que a diretora decide voltar às ruas para gravar e reencontrar os catadores. Durante este tempo, algumas mostras alternativas de cinema o exibiram, com pouca circulação, porque não houve contrato para as grandes redes de salas de cinema e, enfim, no ano passado, não felizmente, muitas retrospectivas relembrou *Os catadores e Eu*: “catar é um costume de outrora, mas ainda se recolhem restos na nossa sociedade saciada. Urbanos e rurais curvam-se para recolher. Não há vergonha, apenas desordem” e tanto “na cidade, como no campo, hoje como antigamente, persiste o mesmo humilde gesto”.⁶⁴ Por se tratar de um circuito de coisas abandonadas e recuperadas, no lixo nas cidades, os entrevistados de lá muitas vezes completavam as conversas de aqui, e vice-versa, em um contexto e tema que me parecem atemporais e desterritorializados. Exercitei comparações e combinações.

G de 'Glanage' [Catar]. Catar é apanhar os restos, depois da colheita. Catador, ou catadora, é alguém que cata.⁶⁵

Catar: [Do lat. Captare.] 1. Buscar, procurar; pesquisar: Catou o significado da palavra, indo a numerosos dicionários. 2. Recolher um a um, procurando entre outras coisas: as crianças catavam conchas na praia. 3. Buscar os parasitos capilares a, matando-os; espiolar: Sentadas ao sol as índias catavam os filhos. 4. Examinar com atenção.⁶⁶

Garimpar: 1: Aquele que anda à cata de metais e pedras preciosas. 2. Aquele que trabalha nas lavras diamantinas; cristaleiro. 3. Faiscador. 4. Contrabandista que catava furtivamente diamantes nos distritos onde era proibida a entrada de pessoas estranhas ao serviço legal da mineração. 5. Explorador de preciosidades literárias ou linguísticas.⁶⁷

Agnes Varda busca nas representações da pintura francesa a maneira tradicional de mover-se para catar, especialmente, em *Les Gleaners*, de Jean-François Millet (1857), de onde podemos ver na pintura (reproduzida na figura 10, imagem 1), três mulheres catando o trigo nos campos após a colheita. Na França, a *glanage* é permitida por lei, que estabelece os limites para recolher, no artigo R-26.10. do seu código penal e “no decreto de 2 de novembro de 1554, que diz

⁶⁴ Trecho da legenda com tradução em português europeu, narrado por Agnes Varda, nos instantes: 00:02:44,180 --> 00:02:55,880 e 00:03:39,200 --> 00:03:45,960.

⁶⁵ Definição no dicionário Larousse consultado por Agnes Varda, em *Les glaneurs et la glaneuse*, em 00:00:24,880 --> 00:00:33,810.

⁶⁶ Dicionário Aurélio, Nova Fronteira, 2ed, 1986.

⁶⁷ Dicionário Aurélio, Nova Fronteira, 2ed, 1986.

exatamente o mesmo da lei atual”,⁶⁸ esclarece no filme. No Brasil, não existe uma lei que regule a garimpagem de objetos considerados restos ou lixo urbano, leis que protegem e garantem a propriedade privada não incluem aquilo que foi descartando, deixando de ser propriedade de alguém e, enquanto estes objetos permanecem nas ruas, antes da coleta oficial dos serviços de limpeza urbana da prefeitura, nestes instantes de abandono, nas brechas do tempo e da lei, ele não pertence à ninguém, estando disponível à recuperação.

Diferentemente de lá, a colheita de alimentos no campo também é restringida e a coleta das sobras não costuma ser negociada, à exceção das frutas maduras no quintal, apenas para crianças; aqui, as noções de propriedade sobre as coisas são extremamente rígidas e o gesto de abaixar-se para catar é percebido como trabalho, nas representações pictóricas,⁶⁹ com pessoas que não catam para si. Entretanto, os garimpeiros de livros de segunda mão espalhados pela cidade, seja no lixo, seja no shopping chão, movem-se nas brechas da regulação dos procedimentos da ordem (e desordem) urbana e catam para si. Para catar objetos do chão é preciso curvar-se e, para devolver ou rearmá-los, o movimento corporal é repetido, pondo-se em gestos, procedimentos e habilidades para a cata. O conjunto de gestos encenados para recolher do chão é uma técnica corporal mobilizada em diversos sistemas culturais, na intenção de buscar com as mãos aquilo que [ainda] pode lhe servir.

As técnicas corporais são aprendidas e imitadas, sendo maneiras adquiridas e não naturais dos movimentos humanos, exercidas através de condutas e manejos orientados culturalmente pela educação, de acordo com Marcel Mauss, em *As técnicas do corpo* (1935, 2003), numa ação prestigiosa, tendo o seu ato dirigido de acordo com aquilo que se vê sendo autorizado simbolicamente e tendo sucesso técnico e aprovação coletiva, nesta dinâmica, está todo o elemento social de aprendizado: “chamo de técnica um ato tradicional eficaz. (...) Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição” e, portanto, os catadores de objetos no chão são inseridos em um sistema de ofício, quando “o indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros” (MAUSS, 2003: 405) e o seu ofício nos mostra, afinal, que “todos

⁶⁸ Trecho completo da legenda: 00:29:07,020 --> 00:30:25,390.

⁶⁹ Ver as obras de Missão artística francesa, a exemplo de Jean-Baptiste Debret, século XIX, durante o regime colonial de escravidão.

cometemos, e cometi durante muitos anos, o erro fundamental de só considerar que há técnica quando há instrumento” (MAUSS, 2003: 407). Catadores são iniciados em esquemas rituais de aprendizado: ser capaz de caminhar longas distâncias entre os bairros da cidade; abaixar-se e levantar-se do chão com peso nos braços; direcionar e equilibrar o carrinho de carga, as mochilas e malas nos ombros; remexer, escolher e separar com as mãos os objetos nos sacos e caçambas e não se ferir, mesmo sem luvas; montar e desmontar o shopping chão sabendo servir-se de seu corpo, finalmente, porque, para Mauss o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento, objeto e meio técnico.

Figura 10: Catadores

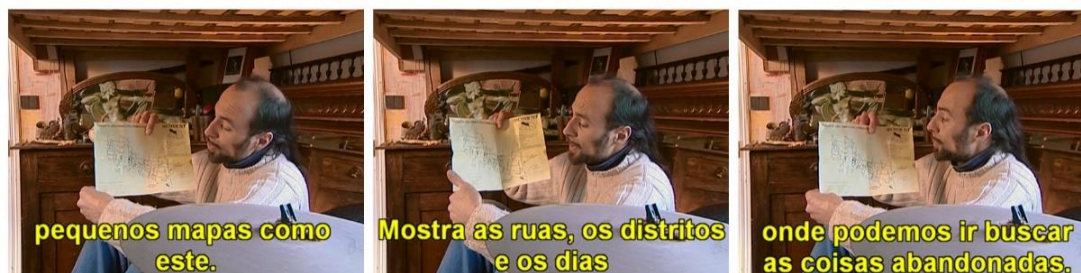


Fonte: Imagem 1: *Les Gleaners*, de Jean-François Millet. 1857. Imagem 2: Catadores de livro na Feira da Praça XV, fotografia da autora, 2019.

A cartografia da cata aos objetos e livros de segunda mão foi desenhada pelo Alexandre, de Alcântara até Botafogo, e descrita nos horários e dias da semana pelo Corôa, da Lapa até Copacabana. De um ponto ao outro das grandes cidades, nos seus atalhos e esquemas especiais de mobilidade, o mapa de cada um deles é um mapa de sobreposições significativas, de locais, objetos e pessoas que se envolvem e se deslocam nas fronteiras das linhas traçadas. Quando o garimpeiro de livros do shopping chão atravessa a rua e entra no sebo, ele pode comprar e vender, a perspectiva do mapa se transforma, quando um livreiro da Universidade vai à Feira da Praça XV, ele pode descobrir a existência de outras feiras, como a feira de São Cristóvão e expandir o seu mapa, ou quando Alexandre resolve voltar da Zona Sul

caminhando e, numa sintonia e atravessamento, percorre as suas calçadas garimpando no percurso do Corôa.

Figura 11: Pequenos mapas



Fonte: Cenas printadas do documentário *Les glaneurs et la glaneuse*, na sequência de tempos: 00:33:56, 00:33:59, 00:34:05.

Um artista plástico nos conta, em *Os Catadores e Eu*, que “se fazer de trapeiro” (na legenda traduzida para o português europeu⁷⁰), ou melhor, se fazer de garimpeiro, é aproveitar os objetos abandonados nas ruas e “para os trapeiros, os municípios dispõem de pequenos mapas (...), penso que o mapa é para mostrar onde depositar as coisas, (...) eu vejo o mapa do meu prisma, pois é assim que procuro a minha matéria prima”,⁷¹ ele inventou o seu mapa de recuperação a partir de um mapa oficial da cidade, um mapa que, inicialmente, é distribuído para que a coleta domiciliar seja organizada para moradores e funcionários da limpeza, apropriando-se criativamente deste, conta-nos como proceder, “só temos de andar pela rua, ver os amontoados e servir-nos, como num supermercado. (...) Os objetos desaparecem depressa. São como presentes deixados na rua, é como se fosse Natal”.⁷² Mas há, nesses objetos deixados na rua, “uma virtude que força as dádivas a circularem, a serem dadas e retribuídas” (MAUSS, 1925, 2003: 251) em *Ensaio sobre a Dádiva*, o *mana* está em movimento nos objetos e as coisas garimpadas voltaram para a rua, similar ao que Mauss chama de um sistema das prestações totais, mas que prefiro chamar de garimpagem, pela imprevisibilidade das relações econômicas e pelo afrouxamento maior das “obrigações” morais.

Pois bem, outro catador aparece em cena, vegetariano, biólogo e vendedor ambulante de revistas, serve-se da comida posta no lixo, ele sabe, em seu mapa mental, que na padaria próxima à estação de Montparnasse, entre 6h e 7h, todo o

⁷⁰ A legenda que tive acesso como texto é uma versão/tradução da língua francesa para a língua portuguesa oficial de Portugal.

⁷¹ Trecho da legenda: 00:33:40,960 --> 00:34:36,610.

⁷² Trecho da legenda: 00:34:41,920 --> 00:35:55,360.

pão do dia anterior é descartado: “Vivo quase 100% das coisas que recupero. Toda a gente, ricos, pobres, todos jogam comida fora. Por quê? Alimento-me 100% do lixo, há mais de 10 anos... Há uns 10 ou 15 anos... E nunca fiquei doente. - Não tem trabalho?”, ele responde que sim, tem emprego, salário e número de segurança social, “recuperar, para mim, é uma questão de ética, porque acho absolutamente escandaloso haver tanto desperdício pelas ruas”, seguindo a conversa, Agnes Varda repara em as suas vestes “- Usa sempre botas? - Sim, as botas de borracha têm duas vantagens. Primeiro, neste terreno hostil, elas dão muito jeito. E depois, há também o aspecto psicológico, com estas botas, sinto-me o senhor desta cidade”.⁷³

Agnes Varda é uma catadora, o que é explicitado no título do filme “e Eu” “*et la Glaneuse*” e quando ela aparece diante da câmera, colhendo aqui e ali as cenas do seu filme, percorrendo trajetórias, inclusive suas, “a outra catadora, a deste documentário, sou eu”,⁷⁴ lembrando Flaubert quando disse “Madame Bovary sou Eu”. E quanto a mim? Eu também sou uma catadora, porque escrevo uma etnografia através das narrativas que se desenvolvem nos percursos, acasos, situações e simultaneidades. Um documentário como escrita e a escrita como imagem e ensaio.

Figura 12: Nós, catadoras



Fonte: imagem 1: autora da tese fotografada em pesquisa de campo, 2019. Imagem 2: Agnes Varda, diretora do documentário, posando em 00:04:28, *Les Glaneurs et la Glaneuse*, 2000.

Este filme é um documentário por seu tema. Ele nasceu de várias circunstâncias. De emoções ligadas à precariedade, do recente uso de pequenas câmeras digitais e do desejo de filmar aquilo que vejo de mim mesma: minhas mãos que envelhecem e meus cabelos que embranquecem. E meu amor pela pintura quis também se exprimir. Tudo isso deveria responder e se imbricar no filme, sem trair o tema social que eu queria abordar: o desperdício e os dejetos. Quem os recupera? Como? Pode-se viver dos restos dos outros? Na origem de um filme, há sempre uma

⁷³ Trecho da legenda: 00:53:35,760 --> 00:54:43,250 (...) 00:55:53,960 --> 00:56:08,930

⁷⁴ 00:04:26,210 --> 00:04:30,110

emoção. Esta era a vez de ver tanta gente que vai recolher as sobras das feiras ou os restos jogados nos latões de lixo dos grandes supermercados. Quando os via, queria filmá-los, mas não sem o seu acordo. Como testemunhar por eles sem incomodá-los? Minhas intenções só se definiram durante as filmagens e a montagem. Pouco a pouco, fui encontrando a boa dosagem entre as autossequências (a “catadora” que de uma mão filma a outra ou a sua mala) e as sequências sobre aqueles cuja situação e o comportamento haviam me impressionado. Consegui me aproximar deles e fazê-los sair do anonimato. E acabei descobrindo pessoas generosas. Há várias formas de ser pobre, de ter cólera, bom senso ou bom humor. As pessoas que filmei nos ensinam muito sobre nossa sociedade e sobre nós mesmos. Eu também aprendi muito fazendo esse filme. Tive a confirmação de que o documentário é uma escola de modéstia.⁷⁵

Figura 13: Batatas em formato de coração.



Fonte: cenas printadas do documentário *Les Glaneurs et la Glaneuse*, 00:09:49,800, 00:10:06,810.

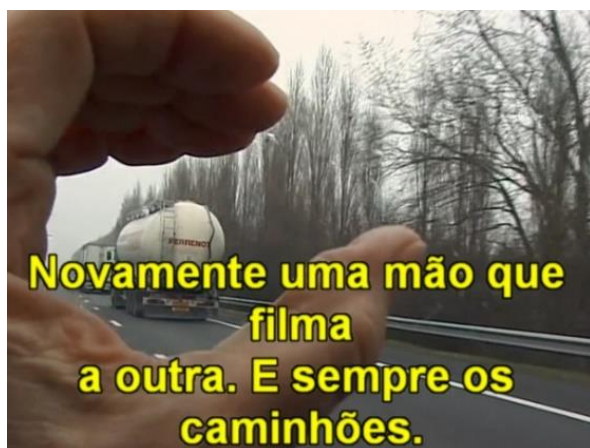
A batata em formato de coração é a imagem mais significativa do filme, garimpada entre os garimpeiros nos restolhos da colheita, aquela que está fora dos padrões de formatos aceitos pelo supermercado, abandonada aos montes no chão até ficarem verdes e tóxicas, esta é a batata escolhida por Agnes Varda para a capa do documentário. A batata que alimenta uma multidão de catadores que se alegram na *glanage*. A batata filmada e apanhada em suas mãos torna-se um objeto, algo que não é mais apenas um legume, algo que também não está nem vivo na terra e nem perecível, descartado no chão, ela, agora, está no campo da indeterminação e do perigo, como aponta (DOUGLAS, 2006), mas talvez possua *hau* movido pela dádiva (MAUSS, 2003) e volte depois para o campo.

O que é esta batata disforme que não serve nem para o mercado e nem mais para comer? Desviada da ordem, ela é um objeto e é um símbolo, ela foi apanhada como presente e está contida nela a terra, o campo, os catadores, as suas memórias de catadora e as suas melhores cenas, por isso é levada pra casa como um *souvenir* e descansa sobre uma mesa, parada, algo que apenas repousa, até começar a criar

⁷⁵ Texto de Agnes Varda sobre *Os Catadores e Eu*, no catálogo da Mostra “Retrospectiva Agnès Varda – O Movimento perpétuo do olhar”, 2006, p. 117. Rio de Janeiro - Centro Cultura Banco do Brasil.

brotos, mudar de cor e depois voltar a circular, no lixo, pelas mãos de outros catadores e de volta à terra e ao campo. A batata em formato de coração são os livros usados, ou a pasta de papéis de carta, que eu não deixo escapar no vaivém dos carrinhos de carga e trago para mim, separo-os em lugar diferente na estante e faço o exercício de pensar neles, desnecessariamente, como se fossem apenas meus.

Figura 14: Uma mão que filma a outra



Fonte: Cena printada do documentário *Les Glaneurs et la Glaneuse*, 00:41:16.

Novamente uma mão que escreve a outra. E sempre os livros. “É este o meu projeto: filmar uma mão com a outra mão. Entrar nesse horror. Acho extraordinário. Sinto ser um animal... Pior, sou um animal que não conheço”.⁷⁶ Ela filma as próprias mãos e isto é importante. Ela manipula as mãos para filmar, ela cata os caminhões na estrada com as mãos, catar imagens nas lentes da sua câmera que filma através do seu olhar e das suas mãos, que treme, e esquece ligada, e filma o chão, sem suportes, com as pequenas filmadoras digitais portáteis popularizadas nos anos 2000. As mãos de Varda e as mãos de quem cata, as mãos dos catadores, o trabalho de recolher é com as mãos e o meu aperto de mão respeitoso com cada um dos catadores; perto do fim, vendo a sua mão envelhecida, ela lembra a morte, a sua mão é uma *vanita*, os caminhões mostram a velocidade do tempo, que ela aperta e segura, mas lhe escapa, a estrada é fluxo contínuo.

⁷⁶ 00:32:49,180 --> 00:33:05,990.

4.7 Solvitur ambulando

Solvitur ambulando. Foi esta a expressão usada por Augusto, o andarilho, personagem criado por Rubem Fonseca, em *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro* (2009), escrito por ele e ilustrado com as fotos do seu filho, Zeca Fonseca, um *thriller* carioca envolvendo sobrados antigos no centro da cidade, mulheres adultas aprendendo a ler, ratos de estimação, madrugadas a fio no silêncio e perigo do Rio, orelhas arrancadas, manuscritos de livro e uma igreja evangélica. As muitas fotos, tomando toda a mancha de tinta da página, em preto e branco, atravessam a metrópole, ora focando apenas nos pés de quem caminha entre os carros, ora focando no rosto que se vira rápido, disfarçando a orelha ferida e semicoberta por um discreto boné e óculos escuros. Inspirado por pedras portuguesas, bueiro, um mapa do centro com o metrô da Uruguaiana sublinhado, romances de seiscentas páginas jogados no lixo, crime e miséria, lua cheia, claraboia, satanás, gabinetes de leitura, letras de jornal borradas vistas por olhos míopes... Ele abandona o emprego seguro e agora tem um livro para escrever sobre andar nas ruas do Rio de Janeiro... Perambulações, “é domingo, o dia surge cinzento; aos domingos, a maioria dos restaurantes do centro não abre; como todo domingo, será um dia ruim para os miseráveis que vivem dos restos de comida jogados fora”.⁷⁷ Entre aqueles livros de interesse misterioso, que me rodeiam por onde ando dentro da minha casa, enquanto escrevo esta tese, *Jantar secreto*, de Raphael Montes, me fez lembrar Rubem Fonseca, que me fez lembrar que em quase todas as suas tramas, ou naquelas que conheço, escritores bloqueados saem às ruas, no turbilhão das denúncias amargas da vida precária nas cidades. Mas não é só isso e, se fosse não seria cidade, nem livro, nem os protagonistas deste capítulo; então, eu troco amargas por afiadas, e os catadores circulam.

⁷⁷ FONSECA, 2009: p. 77.

5. Livros na Calçada

5.1 Sebo de calçada “Pai e Filha”

O sebo de calçada é menos vulnerável às dinâmicas urbanas migratórias do que o shopping chão, cuja permanência na cidade segue o ritmo do monta e desmonta imposto pelas perseguições dos agentes de segurança e ordem pública, e também pela fragilidade das condições de moradia dos catadores e expositores que se deslocam frequentemente no centro urbano, e mesmo não sendo lojas estabelecidas nos endereços oficiais da cidade, como as livrarias de usados, ainda assim, os sebos de calçada funcionam com pontos fixos, com cadastro e licença expedidos pela prefeitura. O sebo de calçada não funciona no chão, nele os livros são expostos sobre bancadas ou tabuleiros de madeira armados em quatro pés, na altura das mãos, ou sobre carrinhos de carga, os “burrinhos sem rabo”, também incluo como sebo de calçada todos aqueles montados sobre plataformas altas, acima do chão, podendo estar nos muros das laterais de uma construção ou nos respiradores do metrô.

Os sebos de calçada não possuem estruturas fixas como os *bouquinistes*⁷⁸ de Paris, à margem do Sena, com as suas pequenas caixas enfileiradas presas às muretas, trancadas à noite e abertas no outro dia, diferentemente, as banquinhas dos sebos de calçada desaparecem por completo à noite, liberando os caminhos para a cidade deserta. As bancadas de livros de calçada caminham e “os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá)” (DE CERTEAU, 1998: 176). Cabe aos livreiros de calçada providenciar o seu depósito, precisa começar e terminar o dia carregando o peso dos livros para lá e para cá, precisa dispor de uma certa quantidade de caixas para transportá-los e da ajuda de outras pessoas, nestes dois momentos. Quando chove ou quando faz um

⁷⁸ Sobre a história dos *bouquinistes* de Paris: <https://www.paris.fr/pages/les-bouquinistes-et-paris-histoire-d-amour-en-majuscules-7886>. Sobre a *Association culturelle des bouquinistes de Paris*, fundada de 2019 por Jérôme Callais; e <https://www.leparisien.fr/paris-75/les-bouquinistes-parisiens-sur-le-chemin-de-la-reconnaissance-planetaire-26-04-2019-8060898.php>. Sobre o *site* de venda de livros usados que reúne estes livreiros: <https://www.livre-rare-book.com/bsa/Booksellers/en>.

forte sol, eles precisam de cobertura de lona, comprada a metro e improvisada em armações junto aos postes ou tendas com estrutura pronta, compradas, geralmente, para eventos, e, na falta destas opções, o sebo fica descoberto e precisa deixar de abrir. Nestes casos, eles desaparecem, o seu rastro fica, “mas estas curvas em cheios e vazios remetem somente, como palavras, à ausência daquilo que passou” (DE CERTEAU, 1998: 176). Os dias de chuva são temerosos e dramáticos, são os dias em que muitos desaparecem, quando a chuva vem, ao longo do dia, e as nuvens já avisam desde cedo, eles se preparam para fechar ou montar as tendas e lonas, mas, quando a chuva vem desprevenida, eles saem em correria, porque, em hipótese alguma, os livros podem molhar. O sol também desgasta os livros, deixando-os amarelados, desbotados, enrugados e quebradiços, derretendo a cola da brochura; da combinação de chuva e sol, depois que acontece de os livros molharem e depois secarem no ambiente aberto, resulta o livro “estragado”, aquele que não serve mais para vender aos clientes, são os livros amontoados em caixas e sacos e vendidos ou doados no final do dia para os catadores papaleiros, que os levam para revender nos galpões de reciclagem no centro da cidade; e assim, a *materialidade dos objetos*, analisada Tim Ingold em *Estar Vivo*, aparece “ao levantar o tapete” pois:

Vemos o prédio e não o reboco das paredes; as palavras e não a tinta com a qual foram escritas. Na realidade, é claro, os materiais estão ainda lá e continuam a misturar-se e a reagir como já o fizeram, sempre ameaçando as coisas que eles assimilam com a dissolução ou mesmo a “desmaterialização”. O reboco pode ruir e a tinta pode desaparecer. (INGOLD, 2015: 60)

Dona Alda foi a livreira mais desconfiada que eu conheci durante a pesquisa de campo. Ela ocupa, com o seu sebo de livros, a esquina da Rua Dois de Dezembro com a Rua do Catete, ao seu lado estão montadas bancas de frutas e de venda de roupas de confecção, cabendo à exposição dos livros, oficialmente, apenas o espaço da sua barraca, o quanto couber dentro dela, sendo proibida a dispersão dos livros no chão ou sobre caixas em torno da banca. Em nosso primeiro encontro, quando eu me aproximei do seu sebo, parei para escolher alguns livros e me apresentei para ela como estudante de faculdade e pesquisadora de livros usados, perguntei-lhe se a gente podia sentar um dia para conversar, então, ela me olhou, profundamente, muito séria e desviando o olhar em seguida para os livros, ela estava preocupada. Naquela mesma semana, não sendo a primeira vez, uma moradora do bairro a denunciou para a guarda municipal e foi pessoalmente até a sua banca lhe informar do fato, falando alto e chamando a atenção dos passantes na rua. Dona Alda me

perguntou, francamente, se eu tinha alguma coisa a ver com aquela mulher ou com a prefeitura.

Diversas vezes, a sua banca passou por vistorias da prefeitura, quando o que estava em jogo era o tamanho da extensão da bancada permitida na sua licença de vendedora ambulante. Às vezes, a guarda faz vista grossa, às vezes, ela mesma avisa que vai passar, às vezes, anota alguma multa, sempre pede para ver a licença e o crachá, uma vez já levaram tudo, menos a bancada, todos os livros, outras vezes, os amigos do entorno já a socorreram impedindo a guarda de levar os livros, fizeram um abaixo-assinado com 1.500 nomes para protegê-la. A guarda vem passando no início da Rua do Catete e os vendedores ambulantes vêm avisando sobre a viatura, Dona Alda retira e guarda os livros excedentes e, noutro dia, novamente, ela monta as caixas nas beiradas da bancada e assim se passaram mais de trinta anos.

Quem é esta mulher e qual é o seu interesse na denúncia? Eu lhe fiz esta pergunta. Neste dia, conversamos por duas horas. Eu mostrei para ela alguns papéis que eu tinha na bolsa relacionados à pesquisa, mostrei o caderno de campo e toda a minha indignação sobre o acontecido. O problema me foi revelado: era por causa de uma árvore protegida por sua acusadora, todas as vezes que Dona Alda amarrava a lona de cobertura da banca nos galhos da árvore – antes dela comprar uma tenda de evento – ou encostasse as caixas de livros no seu tronco, a mulher fotografava, enviava o registro para a guarda e pedia que fizessem uma inspeção de rotina. A livreira falou, falou e falou, desabafando comigo, e eu escutei, escutei e anotei, com a sua permissão, não gravamos em áudio nenhuma das nossas conversas e os seus relatos na pesquisa serão reproduzidos através dos meus escritos e da minha memória sobre as tarde que passamos juntas, durante quase um ano, desde abril de 2019 até o início de 2020.

Foi na bancada de livros da Dona Alda, na calçada da Rua do Catete, que eu comprei uma edição de 1955, da extinta Editora e Livraria carioca H. Antunes,⁷⁹ de *Espumas Flutuantes*, e, neste momento, de inserção no campo com os livreiros, eu ainda não sabia que os livros de literatura não eram considerados “valiosos” , nos

⁷⁹ Livraria fundada pelo editor e livreiro português Hector Antunes, em 1909, na Rua Buenos Aires, 145. “Na década de 1940, muda-se para a Rua Marechal Floriano, 39, uma pequena loja, repleta de edições portuguesas. Sucedido por seu filho, Joaquim de Oliveira Antunes, a H. Antunes vive até os primeiros anos da década de 1980.” MACHADO, Ubiratan. *História das Livrarias Cariocas*. São Paulo: Edusp, 2012, p 149.

julgamentos de livreiros, como bens revendidos nos *sites* especializados em usados e que os leilões também não se interessam por eles, caso não fossem uma primeira edição ou possuísse alguma assinatura ou dedicatória importante. Quando o avistei exposto na bagunça dos empilhamentos, pensei imediatamente que teria feito um achado, que os sebos ainda guardam preciosidades escondidas e misteriosas e que aquele era o meu grande dia. Fui iludida por uma bela capa em verde e branco, com arabescos em *art nouveau* e o retrato de perfil de Castro Alves, olhando o horizonte. Que bonita encadernação! “Um livro à moda antiga”, ainda bem firme e sem nenhum comprometimento à leitura, com as suas páginas costuradas em quatro furos centrais e corte superior do miolo rasgado à régua, com margens espaçosas, letras no estilo das fontes datilografadas, com charmosas manchinhas amareladas e marrons, mas sem nenhum vestígio de brocas e traças... Um exemplar de colecionador! Mas, não. Ele seria, no máximo, um exemplar de um leitor bem cuidadoso que, provavelmente, comprara o volume à época da sua publicação, guardando-o numa estante limpa e organizada até o momento. Não sabemos. Mesmo não sendo o tesouro almejado, é um livro comprado por mim durante as longas conversas que tivemos, Dona Alda e eu, sentadas em cadeiras de plástico ao lado da sua banca de livros, vendo o movimento do bairro, comendo salada de frutas de potinho, lembrando-se do seu passado no norte do país. A primeira poesia de *Espumas Flutuantes* é *O livro e a América*:

(...)

 Por uma fatalidade

 Dessas que descem de além,

 O século que viu Colombo

 Viu Guttemberg também.

 Quando no tosco estaleiro

 Da Alemanha o velho obreiro

 A ave da imprensa gerou...

 O Genovês salta os mares...

 Busca um ninho entre os palmares

 E a pátria da imprensa achou...

Por isso na impaciência

 Desta sede de saber,

 Como as aves do deserto –

 As almas buscam beber...

 Oh! Bendito o que semeia

 Livros à mão cheia

 E manda o povo pensar!

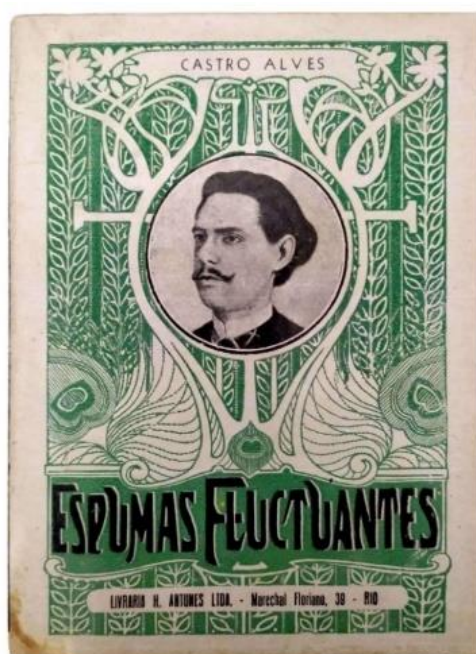
 O livro, caindo n'alma

É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!
(...) ⁸⁰

Anotações no caderno de campo. Data: 03/04/2019:

Catete. 14h. Perfil de consumidores da sua banca de livros: estudantes, professores, “pessoas de esquerda”. Dona Alda me fala do seu melhor cliente, o que mais compra e compra sempre, “ele é um sindicalista que também é fiador do apartamento onde eu moro”. Eles se conhecem desde a sua mocidade e, por meio da sua influência intelectual, Dona Alda tem os livros de humanas como o seu diferencial, entre outros pontos de venda de livros usados naquela região do Catete. Dona Alda conhece o ofício de vender livros, mas *não conhece de livro*, ela aprendeu a montar uma boa exposição com o passar dos anos conversando com leitores e devido a sua experiência de mobilizar grandes estoques todos os dias, recebendo doações e comprando bibliotecas de particulares, muitos livros passam pelas suas mãos. Heranças, garimpeiros que oferecem, sua banca é uma referência no bairro por tempo e variedade. Ela possui até cartão de visita. “Já comprei 2 mil livros de arte de uma família de falecido artista plástico morador daqui. Era cliente da barraca. Comprei em 2x. A filha veio me procurar e eu tinha interesse nos livros, uma parte foi para a universidade, outra ficou para a neta. Me custou 1.800 reais 2 mil livros”. No final da conversa eu lhe comprei um livro, *O que é erotismo*, da coleção Primeiros Passos da Brasiliense, ela me cobrou R\$5, e me lembrei que, na época da graduação, eu comprava muitos livrinhos desta coleção nos sebos da Praça XV por apenas um real. Entre vendas, recebimento de livros e arrumações, passamos outra tarde. Dona Alda é muito gentil, faladeira, aberta ao diálogo, acostumada com as conversas na rua.

Figura 15: Espumas Flutuantes



Fonte: Fotografia da autora.

⁸⁰ Trecho do poema O Livro e a América, de Castro Alves. Espumas Flutuantes, Rio de Janeiro: H. Antunes, 1955, p 13-14.

A sua trajetória com livros se inicia quando Dona Alda vem morar no Rio de Janeiro, na década de 1980, aos 16 anos de idade, vinda do Estado do Pará e crescida à beira do rio Tapajós. O plano da viagem é pensado pela jovem Alda quando a sua tia, que possuía uma clínica médica na sua cidade, a convida para conhecer o Rio e morar na casa de uns amigos seus do trabalho, podendo estudar a noite e trabalhar para eles, durante o dia, como empregada doméstica. A jovem ribeirinha vem morar no Catete, sozinha, na casa de pessoas que ela conhecia apenas por nomes, sem a sua família e com o antigo “segundo grau” para concluir. Dona Alda estudou pouco no Norte e, chegando aqui, a sua dinâmica de trabalho consumiu o seu interesse pelos estudos.

Ela me conta com orgulho que se casou três vezes aqui no Rio, que se precisar se casa novamente, e se o casamento não estiver bom, ela não leva desaforo e também não fica sozinha. Dois anos depois de chegar ao Rio, ela conhece um rapaz, ele fazia faculdade de Administração e também morava no Catete, através dele aconteceu o seu primeiro contato com livros, ele estudava à noite e ela gostava de ajudá-lo na época das provas, sentando junto para ler e ouvir os seus assuntos. Casados, Dona Alda pode sair da casa onde trabalhava e viver finalmente a vida da cidade grande. Durante onze anos, viveram juntos, mas não foram felizes, ele representava os estudos que ela veio buscar e não prosseguiu, por diversos motivos tão particulares que a minha escuta não pode alcançar. Dona Alda vai buscar trabalho no comércio, sair e trabalhar fora, na Zona Sul, e durante cinco anos teve a carteira assinada numa loja de sapatos. Muitas mudanças à frente... Seu marido não termina a faculdade e consegue um ponto na rua de venda de material de limpeza, como numa bancada de camelô e, por sua vez, ela é demitida da loja e, lá se vão, juntos, alguns anos se virando na rua.

Os livros vêm, efetivamente, para as suas mãos, quando Dona Alda muda-se com o seu primeiro marido para o apartamento da irmã dele, ainda no Catete; uma casa com livros!, estantes de livros e apenas as taxas do condomínio para pagar, um sonho antigo se realizando pelo convite de sua cunhada, em mudança para o exterior. Os livros tinham ficado para trás! Então, ficaram para ela, num presente meio torto, mas um *presente*. Os livros poderiam ter sido doados ou vendidos para alguns dos tradicionais sebos do centro da cidade ou poderiam, mais facilmente, ter empilhado a portaria do prédio. Livros, muitos livros, e livros bons para vender, de

alguém que lia e *conhecia de livro*, eles foram a pitada de fermento, na sua expressão, que a cobriu de muitas outras heranças de biblioteca.

O livreiro Silvio foi quem iniciou Dona Alda nos negócios de livro. Silvio vendeu livros por 46 anos, iniciando a sua trajetória de livreiro na popular rede de livrarias Entrelivros, durante a década de 1960, na filial do Largo do Machado. Depois da falência da empresa e fechamento de todas as suas lojas, Silvio junta os livros que ainda tinha em casa e os seus contatos no ramo e vai montar o seu sebo de calçada. A Entrelivros foi fundada como uma pequena livraria na Rua do Ouvidor, 131, de acordo com o jornalista e bibliófilo Ubiratan Machado, autor de *História das Livrarias Cariocas* (2012), a Entrelivros foi fruto da sociedade entre dois jornalistas que decidem investir juntos as suas indenizações após o fechamento da revista *O Cruzeiro Internacional*, no final de 1963. De modesta livraria, a Entrelivros passa a ocupar uma loja no Edifício Central, na Avenida Rio Branco, e nos anos de 1966 e 1977 são abertas vinte lojas; no entanto, em um crescimento e declínio vertiginoso, apresentando no país o “estilo americano” de livrarias que parecem lojas de multiutilidades, (MACHADO, 2012: 324) “quase sempre com contratos precários, na década de 1970, a rede Entrelivros chega a ter 25 lojas, (...) em 1977, a rede é formada por onze lojas, com 120 funcionários”, entram e saem os sócios, outros completamente diferentes daqueles da Revista Cruzeiro e a Entrelivros torna-se um negócio de risco.

Repleta dos livros mais vendidos de todas as listas, as suas filiais são famosas por vender livros populares, tornando-se a escola de muitos livreiros da sua geração, com alta rotatividade de funcionários, abrindo e fechando lojas por toda a cidade e diversificando o negócio para a venda de revistas, papelaria e disco – assim como vinha sendo as redes Saraiva e Cultura, nos últimos dez anos. Com uma administração confusa, a rede acumula uma dívida de cerca de 600 milhões de cruzeiros, à época, e, em 1984, a “Entrelivros fecha as portas com uma grande liquidação, quando comemora os vinte anos de fundação” (MACHADO, 2012: 325). Assim como os livros, que vão e vêm, as livrarias também já encontraram outros endereços, outros nomes e, ironicamente, a filial da Entrelivros da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, acabou sendo vendida para a rede Siciliano, esta que foi incorporada, bem mais tarde, pela Saraiva, em 2008. Nesta mesma rua, uma livraria filial da Saraiva foi fechada em 2019.

Silvio mora na Zona Portuária da cidade e vai todos os dias para o Catete encontrar Dona Alda no sebo, usufruindo do seu direito de gratuidade no transporte público, por ostentar aos seus 76 anos ainda muita saúde e disposição para o trabalho na rua. Silvio senta-se ao seu lado na calçada e “fica só de olho” e, quando ela precisa sair para comprar algum lote de livros, visitar uma residência, almoçar ou ir ao banheiro, ele fica na banquinha cuidando de tudo. Hoje, são sócios e amigos, mantendo o dia a dia do Sebo “Pai e Filha”, título carinhoso dado pela Dona Alda para a sua banquinha de livros com o Silvio, ainda que em lugar algum este nome aparecesse, nenhuma fachada, plaquinha, nada, nem mesmo na licença de funcionamento concedida pela prefeitura, o que me fez considerar que ela pensou no batismo do sebo na hora que eu perguntei, ou se não, foi naquela hora que ela verbalizou-o, sentindo-se orgulhosa da presença do Silvio que ouvia nossa conversa sentado mais longe um pouquinho da gente, fumando, frequentemente, o seu cigarro, mas sempre “de olho”.

Nos primeiros encontros, Silvio manteve-se reservado, apenas me cumprimentando com educação. A história desta amizade iniciou-se ainda quando Dona Alda e seu primeiro ex-marido vendiam material de limpeza, na mesma esquina que abriga hoje o sebo, e Silvio já vendia os livros em um terreno em frente ao cruzamento com a Rua Dois de Dezembro, um de frente para o outro. Ele conhecia o negócio da venda de livros populares, *best sellers* e didáticos, e também sabia como buscá-los, juntando a experiência na livraria com a sua perspicácia advinda do convívio nos bairros centrais da cidade, e do pequeno período que precisou vender frutas na calçada em uma banquinha improvisada, também no Catete, após sair da Entrelivros e antes de montar o seu sebo. Nesta época, quando já vislumbrava o caminho independente da venda de livros, uma oportunidade surgiu das suas amizades, esquemas e relações na cidade: um conhecido seu que vendia livros sobre um carrinho de carga planejava ir embora para o Mato Grosso e queria se desfazer de tudo, vender os livros, o carrinho e negociar o ponto, que ficava perto da faculdade de Medicina no Largo do Machado; Silvio tinha a preferência na transação, então, ofereceu-lhe tanto, ele não aceitou, era pouco, então mais tanto, conversa vai, conversa vem, Silvio arrematou o negócio! O livreiro partiu e, poucos meses depois, além daquele, Silvio mantinha outros pontos de venda de livros: na Rua 13 de Março, outro na Glória, no Flamengo, no centro da

Cidade, e mantinha todas elas “deixando uma rapaziada pra olhar”, me explicava. Hoje é ele quem “olha”.

Abriam-se pontos de livro como vendiam-se frutas nas bancadas de calçada, na década de 1980, quando o seu requisito essencial era – numa época em que o trabalho informal urbano se multiplicava sem fiscalização, sem cadastramento e sem licença, abrindo e fechando de acordo com a dinâmica da rua – possuir um carrinho de carga, para ocupá-lo dos livros e poder transportá-lo de manhã e à noite, fazer contatos nos estacionamentos e depósitos da vizinhança para guardá-los, e conhecer alguém que lhe fornecesse os livros, podendo ser um contato de portaria de prédio, um catador de lixo domiciliar ou, indiretamente, através de um intermediário, revender livros ou apenas tomar conta de algum ponto; nesta escala de atribuições, lógicas, necessidades, conhecimento e estrutura. Silvio podia gabar-se de contratar vendedores para cuidar dos tantos e tantos pontos de livro que ele e “a sua rapaziada” montavam na cidade, sempre em dinâmicas de barganha, garimpando espaços, garimpando livros, garimpando a própria disposição literária na cidade e seus lugares, movendo-se como garimpeiro que *conhece de livro* e que sabe “se virar”.

Dona Alda, ainda jovem, casada, vendedora de detergente, viu-se com uma boa estante de livros nas mãos e recorreu ao Silvou para lhe ajudar, do essencial para montar um sebo de calçada, ela tinha os livros, como lance inicial, e, principalmente, o apadrinhamento do Silvio, seu companheiro de esquina da Dois de Dezembro (WHYTE, William Foote, 2005). Ele se lembra da época em que tinha tanto livro que “deixava até dormir na rua na altura de uma marquise, eu alugava quarto nessas casas velhas por aí pra guardar”, muita gente “bacana” foi da sua freguesia, citando Arthur da Távola como um dos seus ilustres fregueses, “tinha freguês que comprava uma *kombi* cheia de livro comigo, eu colocava placa na frente ‘compra-se livros’ e recebia muita doação, o presidente da feira do livro, esta da Carioca [Feira da Associação Brasileira de Livrarias], vendia livro no chão, no Passeio, eu já vendi livro fiado pra ele”.

No dia 15 de outubro de 2019, quando Silvio se aproximou para conversarmos, ele me contou todas estas lembranças, desde a década de 1970 até quando passou, definitivamente, nos últimos anos, a frente dos negócios da venda de livros para Dona Alda, “a Alda vendia detergente do lado da minha barraca e eu convidei ela, a barraca é dela, os livros são dela, mas o ponto é meu”. Por ser idoso,

o Silvio conseguiu um benefício financeiro chamado LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social), concedido pelo INSS para pessoas que não puderam comprovar tempo suficiente de contribuição previdenciária por terem trabalhado na informalidade durante muito tempo; depois de estar segurado com um salário mínimo garantido por mês, Silvio decide reduzir o seu trabalho com livros ao lugar de acompanhante no sebo. Com o benefício para se sustentar e uma autorização expedida pela prefeitura, sem custos, por conta da sua idade, para manter seu ponto de livros registrado com licença para funcionar na rua, Silvio propõe uma sociedade com Dona Alda: ele garante a sua proteção, sendo o responsável oficial do sebo, portando os documentos necessários, como um velho amigo que passa os dias “olhando a barraca”, com o crachá de ambulante legal pendurado ao pescoço e a licença da prefeitura plastificada numa pasta. Ele fica conversando e dando continuidade a sua trajetória de vida com o trabalho na rua, entre pessoas que conhece, se distraindo e se mantendo ativo e importante na sua posição de antigo e respeitado livreiro de calçada, em contrapartida, ela precisa seguir as normas da fiscalização, prover todo tipo de custos da estrutura do sebo e fazer o trabalho complexo da captação, organização e venda dos livros. O esquema foi montado.

Figura 16: cartão de visita “Alda Livros”.



Fonte: Fotografia da autora.

Anotações do caderno de campo, junho de 2019:

Ele parou por causa da idade dele, ela me disse. Silvio fica sentado num banquinho na calçada, conversa e fuma à tarde, está no sebo todos os dias. Silvio começou a vender livros em um terreno baldio, aqui no Catete, ao lado de uma obra, disse que parecia um curral, tinha lama, não era pavimentado. O prédio que ocupa este espaço tem 30 anos de construído, Alda viu sua construção. Ele colocava um caixote entre três árvores e vendia os livros. Eu queria vender livros, tenho muitos livros, disse para Silvio. Coloca aqui do meu lado, ele respondeu. Silvio fica o dia todo comigo, quando eu saio ele que olha. Parou por causa da idade dele, repetindo o motivo.


Perto do muro, apontando para o prédio à sua frente, na esquina, a gente colocava umas 10 bancas, 3 pessoas me ajudavam só final de semana, isto há uns 15 anos, e montava tendas brancas, era tudo lindo. Seu Silvio aparece e se senta ao nosso lado fumando um cigarro tranquilamente, sorridente, “cansado pra caramba”, disse, ele tem, aproximadamente, 80 anos de idade.

Figura 17: Crachá do livreiro Silvio de Ambulante Legal



Fonte: fotografia da autora.

Figura 18: Comprovante de isenção de TUAP do livreiro Silvio

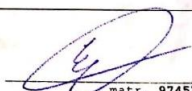
 PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO Secretaria Municipal de Fazenda Coordenação de Licenciamento e Fiscalização			
Órgão:		Código da Receita	
Nome:		Insc. Municipal	Emissão Insc. Municipal
Endereço:			
CPF/CNPJ:	Processo:	Outros Dados: (Renovação)	

COMPROVANTE DE ISENÇÃO DE TUAP

Art 136 da Lei 691 de 24/12/1984

Processo Seletivo: AMBULANTE EM LOGRADOUROS PÚBLICOS
Equipamento: TABULEIRO
Atividade(s): 8.11.15.7 ARTIGOS DE LIMPEZA 8.11.11.4 LIVROS
Ponto: RUA DOIS DE DEZEMBRO, em frente, 81 - CATETE (até 5m da esquina da rua do Catete)
Horário: às
Auxiliar:
Motivo: Titular com idade >= 60 anos.

Emissão: 15/07/2019


matr. 974576

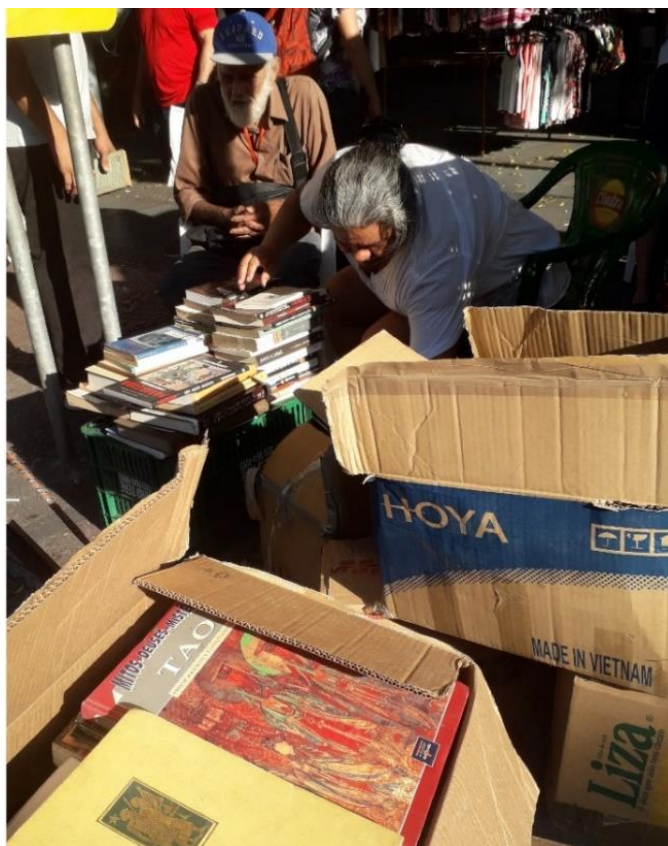
Fonte: Documento scanneado. As informações pessoais no documento foram suprimidas.

Figura 19: Sebo de calçada “Pai e Filha”.



Fonte: fotografia da autora.

Figura 20: Caixas de livro na calçada



Fonte: fotografia da autora.

Anotações no caderno de campo. Data: 06/04/2019:

Sábado, 16h. Catete. O bairro no sábado é diferente, as pessoas que passam pela calçada do sebo estão passeando, pretendem visitar ou já visitaram o Museu do Catete, foram ao cinema, enfim, seguem em direção ao metrô e no caminho se dispõem ao prazer de remexer alguns livros, assim como quem faz uma pausa para experimentar um chapéu nas feiras livres ou relaxa os passos para contemplar a vista do céu azul no outono. Neste dia, mais cedo, eu estive na Feira da Praça XV e resolvi caminhar um pouco para visitar Dona Alda. Enquanto papeávamos, e o vento corria, o seu amigo vem até a banca, como de costume, todos os sábados, sentar-se um pouco na sua companhia e conferir as novidades de livro da semana, também vem buscar venda certa, que a livreira vai separando para ele ainda antes de expor para outros. Ela me apresenta ao seu amigo, dirigente sindical e técnico em Comunicação aposentado, Francisco, com muita satisfação, dizendo um para o outro que ele é um antigo amigo e que eu sou pesquisadora da faculdade. Muito simpático e educado conversa comigo durante uns 40 minutos, conta sobre sua amizade com ela, diz que vem comprar livros, além do sábado, diariamente, e que é residente do bairro. Se interessa por livros de humanas e gosta de livros raros. Revela que organiza leilões e que já teve um sebo na Praça da Bandeira, conhece muito bem de livros e avalia bibliotecas e exemplares importantes para terceiros, conhece quase todos os livreiros da cidade, desde o shopping chão, passando pelas bancadas de calçada até os sebos tradicionais do Centro. Acabou desistindo de manter um sebo após as vendas na Estante Virtual e *Amazon* crescerem muito, passou a funcionar no final com portas fechadas atendendo a internet, mas considerava isso muito cansativo, pois gostava da ideia de sebo como loja e esta estrutura já não funcionava. Trocamos telefone e ele se colocou à disposição para conversarmos mais. Ele é bibliófilo e tem faro para leilão. Me convidou para um leilão presencial que acontece sempre em novembro, em Botafogo, o leilão do Hernani.

No dia 30 de outubro de 2019, eu fui até o sindicato da sua categoria, na Tijuca, para entrevistar Francisco, marcamos às 10h da manhã. Tomamos café e conversamos sobre a sua amizade com os livros e, principalmente, com a Dona Alda. “É uma vivência de anos em que a gente vai criando laços com as pessoas, um bom relacionamento em função de que você encontra com a pessoa toda semana e acaba falando da vida, enfim, eu gosto de livros desde a adolescência”, enquanto ele me contava a sua história pessoal com os livros, ele me adiantou que, ao final da nossa conversa, me levaria para conhecer a sua coleção de periódicos de movimentos operários brasileiros e algumas seções de internacionais doada para o acervo do sindicato e que se transformava em um arquivo organizado por bibliotecárias e que seria aberto, em breve, à visitação e pesquisa de estudantes. “E por conta desse gosto quase que um vício que a gente entra em tudo quanto é lugar que tem livro e, se tem alguém vendendo livros na rua, a gente para pra ver e conhece as pessoas”, durante trinta anos, Francisco frequentou a sua bancada. A livreira veio para o Rio de Janeiro para tentar a vida, mas, na percepção de

Francisco, “ela, por fim, não se adaptou muito a essa condição [de empregada doméstica] e descobriu que ficar como camelô na rua tinha mais autonomia e se ganhava mais”, ele demonstrava se preocupar com a sua situação de informalidade, sem nenhuma proteção social, sem estar recolhendo ao INSS, sem nenhuma garantia de aposentadoria, sem qualquer cobertura para quando estiver doente ou precisar se ausentar, por qualquer motivo, do trabalho. Quando se trabalha assim, por conta própria, em uma situação de precariedade, a entrada de dinheiro é constante, todo dia, e do mesmo jeito que entra, sai, nas despesas cotidianas, com as refeições, comendo sempre na rua, com os custos da manutenção e investimento da bancada de livros, com o pagamento diário de ajudantes – os vendedores de frutas ao seu lado ou donos de carrinhos de carga que prestam serviços na área – para levar e buscar os livros do depósito todos os dias, além do aluguel do próprio espaço para guardar, entra dinheiro, gasta-se quase tudo em um dia e, no outro, recomeça o mesmo ciclo da sua manutenção. Pensamos sobre os seus apuros, sobre os “pulos” e soluções articuladas por quem trabalha na rua, desde os contatos para usar um banheiro limpo durante o dia até se mover com amigos e clientes da vizinhança para protegê-la da perseguição das guardas, “apesar do trabalho na rua ser muito desgastante, muitas pessoas vão se adaptando a ele e é o caso da Alda que está há tanto tempo na rua”.

Em uma de nossas conversas, eu perguntei se ela tinha guardado o abaixo-assinado, porque ela já havia comentado sobre ele algumas vezes comigo, um documento tão importante para a manutenção do seu ponto naquela esquina, e foi um momento também que ela percebeu o quanto seu sebo significava para a paisagem do bairro, ela estava rodeada de carinho em meio a mais de mil e quinhentos nomes. Francisco se lembrou desta ocasião, quando ele acabou ajudando-a a redigir à mão um cartaz em cartolina para explicar o motivo do caderno exposto sobre um caixote, ao lado da bancada, “é curioso, a Alda e outros, talvez, a maioria do livreiros informais tem dificuldade de escrever, eles sabem que não tem uma boa gramática, eles não sabem escrever as palavras com segurança” então as pessoas ajudam, “ela erra na grafia e para escrever, por exemplo, ‘abaixo-assinado’, ela pedem ajuda de alguém”. Acompanhando as assinaturas, muita gente escreveu cartinhas de incentivo, como: “Dona Alda, não desista!” e, tantas outras, desenharam corações e agradecimentos pelo seu trabalho com os livros, tornando o

abaixo-assinado um livro de dedicatórias e declarações de apoio e amizade. Isto aconteceu em 2018, e como escreveu João do Rio (2008:29) “a rua é generosa”.

Finalmente, como prometido, Francisco me levou para conhecer os periódicos da classe trabalhadora, eu não sabia até aquele dia das táticas de arquivo e biblioteconomia para organizar documentos que não se sustentam na vertical nas estantes, então, espantei-me com uma porção de embrulhos em cartolina branca, na horizontal, cada qual contendo as publicações, separados por ordem alfabética dentro do ano, em quatro corredores de estantes largas de aço bem fixas ao chão. Depois de me despedir, caminhando pela Tijuca, eu fiquei me lamentando de não ter podido ver o caderno de assinaturas e nem mesmo a sua caixa de cartas e marcadores de página que ela dizia guardar ao longo dos trinta anos de trabalho junto aos livros, fiquei imaginando que seria a sua coleção, de tudo que ela gostava e que se recusava a vender, como os periódicos do Francisco, guardado com tanto esmero, dentro de caixas tão especiais, que ela já nem sabia mais como encontrar, e ficava sempre me prometendo mostrar, perdidos no acervo gigantesco na sua casa.

A sua rotina de livreira inicia-se às 8h, quando Dona Alda sai de casa para o depósito, acompanhada do seu último ex-marido, porque se tornaram amigos e ele ajuda na bancada, às vezes, ou de um dos rapazes que fazem pequenos serviços de frete na vizinhança, buscam os livros, a tenda e a estrutura de madeira. O sebo precisa estar pronto para abrir às 9h e fechar às 19h, todos os dias. Era 22 de maio de 2019, neste dia, eu cheguei no meio da tarde e fiquei até fechar, porque queria saber como ela finalizava o serviço e, principalmente, eu queria conhecer o seu depósito, na rua Bento Lisboa, “antiga clínica”, hoje sob ocupação irregular do prédio. Nesta altura da pesquisa de campo, em final de maio, nós já tínhamos nos encontrado três ou quatro vezes, e ela me dizia que “quando sobrar um tempinho eu te levo lá” e também que “assim que um contato marcar, eu te levo comigo para buscar livro na casa dele”, nunca fomos. Conversamos sobre coisas práticas, eu queria saber como tudo funcionava, como se dava o manejo dos livros, como vender, como montar a barraca... E sobre o que ela quisesse me falar e mostrar, eu seria um tipo de sua estagiária, em um curso intensivo de livraria de calçada, então ela me deixou sentadinha em uma das cadeiras de plástico para observar:

- Chuva: se eu vejo na previsão do tempo que vai chover, eu nem monto, não vale a pena. As pessoas não param e, se o livro molhar, acabou. Quando molha perde tudo, só serve para dar pra reciclagem do pessoal do burrinho sem rabo;

- Depósito: tem um rapaz que me ajuda trazendo e levando o material no burrinho. É um lugar seguro, não tenho preocupação com a guarda invadir. É lugar onde vendem móveis usados, um lugar só pra guardar;
- Brechó Sebo: já tentei abrir na galeria Machado de Assis, venderia roupa também, mas não consegui alvará;
- Coisas doidas: tenho um cliente que coleciona marcadores de página e eu guardo pra ele. Ele gosta de coisas doidas, tipo um livro pequenininho de madeira, quando aparece essas coisas diferentes eu guardo pra ele;
- Dólar: já encontrei dólar em livro, mas é muito difícil;
- Ajuda: uma cliente minha sempre deixa dinheiro dentro dos livros pra me ajudar, quando ela me doa uns livros eu já sei;
- Cartas: não tenho muito tempo para procurar, mas tenho uma caixa na minha casa cheia delas, eu guardo pra mim, são cartas bonitas que eu acho nos livros esses anos todos;
- Revistas: [passa uma senhora correndo e diz] “tô juntando as revistas pra você, tá bom!”;
- Tenda azul: comprei! Estou feliz! Protegida de chuva e sol;
- Casas: Leblon e Urca, ótimos bairros para buscar livros nas casas.
- Caixas de mercado: em cada caixa dessas de plástico, cabem uns cinquenta livros, tenho vinte e quatro caixas que eu comprei para carregar e guardar os livros;
- Cartão: tenho maquininha de cartão, mas esqueço de trazer, porque o livro é muito barato, gosto de dinheiro vivo na mão;
- Cachaça: estou vendendo livro na rua há mais de 25 anos, é uma cachaça!;
- Doação: eu costumo doar livro que não me serve para o rapaz que vende livro na frente do Banco do Brasil;
- Amigos na rua: eu adotei um cachorro deste rapaz da frente do banco, somos amigos, eu levava ração para os cachorros dele e cobertor, porque ele mora na rua, ele começa a vender livro porque eu ajudo;
- Humanas: sai muito livro meu de Psicanálise, História, Filosofia, humanas;
- Jovens: no final de semana, vem mais jovens aqui;
- Indicação: este livro é como Prêmio de Fidelidade, responde para uma senhora que quer saber. Vende muito Sidney Still e Danielle Sheldon para senhoras, elas só liam isso, depois fui indicando e elas começaram a ler de tudo e melhorou;
- Guarda: eles pedem pra ver a licença e o Silvio mostra, “tem licença com Eduardo Paes” e vão embora dizendo, “ela trabalha com livros”;
- Sigilo: eu compro há dez anos em lugar que não posso revelar;
- Carnaval: no carnaval, eu vendo coisas de carnaval, fantasia e cerveja no isopor, e fico com saudade dos livros;
- Preço: o mínimo é R\$5 e não passa muito de R\$30;
- Vida: os livros são minha vida!

EU AMO A RUA. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam,

deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.⁸¹

Uma das façanhas que lhe conferiu o maior orgulho, contata por Dona Alda para mim, foi sobre a compra de uma grande biblioteca com vinte mil livros. Ela precisava retirar todos os livros de uma só vez, na mesma noite, para esvaziar a casa de uma pessoa que durante vinte anos já não transitava da cozinha para a sala e dormia no sofá por ter ocupado a cama, os armários e todas as paredes da casa com livros. A família entreviu, era um homem idoso, “quando eu entrei, só tinha como parar na entrada da porta da cozinha, tudo estava cheio de poeira, íamos retirando os livros aos poucos para o corredor do prédio para abrir caminho nos outros cômodos da casa”, ele era seu cliente há muitos anos. Aqueles livros repousaram durante alguns anos naquela casa e, já, já, voltariam para as suas mãos, eram os livros do sebo retornando, “se ele passasse mal, não tinha como tirar ele de lá”, o homem participou da mudança, fazendo ali na hora, a partilha do que ele ainda queria guardar e daquilo que iria se desfazer, “foi um jogo complicado, fomos separando o que ele queria do que não queria mais, ele não abria a janela”. Foi retirada a metade dos livros, dez mil, numa operação dolorosa e enigmática para o homem, pego de surpresa, sem saber, ao certo, do que se desfazer, numa situação de quase resgate de si mesmo, “ele tremia de desapego”. Dona Alda levou o seu conjunto de caixas firmes de plástico para buscá-los, “fiquei, neste dia, até uma hora da manhã na rua separando os dez mil livros, depois de sair de lá, fomos para o meu depósito e eu queria ainda escolher a parte especial deles, Política, Filosofia, Sociologia, para o meu amigo sindicalista”. Ela me conta tudo isso com entusiasmo. A sua narração tem um ritmo, ao mesmo tempo, agitado e ofegante, ela sente novamente o cansaço do peso das caixas, do esforço e equilíbrio numa situação constrangedora diante do homem aflito, “eu já começava tirando os livros e limpando, passando pano e guardando nas caixas”, mas ela também demonstra a satisfação contida num caso exemplar, sobre aquilo que todos os livreiros gostam de contar uns para os outros, de estar frente a frente com uma biblioteca, olhar para ela como se olha para uma grande gigante, que realmente é, encará-la, reparti-la, pô-la ao chão, e depois reerguê-la, renová-la, pô-la para circular.

⁸¹ Crônica “A RUA”, publicada na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, 29/10/1905. João do Rio. Publicado em “A alma encantadora das ruas”, 2008, p. 28.

E uma garimpagem emendava na outra: No horário de começar a arrumar tudo para sair, por volta das 17h30min, vem chegando um rapaz na sua bancada, ele trazia um carrinho de carga com cinco caixas de papelão recheadas de livros, ela já esperava por ele, tratava-se de uma doação de apartamento, no mesmo instante, ela se levanta e abre as caixas com vigor. Braços fortes, mãos calejadas da poeira, mãos grossas, separa, reconhece, vira o livro do avesso, cada um deles precisa ser inspecionado quando chega, abre e fecha, procura traças, brocas, manchas, e toda uma sorte de coisinhas escondidas no seu interior, folheia cada um. No intuito de separá-los, com alguma pressa, decide ficar com todos, “uma boa doação”, ela pagou quarenta reais para o rapaz que transportou os livros, não sei de onde. Naquele instante, um rapaz se aproxima todo curioso, estudante do IFCS e morador do bairro, ele olha dentro das caixas, “E esse aqui? Quanto custa?”, apontando para *O Nascimento da Clínica*, de Foucault, “dez reais”, ele coça o bolso e leva o livro, “muito barato!”.

E mais outra: Dona Alda é amiga de dois porteiros de prédios próximos ao seu ponto, eles compraram cerveja com ela no carnaval, quando ela faz um intervalo na venda de livros e monta um pequeno bar com isopor ali mesmo, mantendo o ponto. Eles vieram, neste dia, avisar-lhe que na portaria tinham quatro caixas de papelão de livros e se ela queria buscar, ela responde “aproveita que hoje eu tô com dinheiro”, corre para chamar seu ex-marido que estava por ali, “tenho um bom relacionamento com ele”, ele voltou com os rapazes até o endereço para buscar, porque ela não confiava só nos rapazes para escolher e ela também não podia sair do sebo porque o Silvio não estava para “olhar”. Me levantei na esperança de poder ir junto. Imaginei que a livreira pudesse ir, na sua desistência, eu não pedi para ir com eles e fiquei com ela esperando os livros chegarem. Eram porteiros se virando com livro no final do expediente e livreira se virando com cerveja no carnaval.

Enquanto aguardamos, ela me conta que “há uns dez anos, passavam por aqui muitos catadores procurando livro, pedindo doação, eles iam direto às portarias e levavam o que os porteiros guardavam para vender como papel”, e continua “depois fiz amizade com vários porteiros e eles preferiram vender direto para mim e eu pago bem”. Vinte minutos depois, eles estavam de volta, vieram com um carrinho de compras de supermercado, desses bem grandes de compra do mês, tentei ajudar a descarregar, mas ela não me deixou porque eu iria confundi-la. Assim como o estudante de Foucault, eu enfiava os meus olhos dentro das caixas,

sem quase nenhuma discrição, a sua pulsação acelerada me dominava e eu queria estar a par de tudo. Em uma atitude carinhosa comigo e, ao mesmo tempo, querendo me distrair enquanto ela corria no serviço, eu fui presenteada com um dos livros mais bonitos que vieram naquele lote – *Mirgorod*, de Nikolai Gogol, uma belíssima edição traduzida para o inglês, e publicada nos tempos na URSS “Printed in the Union of Soviet Socialist Republics”, sem data, a folha de rosto é ilustrada pela pintura do retrato do autor, datada de 1840, por F. Moller; uma edição popular, mas muito bonita. Um volume que veio a compor a minha coleção de livros adquiridos (comprados e presenteados) ao longo da pesquisa de campo:

Figura 21: Livro *Mirgorod*, de Nikolai Gogol



Fonte: fotografia da autora.

O momento tão esperado dos fregueses que buscam sempre as novidades, o instante da chegada de livro no sebo, ele ainda é novo porque acaba de sair das caixas, mas que ironia da ordem! Um livro velho-novo sendo novidade em um sebo. Em *A História das Livrarias Cariocas*, o autor descreve a excitação geral, na Livraria Quaresma, 1921, diante de um recente lote de livros: (MACHADO, 2012: 186) “Quando chega alguma grande biblioteca particular, fato comum na época, o

ambiente se agita como o mar de ressaca (...) A notícia corre rápido. Os livros, dispostos nos largos balcões, são folheados e separados pelos fregueses”. Ela descarregava as caixas de livros com pressa, os rapazes esperavam pra levar o carrinho de volta, porque era posse do condomínio. Pessoas rodeavam a barraca... Ela é ágil e concentrada. Os livros rodopiam em suas mãos numa ligeira fiscalizada, lombada, miolo, tudo é verificado, do carrinho para o chão e do chão para um empilhamento exato, ora na vertical, ora na horizontal, precisava caber tudo e o formato dos livros, às vezes, não encaixava, era uma ginástica, ou melhor, um trabalho de geometria complexo no interior das caixas. Percebendo o movimento, ao seu lado, vem outro homem empurrando um burrinho de carga, ele recolhe os livros rasgados, aqueles que ficam em uma pilha para a doação aos papaleiros no encerramento do sebo. Todos os dias, a postos, estes papaleiros estão sempre por perto. Mais uma operação é concluída, ela entrega o seu cartão de visita para o porteiro e paga o serviço, desta vez, não pude ver quanto, agora começa outro desespero, ela não pode parar para descansar, é preciso desmontar a barraca, ela está séria. Agora começa o lusco-fusco. Vou-me embora.

5.2 Mais de mil páginas escritas em *Lan House*

Do Catete à Lapa, outros sebos de calçada também montam e desmontam as suas vitrines imaginárias, compondo a paisagem dos bairros, bem integrados entre os guichês de jogo no bicho, baleiros de ponto de ônibus e carrinhos de pipoca, fixos pela certeza no outro dia, como só sabe quem acorda tateando as próprias coisas, aliviando-se de mais um dia no entardecer e, ainda, a tempo de terminar bem a noite, desdobrando-se nas horas, inventando as suas folgas diárias para saltar fora do quadrante limitado da calçada e, apenas e só, sair. José e a sua bancada de livros fazem parte da memória infinita que posso buscar ao fechar os meus olhos lembrando a esquina da Rua da Lapa com a Teotônio Regadas, bem em frente a Sala de concerto Cecília Meireles. Todas as noites, no seu respiro de folga, José entra numa *lan house* para escrever o seu livro; são mil páginas escritas em computadores alugados por hora nas salas de acesso à internet que funcionam ao lado de bares e cortiços no bairro, até a madrugada. José mora no Rio de Janeiro, desde 2006, quando veio de uma cidade no interior do Paraná, lá ele morava no

campo, plantava e cuidava de animais; aqui ele vende livros usados e dorme em quarto de pensão em casarão tipo sobrado que só abriga rapazes. José gosta da cidade. O seu maior sonho é viver de música e gravar um disco com as suas composições, ele é cantor, e também é escritor, José é um artista. Quando viramos amigos no *Facebook*, ele me pediu para assistir aos seus vídeos, postados no seu perfil, de algumas apresentações suas cantando músicas românticas internacionais, na beirada da Baía de Guanabara, gravados com o celular na mão, em um fundo todo azul do céu e da água em dia de sol. Procurando por eles, eu encontrei o seu canal no *YouTube*, apresentado como “Variedades, informações, polêmicas e novidades medicina da alma e natural, assuntos esotéricos etc.”.

A alma humana e o poder: O político, o filosófico e o místico, com 949 páginas, é a sua grande obra literária a respeito do seu entendimento da vida e do mundo e dos autores que o influenciam, publicado no formato *eBook*, em 2016. Antes dele, José havia escrito outros dois livros: *O segredo das religiões que pregam mudanças imediatas e mundos paralelos*, com 27 páginas, e *Imortal: o ser e o acontecer e as crônicas de ser e do fazer*, com 115 páginas. Nas suas narrativas, José põe na tela do computador o que lhe é sério e importante, os seus escritos diários, nascidos do seu comprometimento e esforço, ao escrever em local público, rodeado de máquinas, salvando, com dedicação, todas as noites, as partes escritas de um documento de *Word*, sempre muito particular. Quantas vezes, para escrever mais de mil páginas, o José precisou usar computadores e salas de internet diferentes? Ele fez amizade com funcionários de *lan house*, porque escrevia um livro e não é frequente receber cliente tão obstinado e assíduo, *habitué* das 21h às 00h, “você não sabe quanto eu gastei!, mil páginas, dinheiro e tempo, 1h é 4 reais e eu gastava 5 horas por dia”. José teve apoio e conheceu a *Amazon*, planejaram juntos a publicação dos *eBooks* por uma editora *on demand* de São Paulo, a Biblioteca 24h, sem custos e sem publicação impressa. José me mostrou uma plastificação de papel ofício colorido, com as imagens das três capas dos seus livros, esta é a sua materialidade, a sua referência e lembrança tátil e apresentável dos seus livros para os clientes do sebo. Fiquei com vontade de comprar as versões em brochura para lhe presentear, em retribuição ao campo, que havia até aí, me presenteado com muitos livros, ideias e conversas.

Pendurado na porta de ferro da lanchonete, ao seu lado, José expõe um *banner* da sua foto com os livros na calçada, de quando ele participou de um evento

grande sobre livros na Praça Mauá, em 2016, no mesmo ano do lançamento do seu último livro, sendo homenageado, na época, com uma reportagem no jornal e a reprodução em tamanho grande de um dos dias mais felizes na sua vida.

Figura 22: Banner “O sonho impresso de José”



Fonte: fotografia da autora.

Nos encontramos para conversar duas vezes, em uma delas, eu lhe perguntei se podia anotar algumas coisas, e ele permitiu muito curioso com o motivo do meu interesse, ele não sabia ao certo, quando eu lhe abordei, se era pela música, pelos seus livros ou pelo sebo, então, falamos de tudo. No dia 20 de outubro de 2019, José me falou sobre a sua trajetória no Rio de Janeiro e me fez uma breve apresentação de si: nasceu no Paraná e morou alguns anos no Mato Grosso, em Minas, em Goiás, antes de vir pra cá, estudou até o primeiro ano do Ensino Médio, depois tentou concluir os estudos à distância, fazendo supletivo, mas abandonou, trabalha com livros há sete anos, das 14h às 21h, todos os dias, possui mil e quinhentos livros expostos e mais outra parte menor guardada em depósito, compra livros para revender na parte da manhã, tanto nos saldos de dois reais das bancadas de desconto de outros sebos, quanto aos sábados na feira da Praça XV e, cotidianamente, no shopping chão da Lapa. Possui licença de ambulante legal, da prefeitura, inscrita em 2012, mas não quis mostrar, dizendo que estava vencida. Antes de vender livros na calçada, José já experimentou vender outros objetos no chão das calçadas da Rua da Glória, mas era difícil, porque “dava 18h, os guardas vinham me expulsar”. José vende de dez a quinze volumes por dia, ele sabe

distingui-los na hora de comprar e vender, ele costuma cobrar o mínimo de R\$5 até R\$50, sendo coleção inteira ou livro de arte, ele expõe livros enormes de fotografia, “eu não conheço muito livro, então cobro barato e não olho na internet, eu cobro no olho”.

José tem uma parceria com o dono de um restaurante aberto ao seu lado e com o dono de uma lanchonete fechada, exatamente onde o seu sebo está encostado. Com o primeiro, ele compartilha a máquina de pagamento com cartão, levando os seus clientes até o balcão para pagar o valor do livro e mais 10% que fica para o restaurante; com o segundo, ele usa o toldo aberto para se proteger da chuva e do sol e quando vai embora, à noite, ele sabe fechar a armação. O depósito para guardar os livros também é um arranjo de amizade, antes ele pagava R\$250 por mês para usar parte de um estacionamento na rua ao lado, um valor alto e, além disso, a fiscalização pediu para ele se retirar, “a guarda não deixou mais”, entretanto, José é uma figura conhecida no bairro e muita gente que transita naquela calçada o conhece e também compra os seus livros, “conheci uma senhora que trabalha lá dentro [na Sala Cecília Meireles] e é cliente minha, ela acertou com o seu pessoal e me deixou guardar sem pagar” no depósito cedido pela prefeitura para a sala de concerto, na rua da Lapa, ao lado do sebo do José.

Figura 23: Sebo de calçada do José.



Fonte: fotografia da autora.

Quando nos despedimos, da última vez, eu pedi para tirar fotos dos livros na bancada e dele também, ele quis saber e ver no meu celular todas as fotos, se estavam boas, como ele tinha saído, pediu para eu apagar algumas, eu apaguei, ele tem um rigor enorme para ficar bem, é vaidoso, é artista. Depois decido não usar as suas fotos, preferi mostrar só os livros. José me fez um questionamento importante e certo, “tudo bem que você não trabalha pra prefeitura, mas depois que a sua pesquisa ficar pronta, todo mundo vai saber como a gente vive e como a gente trabalha”, eu concordei em partes e ouvi. Esta ponderação deve ser refletida.

5.3O Firmino sumiu

Anotações no caderno de campo:

Data: 16/04/2019: Largo do Machado. 15h. Bancada de livros no respiradouro do Metrô. Desde 1985. Observo os livros expostos, aponto para um e pergunto o preço, “10 reais”, previsível. Os valores dos livros nos sebos de calçada seguem a margem dos R\$5 aos R\$30. Dona Alda havia me pedido para procurar o Firmino, um livreiro tão antigo quanto o Silvio e que também trabalhou na extinta livraria Entrelivros. Peguei o livro, paguei e perguntei, diretamente, se este era o seu nome. Ele riu debochando e disse se chamar Fernando, que eu confundi, que Firmino sumiu. Eu sabia que Firmino era uma figura interessante pelos relatos que me deram dele. O Fernando também era, imaginei se ele era o Firmino se passando por Fernando. Tudo bem. Além de gostar de comprar livros, eu também pesquiso sobre eles, expliquei o meu interesse e conversamos sobre coisas triviais: quantos livros têm aqui? E você guarda estes livros onde?... Ele foi respondendo: “gosto de vender porque aprendo títulos, resumo, pessoas, às vezes, nem preciso ler o livro”, e nem mesmo abrir o livro... “Só fecho quando chove”, a sua bancada funciona com um mínimo de estrutura providenciada por ele e, pelo que pude notar, eram algumas caixas de papelão e duas malas grandes e já bastante gastas de rodinha, ele expunha os livros diretamente nas grades do respiradouro do Metrô, sem lona, nem tecido; na altura de uns cinquenta centímetros acima do chão, parece que os livros estão em bancadas, mas estão apenas enfileirados nas grades. Um bom ponto, se pensarmos que a altura para a sua vitrine está pronta e disponível, montar e desmontar o seu sebo depende apenas de abrir as grandes malas e caixas e guardá-los, no início e do final do expediente, e para aonde são transportadas? “Meu depósito fica nos Estados Unidos”. O quê? “Pra que você quer saber?”, ele vinha se aproximando de mim com um sorriso escancarado! Ok, não quer falar, não fala. Mas ele queria falar... E foi falando o que ele quis falar: “Já tive um livro de 1700, um manuscrito do tempo da Corte, em francês. Já achei muitas coisas nos livros, já achei folha de maconha”, e continua gargalhando. E a confusão me toma. Eu começo a rir junto e não me preocupo mais se ele é realmente Fernando ou com onde ele guarda os livros, dou corda para ele falar, me interessa. Acabo sentada ao seu lado na pontinha do respiradouro, “tenho 30 vezes a quantidade destes livros em casa, moro ali na frente”, apontando-me um prédio na direção da Rua São Salvador, no Flamengo. “Meu patrimônio é um quarto cheio de livros. Ganho e compro”. Fernando busca um livro exposto e começa a folheá-lo para mim, “quer saber do que eu gosto? Olha este livro aqui”, *Etologia: a conduta animal, um modelo para o homem*, um livro com muitas fotografias de animais em florestas, é

o seu livro favorito naquela exposição, apresentando-o com bastante entusiasmo, página por página, levantando-se para falar, como se estivéssemos em uma conferência. A sua banca vende muito, ele está ao lado do ponto principal de ônibus do Largo do Machado e ao lado do metrô, a calçada naquela hora estava lotada. Enquanto estive conversando com ele, durante 30 minutos aproximadamente, ele pode ter vendido de 7 a 10 livros. Fernando me explica como restaurar um livro muito gasto. Ele pega um livro amarelado e bastante sujo, uma edição dos anos noventa, “então você deve lixar as páginas do livro, com uma lixa de parede mesmo, uma mais fina, com o livro fechado você vai lixando o seu miolo apertado, retirando uma camada fina das pontas das páginas juntas, a sujeira sai e a cor original do papel aparece... Na capa, é só molhar um pano e esfregar com cuidado ou passar uma borracha macia ‘fazendo que apaga’, a sujeira sai na borracha esfarelada e o livro fica novo”. Ouvi com atenção. Eu já sabia desta técnica, mas ouvi a sua versão até o final e considerei incrível. Um homem nos aborda. 45 anos aprox., Roupas de ginástica, morador do bairro, conhecido de Fernando, “Ei, patrão, te interessa?” Trazendo 3 livros numa sacola e Fernando responde, “Claro!”, Fernando agradece a doação e o homem se despede. Ele retira os livros da sacola e os expõem sem cerimônia, sem folheá-los. Eram eles: *O Caso dos dez Negrinhos*, Agatha Christie; uma compilação de Shakespeare, *Sonho de uma noite de verão* e o *Mercador de Veneza*, em uma edição antiga, sem data, provavelmente, dos anos sessenta, publicada pela Melhoramentos, daquelas com o miolo ainda fechado, rasgado por régua à medida que se lia, gasta, mas bonita, e, por último, *O chamado do cuco*, Robert Galbraith, da Rocco.

Figura 24: Bancada de livros do Fernando.



Fonte: fotografia da autora.

Figura 25: Bancada de livros na entrada do Metrô do Flamengo.



Fonte: fotografia da autora.

Fernando tem um ajudante, o Thiago, ele vende os livros da sua bancada, quando pode e fica com a metade do valor para si. Thiago é filho de uma amiga de infância do Fernando, moradores também do Flamengo, mas no Morro da Viúva, um oásis de grandes casas arborizadas escondido entre os altos prédios do bairro. O rapaz vem vindo do seu trabalho de poeta de ônibus, ele passa as tardes recitando poesia no transporte público, depois passa o chapéu. Thiago confirma que Fernando não é Firmino, porque se refere a ele como Fernando. Pergunto para Thiago, então, sobre Firmino e ele repete o que Fernando me disse, “o Firmino sumiu”. Super atento, simpático e educado. Dança *break* além de escrever e recitar poesia, passa por ali todos os dias e gosta muito de ler. Adora Paulo Coelho, principalmente, *O Alquimista*. Thiago se interessa quando falo da pesquisa, os dois me cercam. Um quer falar mais do que o outro. Thiago faz gestos para mim, enquanto Fernando atende, chamando-me a atenção para conversar com ele. Ele quer me mostrar que Fernando gosta de negociar, que sempre abaixa os preços se a pessoa chorar, que ele vende muito e que quase tudo que tem veio por doação, então, não valoriza. As doações são contínuas, devido à localidade. O rapaz gosta de ler e conhece outras bancadas de livros nas ruas, então, começamos um exercício de enumerá-las por bairro, ele conhece praticamente todos os livreiros daquela região, do centro até Botafogo, também conhece lugares que vendem livros perto do túnel Santa Bárbara e numa passagem subterrânea, no Catumbi, “eu ando pela cidade comprando livro, eu compro pra ler e não pra vender, depois que eu leio eu deixo aqui com Fernando e compro mais, leio os dele também e depois devolvo, adoro ler”. Ele tem a sua teoria sobre a “Falsa Sul”, referindo-se aos bairros da Glória e do Catete, a Zona Sul decadente, “gente falida querendo se manter na classe média, então vem morar por aqui”, e estas pessoas se desfazem dos seus livros antigos para morarem em lugares menores. Aos domingos, Fernando não expõe. E mesmo assim, Thiago passa por ali e continua vendo os livros, aquele lugar já está impregnado dos livros, expostos ali desde 1985. Quando nos despedimos, Fernando me presentearia com um livro, o exemplar que estava mais próximo de suas mãos, eu aceito, era um livro infanto-juvenil com capa em 3D, sobre um menino lobo, *Wolven: Uma aventura uivante e felpuda*, publicado pela Salamandra, em 2012. Thiago decide ir embora também e seguimos caminhando até a Glória, onde pego o Metrô. Conversamos sobre a sua paixão pelos livros e ele me conta que tem bom faro para buscá-los e

mostra, imediatamente, apenas um livro apoiado numa grade na calçada, sozinho, repousando discreto ou abandonado. Era uma publicação da igreja das testemunhas de jeová, rimos deste achado, ele me provou que estava atento. Nos despedimos e prometemos uma conversa e um passeio pelo bairro atrás de livros e livreiros.

Data: 16/04/2019. Entrada do Metrô no Flamengo. 18h30min. Desisto de pegar o Metrô na Glória. Volto caminhando, passo pelo respirador do Metrô do Largo do Machado, Fernando já foi embora, sigo em busca de Firmino ou dos livros que o Thiago vê quando caminha nas ruas. Estava muito entusiasmada com as conversas e não conseguia deixar o bairro. Não encontro o que procuro. Lembro-me vagamente de livros na entrada do Metrô do Flamengo e sigo em sua direção. Acerto. Alex trabalha à noite, até mais tarde, Dona Alda, Henrique e Fernando fecham por volta das 18h. Neste horário, das 17h às 21h, o Metrô está lotado, muita gente passa. Aproximo-me, então, de mais uma banca de livros. Os livros ficam expostos em fileiras de lombadas para cima e em duas caixas de mercado, destas de plástico firme, sobre um carrinho de carga novo. Os livros são expostos também em um cercado tipo a barraca da Dona Alda, com suporte de madeira formando uma mesa suspensa, e uma estante tipo gôndolas de farmácia. Nelas, os livros ficam espelhados, com as capas à mostra, um ao lado do outro. Divididos em setores de livros organizados por lombada, empilhados em mesa e espelhados. “Organizo por assunto”, foi a primeira coisa que ele me disse. Eram livros espíritas, quadrinhos, eróticos, infanto-juvenil, filosofia, psicologia, clássicos da literatura universal. Não quis conversar muito e se retirou me dizendo para ficar à vontade. Comprei uma edição de *O observador no escritório*, de Drummond, publicado pela Record, em 1985. Agora, o metrô já estaria superlotado e eu precisaria tomá-lo apertada, mas não tinha importância, eu estava contente pelas conversas da tarde e porque aquele livro tinha me custado apenas cinco reais.

Data: 17/04/2019. Glória. Esquina com a Rua Candido Mendes. 14h. Enquanto caminhava em direção ao Centro, depois de descer no Largo do Machado e conversar um pouco com a Dona Alda, pela manhã, eu seguia em direção ao IFCS e precisei pegar um Uber para chegar a tempo ao encontro com Alexandre (ver capítulo 2). À espera do carro, conheci uma bancada de livros que também expunha pinturas e *fanzines*, ele expõe durante as tardes, sem dias ou horários definidos. Conversamos por 10 minutos. Ele tem um filho formado pela UFBA em Ciências Sociais, que também é professor de Sociologia. Ficamos de conversar depois com mais tempo, ele insistiu que eu voltasse. Sua banca de livros é uma mesa pequena com aproximadamente trinta livros expostos e mais outros vinte ou trinta guardados em caixas, debaixo da mesa. Anotei para lembrar o assunto da nossa conversa inicial: pesares da vida, vizinha que comete suicídio, a outra fica louca, falamos em “destrambelhos da vida”. Comprei o seu *fanzine* e entendi a suas referências ao ano de 1968, na França. Trabalhou durante 29 anos no circo, foi comediante, palhaço, armador de lona, produtor, tudo. Também foi gráfico por 10 anos. Formado pelo SENAI, paginador, impressor de *off-set*, blocador.


5.4 Confraria do Olivar

Olivar é um livreiro à moda antiga, daqueles que recebem os seus melhores clientes com café, chá e suco, ele faz questão, de modo que num esticar de braço, apontando para o rapaz que passa, pronto, estamos servidos! Quando a conversa se

estende, ele puxa uma cadeira e nos convida para sentar com calma, embaixo da marquise da chopperia ao lado; assim, observamos o movimento, folheamos algum livro interessante, proseando e pegando uma fresca como numa varanda de loja, em sua bancada de livros a céu aberto. Em troca da gentileza recebida, em uma das vezes que conversamos, eu trouxe o nosso café, equilibrando nas duas mãos três copinhos de pingado da padaria térrea do Edifício Central, um para mim, outro para Almir, seu ajudante, e, finalmente, para o anfitrião. Era certo encontrá-lo beliscando uma coisinha ou outra, para fortalecer os laços com a gente que serve o *buffet* de calçada, para não precisar se ausentar do sebo na hora das refeições e pequenos lanches e para fazer girar o contínuo desfile gastronômico muito comum às ruas. Olivar faz sala, cumprimenta na chegada e se despede na saída, sabe indicar livros e conta as últimas novas sobre escritores, editoras, livrarias... E o mundo dos livros o circunda, ou melhor, ele é parte do seu movimento. Se alguém precisar deixar um pedido importante com ele, de um livro sumido ou esgotado, anota as suas informações, marca prazo, deixa telefone. Se o livro, ainda assim, for raro ou raríssimo, Olivar contata os seus amigos de leilão, os bibliófilos, o pessoal dos antiquários e a internet. Ele também é discreto, gente boa e gente fina, segue um protocolo antigo aos “livreiros de tradição”: sempre ajudar os estudantes e pessoas que gostam de ler, para os dois casos, dinheiro não pode ser um empecilho, na bancada do Olivar está liberado pagar depois, se a honestidade com os estudos estiver em dia.

Ele é o precursor na ocupação literária da pequena Rua Bitencourt da Silva, o “Corredor Cultural” de artistas da música, desenhistas, artesãos e livreiros – entre o Edifício Central e a agência matriz da Caixa Econômica, fazendo esquina com a Avenida Rio Branco, na entrada da estação Carioca do Metrô. Lá, estão enfileiradas, nos seus dois lados, aproximadamente, dez bancadas, incluindo vendedores de bijuterias, chocolates, aparelhos eletrônicos e outros objetos. Entretanto, apenas as bancadas de livro são cadastradas na prefeitura e apenas os livreiros possuem licença de ambulante legal, com autorização expedida. Oficializado apenas em 2008, com abaixo-assinado e projeto de lei aprovado na Assembleia Legislativa do Estado, o conjunto de sebos da Carioca já havia se instalado desde finais da década de 1980, como uma fervilhante referência na oferta de livros de segunda mão, no centro do Rio, para milhões de pessoas que utilizam o serviço de metrô naquela estação.

Figura 26: Comprovante de isenção de TUAP do livreiro Olivar

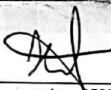
 PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO Secretaria Municipal de Fazenda Coordenação de Licenciamento e Fiscalização		
Orgão:	Código da Receita: 250-0	
Nome:	Insc. Municipal: 8004449-6	Emissão Insc. Municipal: 24/06/2009
Endereço:	RIO DE JANEIRO - RJ	
CPF/CNPJ:	Processo:	Outros Dados: (Renovação)

COMPROVANTE DE ISENÇÃO DE TUAP

Art 136 da Lei 691 de 24/12/1984

Processo Seletivo: AMBULANTE EM LOGRADOUROS PÚBLICOS - FASE I Equipamento: TABULEIRO Atividade(s): 8.11.11.4 LIVROS Ponto: RUA BITENCOURT DA SILVA, ao lado, 0 - CENTRO (NA LATERAL DO EDIFÍCIO AVENIDA CENTRAL) Horário: 05:00 às 18:00 Auxiliar: Motivo: Titular com idade >= 60 anos.
--

Emissão: 23/01/2019


 matr. 1590876

Fonte: fotografia da autora.

Tanto Olivar quanto Almir foram funcionários da Entrelivros e, não coincidentemente, é a mesma rede de livrarias onde o livreiro Silvio e o sumido livreiro Firmino também trabalharam, na filial do Largo do Machado, uma das mais populares e agitadas livrarias da cidade até os anos oitenta. Diferente dos outros, em 1979, Olivar se torna livreiro e, rapidamente, gerente de livraria. Com mais de vinte lojas abertas, a Entrelivros empregava jovens estudantes e servia-lhes de escola para livreiros, menos por seu rigor literário, possuindo um acervo popular, e sim por sua veloz rotatividade, muito livro corria-lhes nas mãos e ganhava-se experiência com o atendimento de loja cheia, assim, muitos tomaram gosto pela profissão e seguiram no caminho dos livros. Quando as últimas filiais da Entrelivros foram vendidas para a rede Unilivros, duas empresas extintas hoje, Olivar foi transferido para uma filial em Ipanema, lá passa a trabalhar com livros de arte, sob o gerência de um diretor de cinema, convive e ajuda a organizar lançamentos de livros, conhece artistas e uma clientela exigente.

Olivar nasceu em Camocim, uma pequena cidade no litoral do Ceará. Aos 17 anos de idade, em 1975, veio morar no Rio de Janeiro, em casa de parentes, para terminar o Ensino Médio e fazer faculdade, mas a sua família não pode se

responsabilizar pelo alto custo de uma Universidade particular, quando, em 1979, no segundo semestre do curso de Ciências Médicas, Olivar precisou começar a trabalhar para manter as mensalidades. Mesmo assim, dividido entre os estudos e a livraria, ele decide trancar a faculdade, muitos anos depois entra para o curso de Biblioteconomia na UFF, mas também abandona sem concluir. Olivar trabalhou na Entrelivros durante sete anos, de 1979 até 1986, de 16h à 0h. Ele apresentava forte dedicação aos estudos e conhecia de livros, porque teve acesso à leitura durante à infância, tornando-se, desde cedo, um bom leitor. *Odisseia*, de Homero, das Edições Ediouro, foi o seu primeiro livro “sério”, por causa de uma aula de História na escola que não saía do seu pensamento, o volume veio pelos correios, porque, em Camocim, não havia livraria. Aos oito anos, Olivar colecionava revistas em quadrinho, “os gibis que eu gostava e que ainda gosto são milhares, *Aí, mocinho, Buck Jones, Disney...* É muito faroeste, na época de 1960 e 70 era febre revista em quadrinho de faroeste”, guardadas ainda hoje, acompanhadas de tantas outras coleções de revistas antigas e raras garimpadas aqui no Rio de Janeiro, colecioná-las faz parte dos seus momentos de folga, trocar, comprar e vender HQ, nas feiras especializadas e na internet, participando da cena carioca das revistinhas, recebendo convites para encontros, conversas e sendo citado, hora ou outra, em *blogs* de fãs.⁸²

Em 2010, em comemoração ao 450º aniversário da cidade, a Rádio Globo escolheu dez pessoas que fizeram a história do Rio, pessoas importantes no seu cotidiano urbano, entre elas estava Olivar, eleito como uma das figuras mais populares do mercado do livro de segunda mão, e, de hora em hora, o seu nome e o da bancada de livros eram citados na rádio, algumas reportagens foram feitas a seu respeito, o livreiro apareceu na televisão. O livreiro pertence à Academia Cearense de Letras e Artes e à Academia de Literatura de Cordel, além disso, também teve um importante reconhecimento da sua atividade e do seu talento, quando escreveu e publicou, em 1998, *Risadinha: o menino que não ganhava presente*, um sucesso de vendas que virou montagem pra teatro, hoje, esgotado e sumido. O livro foi escrito para a sua primeira filha, que, tendo um pai livreiro, caçoava dos seus primos que não ganhavam livro todo dia, será que ela chegou a ler *Felicidade Clandestina*, da Clarice Lispector?

⁸²<http://www.tujaviu.com/2014/07/veja-o-video-que-gravamos-na-entrada-da-estacao-carioca-metro-onde-livreiro-vende-quadrinhos-europeus-precos-bem-camaradas.html>.

Tratando-se dos negócios de livro, Olivar atua em três frentes distintas: na bancada de livros da Carioca, de segunda à sexta, com uma barraca na Feira da Praça XV, aos sábados e com a venda de livros na internet, no *site* Estante Virtual. Para cada uma delas, Olivar mantém um tipo de acervo, para a Carioca, são livros baratos, saldo e ponta de estoque, volumes das milésimas edições de livros populares, livros rasgados, furados, molhados, desencapados; para a Praça XV, são livros mais selecionados, sobre a mesa, ele expõe os assuntos nacionais do seu agrado, como autores Cearenses, revistas *vintage* em quadrinhos, literatura nas primeiras edições, livros assinados e com dedicatórias importantes, na parte dos fundos da barraca e sobre o carrinho de carga, ele expõe os volumes da Carioca; para a internet, são livros de humanas em edições populares, livros de interesse universitário, a sua conta na Estante Virtual possui 5.551 livros cadastrados e funciona desde junho de 2018.

Eu entrei na Estante Virtual tem 10 anos, mas não com o meu nome, a minha ex-cunhada estava desempregada e nós abrimos uma parceria com o nome dela, mas os livros eram meus. Ela aprendeu a trabalhar e depois abriu uma conta só pra ela. Hoje a minha conta mesmo está com dois anos. O trabalho na Estante Virtual é cansativo, mas eu gosto pelo lado social. No Brasil, nós temos 5.700 cidades e só tem livraria em 500 cidades, então, mais de 5 mil cidades não tem livraria. A Estante Virtual é a única livraria nestas cidades, ela tem um lado social muito alto, muito importante, muita gente não percebe isso, mas é muito importante. Hoje, eu cadastro os livros e minha esposa também cadastra, a gente tem uma pessoa que responde os *e-mails* e coloca nos correios pra gente. (Olivar, 23/10/2019).

Além destas, as principais, ele também participa de leilões de raridades, comprando e vendendo, quando aparecem boas oportunidades. São diversas frentes para aonde o livreiro encaminha os seus livros, entretanto, advindos das mesmas fontes. Quando Olivar compra bibliotecas de particulares, recebe doação ou garimpa dos garimpeiros, ele tem o ponto da Carioca como um grande depósito de seleção e distribuição, ali, Olivar permanece durante toda a semana para garantir, em especial, um excelente ponto fixo de captação dos livros. A sua banca da Carioca é uma referência, há trinta anos, de absorção de livros e não apenas da venda deles. Olivar é uma conhecida figura do centro do Rio de Janeiro, ele não para, arruma a bancada continuamente e recebe contatos o tempo inteiro, são pessoas pedindo o seu telefone para marcar retirada de livros em residência, outras abrindo sacolas e malas para lhe oferecer doação, compra, venda e rolo.

Figura 27: Bancada de livros do Olivar



Fonte: fotografia da autora.

Na Carioca, Almir monta a bancada de livros às 7h, terminando o seu expediente às 15h, quando chega o Olivar para atender até às 19h. Almir cuida das tarefas de abertura, busca os livros no depósito e organiza a estrutura de mesas, por sua vez, Olivar desmonta tudo e devolve os livros para guardar. Todos os livros expostos custam R\$2. Isto porque custavam, antes, R\$1. Quando as notas de um real somem de circulação, deixando de serem impressas pelo Banco Central, Olivar atualiza o valor do livro para continuar sendo a menor quantia impressa de dinheiro. Todos os livros, independente do assunto, da edição, da autoria, ano de publicação, qualquer um deles custa dois reais. E é uma montanha de livros na bancada, a sua organização consiste em empilhar desordenadamente a maior quantidade possível de livros que puder se manter sobre a mesa, muitos acidentes acontecem quando as pessoas começam a revirá-los e, às vezes, deixando-os cair no chão. Mas parece ser disso que os seus leitores gostam, procurar, remexer, jogar para um lado, jogar para o outro, um jogo de braços dali e de lá, a mesa sempre cercada de gente, ombro a ombro na disputa de olhos e mãos velozes, depois não tem quem não saia esfregando a poeira nas pernas. São quinhentos livros vendidos todos os dias. Quinhentos livros é muito mais do que uma livraria de novos bem localizada na cidade vende em um dia, quinhentos livros é muito mais do que um escritor iniciante e, às vezes, até conhecido, vende no dia do seu lançamento. Quinhentos

livros vendidos cada um por dois. Então esta é a sua meta de captação, repor quinhentos livros por dia, sem contar o estoque encaminhado para a feira da Praça XV e para a internet. É muito livro.

Mesmo no epicentro dos turbilhões sonoro e visual da cidade, a banca do Olivar sobrevive como um ponto aconchegante. E, ainda que mergulhado em trabalho, o livreiro encontra brechas no serviço para exercer as peculiaridades do seu ofício: recitar poesias, ler trechos de diários, conceder entrevistas, indicar leituras, apresentar escritores, fazer amizades, contar as novas, “o meu patrimônio não são os livros, mas os meus clientes”, porque os livros circulam, mas os seus clientes são cativos. A “Confraria do Olivar”, como intitulam-se por brincadeira, reúne-se às tardes, nos dias de semana, sem horário nem dia combinados, é certo deles aparecerem, em torno da sua bancada de livros, na Carioca. Ilustres leitores de sebo, bibliófilos, escritores, advogados, imortais da ABL, estudantes, colecionadores de cartas e *ex libris*, professores universitários, livreiros independentes, curiosos, jornalistas e até um ex-governador do Ceará – colecionador de marcadores de páginas⁸³ –, quase todos homens, reúnem-se para remexer a grande fuzarca de livros usados.

Uns vêm apenas para buscar encomendas, outros vão ficando e passam a tarde, fui apresentada a alguns, ouvi conversas enormes sobre aquisições, valores, perdas, roubos. Eu estava ali também como ilustre, tratada como “vem aqui conhecer a minha pesquisadora, ela estuda na PUC, qual é o curso mesmo?” e “olha, este é meu grande amigo fulano que você precisa conversar um pouco, ele frequenta sebos há mais de quarenta anos”. Existe uma pompa quase elegante na bancada do Olivar, talvez ela esteja na atitude despretensiosa e um tanto fugaz de simplesmente parar, na entrada de metrô mais movimentada da cidade, e se dar ao luxo de uma prosa sobre livros. Quem pode parar um segundinho para remexer alguns livros no momento da volta pra casa? Se eles estiverem bem na entrada de onde se toma o transporte, qualquer um, todos! Mas se não houver pressa e se o destino principal for, de fato, a banca do Olivar, melhor, e alguns dos seus ilustres clientes, membros da “confraria” tomavam o metrô para se instalar ali mesmo, conversar e retomar o vagão de volta para casa.

⁸³ ALCÂNTARA, Lúcio. Entre Páginas, Entre Vidas. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara, 2013.

Vou tentar me lembrar, escrevendo, de um dos casos que exigiram a minha atenção: um amigo seu, de longa data, escritor e funcionário público aposentado, talvez professor, sim, professor da rede pública do município do Rio. É a história de um diário garimpado por ele em um antigo e extinto sebo em Ipanema, destes que também desarrumam os livros em bancadas na calçada, como um chamariz de bibliófilo, para depois entrar e visitar as estantes. Bem, o diário pertencia a um menino, era um diário escrito com letra infantil sobre temas infantis, desenhado e rabiscado, no entanto, e, sobretudo, o que lhe chamou a atenção foi o texto tão bem elaborado, em ortografia e estilo, de bem-informado que deveria ser o seu escritor. Anônimo e sem nenhuma referência de endereço, aqueles escritos caberiam muito bem como um livro de contos sobre as memórias astutas de um menino prodígio, considerando ainda, dentro da narrativa, o fato de ter sido “perdido”, da sua autoria não ser revelada, do mistério envolvendo as suas confissões infantis. A versão foi escrita. Era um diário encapado de papel verde. Conversa vai, conversa vem... Nosso amigo professor chega a uma informação importante, contando e recontando esta história para amigos, no balcão do antigo sebo, ao descrever o diário e a ocasião da sua compra, a lembrança da biblioteca adquirida vem à tona pelo livreiro, “sim, eu me lembro e tenho ainda o endereço”, foram ao local, era um apartamento confortável na Zona Sul, residia a sua irmã, de idade avançada, o menino estava morto. Todos se emocionaram. Longas conversas cercaram um possível lançamento, um advogado foi chamado para resolver todos os trâmites de direitos, outros parentes se envolveram, ele soube que a criança estudara no colégio Pedro II, “um orgulho para a família”, tornou-se intelectual, possuidor de boa biblioteca. Mas e o diário? Quem tivera a coragem de abandonar? Agora todos o queriam. O advogado saiu de cena, a família preferiu manter o anonimato do menino. Não houve publicação das memórias infantis. Mas teve uma bonita e ainda recente carreira dedicada a Machado de Assis. Como assim? Assunto do próximo caso que o professor já veio emendando ao primeiro, sem que eu tivesse a oportunidade de elaborá-lo melhor em minha cabeça; até tenra idade, nosso amigo não gostava de Machado de Assis, lia, esforçava-se, mas não gostava, fazer o quê? Aos sessenta anos, já desiludido, ele estava descrente da possibilidade de experimentar uma leitura prazerosa e, para piorar, tendo amigos especialistas no escritor. Um dia, sem aviso ou marcação, como num instante de sabedoria machadiana, ele compreendeu

tudo, cada um dos seus contos, ele sentia-se pronto. Escreveu, então, alguns livros sobre Machado e hoje é conhecido na confraria por este feito.

E como bem lembram os “amigos dos livros”, Rubens Borba de Moraes, em *O Bibliófilo Aprendiz*, sobre o papel do livreiro em conhecer o gosto da sua clientela e Homero Sena, em *O Sabadoyle*, a respeito da Confraria Literária de Plínio Doyle: “Todo bom livreiro conhece sua freguesia, sabe exatamente o que cada um coleciona e procura. Aparecendo um exemplar do livro desejado, ele terá prazer em lhe oferecer em primeiro lugar” e “Existe entre livreiro e colecionador um denominador comum: o amor aos livros. Ambos acabam amigos, embora um viva à custa do outro. Um bom livreiro é o melhor guia que pode ter um colecionador. A recíproca é verdadeira” (MORAES, 1998: 30). Por sua vez, Homero Senna, publica a ata de número 52 da reunião de 28/12/1974, quando Carlos Drummond de Andrade é responsável pelo registro do “Sabadoyle”:

Em que se esquecem preocupações e tédios no exercício desta coisa que se vai tornando rara ou impossível na cidade de hoje: a conversa – a pura, simples, fantasista, descompromissada conversa entre amigos e desconhecidos ou mal-conhecidos, que se tornam amigos por forçadas aproximações aqui estabelecidas. O Sabadoyle afinal é isto; e acaso precisaria ser mais alguma coisa, seja é tanto para o espírito e o coração de todos nós?” (SENNA, 2000: 16).

Aqui na Carioca funciona como antigamente, onde as livrarias eram também um ponto de encontro. Rua do Ouvidor, Francisco Alves, as pessoas iam lá, batiam papo, hoje não tem isso. Nas livrarias, hoje você chega e é tudo no computador, você pede o que quer e não há mais espaço pra conversa. E aqui, mais ou menos, virou o que era antigamente as livrarias. Um ponto de encontro com os mais variados escritores, de modo geral, não tem discriminação, meu livro aqui custa 2 reais, é do operário ao senador. (Olivar, 23/10/2019).

Alguns depoimentos da Confraria ao Olivar:

É funcionário público e trabalha atualmente em escritório no centro do Rio. Compra livros na rua há quarenta anos. Colecionava Editorial Vitória, publicações do PCB em 1940 e editoras de esquerda. Participa do leiloes.br. Tem 8 mil livros em casa registrados e mais mil para registrar, fora periódico, medalhas, selos, cartas. Usa o aplicativo *Minibiblio*. Já montou barraca na feira da Praça XV, especialmente, para saber de doações importantes. “Se for do meu interesse pra coleção, eu compro livro em qualquer lugar, inclusive no chão, eu vou logo olhar os amarelinhos, a iluminação vai diminuindo a cor dos livros”. Retira folhas, plantas dos livros, quando acha dentro, ele retira e guarda junto às cartinhas, “as folhas acidificam o papel, deixam marca”. Diferencia colecionador de acumulador. Ele coleciona “cabeça de coleção”, sempre a nº 1. Ele é “o cliente número 1 do Olivar”, se aparece o primeiro do primeiro, independente do assunto, é para ele que Olivar vai guardar.

Ex. diretor da Casa França Brasil. Fez doação de três mil livros em evento infantil na galeria e comprou com o Olivar, chamava-se “Literatura na varanda”, um pouco antes do Natal. Sobre Olivar: “melhor trabalho de divulgação de livro no RJ”. E mais, “Existe o mito do brasileiro que não lê, mas o problema é o preço, por isso Olivar é importante”. Ele acompanhava uma amiga, jornalista, escritora e diretora da ABI. Imediatamente, naturalmente, surge na banca um leiloeiro, uma escritora da história de padres comunistas, um jornalista, um ativista pela causa palestina que fundou um instituto histórico em Caxias, um professor universitário da Comunicação, tendo o seu pai como afilhado do Aluizio Azevedo. Para o primeiro, é a “Academia do Vavá”.

A Francisco Olivar

Grande amigo dos livros e leitores,
Garboso campeão da coisa impressa,
Que salva da lixeira e outros horrores
Cada página – virgem alva e opressa,

Livreiro que cultiva dois amores:
Comprar bem e vender barato, homessa!
Onde, em tal raça de especuladores,
Virtude se encontrou alta como essa?

Irmão de um povo há eras ignorante,
Seu balcão vale mais que muita estante,
Nele sempre o que é bom se desentoca,

Há sempre, em meio ao mal, uma esperança,
Pois mais do que Oliveiros fez em França
Faz Olivar no Largo da Carioca

Alexei Bueno, 2016⁸⁴

Livreiro ajudante e amigo do Olivar. Almir começou a trabalhar em banca de jornal com 9 anos de idade, quando o seu pai faleceu e ele precisou ajudar a família. Almir começou a trabalhar com livro com 14 anos na Editora Jorge Zahar, agora ele tem 67, 53 anos com livro. Seu tio trabalhava na editora, na parte de contabilidade e chamou ele pra ser *office boy* até chegar a chefe de expedições, saía para vender fora do Rio de Janeiro pra fazer divulgação, vendeu pela Zahar também na Feira do Livro da Carioca (feira da ABL). Trabalha com o Olivar há 7 anos na banca da Carioca e, antes disso, trabalhou com livro na calçada durante 9 anos na Rua Graça Aranha, um ponto que acabou perdendo por problemas de saúde, ficava na calçada do Ministério Público. Conhece Olivar há mais de 30 anos. Olivar aproveita este tempo da manhã, enquanto Almir está na banda de livros, das 7h às 15h, para buscar livro, negociar livro, visitar residências, estar na rua. Não costuma abrir o livro antes de expor, se achar alguma coisa e souber de quem é liga pra avisar. Durante a nossa conversa Olivar achegou! Vem com algumas caixas de livro e imediatamente começa a arrumar. Uma vez, um freguês achou 100 reais dentro de um livro, voltou e avisou pro Olivar, cada um ficou com cinquenta. Outra vez, Olivar achou cem dólares dentro de um livro, foi na casa de câmbio, trocou e

⁸⁴ Poema de Alexei Bueno, escritor carioca, cliente de livros na Carioca, dedicado ao livreiro Olivar, que o ostenta impresso em banner e exposto em sua banca de livros na Feira da Praça XV.

repartiu com os moradores de rua. Olivar já comprou a biblioteca do Gerry Adriane, veio com muitas cartinhas de mocinhas pra ele.

“Quando eu vejo um livro no Olivar ou em outro lugar em melhor estado do que eu tenho, eu compro e dou pro Olivar, se for um livro que não vale muito, se valer muito eu coloco no leilão”. Ubiratan Machado, jornalista e escritor do livro premiado em 2013, pela ABL, *A História das Livrarias Cariocas*, frequenta a banca do Olivar. “Eu compro muita coisa no Olivar, literatura brasileira, literatura estrangeira, livro de bibliofilia, o que eu encontrar e me interessar eu compro. No Olivar eu não comprei, ele que me deu, um livro do Guilherme de Castro Alves que é o irmão do Castro Alves” e “Este espírito existe aqui no Olivar, às vezes, eu fico duas, três horas conversando aqui. O único lugar que eu acredito que sobreviva a isto”, sobre o “espírito das tradicionais livrarias” e em uma passagem do seu livro: “simpático, inteligente e bom conversador. Interessa-se pelo livro não apenas como mercadoria, mas como fonte de conhecimento e prazer espiritual” (2012: 387).

Livreiro formado em Ciências Contábeis, trabalha em escritório no centro do Rio, mora em Alcântara (na mesma cidade que o Alexandre – cap. 2). Já fechando, Olivar me apresenta o seu “último cliente”, porque sempre chega depois das 18h. Vem buscar os livros de sexta-feira, quando o Olivar separa tudo e junta muito descarte de livros durante a semana, então, ele é o último cliente do último dia. Durante a semana, ele passa na banca quando pode, mas sexta é certo de passar. Ele leva os livros de graça, aqueles que iam pro lixo, provavelmente, para catadores, enfim, ele é um dos catadores. Ele passa na banca depois do trabalho e segue para casa com o peso dos livros, uma vez, pagou 70 reais em um carrinho de feira, comprou de um rapaz que vende livro na ponta do corredor cultural na Carioca, pois estava desprevenido de bolsa e era muito livro pra levar. Neste dia, ele separou mais de 50 livros e pediu sacos pro Olivar. Deixou e-mail e telefone comigo. Tem banca de jornal de amigos, no Rio, onde pode deixar guardados os livros de um dia pra outro, quando não consegue levar tudo pra casa. Tem ponto de venda de livros no chão em Alcântara, em frente ao viaduto no final da rua do valão. Em frente à loja *Leader*, sempre aos domingos, no calçadão de Alcântara. Antes, vendia à noite todos os dias, mas agora anda cansado. Trabalha com livro há mais de 5 anos, paralelo ao serviço de contador. Nunca se esquece de quando começou a vender livros e o rapaz do churrasquinho disse que não ia vingar, que em Alcântara só tinha gente ignorante, “queimou a língua”.

Trechos da transcrição de entrevista com o livreiro Olivar. Data: 23/10/2019:

Depois que a firma [livraria Entrelivros] acabou em 1987, eu com mais dois tive uma banca de jornal aqui na Rua Andradas, esquina com a Almirante Barroso. Aí, eu fiz a experiência de colocar livros do lado da banca no chão e deu certo, era tempo do Brizola e ele deixava, eu consegui ter aqui no centro da cidade muitos pontos de livro, em toda parte, no Theatro Municipal, na Rua da Carioca, aqui, no Passeio, na Graça Aranha, Rua México, Largo do Machado, então, nós chegamos a ter uns 20 pontos aqui na década de 1980. Os livros que eu vendia geralmente eu comprava nas casas, eu colocava anúncio no jornal O Globo. Aqui na Carioca, começou mais ou menos em 1988/89, por questões de prefeitura, de mudança da guarda municipal, muitas vezes, fomos impedidos de trabalhar. Teve uma época em que eu fundei uma associação para gente ir às cidades que não tinham livraria fazer feira, no interior de Minas e de São Paulo. Éramos umas 8 pessoas e fazíamos

feira nas cidades durante um mês. A gente aqui na Carioca sempre trabalhou de forma precária sem autorização e foi o prefeito, então, Cezar Maia, através do secretário do gabinete civil de um deputado, que conseguiu uma licença pra gente. Eu também já tive uma sociedade num sebo, um amigo de um amigo meu tinha uma loja fechada, aí propôs uma parceria, só que quando o sebo começou a dar certo, o cara achou que preferia ficar sozinho e eu deixei ele lá [foi o Sebo “No tempo da Onça”, inaugurado em 1998, na Rua da Conceição, 05]. Durou comigo um ano e pouco, era na Tiradentes. Hoje somos eu, minha ex-mulher, atual mulher, meus filhos, toda a família nos livros. Até meu filho que mora nos Estados Unidos está vendendo livro pela *Amazon*, ele vende livro usado. A minha filha trabalha aqui na Carioca com a mãe dela em outra barraca, minha ex-mulher. Eu vendo livros na Carioca, na Estante Virtual e na Feira da Praça XV, são três atuações. Em casa eu tenho mais ou menos uns dez mil livros que são meus, que eu não vendo, que são da minha coleção particular. Destes 10 mil, uns 3 mil são gibis. Nos livros que aparecem aqui na Carioca vem tudo, vem carta, vem foto, vem dinheiro, até arma já veio. Quando eu tenho tempo eu dou uma olhada dentro, quando não, a gente descobre depois. Não dá tempo, então, ainda fica um mistério e, às vezes, só descobre as coisas depois que a pessoa compra o livro. Os meus autores preferidos brasileiros são Lima Barreto e Monteiro Lobato, e americano é o Willian Faulkner. Eu tenho muitos amigos ligados à pesquisa do cangaço e eu percebi que os livros são muito caros, então, a gente resolveu abrir uma editora independente justamente para reeditar livros esgotados muito raros e antigos que hoje são muito caros, para que todo mundo possa comprar. Aqui na Carioca, eu vendo livro barato, eu acho importante, por muito tempo foi 1 real e há pouco tempo passou pra 2 reais. Eu acho que o livro e a cultura não podem ficar elitizados, os pseudo-intelectuais falam que brasileiro não gosta de ler, isso é uma mentira. Eu fiz feira em várias cidades de Minas e de São Paulo durante vários anos e a gente fechava o *stand* às 23h da noite e ainda tinha gente em cima querendo comprar. Quem tem condições de entrar numa livraria e pagar 80 reais num livro? Eu não consigo fazer o que eu tenho que fazer em um dia. Os bibliófilos sempre chegam, eles aparecem onde tem livro, de repente aparece livro e eles todos sabem. Eu atendo mais ou menos uns 100 bibliófilos, aqui no Rio, São Paulo, Fortaleza, Belém, cada um com suas particularidades. Daqui pra frente, eu pretendo trabalhar com antiguidades e livros num espaço só, pra quando eu não aguentar mais ficar na rua. A curto prazo não, mas daqui há uns 5 anos, eu quero abrir uma loja em Maricá. Eu mantive um sebo em Camocim, minha cidade natal, durante 7 anos, eu acho importante ter livro próximo pro pessoal de lá, mas teve um momento em que o déficit ficou muito alto. Eu levava os livros daqui pra lá de ônibus, duas vezes ao ano, em várias caixas. Eu penso, às vezes, em voltar a morar no Ceará, mas vão aparecendo os netos e é mais um elo de ligação que me prende. Aqui no Rio, eu gosto muito do Maracanã lotado e do Real Gabinete de Leitura, que é um lugar que quando eu estou chateado, eu vou e fico bem, você já foi ao Real Gabinete de Leitura? Eu frequento lá há mais de 20 anos. Existe muito estigma de pessoas que não liam livro usado, de alguém que já usou, estas pessoas estão hoje comprando livro usado por causa do preço. Muitas pessoas estão hoje comprando livro usado. O livro tá muito caro, as editoras estão nas mãos dos estrangeiros agora e isso tem aumentado muito o preço do livro. Eu já estou há 40 anos trabalhando com livro e acho que vender livro usado hoje está bom, porque comprar livro novo realmente está difícil para um trabalhador que ganha um salário mínimo. Como ele vai dar 100 reais em um livro? Mas ele paga 2 reais. Em momentos de crise, eu acho que o povo lê mais, sabia? A cultura realmente vale e pode ser uma saída.

5.5 Uma noite na Feira da Praça XV

Depois que o último cliente da última hora da sexta-feira se despede, Olivar começa a preparar-se, não apenas para guardar toda a estrutura da bancada e os livros no depósito, mas também para buscar outro acervo em casa, os livros especiais da Praça XV, e fazer vigília com outros livreiros na noite de sexta para sábado. Toda semana Olivar vira a noite na Feira da Praça XV. Nesta sexta, eu telefonei para um livreiro da Estante Virtual e nos encontramos na praça, pouco antes do Olivar chegar, por volta das 21h, então, fomos todos garimpar.

Acostumei-me a caminhar muito durante a pesquisa de campo, a cada esquina, eu poderia ter uma surpresa com livros, por isso, as ruas do centro da cidade tornaram-se mais sinuosas, eu prestava atenção nos anúncios, na quantidade de camelôs vendendo ao lado do novo bonde, o VLT, espantava-me ver como se acomodam tão perto da linha. Uma das ruas mais complicadas para caminhar no centro do Rio é, sem dúvidas, a Rua Sete de Setembro, no sentido Uruguaiana, agora imagine atravessá-la em plena sexta-feira? pois sim, eu caminhava por esta rua para encontrar o Olivar na Carioca, não passava de 15h30min. Na velocidade dos passos, quase tropeço em um filhote de gato correndo solto da calçada, então, eu pulo para protegê-lo e, no instante do salvamento, duas mãos enormes e firmes de um rapagão seguram o gato antes de mim, “Quer? Leva pra você!”, ele me surpreendia, “não, não, eu tenho três na minha casa”, eu sorria completamente sem graça. Ele quis me explicar, rapidamente, que debaixo de um portão, do qual ele estava encostado a observar a rua, tinham mais de dez filhotes, “aqui é galpão, tem muito bicho aí dentro”, tá bom, obrigada, tchau. Fui embora em sentido Carioca.

Cheguei na bancada de livros do Olivar, conversamos durante toda a tarde, tomamos chá e gravamos em áudio a entrevista transcrita aqui, Olivar permitiu que eu tirasse fotos, conversei com os seus amigos e, no final do dia, conheci o seu último do último cliente. Então, combinamos assim: hoje eu acompanho o encerramento da banca de livros e posso ir junto à hora de levá-los para o depósito. Depois, paro para fazer um lanche, enquanto Olivar vai em casa tomar um banho e buscar de carro os livros da Praça XV. Voltamos a nos encontrar às 21h, na feira. Tudo acertado. A noite caiu.

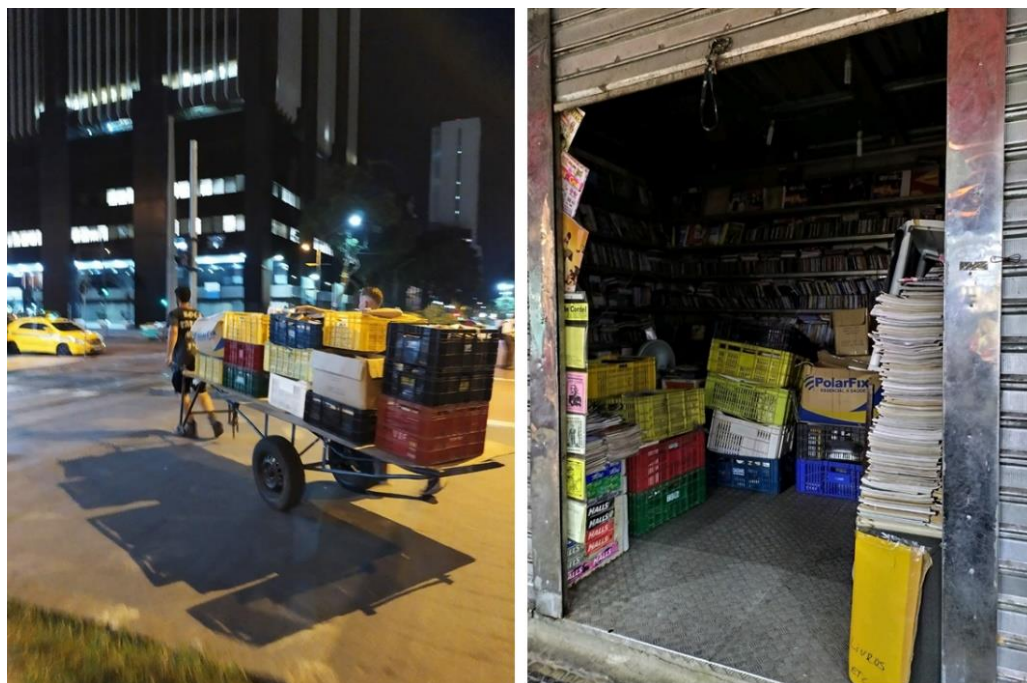
A grande superfície de madeira que faz a sua bancada de mesa é suspensa por muitas caixas de plástico, daquelas de mercado que os livreiros de calçada costumam usar para transportar os livros. Na desmontagem do sebo, Olivar vai retirando primeiro as caixas da parte do meio da bancada para ainda sustentá-la com os empilhamentos das quatro pontas, assim, ele vai retirando os livros da mesa para as caixas e separando, ao mesmo tempo, aqueles que devem ser descartados em grandes sacos de lona, estes são os livros da sua doação. O serviço precisa ser rápido, nessa hora, a entrada do metrô está tomada pela multidão e, se o livreiro não segurar bem os livros, eles correm o risco de serem atropelados pela sua pressa. Eu me afasto da bancada e subo alguns degraus da entrada da estação para fotografar tudo do alto. As outras bancas vizinhas do Olivar, incluindo a bancada de livros da sua ex-esposa e filha, também se apressam para sair. Os tabuleiros menores dos vendedores de chocolates, bijuterias e outros objetos não precisam obedecer ao limite de expediente dos livreiros, afinal, eles não são cadastrados, então a hora do *rush* é sempre o melhor momento para continuar funcionando, quanto os camelôs gritam forte e alto algumas promoções. Os livros estão quase prontos para o transporte, mas não é o Olivar quem os leva ao depósito, ele contrata o serviço de um carrinho de carga, tipo “burrinho sem rabo”, de rapagões fortes que vem dos galpões do centro da cidade buscar peso

Sim. O rapaz do gatinho. Ele veio com um ajudante, desfizeram as mesas em um triz e, nesta hora, precisei ser rápida para não tropeçar ou ficar para trás. Fomos levando as caixas de livro na velocidade do abre e fecha dos sinais, correria, um carrinho de carga pode furar o trânsito, mas é sempre arriscado atravessar a Rio Branco por causa das motos e do bonde. “Olha só, ela gosta de gato e ainda é diretora de cinema”, me apontando para o seu amigo. Corremos uma esquina. O depósito do Olivar fica dentro de uma banca de jornal que, provavelmente, havia fechado às 18h, o rapaz possuía a chave, ele resolvia tudo, conhecia os livreiros e outros ambulantes da área, era de confiança. As caixas foram entrando e se acomodando entre os fardos de jornal e revista, apertadas e empilhadas até boa altura, sem demorar muito, ele fecha a banca, porque precisa levar outros livros de outras bancadas para outros lugares, nos despedimos, eu agradei, rimos e partimos.

Eu fui fazer o meu lanche e pensar nos desdobramentos que beiram o impossível das dinâmicas circulares da rua, os seus arranjos. Olivar aluga o espaço que sobra na banca de jornal por R\$150 reais por mês, para o transportador, ele

paga R\$40 por dia, vinte de manhã e vinte à noite, as caixas ele compra nos atacados de utensílios para o comércio. Eu não pude saber como mobilizam-se durante o dia estes rapazes dos carrinhos, talvez eles vigiem gatinhos, ou talvez eles vigiem as portas dos depósitos e as lojas da rua Sete de Setembro. O esquema do monta e desmonta precisa ser seguro, é desta segurança que a sua licença de funcionamento expedida pela prefeitura depende, se atrasa para montar, a respeitabilidade do Corredor Cultural perante a guarda municipal pode ser fragilizada, é importante provar a cada dia que o trabalho com livros é coisa séria. Nenhuma das quase dez bancadas de livro pode furar, todas elas precisam abrir e fechar conjuntamente, desenhando um circuito de repetições seguras e esperadas, em um contexto de indeterminação e fluidez, cada um deles conhece as suas atribuições e, entre eles, muitas atitudes são coletivas, combinadas pela experiência ao longo dos anos. Os rapazes aparecem no horário exato, porque sabem que quinze minutos antes ou depois pode ser desastroso. Se atrasar para desmontar ou fazê-lo antes do horário do final, também deixa furo. A entrada e a saída dos livros na Carioca são orquestradas.

Figura 28: Transporte e depósito de livros.



Fonte: fotografia da autora.

Sobre a noite:

Dois grupos reúnem-se na Praça XV, durante a noite de sexta para sábado; os expositores da Feira de Antiguidades e os expositores do shopping chão. Migrando de uma feira para outra, os garimpeiros da noite transitam em busca de “coisa boa”. É tradição virar a noite na preparação da feira, alguns expositores preferem chegar à noite, porque residem muito distante e a viagem de manhã cedo é mais desgastante, outros preferem chegar à noite, porque o volume de coisas pra expor é muito grande e precisam de tempo para descarregar tudo e arrumar nas mesas. Outros chegam à noite, porque estão vindo de outra montagem, então, os objetos são apenas transferidos de um local para outro. Tem ainda aqueles que chegam à noite porque gostam da companhia dos colegas de feira e se acomodam em barracas de *camping* para cochilar e, às vezes, estar disposto também para papear, comer e conversar. De alguma forma, eles confraternizam na virada de sexta para sábado. O certo é que todos eles sabem que muitos clientes importantes, muitos colecionadores e garimpeiros exigentes, preferem chegar à noite para escolher as melhores peças, longe da concorrência de amadores, durante o dia de sábado. São figuras tão soturnas quanto a noite, usando óculos escuros, transitando entre as peças, discretos, excêntricos. Ou apenas apressados donos de galerias que precisam fazer negócio, além de sentirem-se confortáveis sem a presença de clientes comuns. Montar o acervo à noite é garantir um atendimento valioso.

Para livreiros, montar à noite significa ganhar tempo, espaço e dinheiro, que é a mesma coisa na economia do traslado de objetos na rua, e expondo, à noite, o pagamento das taxas de depósito é poupado. Outros expositores também vendem livro, mas não são livreiros, mesmo não sendo seu objeto de maior valor, nestes casos, os livros chegam junto com mobiliário e grandes objetos em caminhão de mudança, trazidos de antiquários da Zona Sul. As mesas e toda a estrutura de madeira para montar as barracas também chegam à noite, por volta das 22h, este é o fator de segurança que garante aos feirantes a virada da noite, portando objetos caros, recebendo clientes e permanecendo durante toda a madrugada em um dos pontos mais perigosos, suscetíveis a assaltos, do centro da cidade, neste horário.

Encontrei Enilson, o livreiro da Estante Virtual que também é professor de História na rede pública do Estado, ele veio das barcas, porque mora em Niterói, trazia uma mochila grande. Sempre com o celular na mão, apresentou-me outros

dois livreiros da internet, um homem e uma mulher. O amigo mantém um ponto em bancada de calçada, vendendo livros na porta da universidade, a amiga é universitária e, além de estudar, vende livros na Estante Virtual. Estão acostumados com o garimpo de sexta à noite, ela me conta que dorme à tarde para se sentir bem e sem sono, o seu amigo me conta que já fez amizade na feira à noite e que conhece uma expositora na parte do shopping chão que serve comida para jantar. Parece que estão todos à vontade. Enilson pretende ficar até a meia-noite.

Os livros à noite custam mais caro, por exemplo, um expositor vende um livro por cinco reais e três por dez à noite, noutro dia, os livros que não foram vendidos para os garimpeiros especializados, são vendidos por três reais cada um, na promoção de dois por cinco e quatro por dez. Os melhores livros são vendidos à noite. Às vezes, quando as vendas já foram muito boas na sexta, alguns expositores pedem reposição para abrir no sábado, então, algum ajudante sai para buscar mais objetos, com livro isto não acontece, eles são muito pesados e a intenção dos vendedores é se desfazer logo deles e, se acabarem logo, eles voltam para casa. Enilson me contou sobre expositores que vão embora já quando amanhece, sendo boas as vendas na madrugada, ele mesmo, durante um tempo, se vinha sexta à noite, não voltava sábado de manhã, porque sabia que poucos deles renovavam o acervo e os livros da feira de sábado eram os “restolhos” da feira de sexta. Para quem chega à feira ao meio-dia, para negociar xepa, se engana, pois ela já está exposta desde o amanhecer. Mas nem todo livro interessa para os livreiros da Estante Virtual, e se alguém não se importa com o valor das edições e toda uma especificidade do ofício dos livreiros, não há problema algum em comprar aos sábados, passeando e garimpando, o garimpo já garimpado que será regarimpado.

Comprar livro à noite exige boas vistas e um celular com boa lanterna, assim, a cada caixa trazida nos carros, caminhões e carrinhos de carga, era um show de luz. Um puxa uma caixa pra ali, outro pra lá, vão abrindo-as com força, rasgando aquelas de papelão e procurando os livros diretamente no chão. Quando o expositor já recebeu a barraca da organização, os livros são dispostos sobre ela e os garimpeiros da internet, principalmente, a rodeiam, fazendo um grande holofote de celulares no centro da mesa. Eles disputam. E como os feirantes, também confraternizam. Cada um que chega cumprimenta a todos, nos intervalos, depois de verificar um lote e esperar o próximo, eles sentam-se nos degraus da praça e sobre as caixas de livro e conversam sobre tudo, falam das regras do *site* e vão tirando as

suas dúvidas sobre como proceder na venda *online*, também falam dos livros, dos que valem muito e dos que são baratos, enfim, falam também de política, da vida pessoal deles, em alguns momentos, formam-se grupos daqueles que já se conhecem há mais tempo. “É por mim que o livro chega em suas mãos”, disse um livreiro da internet para mim, e “quem não tem sebo tem que correr atrás, porque não tem ponto pra captar, o dono do sebo não corre atrás de livro, o livro vai até ele”.

Figura 29: Noite na Feira da Praça XV



Fonte: fotografias da autora.

Estavam presentes os seguintes livreiros: Os feirantes: Elson; Natan; Cabeludo; Olivar; Lourival; Baixinho; e mais um rapaz. Os livreiros da internet: Enilson, seus dois amigos e mais três ou quatro. Outros livreiros: José da sala Cecília Meireles; Henrique do shopping chão da Rua do Catete.

Natan: Sobrinho do Cabeludo. É operador de máquinas pesadas, motorista de caminhão e ônibus de viagem, já fez o itinerário RJ X SP trabalhando de ônibus. “Mas agora estou fazendo um extra”. Trabalha com seu tio em um antiquário em

Copacabana, na galeria da Siqueira Campos, a sua loja funciona há mais de vinte anos na galeria. Negocia tudo quanto é antiguidade durante a semana e vende na Praça XV e Feira de São Cristóvão. Os livros ele compra dos porteiros, eles vão lá na loja oferecer, tem caminhão próprio do tio. Chegaram na sexta por volta de 21h, viraram a noite, não sente sono, já está acostumado. Vende os livros sexta à noite por 5 reais, no sábado, vende por 2 reais, às vezes, um real. Eles abandonam livros na praça para doação, depois das 16h do sábado. Deixa olhar preço na Estante Virtual à vontade, “o importante é comprar o livro”. Super simpático, posou pra foto.

Baixinho: expositor há 20 anos na feira, aluga duas e, às vezes, três mesas. Sua especialidade é tudo que for “antigo” e livro também. “Compro com porteiro e garimpo na rua. Guardo durante a semana e vendo aqui e em São Cristóvão”. Chegou 21h na feira, passou a noite, mas só conversamos no sábado de manhã. Seu horário sempre é esse. Foi o primeiro feirante a chegar na sexta. Vende livros por 5 reais os pequenos e 10 reais os grandes. Ele trouxe nesta noite 500 livros em caixa de papelão, ele vem de carro, mora em São Cristóvão. “Na época fiquei desempregado, eu trabalhava como faxineiro e vigia em prédio residencial. Eu comecei a ver os outros garimpando e eu caí pra dentro. Não ia ter outro emprego rápido e eu ia ganhar menos na época, não valia a pena”.

José e Henrique: não conversaram e fizeram o seu garimpo rapidamente.

Olivar: chegou por volta das 22h, garimpou livro nas caixas com os livreiros da internet, conversou um pouco, depois foi arrumar a sua barraca na feira, ele não expõe para a venda os livros baratos à noite, apenas no sábado, já como saldo da Carioca, os livreiros da internet sabem disso e não se interessam muito. Os seus livros especiais são expostos com organização, ele expõe também recortes de jornal, revistas antigas, documentos de raridade, fotografias. Olivar é um conhecido colecionador de Monteiro Lobato e também um grande conhecedor de sua obra, além disso, ele expõe livros de interesse dos bibliófilos. Em algum momento, me perdi do Olivar, ele não virou a noite, deixou alguém para cuidar da barraca para ele e voltou no outro dia de manhã bem cedo.

Quando o último livreiro conhecido decidiu ir embora eu também fui, por volta das 2h30min. Fizemos alguns cálculos quando marcou meia-noite, horário que o Enilson pretendia ir embora.

Enilson: comprou 43 livros, foi embora à 0h30min. Pagou 5 reais por cada um.

Sua amiga livreira universitária: comprou 4 livros, foi embora às 2h, pagou 5 reais por cada um.

Seu amigo livreiro da porta da Universidade: comprou 15 livros, foi embora às 2h30min, pagou 5 reais por cada um na Praça XV e 1 e 2 reais no shopping chão.

Sobre o dia:

No outro dia, a feira funciona para o público em geral, encontrei-me com o Olivar por volta das 11h. Tudo muda da Carioca para a Feira de Antiguidades da

Praça XV. Muito verde ao redor das barracas, gente caminhando sem pressa, música na vitrola e casais aprendendo dança de salão, vento da baía da Guanabara, suco de laranja espremido na hora em carrocinhas estacionadas, cheiro de pastel e caldo de cana, tecidos voando pendurados nas barracas de brechó, sorrisos, crianças, muitos espelhos para experimentar chapéus, colares e casacões de inverno europeu. Olivar tem crachá de membro oficial da feira de antiguidades, ele participou desde o início da reorganização da feira, e de lá pra cá, mudando-se devido às obras na região, desde a derrubada do viaduto da Perimetral, em 2014, até a reconstrução da praça. Outros amigos frequentam a Confraria do Olivar na Praça XV, um deles é imortal da ABL, o poeta e professor Antônio Carlos Secchin, que ainda vai à feira para encontrá-lo; curioso é que o livreiro de calçada das portas da ABL também é amigo do Olivar, e dos acadêmicos, claro, rodeando a barraca do Olivar, “o sebo que nunca está vazio, aqui os figurões da ABL se expõem”, todos são eloquentes!

Figura 30: Livros na feira da Praça XV.



Fonte: fotografia da autora.

As barracas de livro se aproximam por afinidade. Olivar sente-se relaxado e muito confortável na manhã de sábado, à noite ele monta e organiza a sua barraca e depois volta pra casa. Outra vez, seu vizinho é o Sr. Estrela, respeitado livreiro da

extinta Livraria Camões e depois Almedina, que, por cinquenta anos, trabalhou com livros e, não por coincidência, também esteve ao seu lado na Carioca, contando uma amizade de mais de trinta anos. “Eu comecei na Feira da Praça XV mais ou menos há uns quinze anos. Eu que chamei o Estrela pra lá, ele trabalhava aqui na Camões e se aposentou e pra ele não ficar em casa parado veio pra feira”, livreiro e poeta português, Estrela conversou um pouco sobre os livros que gosta: “Bom dia! O que você procura?”, o livreiro mostrava livros de poesia portuguesa, especialidade sua, então, aponto para o livro que eu considero mais bonito e digo que procuro por edições antigas. Ele me entrega o livro nas mãos e faz questão de me mostrar a página de rosto carimbada com “34”, disse que foi uma tiragem de 150 livros, mas apenas cem deles foram vendidos. Era *Diana*, escrito em espanhol pelo escritor português Jorge de Montemor, publicado originalmente em 1559, não era a sua primeira edição, e também já havia sido traduzido para o português, tratando-se de edição moderna. Não pude folheá-lo o suficiente para anotar o ano de lançamento e outras informações de tipografia, porque, no instante seguinte, Estrela iniciava um recital chamando para perto da sua mesa uma porção de gente que caminhava por ali. Emocionado, Estrela recita suas poesias. Eu ouço, aplaudo, me interesso pelos seus poemas. Foram publicadas seis edições de coletânea dos seus versos e hoje o poeta já não possui nenhum. Todos esgotados. Ele espera que um dia apareça em leilão ou na mão de algum livreiro conhecido para recuperar a sua obra sumida.

Todo livreiro espera por um livro inesquecível, espera todos os dias pôr as mãos nele, as suas fantasias de reencontrar o volume perdido, Olivar sonha com *Risadinha*. Mas Olivar já encontrou uma carta da Cora Coralina e vendeu na feira da Praça XV por 200 reais, também adquiriu um exemplar da Constituição de 1946, achada no lixo e vendida pra ele por garimpeiros, estava autografada por quase todos os constituintes, ele vendeu caro. O amigo sindicalista da Dona Alda chegou a abrir um sebo com a intenção de receber preciosidades. Na despedida, Sr. Estrela me pergunta se quero levar um poema comigo. Aceito. O poeta rasga e me entrega a página de uma encadernação improvisada com o poema que acabara de ler, chamado “Angustia”. Caminhei por toda a feira segurando a folha rasgada para não amassar dentro da minha bolsa e, sobretudo, para fazer passear o poema.

6. Livros no Sebo

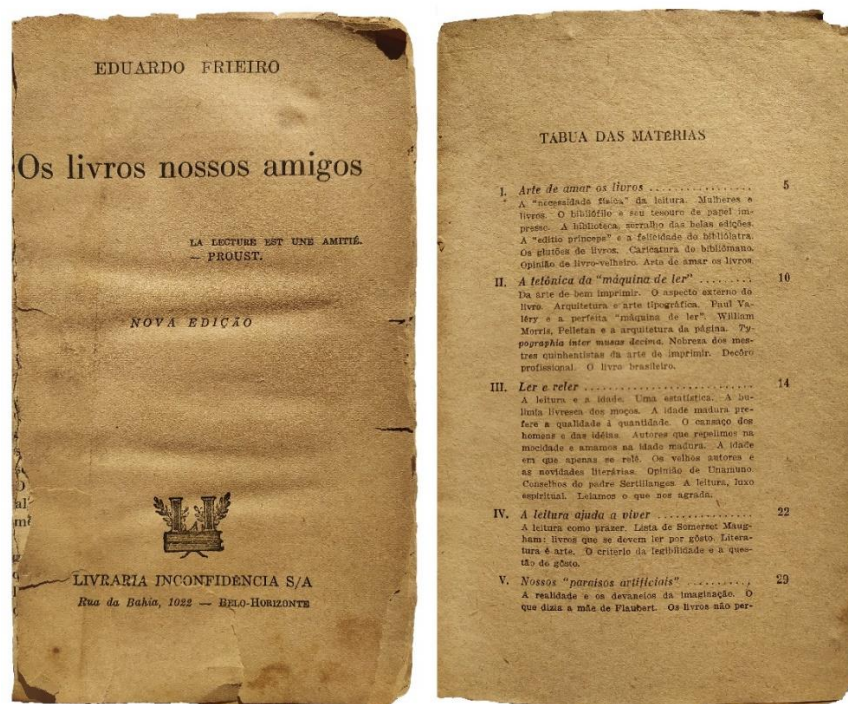
6.1 Alfarrabistas

Comprar um volume importante, caro e raro para guardar e outro mais simples para ler, estudar, dobrar, anotar, gastar. Nunca pude me dar ao luxo de possuir repetidos volumes em minha acanhada biblioteca, porque venho da geração universitária que dependeu quase exclusivamente da leitura de textos xerocados, não digo nem mesmo que tenha dependido da leitura de livros virtuais em formato pdf, mas das apostilas grampeadas no balcão das lojas de cópias. Caso houvesse exemplares suficientes para uma turma inteira solicitar empréstimos na biblioteca, o serviço de xerox seria poupado, mas como sabemos, esta sempre foi uma hipótese inválida. Recorremos às cópias. Comprar livro é um luxo, comprar dois exemplares do mesmo título eu só pude experimentar depois de conhecer os Sebos. Mas que boa amizade existe entre estudantes e sebos! Livros tão baratos que chegavam a constranger as suas reproduções, livros de segunda mão para leitores pontuais, ler e passar para frente, muitas vezes, o livro ia e vinha no tempo de poucas semanas, comprado e revendido, renegociado e trocado, um bom clássico de Sociologia por outro de Política, um de Antropologia por outro de Literatura. Uma das regras de economia dos sebos é: comprando dois, devolvendo-os após a leitura, pode-se levar outro de troco. Mas, é claro, os valores das edições precisam ser compatíveis.

Busquei por *Os livros nossos amigos* (1945), de Eduardo Frieiro, como referência indispensável para pensar, agora no doutorado, o circuito livreiro e literário de sua época. Nada complicado ou difícil em tempos de Estante Virtual, quando o acervo de quase todos os sebos do país encontra-se digitalizado e disponível para a compra *online*. A mediação virtual ou mecânica deu-se, agora, não sobre o texto, ironicamente modificado por sua reprodutividade (BENJAMIN, 1935), mas pelo seu transporte até a mim. Pesquisei, encomendei, recebi e li. Sem delongas, comprei um livro que chegou até mim através das mãos de um alfarrabista que precisou adaptar-se a novas operações no manejo do seu ofício, negociando livros velhos no balcão da internet. *Os livros nossos amigos* foi publicado pela primeira vez em 1941 e a edição que me veio às mãos é de 1945, a sua segunda edição, aumentada e revisada, publicada pela Empresa Gráfica da “Revista dos

Tribunais”, em São Paulo, para a Livraria Inconfidência S/A, Belo Horizonte. Custou-me R\$10 mais o frete de R\$8,35, em junho de 2019, por um sebo virtual de Niterói com 19.739 livros cadastrados. Estranho demais pensar no valor cobrado por este livro, provavelmente, encaixa-se nas normas dos livreiros virtuais vistas no terceiro capítulo.

Figura 31: Os livros nossos amigos.



Fonte: fotografia da autora.

Eduardo Frieiro é conhecido e catalogado, sobretudo, como escritor de literatura, obras desvalorizadas no mercado de livros usados, com destaque para a internet; Frieiro, o “homem livresco”,⁸⁵ como se autodenominava, é conhecido nos cursos de Biblioteconomia, sendo mais uma referência e registro autobiográfico de uma relação entre livros e leitores. Eduardo Frieiro deixou de ser citado em artigos sobre o mercado editorial, por exemplo, quando ele se torna menos pessoal e subjetivo. E, ao contrário disto, ele contribui muito para o meu projeto. As suas obras tiveram uma grande tiragem na sua época, sendo respeitado como crítico e

⁸⁵ Ver *Os livros nossos amigos*, de Eduardo Frieiro: breve história editorial, Maria da Conceição Carvalho, disponível em: periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6451/5461.

romancista, o que resulta, ainda hoje, na contínua circulação da sua obra nos sebos da cidade.

Na epígrafe: “La Lecture est une Amitié”, de Marcel Proust, e no lugar de “Sumário” inscreve-se “Tábua de Matérias”. Poucas foram as páginas que puderam ser viradas após estas, na tentativa, quebrei algumas delas, a minha vontade era de passar longamente os dedos no seu corte franjado, macio e farelento, marrom, numa coloração haja vista ao amarelo. Na descrição virtual não me foi dito da sua capa em cartolina preta colada sobre a original, que mistério triste não poder conhecê-la. Fiz uma fotografia da sua densidade aparente, fechei o livro, abri espaço na estante e apertei-o com um cuidado digno de conter fatalidades. Seria mais que luxo adquirir o segundo exemplar do mesmo título, um para guardar e outro para ler. Eu tinha certa urgência, então corri até a Biblioteca Nacional e passei mais uma, como tantas outras, longa tarde consultando e transcrevendo e, sobretudo, podendo manusear completamente uma boa cópia, mais jovem, desde nosso velho “amigo”.

Os que acham que livro, depois de lido, é como um caju chupado, é bagaço, não serve pra nada; isto é, serve para ser vendido novamente, e novamente lido, e assim até a sua total destruição nas mãos dos sucessivos leitores. Fim glorioso e legítimo, na verdade, fim a que deve aspirar todo livro que mereça realmente ser lido. Com esta opinião concorda plenamente o mercador de livros velhos, o livreiro de sebo, para quem o livro é, como a moeda, feito para circular de mão em mão, e quanto mais rapidamente, melhor.⁸⁶

Embora vendedores de livros atendam em muitas das casas onde se negociam volumes usados ou velhos, são *alfarrabistas* os mestres do ofício. Herdeiros semânticos do célebre patrono dos livreiros, Abu Nasr Al-Farabi, incomum leitor dedicado a proteger os livros, filósofo mulçumano nascido no Turquistão, vivo entre 872 e 950, criador da *Teoria do Intelecto*,⁸⁷ estudioso de Aristóteles e Platão e guardião de grande biblioteca de manuscritos. Alfarrábios e alfarrabistas. Contudo, na incerteza de sua biografia, sem deixar escritos pessoais e nada além de textos filosóficos, o primeiro e grande manual, conhecido até então, dos amantes e mercadores de livros, entretanto, fora escrito por Ricardo de Bury,⁸⁸

⁸⁶ FRIEIRO, E. 1945, p. 8. Transcrito de página que pude ler da 2ª ed.

⁸⁷ Ver: *Platão, Al-fârâbî e Averróis: as qualidades essenciais ao governante*, Rosalie Helena de Souza Pereira. Disponível em: scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732011000100002.

⁸⁸ “Ricardo de Bury (1281-1345) estudou em Oxford e fez-se beneditino. Ligado à Corte, foi tutor do Príncipe Eduardo de Windsor, que seria Eduardo III, sob cujo reinado serviu em vários ofícios de importância, na administração e na diplomacia. Em 1333 é elevado a Bispo de Durham, depois Chanceler (1334) e Tesoureiro (1336) da Inglaterra. Foi grande apreciador de livros, dedicando todo

Philobiblon ou o Amigo do Livro, em 1345 – um século antes da invenção dos tipos móveis por Gutenberg – e impresso apenas em 1473, em oficina de incunábulos. Aqui, inauguramos com *Os livros Nossos Amigos*, de Eduardo Frieiro, a nossa tradição nacional em escrever livros sobre livros sob a forma de tratado e manual. Não sendo livros sobre narrativas, crítica literária ou sobre estilos e autores, mas livros sobre alfarrábios. Sobre como amá-los e cuidá-los, sobre fazê-los, pensá-los e comercializá-los. Outras contribuições despontaram, ainda, vindas de autores nascidos na passagem do século dezenove, preocupados em dividir experiências, e, sobretudo, sem o seu intuito declarado ou consciente, criar normas sobre conceber o universo do livro no país; entre estes, e contemporâneo de Frieiro, Rubens Borba de Moraes escreve *O Bibliófilo Aprendiz*, em 1965. Entretanto, propriamente sobre Bibliofilia, iremos pensar mais à frente.

A intenção, neste capítulo, é pensar, mais uma vez, e sob as particularidades de operações do *pensar-fazer* da garimpagem de livros na cidade, em livrarias de volumes de segunda mão, através das narrativas de alfarrabistas. Mais uma atividade marcada pela indeterminação. E existiria, talvez, no universo livreiro alguma que não fosse? Entretanto, mais seguros do que os livreiros de calçada e os livreiros do chão, por se estabelecerem em endereço oficial, compreendidos como casas comerciais e, a rigor, respeitados dentro e fora do circuito do livro como negociadores profissionais, ainda assim, os livreiros de livrarias mantêm-se em constante processo de afirmação. Manuais e tratados são escritos, como vimos, em Bury e Frieiro, entre outros apresentados a seguir, por amantes de livros que ocupam as posições de leitores, colecionadores e clientes, envolvidos nas categorias de intelectuais do livro, *habitués* de livrarias e organizadores teóricos da técnica livreira observada e não praticada por eles.

O primeiro Sebo a funcionar no Rio de Janeiro foi a *Casa do Livro Azul*, de 1828 até 1852, na rua do Ouvidor, 138, cujo proprietário, o Sr. Albin Jourdan, um livreiro francês, é rebatizado, informalmente, de Albino Jordão por seus clientes brasileiros (MACHADO, 2012: 35); segundo o autor, antes deste, na ocasião da

o tempo de que dispunha, assim também os recursos que a posição lhe propiciava, aos livros e aos manuscritos, seja como colecionador seja como protetorados estudiosos. Apesar de Ricardo de Bury sair-se bem em cada uma das missões diplomáticas que lhe foram confiadas, em *Philobiblon* evidencia-se que seu coração e seu espírito eram de fato dedicados aos livros.” Apresentação do autor por Marcelo Cid, tradutor da edição de *Philobiblon*, Ateliê Editorial, 2007.

Chegada da Corte portuguesa em 1808, quatro livrarias funcionavam na cidade: as casas de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, Manoel Jorge da Silva, João Roberto Bourgeois e Paulo Martin Filho, eram comércios de tudo um pouco, porcelana, tecidos para modistas, vinho, azeite, produtos importados e livros para o uso de médicos, militares e a crescente geração de bacharéis. Livreiro era o profissional desde o tipógrafo, o encadernador, o restaurador, dobrador, bibliotecário e vendedor, assim, Antônio Máximo de Brito, é considerado o primeiro comerciante de livros por registros de uma solicitação feita em seu nome, em 1775, à Mesa Censória Portuguesa, incluindo vinte volumes, quantidade desproporcional, à época, para uso particular, “naquele mesmo ano, quando o vice-rei Marquês de Lavradio necessita de profissionais especializados para avaliar a biblioteca confiscada do colégio dos jesuítas escolhe ‘dois mestres livreiros de melhor nota e ciência’: Pedro da Silva Torres e Manoel Frederico Gomes” (MACHADO, 2012:16).

Joaquim Manuel de Macedo, assíduo cliente da Casa do Livro Azul, em *Memórias da Rua do Ouvidor* (1988), descreve-a como: “antiga e pequena casa térrea de duas portas, que ainda em 1838 era loja de livros do Albino Jordão (...), vendia em geral obras já usadas, livros em segunda mão, (...) deve ser tido em conta o primeiro alfarrabista da cidade do Rio de Janeiro” (MACEDO, 1988: 108) e, fazendo insinuação, o autor revela as pistas do famoso apelido dado pelos estudantes do Colégio Pedro II ao Jordão, asseguro por minha conta e risco, ser mesmo “Seboso” “nome um pouco obsceno que a princípio se estendeu a todos os chamados hoje alfarrabistas” (1988: 109).

A expressão *Sebo* usada como sinônimo de livrarias de livros usados, velhos ou de segunda mão é brasileira e surgida do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, como forma de distinguir as primeiras casas de livros que se estabeleciam na cidade independentes do modelo setecentista de mercearias que também vendiam livros, estas agora eram de fato livrarias, muitas delas comercializavam livros novos com livros usados, sobretudo, porque a circulação de livros importados da França e de Portugal no Brasil não podia dispor de quantidade suficiente para preencher as estantes das livrarias, o volume de livros novos que circulava dependia da continuidade da circulação daqueles usados para poder manter as casas funcionando, um livro era emprestado e reemprestado pelas

livrarias, depois vendidos mais baratos como usados, depois que os empréstimos anteriores já haviam lhe pago o investimento da importação. Os estudantes consumiam livros novos e usados. O pesquisador inglês Laurence Hallewell, em *O Livro no Brasil* (2012), refere-se às primeiras livrarias brasileiras como: “Primitivo Comércio de Livros do Rio de Janeiro” ao informar que, em descompasso comercial, em 1794, o Rio de Janeiro possuía 18 casas de pasto, 232 tabernas e 30 lojas de cabelereiros, mas apenas duas livrarias (HALLEWELL, 2012: 100). Quase os mesmos livros circulando em tão poucas livrarias, assim, eles apresentavam, em sua aparência, os vestígios da coisa gasta, a cor amarelada, as páginas dobradas e amassadas, quando não foram-lhes feito bom uso e, sobre a sua capa, uma camada pegajosa do contato físico humano, o *sebo* deixado pelas mãos de tanta gente.

O termo *Sebo* pegou. Josué Montello, autor de *História da vida literária*, publicado em 1944, apresenta, também, a seguinte explicação: ‘sebenta’ significa ‘apostila’ e ‘apontamento de aula’, citado por Antonio Carlos Secchin na abertura de Guia dos Sebos, 3ª ed. publicada em 2001, quando acrescenta que “‘sebos’, termo que popularmente parece relacionado à aparência já manuseada e, por isso, ‘ensebada’ das obras ali vendidas” e, ainda que *sebo* sugere as manchas deixadas nos livros pelos estudantes de hábitos noturnos que liam à luz de velas feitas de sebo de boi, devolvendo depois os livros emprestados com as marcas pegajosas. No *Dicionário do Livro* (2008), escrito por Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão, *Sebo* é “loja de alfarrabista, a casa em que se negociam livros usados” e Sebenta é “livro de apontamentos das lições orais, passados a limpo e datilografados, litografados ou impressos, para uso de estudantes” (FARIA; PERICÃO, 2008: 656), os mesmos significados trazidos pelo *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*, de Silveira Bueno (SECCHIN, 2001:10), acrescentando que Sebo pode ainda ser o local onde se vendem sebatas.

O Sebo, diferente das livrarias de livros novos, desempenha atividades e promove um tipo de dedicação ao trabalho entre livreiros ainda e, continuamente, relacionada às corporações de ofício. Mas como seria possível que este tipo de socialização ocorresse em dinâmica com os processos de atendimento e adequação ao mundo desfragmentado, intensamente interativo e tecnológico da internet? Da seguinte maneira: as atribuições dos livreiros têm mudado diante das transformações do mercado editorial, com a necessidade da implementação de

novos esquemas de circulação para os livros, funções como empacotar, enviar e cadastrar para *sites* tem alterado a dinâmica pré-moderna das casas de artesanato; no entanto, no interior destas casas, predomina ainda hoje a) o fazer-saber transmitido através da tradição; b) a constituição de negócio familiar de pai para filho; c) o prestígio social da competência, diante de outros seguimentos de casas de livro. O livreiro já foi quem apresentava os livros, sendo um mediador intelectual (DARNTON, 1996)⁸⁹ e (BOURDIEU, 1996),⁹⁰ agora organiza estantes e atende pedidos da internet, a sua sabedoria tradicional ficou concentrada, quase unicamente, na aquisição dos livros e na transmissão de conhecimento aos aprendizes, na rotina da livraria, forma que se mantém a mesma, buscar e avaliar livros na casa de particulares e treinar novatos, sendo filhos ou agregados, como em nenhuma outra instância seria possível, já que “livreiro” não configura profissão registrada e a sua formação é totalmente controlada no ambiente das livrarias.

Em *Economia e Sociedade*, vol. 1, Max Weber chama “profissão” “aquela especificação, especialização e combinação dos serviços de uma pessoa que, para esta, constituem o fundamento de uma possibilidade contínua de abastecimento ou aquisição” (WEBER, 2000: 91), profissão e vocação tem o mesmo significado na obra do autor, a dedicação ao ofício de pessoas não amadoras e comprometidas com a realização de atividades desempenhadas são *profissionais* para Weber, inseridas em um processo de racionalização da sociedade ocidental moderna, mas ainda inseridas em organizações baseadas em costumes, tradição e crença. O alfarrabista é um profissional, especializado, moderno, que administra uma casa comercial montada sob as regras da economia moderna, ao mesmo tempo em que realiza as suas atividades através de operações tradicionais sobre a organização burocrática. A socióloga Thais Sena Schettino, autora de *Um grupo em mudança: os livreiros e o saber profissional*⁹¹ (2013), após pesquisar sobre a formação de livreiros no Rio de Janeiro, destaca que no século XX, as profissões de editor, impressor e livreiro se dissociaram e “a cada um deles coube um lugar no *continuum* educacional. Ao editor, a universidade; ao impressor, o curso técnico; ao livreiro, a prática da lida diária” (SCHETTINO, 2013: 606), inserida na rotina da livraria. SCHETTINO

⁸⁹ DARNTON, Robert. *O Iluminismo como Negócio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁹⁰ BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

⁹¹ Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sant/v3n6/2238-3875-sant-03-06-0605.pdf>. Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v.03.06: 605–619, novembro, 2013.

chama o fazer-saber dos livreiros de *indexação*, quando a sua expertise serve à “reprodução de conhecimento para novas gerações livreiras” e “uma capacidade que o livreiro desenvolve ao longo de sua experiência na prática do trabalho, que lhe permite relacionar livros e autores, temas e títulos, assuntos e pessoas, palavras dispersas e obras impressas, exemplares e vendas” (SCHETTINO: 611). Aprender desde criança no balcão da livraria, formar-se e realizar atendimentos com o aprimoramento da técnica herdada no convívio da rotina de trabalho, não existe curso de formação de livreiros no Brasil.

O livro, como o conhecemos hoje, volume em brochura com texto impresso, é um objeto moderno comercializado por estabelecimentos e profissionais que nos remetem a estruturas tradicionais. Quem são os livreiros e por quais processos e operações eles se autodefinem como grupos profissionais, tal qual Nestor Garcia Canclini reflete sobre os imbricamentos da cultura popular e erudita em contextos de diferenciação frente à modernidade (CANCLINI, 1989), os alfarrábios e alfarrabistas transitam e se recompõem. Entretanto, não é a minha intenção levantar, aqui, fronteiras temporais e conceituais para cristalizar tais relações, que, pelo contrário, são contínuas e aglutinadoras, trago a questão da tradição para pensar o seu hibridismo e buscar nas origens das casas de livros as pistas do seu entendimento constitutivo.

6.2 Livraria I: Elizart

A Livraria Elizart, junção dos nomes Elizabeth e Arthur, esposa e filho do livreiro Manoel Mattos de Pinho, fundada em 1972, na Rua Marechal Floriano, 63, onde se mantém aberta até hoje, no centro da cidade. Avô, pai, filhos, primos e apenas um contratado na casa há mais de vinte anos. Dois momentos no dia desestabilizam a sua rotina e agitam a livraria fazendo os alfarrabistas se desdobrarem, é a multidão que passa caminhando depressa na ida e na vinda, de manhã e à tarde, levantando poeira da direção da Central do Brasil. É a gente que trabalha cedo e que pega o trem, que mora distante e que, seja só, despende qualquer quinze minutos para entrar rapidinho no sebo que fica no caminho, sem precisar desviar a rota, pedir e buscar encomendas, revirar o saldão das mesas na entrada,

encostar numa estante sem nem por que ao certo, mas ficar ali descansando da correria um pouco num ambiente e companhia que não poderiam ser mais acolhedores. Bom, para alguns que se permitem conhecer um sebo por dentro, para a maioria das pessoas que atravessa as obras do bonde novo, ao longo de toda a Marechal Floriano, não quer saber de livro. Trata-se de um *sebo*, loja velha de livros velhos, ambiente escuro, mesmo repleto de lâmpadas, destes que, para quem entra e para quem sai, às vistas precisam de pausa para se acostumar, estantes altas e lotadas de volumes amarelados, balcão nos fundos, quando é preciso entrar mesmo até o final da livraria para perguntar alguma coisa ao livreiro.

Figura 32: Sebo Elizart.



Fonte: fotografia da autora. Nos retratos, Monteiro Lobato e Olavo Bilac.

Que mistério impeditivo é este que existe no primeiro degrau entre a calçada e a livraria que faz muita gente preferir não entrar? A multidão passa e volta, os livreiros se preparam para o acontecimento. Livro espanta gente? Ou não se trata de livro, mas de livraria? As bancadas de livro das calçadas vivem lotadas. A livraria é uma loja de livros, é um comércio, uma casa especializada e profissional. Um lugar de tradição. Quais são os trâmites significativos, como se desenrola a atitude de adentrar e como fazer lá dentro? Pode apenas olhar e sair? É preciso demonstrar algum sinal de capacidade leitora? É preciso, ainda, ser uma pessoa

leitora? Existe o cliente da bancada na porta que só entra para pagar, existe aquele que já verifica as novidades das mesas no salão, aquele que fica sempre colado às estantes e aquele que pede para subir e conhecer o jirau e, ainda, outros que se convertem em amigos frequentes. Assim como não existe formação de livreiros no Brasil, pouco existe formação de leitores.⁹² Então, a rotina faz-se escola, uma vez subindo este primeiro degrau tão gigante para novatos, do salão à mesa de salão, das estantes ao segundo andar, os livros e os livreiros são bons acompanhantes.

“A Sublime Porta”, denominavam-se os umbrais do famoso estabelecimento. “Atravessá-la” representa já um primeiro êxito, qualquer coisa como transpor de um passo resoluto e heroico o marco da estrada simbólica, para aquém do qual tudo é obscuridade, para além do qual tudo é consagração.⁹³

Duas ocasiões inusitadas me levaram a conhecer o sebo Elizart, ao conversar com o Henrique, neto do Manoel Mattos (1918-2002) e filho do Manoel Mattos Filho (1951-2012), durante a feira de livros da Carioca. Na primeira vez, quando nos conhecemos, em meados de 2019, eu acabara de entrevistar o escritor, jornalista e bibliófilo Ubiratan Machado, no alto das escadarias do Convento de Santo Antônio, viemos conversando interessados em espiar um pouco as ofertas dos sebos, na intenção de, logo em seguida, nos juntar ao Olivar e sua Confraria. Atravessamos algumas barracas, quando o escritor me convida para conhecer seu amigo livreiro Bento Manoel, tio de Henrique. Pois bem, a família Elizart participa da feira do livro desde a década de 1960, quando ainda não era livraria. Bento me anota o seu telefone e promete uma entrevista para o outro dia na presença do sobrinho. Às dez da manhã, do dia seguinte, fui procurar o livreiro, ele tinha se esquecido de me avisar que chegava à barraca apenas no turno da tarde, assim, fui caminhando pelo corredor de sebos à procura da plaquinha “Elizart” e da “quarta barraca no corredor de lado esquerdo para quem vem da rua da Carioca”. Depois de me apresentar, Henrique e eu conversamos durante duas horas e combinamos de ir até o sebo à tarde. Até este dia, eu não havia subido os degraus da Marechal Floriano, 63. Na segunda vez, eu me preparava para entrevistar um livreiro de sebo na Praça Tiradentes, às 14h, para tanto, instalava-me em uma das salas de aula do IFCS para me concentrar e poder almoçar também; da janela do terceiro andar, nos

⁹² A respeito de formação de leitores no Brasil, ver: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

⁹³ Sobre a Livraria Garnier. Citação de “A sublime porta”, artigo in *Kosmos*, novembro de 1908, in: BROCA, B. *A Vida Literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p 80,

fundos do prédio da Universidade, eu avistara a paisagem completa do Convento de Santo Antônio, na Carioca, mas como eu nunca soube da floresta restante atrás da antiga construção, um monte verde, que espanto! Fotografei a paisagem e postei em uma rede social. Lá de baixo, talvez registrado na foto, escondido sob a lona da feira, Henrique acenara para mim, escrevendo um comentário ecológico sobre as árvores na minha publicação, eu tinha algum tempo até o meu encontro, então, desci as escadarias do IFCS e a Rua da Carioca e fui avistar o Convento mais uma vez, agora debaixo, conversando durante pouco mais de vinte minutos com o livreiro.

Figura 33: Sobrado do Sebo Elizart.



Fonte: fotografia da autora.

Em sobrado do início do século vinte, da época de Pereira Passos, com a fachada tombada pelo IPHAN em 1996, a livraria reforma o antigo prédio de dois andares a fim de preservá-lo. Uma bonita livraria de paredes amarelas e piso hidráulico com detalhes em carmim, orgulho dos livreiros e relíquia das construções cariocas. Retratos de escritores decoram as poucas paredes sem estantes: Cecília Meireles, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, João do Rio, Villa Lobos, Lima Barreto, Machado de Assis, Martins Pena, Marques Rebelo, Guimaraes Rosa, Vinícius de Moraes, Drummond, Victor Hugo, Zola, Balsac, pôsteres de cinema e fotos do Rio Antigo. A livraria foi inaugurada no ano de 1972 em prédio alugado e comprado apenas em 1982, dez anos depois, por Manoel Mattos, o avô, tornando-se um dos

poucos livreiros em situação de tranquilidade e segurança imobiliária frente às inúmeras crises enfrentadas, até hoje, pelos locadores de imóveis no centro da cidade. Para a sua abertura, em 1972, o sobrado passa por sua primeira reforma, desde a construção, para levantar um jirau organizando um segundo pavimento de estantes e afastando a escada do salão para os fundos da loja. Em 1996, com o tombamento, o letreiro colorido sai da fachada do prédio, substituído por outro de letras pretas colocado na parte de dentro da livraria, também o jirau foi reforçado e aumentado e os encanamentos de água foram alterados.

As estantes encostadas nas paredes já estiveram mais alongadas junto a outras duas no salão formando corredores, como em biblioteca, hoje não chegam ao teto. Três balcões acomodam-se entre as estantes: um pequeno balcão de restauro, remendos e consertos dos livros que chegam da rua, sendo encapados e higienizados e depois direcionados para o cadastramento no segundo balcão, ao lado do maior deles, onde funciona o caixa. Nas estantes, trabalha o livreiro Gomes, contratado aos dezesseis anos pelo avô Mattos, como aprendiz, depois de vinte e cinco anos na livraria, é ele o responsável pelo atendimento e arrumação das seções, ele também avalia, compra e busca bibliotecas de particulares. No primeiro balcão de reparos, trabalha a livreira Ana, desde a infância, filha de Arthur – cuja parte do nome herdou o sebo –, prima do Henrique, neta de Mattos e irmã do Arthur Filho. No segundo balcão, trabalha Arthur, irmão de Ana, desde os seus dezessete anos na livraria, livreiro há 22 anos, responsável pela administração da loja e pela venda *online*. No terceiro, trabalham todos, recebendo e cobrando as vendas. Todos eles também anotam pedidos, fazem encomendas, arrumam a livraria e atendem clientes, nos intervalos das suas tarefas principais.

Bento Manoel também é primo, ele trabalhou na livraria e atualmente é responsável pela barraca da Elizart na feira itinerante do livro, a feira da Associação Brasileira de Livrarias, tradicionalmente, montada na Carioca e na Cinelândia, entre outras praças da cidade. Henrique começou a frequentar a livraria e a feira do livro durante a infância, quando a Elizart era responsável por 7 das 70 barracas da feira do livro, acompanhado do pai, Manoel Mattos de Pinho, o mais dedicado aos livros entre os filhos do antigo Mattos, com quem trabalhou junto por quarenta e dois anos, por quem a livraria ficou conhecida nos meios intelectuais e artísticos da cidade, dando sequência a sua trajetória. Henrique trabalhou profissionalmente no sebo entre 1995 e 2005, em 2009, foi livreiro na Livraria da Travessa para onde

retornou em 2019, para serviços temporários. Quando nos conhecemos, o livreiro voltara para Elizart, ajudando Bento na feira e atendendo com o Gomes na livraria, entretanto, pretendia comprar um grande lote de mais de dez mil livros de um falecido ex-funcionário do Ministério da Fazenda, cuja biblioteca, o homem distribuiu em três ou quatro salas de escritórios no centro do Rio e mais algumas estantes em sua casa, na Zona Sul. Pensando em fechar o negócio, Henrique se tornaria independente e não voltaria ao trabalho de livreiro com a família, permanecendo, mesmo assim, herdeiro e sócio da livraria.

A Elizart é uma livraria de reconhecidos toques íntimos, envolvida em atmosfera de predileções bem particulares e, inevitavelmente, pessoais. Quarenta e sete anos abrigando toda a sorte de distintivos e penduricalhos domésticos, como as casas de livro da vanguarda dos alfarrabistas cariocas, quando os sobrados eram lojas na frente e moradia nos fundos:

O casal passa a residir no primeiro andar do sobrado, mesmo depois da criação da livraria. Desde cedo, os filhos mais velhos, João Pedro e Evaristo, frequentam a loja, numa intimidade com os livros que se prolonga por toda a vida dos dois. (Livraria de Saturnino da Veiga, Rua do Ouvidor, 14, antes de 1808).⁹⁴

(...) instalando a livraria na parte de frente da loja e residindo coma família nos fundos e no primeiro andar. (Livraria de João Martins Ribeiro, Rua General Câmara, 345, 1902).⁹⁵

Como a família vive no sobrado, basta subir as escadas. A maledicência diz que alguns escritores aparecem na livraria no horário do almoço. (Livraria Quaresma, do José Fernandes de Matos, Rua São José, 65-67, 1910).⁹⁶

É fácil encontrar espanadores e toalhinhas de flanela sobre os livros. O primeiro balcão está coberto por um enorme *poster* de uma edição especial portuguesa de *Os Lusíadas*, de 1956, com ilustração de Lima Freitas, em Lisboa; sobre ele repousa uma camada de vidro fazendo mesa, sobre ele potes de cola, tesouras, fitas adesivas, borrachas, régua, lixas e retalhos de papéis de cartolina. No segundo balcão, entre duas colunas baixas de livros separados para o cadastro, estão computador, lápis, caneta, calculadora, impressora, carimbos, fitas duréx e outros papéis para embrulho dos correios. Ao lado desta mesa, uma estante com volumes esgotados, inacessíveis para os clientes, tratando-se de acervo especial para a venda

⁹⁴ MACHADO, U. História das Livrarias Cariocas. 2012, p 27.

⁹⁵ Idem, p 104.

⁹⁶ Idem, p 186.

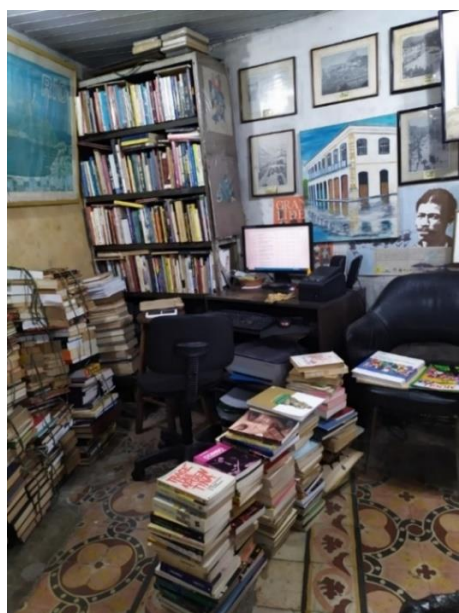
online. No balcão do caixa também possui computador, calculadora, máquina registradora, pote de balinhas de paçoca, canetas, lápis, cartões de visita, sacolas, papéis, calendário de “folhinha”, telefone fixo, pequenas esculturas de santos, máquina de passar cartão de crédito e, na parede interior, retratos de escritores, recortes de jornal, cartas, bilhetes e fotografias da família. Numa parede próxima à escada, cartazes colados sobre um *poster* com a atriz Liv Ullmann, telefones de contato do Procon com logo do governo do Estado, desenhos de criança com estrelas e corações dedicados a “mãe”, um cartão postal anotado e um “santinho”, parte da coleção da Ana, com a oração do salmo de fé nº 23.

Henrique e Gomes me falam sobre alguns detalhes importantes na hora de comprar e vender livros usados. O primeiro é que os livros precisam girar na livraria, os seus lugares não estão estabelecidos e nem permanentes na loja. Assim: na hora de retirá-los na casa de um “particular”, por exemplo, os livros já começam a ser selecionados, em pacotes de dez livros, com aproximadamente cinco quilos, são amarrados com fitilhos em trouxas ou fardos quadrados para facilitar no transporte e não precisar de caixas, nem sacolas; pois bem, chegando na livraria, os livros são outra vez selecionados, higienizados e cadastrados, então, dependendo do assunto e autor, primeiro vão para a “mesa, se novidades”, ficam lá durante uma semana, então, seguem para as seções específicas nas estantes, aqueles que não vendem nas seções por serem edições desvalorizadas vão para as bancadas de saldo da porta da livraria, na beirada da calçada; os livros que vêm das editoras como ponta de estoque também seguem para a mesa de novidades e depois, dependendo da experiência de uma semana expostos em lugar nobre, são encaminhados para as estantes ou para o saldão. Henrique já visitou um apartamento com dez mil livros, comprou e pagou seis mil, à vista, entre eles vieram dois volumes importantes de boas edições de Dom Quixote, estes estavam guardados com carinho num guarda-roupa; também já comprou 180 livros e pagou 250 reais por tudo, o valor final depende muito do acervo oferecido, a negociação pode ir para mais ou para menos de um real por cada exemplar; na hora de avaliar, não se coloca preço por cada livro, é preciso comprar como lote e sempre acima de trinta livros. O transporte para buscar é contratado, Uber ou Kombi, dependendo da biblioteca.

Na Estante Virtual, a Elizart tem dezesseis mil livros cadastrados; na livraria, tem em média cinquenta mil volumes, vendendo de dez a quinze livros por dia na internet, o que configura 30% da venda total da livraria. Para a embalagem

dos livros que são enviados, o Arthur compra duas vezes na semana quatro metros de papelão, um rolo grande de sacos de plástico e fita adesiva transparente para lacrar. Fica mais fácil, porque ao lado do sebo tem uma distribuidora de materiais de logística e, na mesma rua, uma agência dos correios. Ele prefere escrever descrições simples e objetivas dos livros, se o cliente pedir, ele envia mais fotos por *WhatsApp* para confirmar o estado do livro. Mesmo sendo o primeiro sebo a cadastrar-se no *site*, em 2005, considera-se hoje que a Estante Virtual para os livreiros foi um tiro no pé, perdendo a circulação de pessoas no sebo. O movimento diminuiu na livraria. Além disso, soma-se o que ele chama de concorrência desleal, visto que os livreiros independentes podem vender os livros de casa e sem funcionários e aluguel. O valor cobrado pelos livros na Estante Virtual é o mesmo preço na loja, 50 a 60% menor do que o preço do mesmo livro novo, por isso, os custos do *site* fazem reduzir o valor do livro em relação à venda no espaço físico. Para Arthur, na Estante Virtual, criou-se uma “supervalorização do livro esgotado”, em muitos casos, quando o título tem reimpressões, ele custa pouco, não era um livro caro por si, mas pela dificuldade na obtenção e centralização de alguns sebos com circulação muito grande de acervo e que obtém a maior variedade, orientando os valores do *site*, neste caso, um livro usado que, pela lógica tradicional dos sebos valeria a metade do valor de capa, poderia custar, simbolicamente, por convenções da dificuldade e raridade, o seu triplo e até dez vezes mais.

Figura 34: Balcão para cadastramento de livros.



Fonte: Fotografia da autora.

Figura 35: Cartões de visita e etiqueta de livraria.



Fonte: fotografia da autora em acervo da livraria.

Para o Gomes, as mulheres são mais apegadas, se o livro for delas, elas não vendem fácil e nem barato, se for viúva, o livro do marido vende rápido. O Gomes buscou uma vez, na Barra da Tijuca, três mil livros, eram livros muito bons de um advogado e ele queria se desfazer, “eu mudei de religião e são todos do diabo”. Ele sabe quando os clientes são compulsivos e acumuladores, quando encontra livros repetidos nas suas bibliotecas, às vezes, da mesma edição, livros lacrados, livros nunca manuseados. Na hora de avaliá-los, Gomes prefere comprar exotéricos a livros “água com açúcar”, esotérico vende mais e tem maior preço, literatura clássica universal sim, porque sempre vende, é barato, “mas tem que ter”. Paga em espécie. Leva o cartão da agência e vai ao banco, se o negócio for fechado, paga na hora e leva. Há 9 anos, em Vila Valqueire, comprou 3 kombis cheias de livro, o cliente veio à loja, tinha irmão falecido, apartamento inteiro de livros tipo depósito, livros de guerra. O mínimo que ele paga por livro na hora de comprar é um real e vai aumentando de acordo com a sua importância (humanas e edições esgotadas de esotéricos e espiritualistas, uma das especialidades do sebo). Gibi já custa 20 a 30 centavos, porque vende na loja por um real. Se o livro não passar por consertos, ele é vendido “no estado” com avaria. E ainda fiquei sabendo de duas facetas profissionais interessantes que apareciam nas livrarias e que hoje estão praticamente extintas: uma delas é o “aluguel de balcão”, para quando um livreiro independente, sem loja, negocia um espaço em livrarias de amigos para expor os seus livros, não se trata de consignação, pois o arrendatário fica presente. A outra é

o “caçador de livro”, muito antes da facilidade das buscas de títulos na internet, alguns livreiros, também independentes, faziam este serviço para clientes ilustres que o contratavam, uma espécie de *Publisher* ou *agente* se se tratasse do campo editorial, este livreiro caçador frequentava todos os sebos da cidade, mas não tinha nem loja e nem balcão.

6.3 Sebo

O “Sebo” mobiliza as categorias de tradição, modernidade e inovação. Continuidades e rupturas. Quem me falou pela primeira vez sobre a noção de *sebo* foi o livreiro Henrique, neto do Manoel Mattos, no mesmo dia da conversa sob o convento da Carioca. Eu seguiria para a Praça Tiradentes e ele para a Elizart, assim, fomos caminhando até as portas do Teatro João Caetano, quando eu seguiria para outro sebo e ele desceria a Avenida Passos até a Presidente Vargas. Caminhar é sempre um bom exercício de pensar. A cada esquina, contávamos nos dedos os sebos e também outros velhos estabelecimentos, como confeitarias, bares e lojas de discos, os abertos e os fechados, para os ainda abertos, pensamos nas categorias tradicional e moderno, sobretudo, na noção de mudança. A primeira que lembramos foi a livraria O Acadêmico do Rio, inaugurada em 1971, na Rua da Carioca, 61, logo depois do Cine Iris, 1909, na mesma calçada do Restaurante do Luís, 1887, em frente à Casa Oliveira de Música, em funcionamento desde 1948.

O Acadêmico do Rio é um sebo tradicional, atende na Estante Virtual desde junho de 2008, com 100% de avaliações positivas e 1.707 livros cadastrados. Os sebos do Rio de Janeiro foram convidados pessoalmente pelo idealizador da Estante Virtual, em 2005, para participarem do *site*, por isso a grande maioria deles acabou por digitalizar o seu acervo e experimentar a venda *online*; de todo modo, alguns investiram mais no negócio da internet e outros foram abandonando aos poucos os seus cadastros e esvaziando as contas. A Elizart, como o melhor exemplo de uma destas atitudes, foi o primeiro sebo cadastrado na Estante Virtual, em outubro de 2005, passando a incluir cada vez mais volumes no *site*, atualmente oferece 16.375 livros à venda. A Estante Virtual agiu constrangendo os sebos que ficaram, inicialmente, de fora da venda *online*, provocando o seu isolamento no circuito e movimentação dos livros usados, pressionando-os, indiretamente, através do estouro dos custos para as lojas físicas. Se os clientes se mudaram para a internet,

os sebos precisam estar lá e, se antes o ambiente virtual era lugar das grandes redes de livrarias e corporações, após 2005, passa a inclui-los numa boa fatia deste negócio, assim, flagramos uma mudança e um impasse - ou vende na internet ou fecha as portas da loja física. Assim, O Acadêmico do Rio participa da venda *online* e, ao mesmo tempo, não é agente de ruptura, mantendo-se como um sebo em mobília, acervo, atendimento e endereço, como na época da sua inauguração. E de qual outro modo O Acadêmico do Rio modernizar-se-ia? O detalhe principal que nos fez pensar nesta conjunção quase imperativa de mudança e ruptura remete-se aos sebos que, diferentemente deste, recusaram-se à venda virtual.

Como ficam os sebos após a internet? Quando sugiro que os sebos precisaram mudar as suas operações devido à demanda da venda *online* significa também que outros fatores agregados à internet somam motivos para uma transformação. O valor dos aluguéis de imóveis no centro da cidade tem sido desproporcional em relação aos depósitos alugados em outras partes da cidade, menos caras para guardar o acervo da venda *online*. A quantidade de funcionários também mudou, para o sebo de loja, um dos livreiros é desviado da sua função para o cadastro e envio dos livros, para o depósito ou residência do sebo virtual pequeno e médio, de livreiro independente, ele mesmo se desdobra para cumprir todas as tarefas. Os sebos de loja começaram a sumir.

Procuro a Associação Estadual de Livrarias do Rio de Janeiro (AEL-RJ) para saber a sua posição quanto à conjuntura de fechamento e sumiço dos sebos na cidade. Esta instituição, independentemente de governos e gerida por uma direção eleita composta por livreiros de livrarias de novos e usados, indicou-me conversar com Isaque Lerbak, diretor de finanças da AEL e dono do sebo Caverna do Saber, de 2008, e da livraria Eldorado, inaugurada em 1961, uma ao lado da outra, na galeria Iskye, localizada na Praça Saens Peña. Isaque completou 37 anos junto aos livros, iniciando a sua trajetória de livreiro aos 23 anos de idade, ainda quando era estudante de Biologia e precisava trabalhar para estudar. Percorreu livraria e editora até fixar-se, em 1998, na Eldorado. De livreiro passa a dono da filial na Tijuca, caminho comum na história das livrarias. Em visita ao Sebo, em 30/10/2019, Isaque discorreu sobre a questão do IPTU das livrarias independentes:

A gente estava buscando que a prefeitura entendesse que a livraria, que o sebo, ela é um ente, ela não pode ser vista como um negócio qualquer, mas tem que ter um olhar mais apurado e que a prefeitura zelasse também por ela. Que ela pertencesse

ao imobiliário cultural da cidade. Que fosse olhada como um bem de cultura, não como um negócio. Então, nós pleiteamos na gestão passada a isenção de IPTU para as livrarias e não conseguimos. Continuamos lutando porque é um paradoxo, as editoras têm e as livrarias não. As editoras têm isenção e nós não temos e a gente é o elo mais fraco do mercado. Quando ela dita o preço, ela dita a margem de lucro, a gente é muito pulverizado na nossa venda, ela atende em grande escala, a gente não. A gente já está, eu acho que há uns quatro anos, nesta empreitada da isenção de IPTU. E no meu ponto de vista pessoal, a associação deveria ser mais enfática. A gente não consegue criar um lobby como as outras indústrias conseguem, a indústria do livro não consegue criar um *lobby*, porque o interesse econômico é pequeno. A gente não sabe quantas pessoas estão envolvidas neste negócio, a gente não sabe qual é esta mão de obra, quando se cria uma livraria e quando ela deixa de existir. Isso não é medido e eu acho que este seria o papel da associação. Saber qual é o impacto que o mercado de livro cria para a cidade, quanto este mercado movimentava de dinheiro, quantas pessoas empregam, quantas famílias se sustentam com o livro e se a associação não sabe, ninguém sabe.⁹⁷

Os livros vendidos pela *Amazon*, por exemplo, inicialmente novos e depois usados também, são muito baratos, em decorrência da sua projeção do mercado geral, quando a *Amazon* compra livros das editoras, as taxas são infinitamente menores por tratar-se de grandes encomendas, além disso, o risco de perdas é assegurado pela venda certa de outros produtos e serviços. A *Amazon* tem sido imbatível. Por isto, em seu mais recente livro, *Contra Amazon* (2020: 22), o escritor Jorge Carrión afirma que a *Amazon* não é uma livraria; é um hipermercado:

Em seus depósitos, os livros estão guardados ao lado de torradeiras, brinquedos ou *skates*. Em suas novas livrarias físicas, os livros estão em primeiro plano, mas exibem apenas os cinco mil títulos mais vendidos e mais bem avaliados pelos clientes, número bem distante da quantidade e do risco característicos das verdadeiras livrarias. (...) Para a *Amazon* não há diferença entre a instituição cultural e o estabelecimento comercial e alimentício.

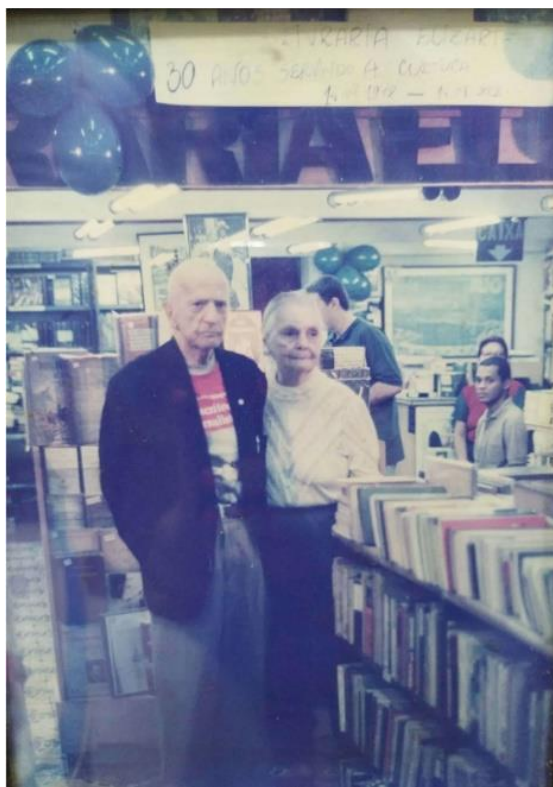
As grandes redes de livrarias físicas como a Saraiva e a Cultura investiram também na venda *online*, fechando filiais onerosas e reduzindo o formato das amplas livrarias construídas no modelo *megastore* no início dos anos 2000. Livrarias de novos e usados inseriram cafés, papelaria e outros objetos à venda na tentativa de atrair clientes para a loja física, por isto mais confortáveis e também para tentar absorver as táticas da própria *Amazon* ao garantir o custeio principal do negócio com mercadorias de giro rápido e mais rentáveis. Mas não foi apenas em aspectos práticos que as livrarias foram envolvidas nas mudanças do século XXI, o

⁹⁷ Sobre a proposta da AEL-RJ de isenção do IPTU das livrarias, ver: “Livrarias sem IPTU”, disponível em: www.aelrj.org.br. E “Sebo mal passado”, disponível em: www2.senado.leg.br.

interesse pelo *high tech*, pela informatização dos ambientes, pela rapidez no atendimento por algoritmos e a aparência “tecnológica” das operações relacionadas a símbolos de técnica, eficiência e futuro fizeram o público de livrarias físicas moverem-se para a internet.⁹⁸ Entretanto, este movimento progressivo que tendia a se desprender das antigas configurações de livraria distendeu-se, voltando as suas atenções para modelos de livrarias inovadores, mas com um “toque de tradição”. É sobre isto que a noção de sebo nos ajuda a pensar.

Inauguradas com apenas um ano de diferença, 1971 e 1972, tanto um, quanto o outro são sebos tradicionais em mudança; vejamos, em sequência, como são descritos O Acadêmico do Rio e a Elizart em *História das Livrarias Cariocas* (MACHADO, 2012), no *Guia dos Sebos*, de Antônio Carlos Secchin e no *Guia de livrarias da cidade do rio de Janeiro*, da AEL-RJ:

Figura 36: Festa de 30 anos do sebo Elizart.



Fonte: fotografia de foto em porta retrato na livraria Elizart.

⁹⁸Neste trabalho, recortei o circuito literário na cidade através das narrativas dos livreiros, não me dedicando a pensar a formação e composição de leitores e consumidores de livro. Para tal, ver: DOREA, Lilian. Manual prático de bons modos em livraria. São Paulo: Seoman, 2013.; MÜLLER, L. Eu queria um livro... Antologia de contos e cenas livrescas. Rio de Janeiro: Agir, 2009; e MÜLLER, L. O consumidor de Livros: práticas de comportamento em livrarias. Rio de Janeiro: Ilustração, 2015.

Figura 37: Sebo O Acadêmico do Rio



Fonte: [facebook.com/LivrariaOAcademicoDoRioLtda](https://www.facebook.com/LivrariaOAcademicoDoRioLtda).

Sobre a Elizart:

O aspecto é o das livrarias tradicionais cariocas, modelado a partir do século XX: estantes repletas de livros, um grande balcão na entrada, onde ficam as ofertas, bancadas ao comprido, até o fundo da loja, onde se encontram os livros mais raros, o caixa, a escada de acesso ao jirau e a entrada do depósito. Nas paredes, fotos de escritores famosos, quase todos brasileiros. (...) Conhecida por todos os bibliófilos, considerado um sebo compatível aos melhores do Rio.⁹⁹

Único sebo que apresenta convivência harmônica entre livros novos e velhos [hoje apenas velhos], com amplo predomínio deles. O estabelecimento é bem organizado, conta com seções variadas e conseguiu firmar-se numa região sem a presença de outras livrarias. Preços corretos e atendimento eficiente.¹⁰⁰

Sobre O Acadêmico do Rio:

No número 24, a Regente Feijó, inaugurada em 1980 [filial], de Carlos Fernandes Cardia. Loja estreita, com uma bancada central formando dois corredores laterais, as estantes com excesso de livros, dificultando a consulta, um aspecto de sebo dos velhos tempos. É filial de O Acadêmico do Rio, situado na Rua da Carioca. (...) [O Acadêmico do Rio é] uma loja pequena, com a entrada atulhada por bancadas mal colocadas, dificultando a locomoção do freguês, estantes laterais nas duas paredes e uma bancada no meio da loja, seguida por um ventilador que nunca funciona e uma estante de aço, bem ao estilo dos velhos sebos, mas sem nenhum charme.¹⁰¹

⁹⁹ MACHADO, U. História das Livrarias Cariocas. 2012, p 373.

¹⁰⁰ Guia comentado dos Sebos da cidade do Rio de Janeiro. Organizado por Antonio Carlos Secchin. – Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1997, p 19.

¹⁰¹ MACHADO, 2012, p 414 e 472.

Ressalta a ênfase do sebo na área de exatas e o fato de ser o único representante da coleção Universo em Desencanto, da Cultura Racional.¹⁰²

Figura 38: Corredores e fardos de livro no Sebo Elizart



Fonte: fotografia da autora.

Uma boa imagem para pensar o sebo são as pilhas de fardos de livros amarrados com fitilhos à espera do cadastramento na livraria Elizart: Gomes alinha estes pacotes nos cantos das estantes, no chão, perto dos balcões e nos degraus das escadas, acompanhando os nossos passos para aonde caminhamos no salão da livraria. Alguns deles, do mesmo lote ou variados, estão fechados há mais de dois anos, são aqueles que, diante dos momentos de muitas compras e doação recebidas pela loja, vão se amontoando e, a cada nova remessa, a antiga é afastada para os cantinhos e daí vai se perdendo e acumulando. Os sebos não podem deixar de comprar. O seu acervo é constituído pela indefinição na obtenção dos livros, hoje tem, amanhã pode não ter quem ofereça bibliotecas, então, quanto mais melhor. Pois bem, independentemente da idade dos pacotes, a sequência das operações internas e exposição deles continua a mesma, deste modo, mais cedo ou mais tarde, um fardo de livros esquecidos pode compor a mesa de novidades. A dinâmica temporal que faz circular os livros usados é totalmente outra. Se um livro impresso na década de 1940 é exposto em 1999 ou em 2009, ou mesmo em 2019, ele continua sendo velho e usado, não existe exigências formais quanto a sua exposição como

¹⁰² Guia de livrarias da cidade do Rio de Janeiro. AEL- RJ. Eldorado, 2017, p 40.

ocorre sobre os volumes novos que, por contrato e outros trâmites editoriais, precisam compor as mesas de novidades no seu tempo. A importância dada a um livro de 1940 agora e em 2009 pode mudar dependendo de algo que é imprescindível ao circuito dos objetos usados: o seu resgate. A respeito da noção de resgate a nossa conversa caminhava. Henrique pensava sobre a atitude dos consumidores de objetos antigos e usados, a que Michel Maffesoli chamou tribos urbanas, em *O tempo das Tribos* (1998), relacionada em nossa conversa aos consumidores com identificação de estilo *vintage*, *retrô* e *hipster*, acompanhantes dos movimentos de consumo consciente e colaborativo, como o *slow movement*. Esta disposição para consumir o livro de segunda mão incorre sobre a valorização e desvalorização dos objetos e, inevitavelmente, sobre a rotina das livrarias. O *vintage*, para o livreiro, não agiria sobre a noção de resgate tampouco o apoiaria em sua “resistência” contínua e tradicional. Uma atitude de resgate precisaria compor-se de noções para além do consumo, precisaria compreender os sebos e os objetos usados não como relíquias e aparatos “de estilo”, mas do ponto de vista do livreiro Henrique, como patrimônio.

Falamos dos patrimônios econômicos e financeiros; dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos chamados patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil. Parece não haver limite para o processo de qualificação dessa palavra.¹⁰³

Se o resgate não colabora para torná-los patrimônio, ele seria, na concepção de Henrique, conservador. Ele me apontava uma loja e depois outra, me explicava que existia o *sebo* e o *sebo fino* e a sua intenção, ao abrir a sua própria livraria, seria uma mistura dos dois, efeito da alternância, ou melhor, fruto desta oscilação. Um sebo, sobretudo, contemporâneo:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos, porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.¹⁰⁴

¹⁰³ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O espírito e a matéria: o patrimônio enquanto categoria de pensamento. In: *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Museu Memória e Cidadania; Garamond, 2007, p 109.

¹⁰⁴ Giorgio Agamben. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009, p 59.

Que ofereça livros usados e objetos antigos, ainda assim, atuante na internet, integrado às mudanças e demandas da cidade, dos interesses por conteúdo e não apenas pelos livros como “coisas de estilo”, muitas vezes, comprados a metro para decorar estantes em filmes e nas residências de grupos economicamente emergentes. O seu acervo seria composto por livros imortais, universais e importantes, o sebo daria continuidade à tradição dos alfarrabistas em sua rotina profissional. Algo entre sebo e sebo fino. O sebo fino é aquele que parece uma livraria de novos, em estética, operações, rotina, mas vende livros velhos para quem gosta de consumir, tomando um bom café, velharias limpas e arrumadas. E também para quem gosta do conforto do ambiente físico, de marcar encontros, de conversar com os livreiros, da experiência de “buquinar”,¹⁰⁵ como homenageia Drummond aos alfarrábios e, pragmaticamente, para quem não quer pagar mais no frete do que no livro. Sobre a ideia do livreiro Henrique, podemos “resgatar” uma boa citação de Jean Baudrillard, ao definir *arranjo* e *ambiência* no discurso publicitário e decorativo, em *O Sistema dos Objetos* (1973: 37):

O arranjo, que resume o aspecto organizacional do meio ambiente, não esgota, todavia o sistema do interior moderno, que se baseia numa oposição: a do arranjo e da ambiência. Ao imperativo técnico de arranjo vem sempre juntar-se no discurso publicitário o imperativo cultural da ambiência. Ambos estruturam uma mesma prática, constituem os dois aspectos de um mesmo sistema *funcional*. Em ambos se exercem os valores do jogo e do cálculo: cálculo das funções para o arranjo, cálculo das cores, dos materiais, das formas, do espaço para a ambiência.

Sebo fino

Anotações no caderno de campo. Data: 04/09/2019.

Tocava Jazz na vitrola. Duas mesas em mogno, mobília antiga, com montinhos de livros empilhados ao redor de um computador. Livros usados naquele tom ocre, nácar, ou apenas empoeirado, livros para cadastramento. Estantes alinhadas às paredes até o teto, um salão alongado, quase claro, numa luz rosa filtrada da marquise vermelha lá fora. Piso único, sobrado reformado sem mezanino aparente, loja de portas pra calçada. Mesinhas combinadas de café e almoço leve apertadinhas na costura da passagem até o balcão dos fundos, ali onde os livros, as fotos, as louças, os discos e toda uma antiquária se negocia. Não me fiz de rogada e sentei bem esparramada numa poltrona listrada, baixinha, daquelas com tachinhas nos braços, saquei minha papelada e danei a escrever. Dois funcionários conversam sobre um dicionário não cadastrado ainda que o pai de um deles, o Seu Luizinho, tinha reservado pro leilão. Sacolas grandes brancas de plástico amarradas na pontinha do que sobrava do volume ocupado. Estavam cheias de livros chegados à loja. Pessoas tomam um lanche, comem, conversam, fazem turismo. 1883 é dito

¹⁰⁵ Carlos Drummond de Andrade. Soneto da Buquinagem. In: Viola de Bolso. 1955.

pelo livreiro, o que aparenta ser a data do livro, 8 volumes, primeira edição, 300 reais. Cada edição tem seu ano... Assuntos no balcão. O chão é de uma ardósia encerada, limpo; paredes amarelas. Um lugar para entrar e se sentir bem. Garçons caminham entre as mesas e o segurança, com rádio na cintura, pergunta alguma coisa para o livreiro que responde o.k. O restaurante é sublocado, responde o livreiro para uma cliente e sai. “Procura uma edição específica? Não.” e “Eu já vim aqui uma vez” conversam dois engravatados que citam o Real Gabinete de Leitura depois. Moças tatuadas dedilham vinis; peças orientais; réplicas caprichadas de obras de arte; globo do mundo no pedestal; baleiros em vidro; retratos de autores; sequências de livros espelhados, deitados sobre mesas, apoiados nas estantes; lustre discreto em gotas; luminárias de escritório; garrafas antigas de whisky; fotografias do Rio império e um piano de calda fechado, compõem, decoram e coabitam na *Letra Viva*.

6.4 Livraria II: Academia do Saber

Não deixa de ser comum à trajetória das livrarias brasileiras – a exemplo dos negócios portugueses, alemães e franceses recém-chegados aqui, após 1808 – que parentes se unam em torno de pequenas casas comerciais. Na Livraria Universal dos irmãos Laemmert, 1833, Eduardo Laemmert (o mais velho) e Heinrich Laemmert, associam-se ainda para criar a Tipografia *E.&H Laemmert*. Empresas familiares são geridas por confiança e conhecimento das capacidades comerciais aprendidas em casa, do “tino para o negócio” passado através de gerações e, especialmente, para garantia particular, no caso de fazer fortuna, do compartilhamento no trabalho da herança dos seus membros. No caso da elegante Livraria Garnier, 1845, fundada pelo livreiro francês Baptiste Louis Garnier, contemporânea e rival dos Laemmert, localizada na Rua do Ouvidor, 56, exatamente em frente à Universal; apenas nos momentos finais da sua velhice e em decorrência do seu falecimento, em 1883, Hippolyte Garnier (seu irmão mais novo) assume a livraria até 1936, quando inaugura outra sociedade, transformando-a em Livraria Brigueit Garnier. Um tipógrafo e um editor, um livreiro e um administrador das finanças, de quando a família se dividia para cumprir todas as atribuições necessárias ao comércio, como descreve o cronista Ernesto Senna em *Velho Comércio do Rio de Janeiro*: “Eduardo, com o seu gênio ativo e inteligência superior à do seu irmão Henrique, era na livraria a parte pensante, intelectual e dirigente, enquanto seu irmão, gênio metódico, sisudo e pouco expansivo,

entregava-se à administração financeira”.¹⁰⁶ Em segundo momento, quando a livraria apresenta sinais de prosperidade ou a falta de um dos parentes, é comum que os irmãos assumam cada um deles as suas próprias casas comerciais ou reassociem-se “dentro de casa”. Eduardo e Henrique Laemmert continuaram juntos até a velhice de Eduardo, quando o irmão mais velho retorna à Alemanha; solitário, Henrique propõe sociedade aos seus dois genros, em 1880. A Livraria Universal, dos Laemmert, termina em 1909 com um incêndio de grandes proporções.¹⁰⁷

Se no primeiro caso, com a *Livraria Elizart*, quatro primos coabitam numa livraria; neste segundo caso, vamos pensar a rede de sebos *Academia do Saber*, com três filiais localizadas nos arredores da Praça Tiradentes, no centro do Rio. Três irmãos, Ricardo, Renato e Rodrigo crescem juntos entre os livros e separam-se na fase adulta abrindo para cada um deles a sua própria livraria:

Figura 39: Mapa com os três sebos Academia do Saber



Fonte: Google Maps, visão de satélite, acesso em 07/2020.

- 1ª - Fundada em 1978, na Rua da Constituição, 20, com 29.575 mil livros cadastrados na Estante Virtual, desde 03/2008.

¹⁰⁶ SENNA, Ernesto. O velho comércio do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: G. Ermakoff C. E., 2006, p 78.

¹⁰⁷ MACHADO, U. 2012, p 57-59 e 107-112; Idem, 2008, p 37, 45.

- 2ª - Fundada em 1998, na Avenida Passos, 23/25, com 36.151 livros cadastrados na Estante Virtual, desde 12/2008;
- 3ª - Fundada em 2004, na Rua Luís de Camões, 43, com 29.275 mil cadastrados na Estante Virtual, desde 04/2006;

Depois de visitar os três sebos – em uma das ocasiões acompanhada do livreiro Alexandre, atravessador e ex-colportor interessado em revistas em quadrinhos –, decido entrevistar e conhecer melhor a filial da Academia do Saber, administrada pelo irmão Ricardo, na Avenida Passos, 23/25, o filho mais velho do livreiro Mário Leonardo Pereira. O primeiro sebo da família, a Livraria Leonardo Marios, foi fundado em 1982, na rua Regente Feijó, 20, onde Ricardo, aos dezessete anos de idade, começou a trabalhar, vindo depois da escola, com o pai. A filial da Avenida Passos é um sebo popular sem café e sem lugar para sentar, repleto de estantes, mesas e balcões, com todo tipo de livros, amplas escadas que dão acesso ao mezanino, frequentado por estudantes e professores universitários, além disso, o maior acervo de livros espíritas da cidade.

Resumidamente, todas as três lojas funcionam em prédios alugados. A loja da Rua da Constituição, 20, chamada *Caminhos do Saber*, é a menor das três, o seu acervo é composto, basicamente pela mesma categoria de livros usados das outras lojas, livros de humanidades esgotados, literatura universal e nacional em edições sem importância, CDs e DVDs, revistas e obras de referência em estantes de aço da cor cinza amarradas umas às outras, formando corredores extensos, não me pareceu apresentar uma especialidade, o seu prédio, um sobrado de dois andares, com três janelões superiores, entre lojas de quinquilharias da extensão do aglomerado comércio do “Saara”, é o mais envelhecido e as suas instalações são empoeiradas, escuras e estreitas, um autêntico *sebo*.

Entretanto, na loja da Rua Luís de Camões, a maior das três, a sua reconhecida especialidade são as revistas avulsas e HQs, no segundo andar, com aproximadamente sessenta mil exemplares: cinco mil de eróticas; cinco mil da Marvel; cinco mil da Turma da Mônica; outros tantos mil da Manchete antiga e por aí vai entre gibis infantis, revistas eróticas e de terror antigas e quase todas as coleções da extinta Editora Abril, revistas de decoração, esporte, política etc., entre muitas importadas, como Mangás e HQs de arte do Milo Manara, Guido Crepax, Sandman, Allan Moore; um paraíso e tesouro para o Alexandre e o Olivar, dois

livreiros que participam da composição circulante deste acervo valioso. Nesta, um prédio de esquina com quatro andares, arredondado, com sacadas e muitas janelas, em estilo eclético, tão escuro quanto o outro, menos empoeirado, com vitrines amplas que mostram livros amarelados ocupando tudo, mas com salão espaçoso e ainda assim atulhado de livros, grande escada de acesso ao segundo andar com corrimão largo e balcão do caixa perto da entrada da loja.

Se ao passar pelo respirador do metrô no Largo do Machado, o poeta dos ônibus, Thiago, diz sentir e quase ver os livros do seu amigo livreiro de calçada mesmo aos domingos, no dia da sua folga, por uma espécie de “impregnação dos livros”, expostos no mesmo lugar, pelo livreiro Fernando, desde 1985. A Livraria Academia do Saber do irmão mais velho, Ricardo, na Avenida Passos, traz consigo uma espécie de “sobreposição sensitiva e mais que temporal de livros”, como assim? A Livraria Machado, inaugurada na Rua Uruguaiana, 62, em 1901, após transferir-se para outros dois endereços, muda-se definitivamente, em 1910, para a Avenida Passos, 25, – antiga Rua do Real Erário e depois Rua do Sacramento – onde funciona, até poucos anos depois do falecimento do octogenário livreiro Felicíssimo José Fernandes Machado, sucedido por Mário Machado, seu filho, uma livraria após a outra, no exato mesmo lugar. Livros e livros que “impregnam” aquele sobrado da sua presença contínua e circulante, ora feito e refeito o sobrado de três andares, reconhecemos muito além da sua fachada preservada, de longas janelas verdes, mas um transbordar de livro e mais livro. Uma esquina habitada pelos livros, uma livraria de frente para a outra, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais ao lado, o Real Gabinete de Leitura nas proximidades e uma memória incontável de livros e mais livros em movimento, livrarias cheias de gente e livreiros transmitindo as suas rotinas de ofício na Praça Tiradentes, lugar para onde foram as livrarias de novos e usados quase falidas advindas da tradicional Rua São José, afastadas por motivo dos altos custos de aluguel, (MACHADO, 2012: 471) “em 2001, Tiradentes e arredores têm catorze sebos. Em apenas dois anos, no final de 2003, a área já se torna o maior polo de livros usados da cidade, com 27 casas alfarrabistas”.

E se a grande Tiradentes, incluindo Academia do Saber, é um *lugar de memória*, tal qual em Pierre Nora, *Entre memória e história* (1993), as lembranças vivas desta praça dos livros, hoje nos alertam para o sumiço dos sebos, para os *restos*, para a nova onda de especulação imobiliária que vem afastar, mais uma vez,

as livrarias de rua do grande centro da cidade, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo” (NORA, 1993: 9) e os lugares de memórias constituídos de “um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobre determinação recíproca” (NORA, 1993: 22), assim, a livraria Academia do Saber e todo o seu entorno é constituída das dimensões de lugar híbrido, misto e mutante.

Mas o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. *Templum*: recorte no indeterminado do profano – espaço ou tempo, espaço e tempo – de um círculo no interior do qual tudo conta; tudo simboliza, tudo significa. Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.¹⁰⁸

Lugar para aonde nos conduzimos à presença de “as coisas do mundo”, assim como Hans Gumbrecht pensa em seu livro *Produção de Presença* (2010), referindo-se à possibilidade de uma materialidade da comunicação onde objetos são tangíveis às significações atribuídas aos efeitos do desejo e não do sentido atribuído. As antigas livrarias, os seus prédios arrasados e os rastros do circuito dos livros estão presentes na Praça Tiradentes, porque deixamos que elas nos contem a sua história e reconhecemos e atribuímos àquela localidade um lastro temporal apenas possível diante das coisas que se manifestam. Algo em torno daquilo que o rapaz chamou de “impregnação”, Gumbrecht (2010: 15) aborda o conceito de presença no intuito de questionar a tese da universalidade da interpretação, ao se propor a “lutar contra a diminuição sistemática da presença e contra a centralidade incontestada da interpretação nas disciplinas do que chamamos ‘Artes e Humanidades’.

Voltamos aos livros no metrô, aos sebos da Tiradentes, à livraria sobreposta de livraria ocupando por mais de um século o número 25 da Avenida Passos. Na leitura dos registros históricos destas casas comerciais, venho a compor associações frágeis e muito vívidas dos seus interiores, constantemente reelaborados pelas dinâmicas circulares dos livros de segunda mão, pela noção de circuito que proporciona e conduz ao íterim passado-presente; pois bem, são imagens de

¹⁰⁸ NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo: PUC, n. 10, p. 27, 1993.

inúmeros seres e relações: são os gatos de loja do centro da cidade, companheiros dos sebos, gordos e eficientes, guardiões das estantes, inimigos dos ratos, remanescentes do século, figuras do tempo transitando os espaços. Uma livraria rememora a outra e gatos rememoram gatos. A livraria Império, um dos maiores sebos da Tiradentes, inaugurado em 1942, na Rua do Teatro, 25, “uma loja comprida, sombria, com um cheiro insuportável de urina de gato. Os bichanos se encontram em toda parte, nos balcões, deitados em cima dos livros, ao lado das estantes, refestelados no chão, lambendo-se, fitando os clientes com seus olhos enigmáticos” (MACHADO, 2012: 411), em 2000, a Império, sob administração da filha do livreiro, então falecido, muda seu nome para Centro Literário Redescobrir, “é uma das últimas livrarias da cidade a manter a tradição carioca dos gatos. (...) Ali estão, com sua elegância insuperável, Miau e a temperamental Pretinha, que adora morder a mão dos que a acariciam” (MACHADO, 2012: 414), em 2010, a Redescobrir fecha definitivamente, deixando vazio o endereço dos gatos, na rua Regente Feijó, justamente na mesma rua antes ocupada pela primeira livraria da família Leonardo, pai dos irmãos da Academia do Saber, a Livraria Leonardo Marios Ltda.

Figura 40: Gatos no sebo Academia do Saber



Fonte: fotografia da autora.

Figura 41: Balcão na entrada do sebo Academia do Saber



Fonte: fotografia da autora.

Anotações no caderno de campo. Data: 17/09/2020.

Livraria Academia do Saber, Av. Passos. 16h. Livreiro Ricardo Leonardo.

Sobre o fechamento recente dos Sebos: iniciamos a conversa pensando nos sebos que fecharam as portas, definitivamente na região da Praça Tiradentes, na última década. A sua explicação para isso foi apontada como o: 1. aumento do valor dos aluguéis de imóveis no centro da cidade; 2. incidência de prejuízos operacionais em decorrência da concorrência “desleal” do crescimento da venda de livro *online*. Ricardo contou treze sebos fechados no centro da cidade nos últimos 3 anos. O sebo funciona em prédio alugado. Do seu ponto de vista, o valor dos aluguéis naquela região inflacionou por causa dos comerciantes asiáticos que compraram muitos prédios no “Saara”, nos últimos dez anos (aglomerado de lojas populares que compõem um território de algumas ruas entre o Campo de Santana e a Praça Tiradentes).

Livros novos: se for interessante, ele vende livros novos em consignação, vende também pontas de estoque, que são livros novos de edições prestes a vencer contratos, negociadas por muito pouco para não encalhar. Quando saiu o *Código*

Da Vinci, ele ligou para a editora e pegou consignado, porque sabia que o livro iria vender.

Valor dos livros: outro título importante é *O Mar Morto*, de Jorge Amado, ele sabe que vende muito todos os anos porque é, tradicionalmente, adotado pelo Colégio Pedro II, há mais de vinte anos. Um exemplar novo de *O Mar Morto* custa R\$57, entretanto, usado na Estante Virtual custa R\$4. Então, Ricardo começa a juntar este livro durante o ano todo, são três turmas que somadas acumulam, em média, cem alunos que compram o livro todo ano.

Estante Virtual: nem tudo vai pra Estante Virtual, quando ele sabe que um título vende bem na loja, nem cadastra. “O livreiro virtual hoje não me vende o livro” e “antes da Estante Virtual, muitos leitores vorazes vinham aos sebos vender os livros lidos para comprar ou trocar por outros, ou mesmo os garimpeiros e catadores vinham diretamente até os sebos para vender os livros. Agora, estes leitores, principalmente, resolveram vender por conta própria na internet”. Ricardo vende na Estante Virtual e no Mercado Livre, cada um com o seu perfil de vendas, a primeira mais acadêmica e o outro mais popular. Sua conta na Estante Virtual é responsável por um terço das vendas da livraria.

Rotina na Estante Virtual: Ricardo precisou contratar mais um funcionário para cuidar apenas da parte da venda *online*. Este, envolve-se com muitos detalhes de demanda dos clientes, pois à distância, sem ver o livro, eles perguntam muito. Ele responde *e-mail*, cadastra e faz a descrição. A sua conta procura usar uma linguagem mais simples e objetiva na descrição dos livros, por exemplo: “folha de guarda” ele não usa, porque dificulta o entendimento, resultando em *e-mail* com perguntas. Usa “rasura, desgaste, amarelado” por serem termos comuns aos leitores interessados. A taxa de hospedagem no *site* depende do acervo, a sua livraria paga R\$190 de mensalidade e 14% de taxa por livro. Tem plano de recolhimento especial nos Correios que buscam os livros no sebo todos os dias. Vende setenta livros por dia na loja e aproximadamente trinta na internet.

Raridades e leilão: para os livros mais caros e importantes, ele procura primeiro os seus clientes antigos, depois disso, vai para a internet. Nenhum livro seu vai pra leilão, as 1ª edições e os livros raros são vendidos para pessoas conhecidas. Ricardo já possuiu uma primeira edição de Manoel Bandeira autografado pelo autor, decidiu pôr a leilão, ele achava que o livro valia em torno de mil reais. O lance inicial foi de 400 reais, alguém deu um lance de 425 reais e ele teve medo de sair por muito menos do que valia, então, foi até o *site* do leilão virtual e arrematou ele mesmo, pegando o livro de volta. Perdeu 400 reais, “perdi tempo e dinheiro, mas ganhei experiência. Não vendo em leilão”. *As primaveras*, de Casimiro de Abreu, em primeira edição, Ricardo anunciou no Mercado Livre por R\$1.500.

Fazer aquisições de livro: “Compro livro todo dia, recebi um telefonema para avaliar 350 livros na Barra, era de uma pessoa que trabalhava no Tribunal de Contas”. Quando eu liguei para a livraria solicitando a primeira entrevista, um funcionário me informou que o Ricardo só poderia me atender às terças e quintas, depois das 16h, porque às segundas, quartas e sextas, ele visita as casas e busca livros, na parte da manhã dos outros dias, ele separa e cadastra tudo que traz para a loja.

Cliente que volta para revender livro: o tempo todo um senhor nos interrompia, nos rodeava, ele queria vender dois livros para o Ricardo. Era um professor de Matemática conhecido dele, aposentado, “ficou louco. Já até deixou currículo dele aqui”, Ricardo comprou por 15 reais os dois, eram dois livros sobre “Radiocontrole”. Esses livros vieram com bolinhas azuis de marcação de preço na lombada, o que me fez lembrar o sebo beneficente CELPI.

Aluno só consome xerox: “A maior biblioteca que comprei foi de um professor do IFCS. Ela estava em Casimiro de Abreu, no sítio deste professor, eram vinte mil livros excelentes” e “minha maior decepção foi pensar que o meu ponto seria estratégico, a uma quadra do IFCS, porque aluno não consome livro, só xerox”.

Rotina: 1. avaliação; 2. transporte; 3. limpeza e restauro; 4. marcar o preço; 5. cadastrar; 6. arrumar na estante física da loja. “Todo dia cadastramos na Estante Virtual entre setenta a cem livros”. “Fiz curso de encadernação no SENAI e hoje prefiro pagar”. Enquanto conversávamos, ele colava o livro comprado do matemático. “Formação de livreiro é na prática” e “a mão vive preta”. Ricardo conversa e trabalha no balcão dele, eu fico sentada num banquinho ao seu lado e escrevo apoiando na mesa que ele trabalha, ele restaura, cola, recorta, marca preço, cadastra, atende, compra e vende.

Caso da revista e da novela: eu fico muito entusiasmada com o tamanho do acervo, com toda a atmosfera do prédio, com o aspecto cinematográfico que ele apresenta, então lhe digo que o seu depósito merecia ser cenário de filme, de clip de música. Ele me conta sobre uma série especial da revista *playboy* de universitárias para a qual uma estudante de Direito da UNB queria posar entre os livros escolhendo um sebo, a equipe entrou em contato com ele, “no dia foi um alvoroço, os funcionários queriam olhar e não podiam”, ele não tem mais a revista e eu não acho a fonte. Uma novela da Globo também foi gravada lá, qual? Nem ele sabe.

Figura 42: Vitrine do sebo Academia do Saber



Fonte: fotografia da autora.

Figura 43: Interior do Sebo Academia do Saber



Fonte: fotografia da autora.

6.5 Sebosos

Sebosos são livreiros de Sebos. Não Sebistas, mas, Sebosos. Vestidos de cinza, de preferência, em uniforme informal, estratégico para disfarçar a poeira, portando flanelas e espanadores. Concentração, gentileza e quase invisibilidade elegante. Ricardo, que cresceu em livraria, contrata livreiros desconhecidos para a sua loja; estes aprendem o ofício com ele, assim como o primogênito aprendera com o pai. Durante uma de nossas conversas no sebo, Ricardo me contou da sua formação acadêmica, Bacharel em Administração, e do seu desejo da juventude de trabalhar com Turismo, trajetória iniciada com faculdade e curso técnico. Não teve jeito, ele me dizia apontando para si “virei Seboso!”. A melhor, mais eficiente e mais prazerosa maneira de se tornar seboso não é comparando, avaliando e vendendo livros usados, mas a boa e velha arrumação das estantes. Todo seboso ou sebosa novata precisa passar, pelo menos, um mês apenas arrumando estantes, tarefa de expiação, inclusive, quando o aprendiz passa por teste e o dono da livraria precisa avaliar o seu talento. Por ordem alfabética de títulos, por estilos, gêneros literários, área formal do conhecimento, autores, sobrenome dos autores, ano de

lançamento, editora, quais são os critérios para começar a arrumar uma estante. Um mistério. Arrumar e conhecer. Ler enquanto arruma. A ordem menos importa, como o toque e a leitura da primeira vista. Na conversa entre Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, que deu origem ao livro *Não contem com o fim do livro* (2010), os autores lembravam do fenômeno de conhecer um livro mesmo sem lê-lo, como os livreiros acabam por conhecer a maioria dos livros nas estantes:

E aí? Como conhecemos livros que não lemos? Primeira explicação ocultista que não considero: ondas circulam do livro até você. Segunda explicação: ao longo dos anos, não é verdade que você não abriu esse livro, você deslocou-o diversas vezes, talvez tenha até mesmo folheado, mas não se lembra. Terceira resposta: durante estes anos você leu um monte de livros que citavam este livro, o qual terminou por lhe ser familiar. Logo, há diversas maneiras de saber alguma coisa sobre livros que não lemos.¹⁰⁹

Figura 44: Livreira



Fonte: fotografia da autora.

¹⁰⁹ CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. *Não contem com o fim do livro*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p 219.

Depende muito da livraria, hoje, depende de como a livraria pretende “se achar” no acervo na hora de cadastrar os livros para a venda *online*. Nos sebos é comum anotar valores e códigos de localização a lápis nas pontinhas da folha de rosto dos livros, cada sebo possui o seu, muitos deles anotam os preços em números romanos para facilitar a conversão de valores no caso da oscilação de preços, hoje nem tanto quanto em décadas anteriores, quando a moeda trocava e quando a inflação exigia o câmbio quase diariamente. Assim, ficava sobre o balcão do caixa, apenas acessível aos livreiros, uma tabela de tradução e conversão. Muitos livros que circulam nos sebos também apresentam sobreposições de presenças e memórias, são as anotações sobre anotações, apagadas com borracha e reescritas, no caso de alguns livros até valores ao lado de valores, como entendê-los? Alguns livreiros prometem já ter reconhecido anotações próprias ou de seus familiares seus em livros que voltam na compra de bibliotecas ou em lotes de doações... Não importa, livro vai, livro vem, retornando às suas mãos. Os livros da Academia do Saber possuem códigos anotados nas estantes, gerados pelo aplicativo de organização digital de bibliotecas *FastGadol*; em cada uma das prateleiras de estante, cabem cinquenta livros, é assim que os sebosos fazem os balanços de estoque, de tempos em tempos, contar mais de cem mil livros? Jamais.

Em seguida, apresento as respostas dos livreiros da Academia do Saber ao questionário¹¹⁰ desenvolvido por mim para a pesquisa e aplicado no dia 18/10/20:

Livreiro 1

1. Ensino médio completo, 22 anos, masculino, 3 anos de trabalho no sebo;
2. Minha função é enviar os livros que são vendidos pela internet. Busco os livros no estoque que são separados no computador, limpo e boto em ordem e depois envio os livros. Essa é a minha função todos os dias;
3. Porque é bom. Aprendemos várias coisas, ganhamos mais conhecimento.

Livreiro 2

1. 2º grau completo, 37 anos, feminino, 7 anos de trabalho no sebo;

¹¹⁰ Ver questionário em Anexo. Os questionários foram deixados na livraria para os livreiros responderem em casa ou no intervalo das suas tarefas, a pedido do dono da livraria. Uma semana depois, eu retornei para buscá-los. Durante a pesquisa pude conversar rapidamente com dois livreiros contratados, mas não aprofundamos nenhum assunto. Eles estavam sempre ocupados.

2. Sou responsável por abrir e fechar a loja, faço a manutenção dos livros, limpo, colo e lixo antes de serem marcados para serem guardados ou cadastrados. No mesmo balcão em que os limpo, exerço a função de caixa;
3. Deixei meu último emprego e fui convidada pelo meu primo a vir trabalhar aqui.

Livreiro 3

1. Ensino Médio completo, 24 anos, masculino, 1 ano e 9 meses de trabalho no sebo;
2. Função: vendedor, repositor. Rotina: quando é meu mês na faxina, varro todos os dias e espano a loja. Uma vez por semana, faço a faxina: passo pano no primeiro andar. Quando o colega que divide a função de atendente comigo está organizando o setor, eu aguardo para poder organizar o meu, assim, há sempre alguém disponível para o atendimento. Observo se o que precisa ser feito no momento é guardar, repor os livros ou organizar as prateleiras nas estantes. Quando alguma estante está muito suja, passo um pano com algum produto para limpeza;
3. Foi a oportunidade que vi de poder trabalhar com algo que sempre gostei, já que frequento sebos desde os 11 anos e sempre gostei de trabalhar com público. Atualmente vejo este emprego como vocação quando atendo alguém que não frequenta sebos ou bibliotecas, eu explico como funciona a organização, por autor ou título, enquanto procuro o que me foi pedido. Procuro, sempre que possível, ler a contracapa e o índice dos livros que conheço para poder indicar futuramente. Já ajudei muitos estudantes assim. Também pesquiso sobre autores fora do horário de trabalho, quanto mais coisas conheço, mais posso oferecer para clientes, pesquisadores ou curiosos.

Livreiro 4

1. Ensino médio, 22 anos, feminino, 9 meses de trabalho no sebo;
2. Bom, na loja faço de tudo um pouco, mas minha função principal é cadastrar os livros na livraria, como colocar no mercado livre e no *FastGadol* também;
3. Trabalho aqui hoje por indicação de um amigo, é uma experiência muito boa, pois gosto demais do que faço.

Livreiro 5

1. Cursando Ciência da Computação na UNICARIOCA, 26 anos, masculino, 8 anos de trabalho no sebo;
2. Minha rotina de trabalho é organização, atendimento, reparação de livros, separação, atendimento virtual e cadastramento. Organizar a loja colocando os livros em ordem alfabética por título ou autor para facilitar a localização, fazer atendimento em loja, no sebo, quando menos se espera, chegam obras muito antigas que, muitas vezes,

precisam de uma reparação como colocar uma capa, contracapa ou até mesmo uma nova encadernação. Fazemos vendas pela internet e usamos o portal Estante Virtual, onde recebemos os pedidos, preparamos e enviamos pelos correios até a pessoa. É o cadastro de livro que é feito com algumas opções específicas como nome, autor, foto, descrição, onde tentamos descrever o livro da melhor forma possível para que seja vendido;

3. Como primeiro trabalho e estou até hoje, 8 anos trabalhando, posso dizer que aprendemos muitas coisas dos mais variados tipos de assuntos fora a experiência que se ganha conhecendo obras raras e importantes.

Livreiro 6

1. Cursando Filosofia na UFRJ, 24 anos, feminino, 5 meses de trabalho no sebo;
2. Minhas tarefas principais são arrumar o estoque, encaixar os livros novos que são cadastrados, abrir espaço nas prateleiras para o encaixe de livros, descer os livros velhos e antigos para avaliar e dar baixa no sistema. Também restauro e encaderno os livros que precisam de reparo para poder vendê-los em bom estado. Assim como também ajudo a organizar os livros nas sessões da loja e atendo os clientes e os ajudo em suas buscas por livros e temas;
3. Estava procurando emprego e um amigo do proprietário me falou sobre o sebo e me disse para vir procurar o lugar e falar com o dono. Falei com ele e consegui uma vaga neste lugar que, inclusive, gosto bastante de trabalhar com livros.

6.6 Claraboia

Eduardo Frieiro (1945: 29), “conta-se que a mãe de Flaubert exclamou, certa vez, apreensiva por ver o filho entretido sempre com a leitura: – Meu filho, os livros estão secando teu coração!”. Aos quinze anos de idade, em 1837, Gustave Flaubert escreve *Bibliomanie* (2001), baseado livremente no caso do crime do bibliômano catalão, notícia publicada em 1936, na *Gazette des Tribunaux*:

Quão livremente respirava, quão altivo e poderoso se punha quando mergulhava a vista nas imensas estantes onde seus olhos se perdiam em livros! Erguia a cabeça? Livros! Inclina-a? Livros! À direita, à esquerda, sempre.¹¹¹

Mergulha a vista nas imensas estantes que um dia pôde visitar as instalações internas de uma livraria. Não é sabido aos frequentadores do salão o quanto mais

¹¹¹ FLAUBERT, 2001, p 21.

de livros existe nos depósitos de um sobrado antigo. Apenas duas outras cenas foram semelhantes a esta: quando estive no orquidário do Jardim Botânico, vendo-me imersa em estampas tão vastas e, ao mesmo tempo, tão iguais que pareciam um portal para o filme *Sonhos*,¹¹² não sobre os girassóis de Van Gogh, mas para a imensidão da flora japonesa presente nos ritos de floresta; na segunda vez, visitava uma loja de instrumentos musicais em Copacabana, discreta, na sobreloja de um prédio discreto e, ao adentrar o lugar, precisei me segurar firme no chão, então, fui me acostumando com mais repetições, violões, guitarras, contrabaixos acústicos, cordas e mais cordas, lado a lado e no chão, sem espaço ou intervalos, muita madeira colorida e crua. Comecei a pensar na repetição como vertigem e concordei com Umberto Eco,¹¹³ assim que me pus no interior de uma livraria. Não se compara à parte externa, o depósito de uma livraria não se inscreve nos modelos decorativos das lojas, a nossa visão de leitores acostumados às estantes catalogadas, às repartições das mesas de velhas novidades, aos corredores e aos balcões espanta-se ao perceber com as vistas a onipresença de objetos repetidos, muitos e muitos, alinhados ou bagunçados, não importa. No depósito de uma livraria antiga, os livros são maiores, robustos, imensos, são extensivos, totalizantes e enigmáticos, eles nos cercam em labirintos.

A lista prática, diferente da lista incongruente e caótica dos livros no shopping chão é a lista ordenada pelos códigos anotados. As estantes são numeradas e, para os livros ainda não cadastrados, anota-se a lápis o código “-80”, “a lista prática pode ser exemplificada pela lista de compras, pela lista de convidados de uma festa, pelo catálogo de uma biblioteca, pelo inventário dos objetos de um lugar qualquer” (ECO: 2010, 113). Excesso coerente ou caótico? Como descrever um depósito de livraria com algum rigor? O infinito de livros que nem mesmo os livreiros, ao certo, conhecem. Seria possível cadastrá-los todos na Estante Virtual, descrevê-los e anotar os códigos de localização referente e, mesmo assim, ainda voltar depois às estantes, indo certo à altura certa da prateleira certa com os olhos na lombada certa e puxá-lo, o volume certo, com a mão firme da memória fixada na arrumação? Ninguém sabe. Nunca antes se arrumou e cadastrou-se um acervo por aplicativos virtuais, pois “o temor de não conseguir dizer tudo não acontece apenas diante dos nomes, mas também diante de uma infinidade de coisas” (ECO:

¹¹² *Sonhos*, Akira Kurosawa, 1990.

¹¹³ ECO, U. *A vertigem das listas*. 2010.

2010, 67). Os labirintos misteriosos dos livros anotados com “-80” talvez sejam os mesmos, afinal, em repetições tradicionais e literárias do paraíso de Borges, da *Biblioteca de Babel*,¹¹⁴ onde as galerias hexagonais abrigam “vinte estantes, em cinco longas prateleiras por lado, cobrem todos os lados menos dois; sua altura, que é a dos andares, excede apenas a de um saguão estreito, que desemboca em outra galeria, idêntica à primeira e a todas” (BORGES: 1996, 85), penso que, quando Borges escreve “todas”, ele quer dizer todas as outras cuja Biblioteca é exemplar. Os depósitos das livrarias Academia do Saber e Elizart, visitados por mim, são intermináveis, labirínticos e vertiginosos e não há lista prática e nem programas de computador que o alcancem; ainda.

Figura 45: Estante de depósito “na altura dos andares”.



Fonte: fotografia da autora.

¹¹⁴ BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1996.

Figura 46: Galerias de um depósito de livros



Fonte: fotografia da autora.

A combinação dos símbolos de que trata Borges e a alternância pontual dos códigos numéricos anotados pelo livreiro no depósito consistem no caráter provisório e mutável, na tentativa de uma aproximação, do *bricoleur* de Lévi-Strauss, em *O Pensamento Selvagem*, como “termos de linguagem ou, no caso do *bricolage*, termos de um sistema tecnológico, portanto, expressões condensadas de relações necessárias cujos limites repercutirão de diferentes maneiras sobre cada um de seus níveis de utilização” (LÉVI-STRAUSS, 2009: 52); da combinação de todos os livros, Borges considera o infinito e o indizível da Biblioteca e todos os livros poderiam, ainda, formar um único livro, portanto, essa analogia, o *bricolage* e a vasta repetição dos livros “consiste na incorporação à sua própria forma de uma certa dose de conteúdo que é aproximadamente igual para todos” (LÉVI-STRAUSS, 2010: 51) e “A Biblioteca é ilimitada e periódica. Se um eterno viajante a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao fim dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (que, reiterada, seria uma ordem: a Ordem” (BORGES, 1996: 92).

Todos os livros, por diversos que sejam, possuem elementos iguais: o espaço, o ponto, a vírgula, as vinte e duas letras do alfabeto. Também alegou um fato que

todos os viajantes confirmaram: *Não há, na vasta Biblioteca, dois livros idênticos*. Dessas incontrovertíveis premissas deduziu que a Biblioteca é total e que suas prateleiras registram todas as possíveis combinações dos vinte e tantos símbolos ortográficos (números, ainda que vastíssimo, não infinito), ou seja, tudo o que é dado expressar: em todos os idiomas. (...) As intercalações de cada livro em todos os livros.¹¹⁵

Pensamos, portanto, que uma tal lógica concreta seja possível. Falta, agora, definir suas características e a maneira pela qual se manifestam no curso da observação etnográfica. Esta os apreende sob um duplo aspecto, afetivo e intelectual.¹¹⁶

A questão dos códigos não tem resolução, visto que a Biblioteca é interminável, ela existe *ab aeterno*. Estes, compostos de números romanos, letras, símbolos de propriedade e classificação – como as *bolinhas azuis* e de outras cores que sinalizam as categorias de preços no sebo beneficente e, ainda, visto nos livros de matemática, oferecidos ao Ricardo – não são suficientes para preservá-los do esquecimento, quando a mão deixa de ser firme e direta ao seu encontro na estante, e dos sumiços ocasionais e permanentes, quando a combinação dos mesmos códigos digitada no sistema virtual de cadastramento significa “livros perdidos para sempre” e quem sabe até roubados, mas esta é outra história. O interesse de Borges pelos códigos embaralhados e gravados em todos os livros está em simetria com o interesse de Eco pelas listas, que podem ser abertas e refeitas, e dos livreiros pelas numerações diversas nas folhas de rosto: através dos códigos, da linguagem livresca composta da sua combinação, podemos conhecer e comparar outros arranjos de livros, outras estantes, outros sebos, outras bibliotecas e outros circuitos de objetos. O posicionamento dos livros no depósito e no salão, sobre uma mesa ou outra, no chão ou nas estantes, sob o valor x ou n, enumerado caótica ou praticamente através da internet ou da memória das mãos... São elementos que nos apresentam atualizações da rotina e do manejo com os livros.

E muita coisa permanece. Desloca-se nas galerias com a vagareza de giro dos livros estranhos, daqueles que anseiam pela velocidade do *best seller* como suporte da sua existência ou daqueles que formam altas pilhas, saídas do prelo já encalhadas, recusadas, espaçosas. Os volumes iguais do mesmo título são empilhados no depósito com a lombada virada para dentro, apenas um deles anuncia a sua identidade, todos os outros repousam, às vezes, por décadas, expondo o miolo

¹¹⁵ BORGES, Jorge Luis. Ficções. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1996, p. 88.

¹¹⁶ LÉVI-STRAUSS. A lógica das classificações totêmicas. In: O Pensamento Selvagem. Campinas, SP: Papirus, 2009, p. 53.

à poeira. São os livros que não circulam, ou que circulam muito lentamente e não necessariamente para as mãos de leitores, são portadores de códigos adormecidos, talvez esquecidos. A decomposição de muitos livros presente nas galerias dos depósitos, nos três andares amontoados de salas e livros, de dois Sebos visitados nos fala sobre ruínas, sobre a “ação do tempo” como força sobre os objetos. Em uma das galerias, encontrei livros mofados e um monitor de computador antigo. Dormindo “em seus sepulcros” por longos séculos, uma hora ou outra, os livros voltam à tona, assim como Ricardo de Bury nos conta, em *Philobilon*:

Então se abriram os armários de nobilíssimos mosteiros, ao nosso dispor se puseram cofres e cestos foram desatados. Volumes que por longos séculos haviam dormido em seus sepulcros despertaram atônitos, e os que estavam escondidos em lugares tenebrosos foram cobertos pelos raios de uma nova luz. Livros outrora delicadíssimos jaziam exânicos, corrompidos e abomináveis, cobertos pela sujeira de ratos e furados por mordidas de vermes; se outrora vestiam púrpura e roupas finas, agora jaziam nas cinzas e no cilício, e abandonados no esquecimento eram como moradas de traças.¹¹⁷

Figura 47: Computador antigo descartado no depósito de livros.



Fonte: fotografia da autora.

Provocação do tempo, da poeira, da lentidão literárias para alguns e da veloz atualização para outros. Nada se mostra tão contumaz como a provocação das unhas dos gatos de livraria. Treinados? Talvez. Treinados nas velhas edições de *Os Pensadores*, se preferir. Se arranha aqui, impede que se roam por todo lado, a troca é justa. Em *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*, Augusto, outro personagem escritor decadente e meio talentoso de Rubem Fonseca cria e alimenta ratos no

¹¹⁷ BURY, Ricardo de. *Philobilon ou O amigo do livro*. Ateliê Editorial, 2007, p 75.

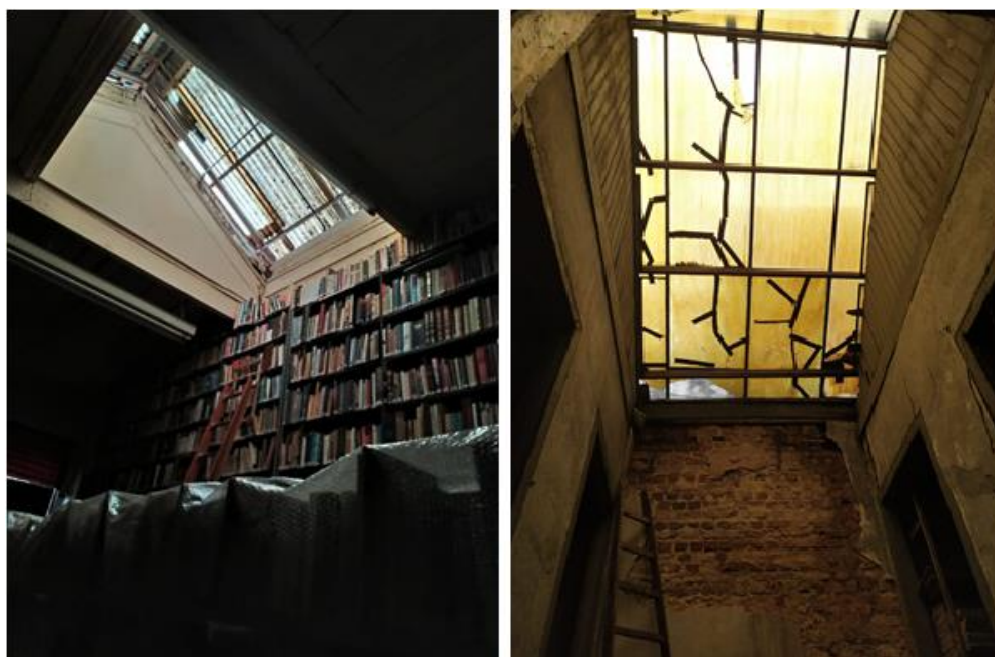
último andar de um antigo sobrado no centro da cidade. Em uma alternância de coisas, são mais uma vez, presentes no conto e nos antigos Sebos, livros, ratos, leitores, sobrados e claraboias. Sim, claraboias. A claraboia evidencia o tipo de adaptação feita nos sobrados, inclusive para aqueles que puderam alterar os seus interiores, mesmo com a fachada tombada como patrimônio, contra a escuridão das galerias a sua iluminação é mantida.

Figura 48: Livros arranhados pelos gatos



Fonte: fotografia da autora.

Figura 49: Claraboias



Fonte: fotografia da autora.

Em uma delas, “as sobras e pedaços” de armações do telhado soltaram-se formando desenhos geométricos que me lembram agora os fragmentos “obtidos num processo de quebra e destruição, em si mesmo contingente” do arranjo do caleidoscópio exemplificado por Lévi-Strauss (2009: 52) e “por um jogo de espelhos, os reflexos equivalem a objetos, vale dizer, nos quais signos assumem o lugar de coisas significadas”. Cada qual ao formato e tamanho dos prédios, as duas eram brilhantes, translúcidas, mágicas. “O velho subiu com Augusto para o sobrado e mostrou-lhe uma claraboia cujo vidro era do tempo da construção, tinha mais de 90 anos. Augusto ficou encantado com a claraboia de louça inglesa e com os ratos que se escondiam quando eles passavam”.¹¹⁸ Esta abertura celestial é motivo de afeto e contemplação dos livreiros, talvez também dos gatos e ratos, ao percorrerem seus depósitos de livros velhos.

¹¹⁸ FONSECA, Rubem. A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p 22.

7. Colecionadores de Livros

7.1 Bibliófilos ou amigos dos livros

A Memória Vegetal e *Não contem com o fim do livro* são dois livros de Umberto Eco publicados pela editora Record, no mesmo ano de 2010.¹¹⁹ O primeiro traz uma reunião de artigos e conferências sobre bibliofilia e todo um amplo campo de questões adjuntas, elaborados desde a década de 1990; o segundo, a conversa entre Umberto Eco e o cineasta Jean-Claude Carrière, igualmente colecionadores, em duas ocasiões distintas e oportunamente diante de suas bibliotecas, ora na residência de um e do outro, em Paris e em Monte Cerignone.

Cinquenta mil volumes comuns e mil e duzentos livros raros compõem a biblioteca de Umberto Eco e, por sua vez, Jean-Claude Carrière possui de trinta a quarenta mil volumes comuns e dois mil livros raros. Cada qual ao seu estilo, Carrière coleciona, especialmente, livros sobre e de autoria de surrealistas, ponderando que “não sou um colecionador autêntico. A vida inteira comprei livros simplesmente, porque eles me agradavam. Numa biblioteca, gosto acima de tudo do disparate, da vizinhança de objetos díspares, que chegam a se opor, se confrontar” (JJC, 2010: 115). A coleção de raridades de Umberto Eco “trata-se de uma *Bibliotheca Semiologica Curiosa Lunática Mágica et Pneumatica*, em outras palavras, uma coleção dedicada às ciências falsas” (ECO, 2010:11), de Ptolomeu a Athanasius Kircher “sou fascinado pelo erro, pela má-fé e pela estupidez. (...) Em *Os limites da interpretação*, elaborei uma teoria da falsificação e dos falsários. E por fim, meu romance *O pêndulo de Foucault* é inspirado pelos ocultistas que acreditavam em tudo com fanatismo” (ECO, 2010:15).

Os bibliófilos ou os *amigos dos livros* satisfazem o seu desejo obsessivo, incontrolável e dominante pela posse de um livro raro, de modo habitual, logo após pôr-lhe as mãos. Foi o que aconteceu no episódio da primeira edição de *O Guarany*, José de Alencar, publicada em 1844, narrado por Jean-Claude Carrière, a respeito

¹¹⁹ Títulos originais: *A Memoria Vegetale e Altri Scritti di Bibliofilia*. RCS Libri: Milano, 2006.; e *N'espérez pas vous débarrasser des livres*. Éditions Grasset & Fasquelle, 2009.

de seu antigo amigo brasileiro e bibliófilo, José Mindlin. Em seguida, o colecionador comenta o ocorrido:

A obsessão do colecionador é muitas vezes apoderar-se de um objeto raro, e não apenas conservá-lo. Conheço uma história espantosa a esse respeito. Existiam dois exemplares do livro fundador da literatura brasileira, *O Guarany*, romance editado no Rio por volta de 1840. Um estava num museu, enquanto o outro deambulava em algum lugar. Meu amigo José Mindlin, esse grande colecionador brasileiro, fica sabendo que o livro pertence a uma pessoa, em Paris, disposta a vendê-lo. Reserva uma passagem de avião São Paulo-Paris e um quarto no Ritz para ir ao encontro do dileitante da Europa Central dono do cobiçado exemplar. Os dois homens trancaram-se durante três dias num quarto do Ritz para negociar. Três dias de discussão tensa. Um acordo é finalmente alcançado e o livro torna-se propriedade de Mindlin, que pega imediatamente o avião e volta. Durante o voo, ele tem todo o tempo para descobrir o exemplar recém-adquirido, um pouco desiludido por constatar que o livro em si não oferece nada de muito extraordinário, mas ele esperava por isso. Revira-o um pouco em todos os sentidos, procura o detalhe raro, depois deixa-o de lado. Ao chegar ao Brasil, esquece-o no avião. Ele adquirira o objeto, mas esse objeto, ao mesmo tempo, perdera toda a importância. Acontece que, por um pequeno milagre, o pessoal da Air France reparou no livro e o separou. Mindlin conseguiu recuperá-lo. Dizia que aquilo não o comovera nem um pouco. E eu confirmo: o dia em que tive que me desfazer de parte de minha biblioteca, não senti nenhuma aflição especial.¹²⁰

Como acontece com muitas obras da biblioteca, o exemplar de *O Guarany* aqui de casa tem uma história. Foi oferecido no Rio, nos anos 60, por um grego, que pedia por ele algo como mil dólares. Nenhum colecionador se animou a comprar e, quando eu soube, o grego já tinha ido embora – o que me levou a dizer aos amigos que tinham recusado o livro que eles estavam malucos, pois, em casos como esse, a gente vende um terreno e compra o livro”. Fiquei dez anos atrás do grego até que, um dia, a primeira edição de *O Guarany* aparece no catálogo de um leilão na Inglaterra. Mande um telegrama para um livreiro amigo, pois imaginei que em leilão fora do Brasil ela não alcançaria preço muito alto. Na minha impaciência, porém, telefonei ao livreiro e perguntei quanto ele achava que o livro iria alcançar: “Umas vinte libras”, respondeu ele. “Olha, provavelmente vai alcançar mais, especialmente se houver brasileiros presentes, mas eu quero comprar”, disse eu. No dia do Leilão, eu estava em Nova York, e lhe telefonei para saber por quanto tinha comprado. “Ah, não comprei, porque tinha falado a você em vinte libras, de modo que, quando chegou a sessenta, parei, pensando que você poderia ficar aborrecido.” “Bem, aborrecido estou agora”. Respondi-lhe. Mas não havia nada a fazer. Na verdade, felizmente, o livro não havia sido vendido. Era o exemplar do grego, que, não tendo encontrado comprador pelo preço que pretendia, retirou-o do leilão. Em 1977, houve, em Paris, o leilão de uma biblioteca de livros raros sobre o Brasil, que saíra do Rio clandestinamente – poucos volumes, mas muito bons, que eu não tinha conseguido comprar aqui. Decidi ir (por insistência de Guita, minha mulher), e isso coincidiu com um convite da Air France, recebido no dia seguinte, para um voo inaugural Buenos Aires – Paris. Chegando lá, encontro meu amigo Walter Geyerhahn, da Livraria Kosmos, hoje infelizmente falecido, que me diz: “Tenho uma surpresa para você. O grego está aqui. *O Guarany* está comigo. Você se entenda com ele, pois eu não tenho nada com isso: não quero ganhar nada, mas segurei o exemplar, para evitar que acontecesse alguma coisa”. A luta com o

¹²⁰ CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. Não contem com o fim do livro. Rio de Janeiro: Record, 2010, p 117.

grego foi uma epopeia, pois ele me pediu pelo livro muito mais do que tinha querido cobrar no Rio, mas acabei comprando. Só que a aventura não parou por aí. Viajei de volta com o livro “no colo”, e, já no avião que naquele tempo levava os passageiros do Rio para São Paulo, abro a pasta e... O livro não estava mais lá! Eu devia ter adormecido, deixando o livro cair da pasta no voo para o Rio. Chegando em casa, disse à Guida: “Sabe o que comprei em Paris? *O Guarany*”. “Não diga!”. “É, mas já perdi”. Deixei na Air France todas as indicações, e felizmente, três dias depois, recebi o recado de que o livro fora achado – tinha ido parar em Buenos Aires...¹²¹

Do exercício da bibliofilia, narrado pelas lembranças de um episódio comum aos colecionadores, JC Carrière e José Mindlin percorrem os caminhos das raridades: as antigas livrarias e os livreiros especializados, a coleção particular, as amizades, os leilões e seus catálogos. Procurando seguir as suas pistas, na extensão do circuito de livros usados na cidade do Rio de Janeiro e dos relatos de reconhecidos colecionadores de livros brasileiros, este capítulo se dedica.

Para M. I. Faria e M.G. Pericão, autoras de *Dicionário do Livro* (2008: 95), o termo *bibliófilo* é usado para “pessoa amante das edições originais, raras e curiosas de livros. Os bibliófilos apreciam, sobretudo, a beleza tipográfica, a encadernação e o material com que foi impresso e confeccionado um livro”.

Para José Mindlin, idealizador da Biblioteca Brasileira na USP, composta inicialmente por toda a sua coleção particular, autor de *No mundo dos livros*, (2009: 17):

Há décadas procuro inocular no maior número de pessoas o “vírus” do amor ao livro e à leitura, e creio poder dizer que tive sucesso em bom número de casos. Faço essa inoculação sem preocupações ou remorso, pois o “vírus” de que estou falando é muito diferente dos numerosos vírus que afligem a humanidade. Ele faz nos sentirmos bem em vez de mal, e o que é especialmente importante é que é incurável.

Para Ana Virgínia Teixeira, autora de *Que é livro raro?* (1989: 61), bibliófilo é:

Indivíduo capaz de atribuir valor a obras ou coleção de obras, por suas características intrínsecas e extrínsecas e pelo seu significado no contexto cultural – colecionador de livros; denomina-se Bibliocimeliófilo ao colecionador de obras raras e aristobibliófilo, ao colecionador de obras de luxo.

¹²¹ MINDLIN, José. Uma vida entre livros: reencontros com o tempo. São Paulo: EDUSP: Companhia das Letras, 1997, p 26-28.

Para Rubens Borba de Moraes, autor de *O Bibliófilo Aprendiz*, (1998: 19):

O prazer de colecionar, a emoção de encontrar um livro procurado há anos, a volúpia de completar as obras de um autor, é, para o milionário que paga uma fortuna por um livro, a mesma do pobretão que encontra num sebo o volume sonhado. Não se deve colecionar com o intuito de ganhar dinheiro. Comprar livros com a intenção de vendê-los mais tarde com lucro não é próprio de bibliófilo, mas de livreiro.

Para Eduardo Frieiro, autor de *Os livros nossos amigos*, (2007:61):

O móbil desta espécie de *amigos do livro* nem sempre é, bem se vê, a *libido sciendi*, o apetite de conhecimento, mas a *libido possidendi*, o apetite de possuir, de entesourar. Um maníaco desta espécie, português, o Cardeal da Cunha (conta Oliveira Martins, *História de Portugal*) tinha uma ostentosa livraria de 11.000 volumes, a que alguns chamavam “As Onze Mil Virgens”.

Inicialmente, podemos pensar a respeito do que é livro raro. A categoria de *raridade* é comum aos livreiros, leiloeiros e bibliófilos, agentes principais na circulação destes volumes; entretanto, seu significado varia daquele convencionado pelas instituições guardiãs como bibliotecas públicas, universidades e museus. Vale mencionar a existência de uma tensão entre os dois grupos, quando ambos acabam por disputar tanto o objeto em si, para usufruto particular ou público, quanto a sua noção de valor, podendo ser histórico, afetivo e ritual. As percepções sobre o livro raro serão pensadas, aqui, através das narrativas de interlocutores relacionados ao circuito da sua aquisição, diferentemente dos casos pensados nos capítulos anteriores, quando livreiros também consumiam, destacando o seu intuito de comprar estritamente para revender; agora, as lentes de observação deste movimento literário de circulação miram-se para os colecionadores.

Um livro começa sua carreira sendo “comum”; passa a ser “escasso”; torna-se “raro”; e acaba sendo “raríssimo”. Há, na escala, graduações e sutilezas que os livreiros usam nos anúncios. Há o livro “escasso e procurado”, o livro “raro com a folha de erratas” ou “com as capas da brochura”. Quanto aos adjetivos “raro” e “raríssimo”, há verdadeiro abuso dos livreiros. Não lhes bastam mais essas expressões nesse nosso mundo de publicidade intensa. Inventam termos miríficos: “de toda raridade”, “da maior raridade”, “inachável” e não sei mais quê. (MORAES, R.B. 1998: 44).

Ana Virgínia Pinheiro, autora de *Que é Livro Raro?* (1989), é bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional e professora no curso de Biblioteconomia da Unirio, para a autora, a noção de raridade adotada pelos bibliotecários e instâncias

de pesquisa e guarda dos livros pode ser apontada por meio de critérios adotados por bibliófilos, bibliógrafos e “catálogos de obras raras”, sob o consenso generalizado das categorias: velho-antigo-raro. Somente a antiguidade de uma obra não caracteriza a sua raridade, nem mesmo o seu estatuto de único e precioso é definitivo, “mas sua antiguidade determina os peculiares aspectos bibliológicos da página de rosto; do colofão – do seu detalhamento à simplicidade atual; do título de partida e do título corrente; das licenças e das disposições de textos, em linha tirada, coluna ou corandel...” (PINHEIRO, 1989: 20), elementos levados em consideração para avaliadores especializados em distinguir edições. Mesmo assim, a autora prefere que o reconhecimento da raridade seja conferido por cada leitor, bibliotecário e bibliófilo que “estará livre para escolher, a despeito das bibliografias – que apresentam diferentes julgamentos de valor indicativo – as obras que correspondem ao seu espírito, ao seu humor e, por tudo o que foi dito, à sua sensibilidade, na formação de uma coleção de obras raras.” (PINHEIRO, 1989: 33). Em seu livro, Ana Pinheiro cita duas referências com suas definições de raridade: o catálogo de obras raras do Ministério da Justiça e os critérios da Biblioteca Nacional.

Obras de autores brasileiros e estrangeiros editadas até 1860; primeiras edições; segundas edições até 1889; edições de luxo; edições com tiragens aproximada de 300 exemplares; obras autografadas por autores renomados; obras de personalidades de projeção política, científica, literária e religiosa; teses; obras abonadas pelo próprio punho ou reunidas em coletâneas por Affonso Pena Junior” (Brasil, Ministério da Justiça, p. 5).

A) Todas as impressões dos séculos XV, XVI e XVII; B) Impressões do século XVIII até 1720; C) Obras editadas no Brasil até 1841; D) Edições de tiragens reduzidas; E) Edições especiais, de luxo, para bibliófilos; F) Edições clandestinas; G) Obras esgotadas; H) Exemplares de coleções especiais, em geral com belas encadernações e *ex. libris*; I) Exemplares com anotações manuscritas de importância, incluindo dedicatórias. Conforme interesse específico de bibliotecas e/ou colecionadores, outros critérios podem ser acrescidos. No entanto, a classificação de qualquer obra dentro dos padrões citados exige um apoio bibliográfico... (Biblioteca Nacional (Brasil). Critérios... f.1).¹²²

Rubens Borba de Moraes foi bibliófilo, bibliógrafo e bibliotecário, conferindo significados ao livro raro de lugares complementares como diretor da Biblioteca Nacional de 1945 a 1947, colecionador de um acervo particular com mil

¹²² PINHEIRO, Ana Virgínia T. P. Que é livro raro? Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989, p 26.

e setecentas obras raras¹²³ e autor de *Bibliographia Brasiliana*, 1958, sua obra de destaque. Além disso, foi professor universitário no curso de Biblioteconomia da UNB, inaugurou e ocupou cargos de direção em bibliotecas de São Paulo e em outros países. Para conversar com amigos colecionadores e contar a sua trajetória de amizade com os livros, Moraes escreve *O bibliófilo aprendiz*, em 1965, um pequeno manual em prosa dedicado aos principais temas da bibliofilia. Duas categorias de coleções são valiosas para bibliófilos brasileiros e para todos os interessados na temática de Brasil, são elas as coleções de *Brasiliana* e de *Brasiliense*:

Brasiliana: pertencem os livros sobre o Brasil, impressos entre 1504 (data do primeiro livro sobre o Brasil) e 1900. Pertencem à Brasiliana, igualmente, os livros escritos por brasileiros durante o período colonial (das primeiras manifestações literárias até 1808, data em que se encerra, na realidade, o período colonial e em que se começa a imprimir regularmente entre nós.

Brasiliense: pertencem os livros impressos no Brasil de 1808 até os nossos dias. É vasto o período e largo o campo. Abrange tudo quanto se publicou no Brasil em mais de século e meio (...). Numa Brasiliense entram os primeiros impressos no Brasil pela Imprensa Régia. (MORAES, 1998: 102-103)

Eu conheci Ubiratan Machado no mês de setembro de 2019. O certo é que, neste dia, fomos apresentados; contudo, eu o conheci muito antes quando montava a bibliografia desta tese. As suas obras indispensáveis aos que pretendem escrever livros sobre livros me chamaram a atenção, porque tratavam de minúcias livrescas até então incompreensíveis por mim: *Livro dos Ex-Líbris* (2014), *A Etiqueta de Livros no Brasil* (2003) e *A Capa do Livro Brasileiro 1820-1950* (2017). Depois mais abrangentemente: *História das Livrarias Cariocas* (2012) e *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras* (2008), comprei e li todos que pude. Passamos a nos encontrar em leitura, foram muitos prefácios escritos por ele nas mais diversas publicações brasileiras sobre a temática do livro. As pilhas de sua autoria subiam nas minhas prateleiras como alguns dos volumes mais pesados e grandões que passeiam em minha biblioteca. Quando fomos apresentados, formalmente, pelo livreiro Olivar, em sua banca de livros na Carioca, fiquei desconcertada e todo o repertório de questões e elogios que eu poderia fazer-lhe transformou-se num singelo e despropositado “Olá, prazer em conhecê-lo!”, ao nosso lado estavam

¹²³ A sua coleção foi adquirida por José Mindlin e compõe hoje o acervo da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, na USP.

muitas pessoas se acotovelando para escolher na montanha de livros revirados, talvez, secretas raridades por dois reais. “O que você quer saber? É pesquisadora? Tão jovem”. Eu queria saber tudo, vamos lá, o senhor é bibliófilo, certo? Escritor e jornalista, conhecedor de Machado de Assis, Balzac e Espiritismo Kardecista, membro da Confraria do Olivar, colecionador de livros raros, premiado pela ABL, possui vinte e dois mil livros importantes em sua casa, entre eles belas primeiras edições da literatura brasileira, as quais compõem as listas de capas, *ex libris* e etiquetas de prestígio no país. Puxei um caderno e anotei seu telefone e *e-mail*, marcamos uma entrevista para a outra semana, no mesmo dia e horário, na banca do Olivar. O escritor septuagenário prefere conversar sobre livros do alto das escadarias no jardim interno do Santuário e Convento da Carioca. Sentados nos degraus, avistávamos a Biblioteca Nacional e o Theatro Municipal. Eu trazia um caderno e o celular, ele desdobrava alguns pensamentos datilografados. Nos encontramos mais cinco vezes, trocamos muitos e-mails, visitamos os antigos livreiros José Germano, da Livraria São José, e a Dona Margarete Cardoso, da Livraria Kosmos; fomos à oficina de restauro e salão de leilões “Sebo nas Canelas”, na Gamboa, e à biblioteca de raridades do seu amigo, poeta e acadêmico, Antonio Carlos Secchin. Além da banca do Olivar, nossos encontros se davam na sorveteria de esquina entre a Rio Branco e a Almirante Barroso, se não tomávamos sorvete na chegada, estava certo que seria mais tarde. Os sorvetes de pistache e de coco acompanhavam os bastidores das incríveis visitas e apresentações. Desconfio que ele soubesse, como jornalista, apreciar as confissões apenas ditas depois de desligadas as câmeras e os gravadores. Ele anotava daqui e eu anotava dali, falávamos, caminhávamos pela cidade e tomávamos sorvete.

Durante o Seminário “Bibliofilia: Circuitos e Memórias”, organizado pelo Instituto de Estudos Avançado da USP e a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, em novembro de 2018, Ubiratan Machado, como convidado, disse o seguinte:

Hoje, no crepúsculo da vida, inclino-me a admitir que o livro além de ser o melhor amigo do homem tem também vida própria. Os antigos os comparavam a seres vivos dotados de sensibilidade, caprichosos e originais, concordo e acredito que eles, na ausência de seus donos, conversam entre si e até abandonam o seu lugar na estante, cansados da posição vertical, para descansar, deitando-se no chão, possivelmente até passeando pela casa. Talvez isto explique como certos livros desaparecem de nossas vistas, localizados mais tarde nos lugares mais improváveis para onde nunca os levaríamos. Por vezes, tenho mesmo a impressão, ao sair de

casa, de ouvir um confuso rumor de vozes tímidas e ao abrir a porta, de supetão, me parece ver alguns livros pulando de seus lugares da estante. Pode ser ilusão, fantasia ou agravamento daquela loucura mansa que o Mindlin se referia a qual, ao final de contas, vale todas as canseiras da vida.

Trecho da entrevista realizada por mim com Ubiratan Machado. Data: 10/09/2019:

O livro usado, sobretudo, se for raro, exerce uma atração muito grande, particularmente sobre bibliófilos. Não sobre o cara comum que passa ali e compra um livro [apontando para as barracas da Feira de Livros na Carioca]. Eu tenho 22 mil livros. Quando eu vejo um livro no Olivar ou em outro lugar em melhor estado do que eu tenho, eu compro e dou o outro para o Olivar, se for um livro que não vale muito, se valer muito, eu coloco no leilão. Eu guardo os meus livros no meu apartamento de dois quartos. Antes de fazer o livro das capas, os meus livros estavam organizados, depois eu tirei os livros todos para fotografar as capas e não consegui mais organizá-los. E 90% das fotos são da minha biblioteca.

No dia 02 de outubro de 2019, encontrei Ubiratan Machado em Copacabana, estávamos a caminho da residência do poeta Antonio Carlos Secchin, que, a seu pedido, me receberia para conhecer a sua biblioteca e conversar sobre assuntos da bibliofilia. Antes de nos mostrar sua *brasiliense* com quinze mil volumes da literatura brasileira – fechada em quarto ar-refrigerado, desumidificado e sob iluminação escura –, composta desde as suas origens, com a primeira edição de *A Moreninha*, 1844, até antes de 1950, com os modernistas e os romances regionalistas, Secchin nos fez breve apresentação do recorte de sua coleção e das suas preferências quanto à organização. Os livros, ainda sob mistério na sala ao lado, apareciam para mim enfileirados em estantes imaginárias e a cada ponderação sobre a escolha da sua ordem, eu os via saltitando dos seus lugares entre folgas e apertos, encaixados pelas mãos seguras do colecionador:

Eu organizo os livros quase de maneira obsessiva. Cada um tem o seu critério e eu estou convencido de que o meu é o melhor para mim, que é o critério cronológico. Quase ninguém põe a biblioteca neste critério, mas pra mim é o melhor. Eu vejo um desfile cronológico da literatura, autor por autor, livro a livro, dá um imenso trabalho. Eu conjugo dois critérios: em cada período, eu ponho primeiro as obras dos autores que são canônicos, no romantismo, você vai ter Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Augusto dos Anjos e Castro Alves, abre-se com o canônico. Depois, quando entram os de segunda linha, eu tinha adotado e eu modifiquei isso, o critério cronológico deles, mas era muito difícil procurar, porque, às vezes, têm dois autores obscuros, um poeta do Maranhão e outro do Rio Grande do Sul, um publicou em 1869 e o outro em 1870, como eu ia adivinhar e ter na cabeça o ano de publicação de cada um desses, o tempo que eu ia perder pra localizar na cronologia, então, neste caso, fazendo a

divisão por período literário, depois dos grandes nomes, eu ponho os seguintes em ordem alfabética. Antes eu tinha essa obsessão de colocar todos em cronologia e eu vi que era besteira e esta mudança facilitou muito o meu acesso.

Cada bibliófilo faz o seu recorte, inclusive, eu acho que aquele que se interessa por tudo, rigorosamente tudo, acaba não tendo nada, porque tem tal dispersão que fica um amontoado de livros sem nenhuma diretriz e sem nenhuma consequência, fica uma espécie de um armazém de livros que se empilham. Eu creio que a primeira atitude sensata dos bibliófilos é fazer um recorte daquilo que ele vai operar e este recorte pode ter a extensão que ele determinar e a biblioteca dele vai ser o reflexo desse recorte que ele operou. Conhecemos casos, como o do saudoso Waldemar Torres, que para ele só interessava literatura do modernismo em diante, então, se tivesse um Machado de Assis autografado para ele não era nada, ele ia passar adiante, porque não era o recorte que ele fez. Há outros que se fixam mais restritamente em determinado autor ou em um ou dois autores, ou um tema como a Guerra do Paraguai. Quanto mais restrito for o objeto, primeiro tem mais chances de felicidade para o bibliófilo, porque ele tem que compor uma coleção unitária, se for um autor, ele vai sofrer também pra ter tudo deste autor, mas está concentrado. No meu caso, que é a literatura brasileira toda, desde as suas origens até antes da década de 1950, eu acho que depois disso não é que eu não me interesse, é que não é bibliofilia. Os livros dos anos 1970, 80, 90, você pode ler e gostar, mas não é aquela categoria, salve exceções, de livros raros.

Consequentemente, fomos convidados a conhecer seu acervo. As estantes formavam pequenos corredores de prateleiras encomendadas que ocupavam todas as paredes daquele quarto, no lugar das janelas e até o teto. Não seria exagero meu dizer que as encadernações reluziam no quarto semiescuro e despoeirado, elas eram firmes, coloridas e detalhadas em dourado, cumpriam com eficiência e elegância a sua função de protetoras. Meus passos e olhares seguiam as suas mãos, enquanto um lembrava um caso, o outro remexia nos livros buscando a sua prova mais do que material, foi assim que estive cercada de obras raras como nunca antes, a bem da verdade, a distância física e metodológica exigida pela Biblioteca Nacional nunca me permitiram avançar sobre os volumes. Em nenhum deles pus as minhas mãos, seria indelicado, mas pude ver, com toda a atenção exigida para o caso, um dos livros mais intrigantes recém-adquirido pelo poeta e revelado a público pela relevância do que continha: a edição de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, rabiscada e anotada nas margens do texto pelo homem que o matou, em legítima defesa, no dia 15 de agosto de 1909, Dilermando de Assis.

O livro que é uma terceira edição de *Os Sertões*, 1905, publicação que aparentemente não despertaria interesse aos colecionadores, veio às suas mãos como presente da escritora e filha de Dilermando, Dirce de Assis Cavalcanti, autora do livro *O Pai*, de 1998, publicado pela Ateliê Editorial. Outras obras foram escritas na tentativa de interpretar o acontecimento, como o mais recente *Matar para não*

morrer: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis, de Mary Del Priore, e duas outras publicações marcadas pela defesa de cada um dos envolvidos, *A vida dramática de Euclides da Cunha*, de Eloy Pondes, publicado pela José Olympio, em 1938, e a sua resposta escrita pelo próprio Dilermando em *A tragédia da Piedade*, publicada por O Cruzeiro, em 1951. Entretanto, o que nos importa aqui é a história do volume anotado e tampouco – pela ausência de estudo sobre o imbróglio, mas não menos interessada pelo ocorrido – das versões de um ou de outro. Guardo este assunto para ocasiões futuras. Pois bem, “Euclides da Cunha e Dilermando de Assis, dois homens unidos e separados pela mesma mulher, voltaram a encontrar-se e a defrontar-se nas páginas deste exemplar de ‘Os sertões’”, conclui Antonio Carlos Secchin, em reportagem ao jornal O Globo, de 20 de janeiro de 2018:

Podemos catalogar em três espécies as observações críticas de Dilermando: positivas, neutras e negativas. As primeiras são, de longe, as mais escassas, apenas cinco, em meio a centenas de neutras e negativas. Reportam-se a momentos em que ele se deixou levar pela magia e força verbal de Euclides: “bonito” (duas vezes), “m.b.” (muito bom?), “belíssimo”, “formidável”. As neutras representam, quase sempre, esclarecimentos ou desdobramentos de informações veiculadas no livro. As negativas são de várias naturezas: contestam informações históricas, refutam observações sobre procedimentos militares, assinalam as contradições de várias passagens, discordam de juízos de Euclides. Chegam a minúcias gramaticais, assinalando deslizos de pontuação, de regência verbal, de colocação de pronomes, dando-se ainda ao requinte de apontar duas redundâncias (“chimarrão amargo”, “angustura estreita”) e um cacófato (“mesma massa”). Às vezes, o tom se eleva contra as afirmativas euclidianas (“Que barbaridade!”, “É mentira”).¹²⁴

Diferente de bibliófilos tidos como “intransitivos” por Antonio Carlos Secchin, aqueles que pouco ou nada leem e ainda reclamam das “marginalias” que ocorrem em alguns bons livros para colecionar, o poeta percebe nas informações peritextuais, dedicatórias e manuscritos de leitura, em diversas abordagens, a grande preciosidade de uma obra considerada valiosa. Inversamente ao que se procura nos catálogos de obras raras endereçados aos “bibliófilos entesouradores”, aqueles cuja noção de raridade está na posse de uma obra antiga e intocada e menos nas suas marcas como valor intrínseco à sua antiguidade. Dito pelo autor, ao lado de Ubiratan Machado, no mesmo *Seminário Circuitos e Memórias*, realizado em

¹²⁴ Ver: <https://oglobo.globo.com/cultura/os-sertoes-embate-de-euclides-da-cunha-dilermando-de-assis-continua-22308941>

2018, na Biblioteca Brasileira, na USP: “este desserve ao patrimônio, porque este coleciona livros como colecionaria caixas de fósforos ou asas de borboleta, ele não coleciona, ele sequestra os livros, ele os enclausura em uma fortaleza ou num *bunker* inacessível aos outros pela vaidade pessoal ou pela volúpia da posse” e ainda “há os bibliófilos que sabem que todo acervo acumulado, a rigor, não lhes pertence, eles são os guardiões provisórios deste patrimônio que necessariamente vai fluir e deve fluir na direção do outro”. Afinal, com muitas sutilezas, dedica-se à rotina dos bibliófilos, ao seu modo, Secchin destaca a riqueza de símbolos do imaginário literário presentes nos livros da sua coleção particular, ressaltando a sua trajetória de livro, ainda que raro, usado. Antes de chegar ao leilão ou às vitrines de livrarias especializadas, estes volumes residiram, temporariamente, nas prateleiras de antigos proprietários e foram relidos e readquiridos, frequentaram sebos e feiras e passaram de mão em mão no tempo da sua juventude livresca, desde cem ou duzentos anos, quando as suas edições ainda eram frescas.

7.2 As fichas da Livraria Kosmos

A biblioteca de Rubens Borba de Moraes, por pouco, não veio ocupar as estantes de preciosidades da Livraria Kosmos, fundada em 1935, na Rua do Rosário, 137, no Rio de Janeiro, distinta casa de livros valiosos, onde circulavam obras de viajantes estrangeiros sobre o Brasil, desde o século XVI até as coleções de Rio Antigo do século XIX e princípio do XX, papéis, documentos, gravuras e belas primeiras edições - Hans Staden, Hippolyte Taunay, Caspar Barlaeus, Jean-Baptiste Debret, Johann Moritz Rugendas, Maria Graham. Dona Margarete Cardoso, que iniciou sua trajetória de livreira na Kosmos, em 1960, amiga do Ubiratan Machado, por quem tive o prazer de conhecê-la, perguntou-me, na ocasião de nossa visita: “Certamente, você conhece ou já teria ouvido falar na *Bibliografia Brasileira* de Rubens Borba de Moraes”, sim, eu conhecia *O Bibliófilo aprendiz*, sua obra mais acessível ao entendimento de amadores no assunto das coleções de livros raros, contudo, até aquele momento, a consulta e leitura de sua bibliografia não havia me ocorrido. Livro de trabalho, de cabeceira, aquele volume sempre à mão, mesmo enorme, uma bibliografia deve ser consultada frequentemente no balcão de uma livraria especializada em antiguidades raras. Folheando o seu exemplar, conversávamos, no dia 25 de setembro de 2019, acomodadas em sala

ampla e rodeadas de livros; Dona Margarete, hoje, é uma livreira independente, atende a pedidos de avaliação, organização, compra e venda de bibliotecas particulares ao lado de seu amigo e muito antigo cliente e advogado, com quem compartilha um confortável escritório no centro da cidade. Em seu livro de memórias, *Testemunha Ocular: Recordações* (2011), publicado postumamente, Rubens Borba de Moraes narra, em anotações, o desfecho e destinação dos seus livros, em meados da década de 1980, no final da sua vida:

Resolvi vender meus livros a um livreiro antiquário, este os ofereceria em bloco a outro livreiro americano que a venderia na sua totalidade a uma universidade. Era muito mais prático e rápido. Evitava-se maçadas e esperas. Quando fui procurar meu amigo Stefan Geyerhahn da Livraria Kosmos de São Paulo e disse-lhe que estava resolvido a vender meus livros raros sobre o Brasil, ele passou a mão no telefone e falou com seus sócios no Rio. Dias depois compareciam a minha casa o Walter e o Stefan sobraçando um mundo de catálogos, bibliografias e listas de preços de leilão. Começamos a avaliação. Durou umas três tardes. Foi muito divertido. Às vezes, eu achava que um volume valia, digamos, oitocentos dólares. Procurando numa lista de leilão, verificava-se que valia mil. Outras vezes, era o caso contrário que se dava ou não havia pista para dar o preço à obra. Fazíamos uma avaliação ou estimativa. Chegamos a um total de 80 mil dólares arredondados, pelos mil e setecentos volumes. A Livraria Kosmos ficou com medo de empregar uma quantia tão alta na compra. Preferiu não se arriscar e propôs-me oferecer a coleção em bloco a um livreiro americano e ganhar uma comissão sobre a venda. Fiz a contraproposta seguinte: nada tinha que ver com o negócio da revenda. A Kosmos pagar-me-ia o preço da avaliação em duas prestações anuais, em moeda brasileira ao câmbio do dia. Combinamos o prazo de trinta dias para fechar definitivamente o negócio. Neste ínterim meu velho amigo José Mindlin veio almoçar em casa. Conte-lhe o negócio. O José exclamou: “Mas por que você não me ofereceu o negócio? Por esse preço eu compraria!” Respondi-lhe que não imaginava que ele se interessasse por essa parte da minha biblioteca uma vez que ele possuía exemplares de muitas e muitas obras e ficaria com um mundo de duplicatas. Eu sentia muito, pois gostaria que meus livros ficassem na mão de um amigo onde eu os pudesse ver de vez em quando. Mas agora era tarde, a Livraria Kosmos estava com a opção de venda e eu não poderia voltar atrás. José Mindlin entendeu-se com a Livraria Kosmos: pagou-lhe uma comissão e ficou com os livros. Fiquei contente com essa solução, pois minha coleção foi parar nas mãos de quem, de fato, entende de livros e os sabe apreciar. José Mindlin possui hoje a melhor biblioteca de livros raros que existe em mãos de particular no Brasil.¹²⁵

Filha de alemães, a livreira Margarete Cardoso inicia sua trajetória com os livros como aprendiz na Kosmos, a então tradicional livraria de novos e usados, especializada em obras estrangeiras no Rio de Janeiro, fundada por Erich Eichner e Norbert Geyerhahn. Desde a infância, Dona Margarete fala além do português, o inglês e o alemão fluentemente, apresentando excelente perfil para as exigências do

¹²⁵ MORAES, R. B. 2011, pp. 233-234.

trabalho; seu pai costumava ler uma revista semanal, um periódico tipo jornal, que circulava na comunidade alemã da cidade, nele constava um anúncio da Livraria Kosmos contratando alguém que soubesse idiomas, nesta época, ela pensava em ficar noiva e preparar-se para o casamento, boa ocasião para aprender uma profissão, “meu pai me pegou pelo braço e me levou lá pra Kosmos e foi o Sr. Eichner que me entrevistou e me aceitou, porque a senhora que trabalhava lá voltaria para a Suíça. Eu fiquei e aprendi tudo praticamente com ele que sabia de cor e salteado tudo”, dizia-me em entrevista, lembrando da articulação completa de conhecimentos do ofício apresentada pelo livreiro que “sabia desde como se entinta um livro, faz o papel, sabia tudo. E eu fui me interessando cada vez mais e fiquei por quase cinquenta anos, foi em março de 1960, eu tinha vinte anos incompletos”. Depois do falecimento de Norbert Geyerhahn, em 1942, Walter e Stefano Geyerhahn, seus filhos assumem a Livraria, com Stefano na filial de São Paulo e Walter dirigindo a matriz no Rio (MACHADO, 2012: 215), com quem Dona Margarete trabalhou dali em diante.

Figura 50: Livros e lupa da livreira Margarete Cardoso



Fonte: fotografia da autora.

Da Kosmos, em 1935, surge a Rio Kosmos, em 1999, depois do falecimento dos sócios, com Dona Margarete Cardoso e Barbara Ann Gehrels, filha de Stefano Geyerhahn, à frente da livraria; a Kosmos retorna com seu nome de fundação em 2003, dirigida por Barbara e seu marido, quando dividem o mesmo prédio de seis

andares na Rua do Rosário, de 137 para 155, com a recém-fundada Livraria Rio Antigo, de Dona Margarte Cardoso. “Mas é como se fosse um bichinho que está dentro da gente e nos faz nunca largar os livros”, contava-me em entrevista (25/09/2019), com o fim da Rio Antigo em 2016, “com a idade e com as coisas cada vez mais difíceis, eu resolvi sair e a Livraria Rio Antigo acabou e eu fiquei pensando no que fazer”, assim:

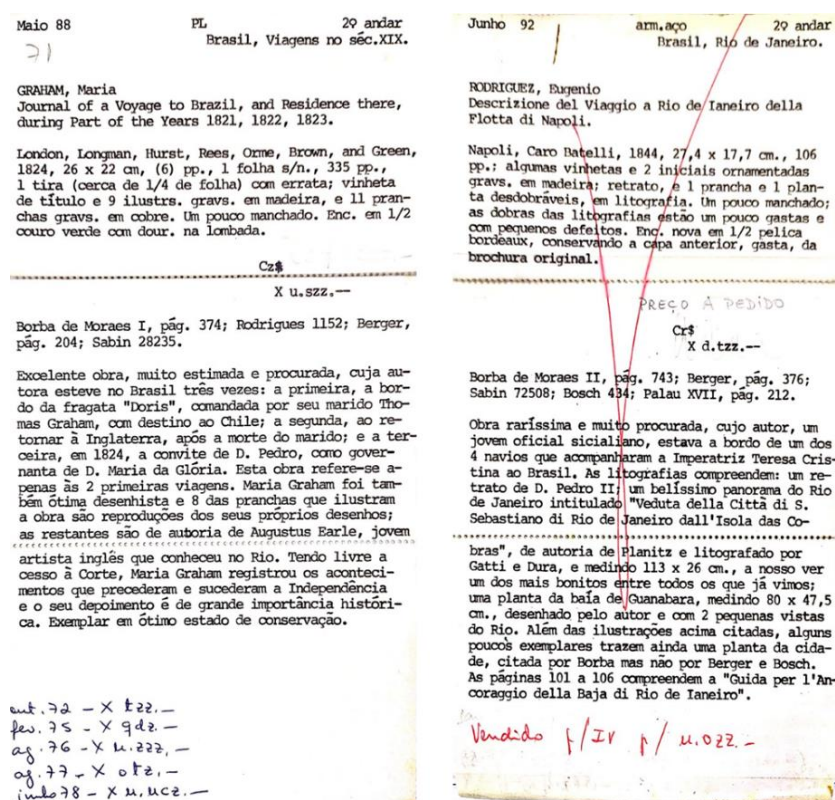
Eu fiquei pensando que em vez de ter uma livraria onde eu precisaria chegar e fechar numa determinada hora e tudo, eu podia fazer um tipo de *freelancer* e me dedicar a organizar mais bibliotecas, avaliar bibliotecas, e com as poucas coisas que ficaram comigo e que estão lá em casa e que eu não vendo mesmo, e com o contato de muita gente, deu certo. Hoje eu estou aqui na parte da tarde, mas, às tardes, eu tenho ido encontrar um grande amigo também daquela época que é procurador e que tem uma biblioteca completamente de cabeça pra baixo e me perguntou se eu não queria organizar pra ele, e eu estou fazendo. Eu vou lá todas as tardes e faço a ficha dos livros e organizo todas as coisas. Eu faço a avaliação também, às vezes, da biblioteca inteira, às vezes, de lotes menores, é o que eu tenho feito e isso me satisfaz, porque eu fico com os dias completamente preenchidos, mas tenho a liberdade de poder fazer o que eu quero, se eu resolver passar uma semana fora, eu passo ou se eu quiser viajar, eu viajo sem a obrigação e sem a rotina. Eu fiquei com uma parte dos livros. Os livros que estão na minha casa são os que eu ganhava de presente dos escritores ou de empresários, são livros belíssimos com dedicatórias que eu não vendo de maneira nenhuma. E tem os livros que eu comprei, porque eu gosto de livros e gosto de ler. Quando a livraria fechou, ela não tinha dinheiro, então, eu fiquei com uma parte dos livros e estes eu coloquei aqui no escritório e à venda. O que a minha filha vai fazer futuramente com os meus livros, quando eu morrer eu não sei, eu fiquei com alguns mais pra ter uma lembrança mesmo da livraria.

Ela abre um armário de aço, tipo fichário, com cinco gavetas largas e profundas, contendo vinte mil fichas muito organizadas, guardadas ali, naquele mesmo móvel durante mais de cinquenta anos. Certamente, sua mais importante *memorabilia*, as fichas com anotações das obras mais valiosas negociadas no Rio de Janeiro de sua época, entre brasileiros e estrangeiros colecionadores, “as fichas não representam hoje os livros que eu tenho, elas são a minha história”. Os livros se foram, quem sabe até retornam um dia às suas mãos? Grandes bibliotecas particulares montadas e desmontadas, ao longo de meio século, deixam os seus rastros naquele fichário:

Quando eu comecei a trabalhar, um dos donos da livraria Kosmos, um grande conhecedor de livros, me deu uma quantidade enorme de livros para fichar, então, elas lembram muito o que as bibliotecárias fazem, mas elas eram ainda mais detalhadas. Segue a mesma ordem, só que mais detalhada. São as fichas de livros que entravam e que eram vendidos na livraria e foram guardadas pra sabermos o que tínhamos e se, por um acaso, eu recebesse outro, eu já poderia aproveitá-las.

As fichas não representam hoje os livros que eu tenho, elas são a minha história. Hoje o que eu tenho à venda são muito poucos, se muito são 150 a 200 livros, mas não quero ter mais do que isso. Nós vendemos um conjunto de 132 obras só de Luiz de Camões, desde a primeira edição, [ela me mostra uma gaveta com diversas fichas dos livros de Camões, nos mais diversos idiomas, nas mais diversas edições]. Nas fichas, eu coloco os preços, em cruzeiro ou em cruzado, [e em dólar] têm fichas também de documentos como alvarás. Na livraria, todas as prateleiras tinham, então, uma numeração e esta numeração aparece na ficha. Quando não tem autor, a gente coloca pela palavra-chave, [ela me mostra a ficha de um documento de 1807 onde D. João VI avisa sobre a transferência da Corte de Portugal para o Brasil]. Eu não digo quantas páginas ou tipo de encadernação para todos os livros não, eu faço um pequeno histórico dele. Agora, um livro que custa 40 ou 80 reais eu não faço, a não ser que ele dê uma notícia sensacional para a época. Eu posso colocar na minha ficha “livro raro” e “livro difícil” e também coloco “obra estimada e difícil de ser encontrada”.

Figura 51: Fichas da Livraria Kosmos

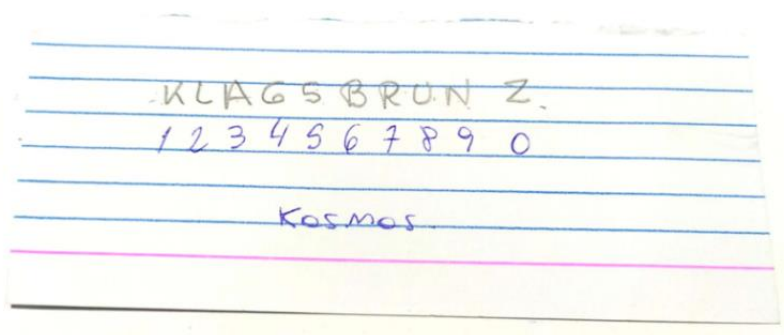


Fonte: fotografia da autora.

Os valores nas fichas estavam anotados em códigos de letras. Na primeira ficha, GRAHAM, Maria, *Jornal of a Voyage to Brazil*, hoje negociado na Amazon por 12 dólares, na edição de 2010, e 1.875 dólares em sua primeira edição, leiloado

em 2009 pela Christie's,¹²⁶ em maio de 1988, custava “X u.szz” na Livraria Kosmos, o equivalente a 8.500 dólares. Na segunda ficha, RODRIGUES, Eugenio, *Descrizione del Viaggio a Rio de Janeiro della Flotta di Napoli*, custava, em junho de 1992, na Livraria Kosmos, “X d.tzz”, o equivalente a 2.300 dólares. Em cada ficha, uma diferente moeda em circulação, “Cz\$”, Cruzados e “Cr\$”, Cruzeiros, e em cada qual um código de precificação distinto. Por coincidência, duas fichas apresentam moedas e códigos distintos, a escolha delas foi feita pela Dona Margarete, ao procurar destacar fichas de obras, a seu ver, importantes; pois bem, Rubens Borba de Moraes alertava os bibliófilos, em seu manual, tentando decifrá-los: “escolhem uma palavra de dez letras, na qual nenhuma é repetida, e convencionam que a primeira vale um, a segunda dois, e assim por diante, até a última, que vale zero. A palavra-chave é conhecida somente pelos empregados”, desta maneira, “o freguês fica obrigado, portanto, a perguntar ao livreiro o preço do livro e este a traduzir o valor das letras convencionais em algarismos, para informar ao comprador. Essa velha tradição de negociantes perdura até hoje, não só entre livreiros, mas entre joalheiros e antiquários em geral” (MORAES, 1998: 34).

Figura 52: Código de letras e números da Livraria Kosmos



Fonte: fotografia da autora.

Não vamos esquecer do que disse Jorge Luís Borges sobre as infinitas combinações de símbolos em códigos, em *A Biblioteca de Babel*:

Não posso combinar certos caracteres

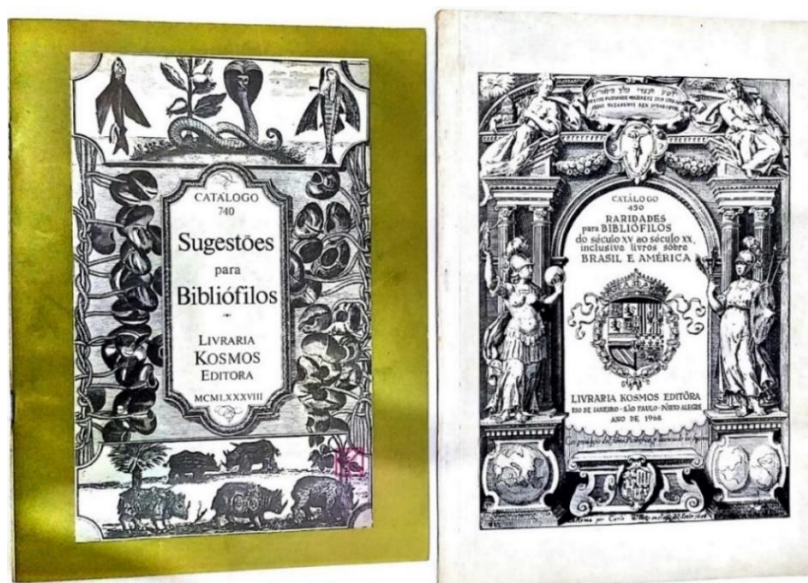
dhcmrlchtdj

Que a divina Biblioteca não tenha previsto e que nalguma de suas línguas secretas não contenham um terrível sentido (BORGES, 1996: 91).

¹²⁶ Ver: <https://www.christies.com/lotfinder/Lot/graham-maria-1785-1842-journal-of-a-residence-5281682-details.aspx>.

A livraria Kosmos tinha um código de preço nos livros e quando eu entrei pra Kosmos, em 1960, era o seguinte: com os números de 1 a 9 e 0. Então, 1 começa com U; 2 começa com D; 3 com T; 4 com Q; 5 com C; 6 com S; no 7 já seria ST com tracinho embaixo; 8 com O; 9 com N; e 0 com Z. Mas este era o código da Kosmos, outras livrarias criaram outros diferentes, e anos depois nós acabamos mudando e usamos o sobrenome do marido de uma senhora que trabalhava na livraria, porque um dos nossos clientes acabou descobrindo o negócio. Se você raciocinar um pouco é tão óbvio. “OZZ” é 800. “STCZ” é 750. A letra X em maiúsculo na frente seria dólar. Então era só multiplicar pelo dólar da época. “XDQ” seriam 24 dólares. Nós passamos uma época aqui no Brasil em que o dinheiro mudava de um dia pro outro, era uma loucura. Este código permitia a alteração dos preços de acordo com a inflação. Depois que o real entrou é que eu passei a colocar o preço mesmo em reais. O marido desta funcionária se chamava “KLAGSBRUNZ”, que seria: K1; L2; A3; G4; S5; B6; R7; U8; N9; Z0. Nós precisaríamos de um nome que não tivesse letras repetidas, então, seria o seu sobrenome seguido do Z para o 0. Este foi o nosso segundo código. Quando os chefes viajavam muito para a Europa, naquela época, comprava-se muito na Europa, no início, eles colocavam o preço de custo e o preço de venda. Um belo dia, alguém descobriu e veio tirar satisfações sobre o preço de custo do livro e a diferença dele pra venda, foi um desaforo, aí nós resolvemos mudar para este e nunca ninguém descobriu. (Entrevista. 25/09/2019).

Figura 53: Catálogos da Livraria Kosmos



Fonte: fotografia da autora

Constituindo documentação e memória da antiga Livraria Kosmos, os seus mais de setecentos catálogos são “como vestígio de outra realidade histórica”, assim como, os catálogos da Garnier consultados por Eliana de Freitas Dutra para o artigo

*Leitores de Além-Mar: A Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil*¹²⁷, (DUTRA, 2010: 68) “uma vez que, por meio de antigos catálogos da livraria Garnier – os quais, ao perdurar do tempo, mostram-nos o que seus editores propunham aos leitores de outrora.” Para Lucien Lefebvre, em *O Aparecimento do Livro*, a publicação de catálogos é uma prática reconduzida nos tempos e “a partir de 1470, e sem dúvida antes, os agentes dos grandes editores, já o vimos, haviam adquirido o hábito de fazer listas, a princípio manuscritas, depois impressas, dos livros que podiam oferecer” (LEFEBVRE, 1992: 333). “Tratando-se de velhas novidades, ou de *Sugestões para Bibliófilos e Raridades para Bibliófilos*”, pois na década de 1940, (MACHADO, 2012: 214-215) “na Europa em crise, (...) com a sequência de viagens ao exterior, conhece praticamente todos os livreiros-antiquários do mundo, com os quais mantém correspondência. Durante muitos anos, representa no Brasil a casa de leilão *Sotheby’s*, de Londres”. Depois da Garnier, pioneira na produção e distribuição de catálogos, contendo as suas melhores obras, a Livraria Kosmos, mantida no Brasil como uma livraria antiquário no modelo estrangeiro de comercialização de livros raros, deu prosseguimento à elaboração dos *Livros de Ocasão* ou como intitulavam-se as suas edições internacionais feitas para a sua clientela de fora *Erster Deutscher Antiquariats Katalog* e *American and English Books*.

Finalmente, os catálogos da Livraria Kosmos são realmente bonitos e caprichados, atualmente são anunciados na Estante Virtual a módicos valores para pesquisadores e interessados em geral nas publicações de época das livrarias nacionais; durante a nossa entrevista, quando fui ao seu escritório acompanhada do escritor Ubiratan Machado, Dona Margarete me presenteou com três números de catálogos, dois deles fotografados e apresentados aqui na figura 53, as anotações das letras na figura do seu código foram anotadas por ela, a lápis, e por mim, à caneta, como num exercício proposto de mestre para aprendiz naquele momento, então, eu olhava as letras e anotava o seu significante embaixo. Quando vejo os seus catálogos em minhas estantes, lembro-me de Umberto Eco, pois “todos sabem que os bibliófilos leem os catálogos das livrarias de antiquariato como fascinantes representações de um país de Cocanha, ou dos desejos”, citando Pieter Bruegel, em

¹²⁷ Artigo publicado em: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (ORGs). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

A vertigem das Listas, (ECO, 2010: 377) “e se delicia tanto quanto um leitor de Júlio Verne se deleita explorando o fundo dos oceanos silenciosos e descobrindo inquietantes monstros marinhos.”

7.3 As fotografias da Livraria São José

Carlos Drummond de Andrade era assíduo frequentador da Livraria São José nos seus tempos áureos, de quando quem o atendia era o “Mercador de Livros”, como gostava de ser chamado o livreiro Carlos Ribeiro. Comum aos funcionários públicos do centro da cidade, escapar na hora do almoço, antes e depois do expediente para percorrer as livrarias. Drummond trabalhava no Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Palácio Capanema, a três esquinas da Rua São José, número 38, onde o livreiro José Germano da Silva iniciou a sua trajetória com os livros, em 12 de dezembro de 1952, aos quatorze anos de idade. Nesta época, desde 1941, Drummond mantém a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário, na Revista *Euclides*. Carlos Ribeiro publica uma pequena edição em livreto com apenas cem exemplares de *Soneto da Buquinagem*, para presentear amigos e clientes no natal de 1955, uma homenagem de Drummond à Livraria São José.

Soneto da Buquinagem

Buquinemos, amiga, neste sebo.
A vela, ao se apagar, é sebo apenas,
e quero a meia-luz. Amo as serenas
angras do mar dos livros, onde bebo

– álcool mais absoluto – alheias penas
consoladas na estrofe, e calmo, e gebo,
tiro da baixa estante sete avenas
em sete obras que pago e que recebo.

Amiga, buquinemos, pois é morta
Inês de antigos sonhos, e conforta
no tempo de papel tramar de novo

nosso papel, velino, e nosso povo
é Lucrécio, e Villon, velhos autores,
aos novos poetas muito superiores.

Aqui, ali

Cinco horas. Livraria São José.
 Gente, bulício. A novidade é
 uma sombra que salta do refugio
 e lépida se mostra: Victor Hugo.
 O Carlinhos não deixa passar nada:
La Légende des Siècles, celebrada
 um século depois, mas que beleza!
 Esta a glória maior, sutil riqueza.
 E ouvindo o que nos diz Ubaldo Soares,
 hugoanas rimas bailam pelos ares.
 Olhe que esse velhinho tem cartaz!¹²⁸

A Carlos Ribeiro

Que desejo ao grande livreiro
 meu amigo Carlos Ribeiro?
 Que entre livros e amigos viva
 uma existência sempre ativa;
 e sua vida seja como
 um delicado e nobre tomo
 (quem ama assim seu ofício
 insculpe o melhor frontispício);
 e não haja o menor desgosto
 manchando a página de rosto;
 e que tenha como prefácio
 um verso de Pope ou de Horácio;
 que no fim de cada capítulo
 sorria sempre um novo título
 (não protestado!) de esperança;
 da primeira à segunda parte,
 tudo obedeça às regras da arte;
 e que este livro continue
 como a obra completa de Ruy,
 por muitos e ditosos anos,
 queira assim Deus em seus arcanos.
 Que portanto o grande livreiro
 meu amigo Carlos Ribeiro
 na São José viva tranquilo,
 entre uma ‘princeps’ de Camilo
 e tratados de Auguste Comte,
 enquanto fulge no horizonte
 aquela estrela benfazeja
 dos buquinistas. Assim seja.¹²⁹

Na Rua São José, 38, em 1926, foi instalar-se a Livraria Internacional Briguiet, de Ferdinand Briguiet, neste endereço ficou até 1936, quando retorna à elegante Rua do Ouvidor para unir-se a Garnier, formando a Briguiet-Garnier. A

¹²⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. 2017, p 92.

¹²⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. 1955.

Rua do Ouvidor, morada das primeiras e mais importantes livrarias do Rio de Janeiro até a década de 1920, teve como sucessora a popular Rua São José, repleta de livros, “o reino mágico dos alfarrabistas e dos leiloeiros (...), em 1925, há quinze sebos na pequena rua”, nos diz Ubiratan Machado em *História das Livrarias Cariocas* (2012, 167). Para este mesmo número, 38, deixado pela Briguiet, foram em mudança, um ano após a sua inauguração, apenas atravessando a rua, do 35 para o 38, em 1936, os livreiros José Oliveira Vaz da Silva e Eduardo Vicente Mola, um português e o outro italiano, fundadores da Livraria São José; numa época em que nomes de livrarias correspondiam aos de sua família ou da Rua que os abrigava. (MACHADO, 2012: 198) “Com essa livrallhada toda, não é de se admirar que os anos 1930 sejam a época das luzes da Rua São José como mercado de livros usados, (...) o trecho situado entre a Avenida Rio Branco e a Rua Primeiro de Março, o maior corredor de sebos do país”.

A história de Carlos Ribeiro na São José inicia-se em 1947, antes disso, o jovem Carlos foi aprendiz no sebo mais antigo da Rua São José, a Livraria do Povo, 1883, ou apenas Livraria Quaresma, de Pedro da Silva Quaresma e depois de José de Matos, aos catorze anos de idade, em 1922, permanecendo por lá até 1940, por quase vinte anos. Carlos Ribeiro na Livraria São José promoveu um grande encontro de escritores, personalidades, políticos e bibliófilos. O prestigiado livreiro tinha como sócio Walter Cunha, que também aprendeu o ofício quando jovem na Livraria Sant’Anna, de seu tio José Augusto de Sant’Anna. Do número 38, a livraria avança para mais dois e “cada prédio recebe um nome, homenageando uma personalidade do meio livreiro e literário: o de número 38 é batizado de Paula Brito, o 42 de Itabira, e o 40 de Lojinha Passárgada” (MACHADO, 2012: 279); Drummond, Plínio Doyle e também José Mindlin, em visita ao Rio, frequentavam a São José, (MINDLIN, 2004: 74) “a Livraria São José, de Carlos Ribeiro, onde a gente permanentemente tinha bons encontros intelectuais e se defrontava com fortes tentações (...), não é difícil imaginar quantos livros vieram de lá aqui pra casa.” Durante a década de 1950, “a livraria fervilhava. Era um caldeirão”, escreve Ubiratan Machado, jornalista e já frequentador da São José nestes tempos, o estoque ultrapassava cem volumes, em 1954, “mais fogo ainda com o lançamento de uma novidade que fez furor: as tardes de autógrafo. O primeiro foi Manuel Bandeira, com Itinerário de Passárgada” (MACHADO, 2008: 142).

Entretanto, livros vêm e vão e as distintas livrarias cariocas também, afinal, como os livros, não estão imunes ao movimento, à circulação e, sobretudo, à indeterminação. Hoje o livreto de *Sonetos da Buquinagem*, com xilogravuras de Manuel Segalá, tornou-se ainda mais valioso e pode ser consultado na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, na USP, acrescentando ao afeto da sua edição, ainda muitas décadas sobre o evento, e não só pelo tempo, sobretudo pela ocasião, no *Catálogo das Artes*, portal virtual especializado em cotações de Artes, Antiguidades e Colecionismo em geral, consta seu valor de venda em leilão: R\$ 1.900,00; USD 861.76; € 637.78, em 2013, por 63º Babel Livros.¹³⁰ Carlos Ribeiro brilhava como anfitrião nos três salões da São José, por ele, bons livreiros se formaram, cresceram e seguiram com outros livros e outros endereços. Na ausência de filhos interessados na profissão, elemento essencial na dinâmica tradicional e circular do negócio de livros, em 1975, com muitas dívidas, o livreiro desfaz a sociedade com Walter Alves da Cunha, responsável pela administração da São José, os três sobrados são vendidos para uma imobiliária e depois derrubados, transfere-se o número 70 da mesma rua e depois para a Rua do Carmo, 61, em poucos anos, em 1979, decide morar em Petrópolis e descansar na velhice, assim, (2012, 278) “vende o negócio por um preço camarada, em suaves prestações, para os seus empregados: Carlos dos Santos Vieira, José Germano da Silva e Adelino de Marins Espíndola”.

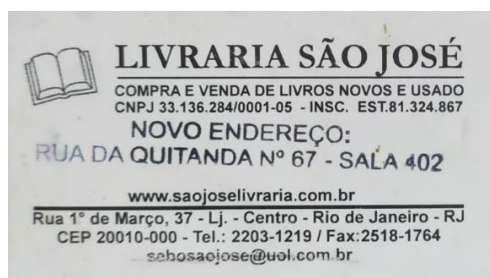
A partir daqui, fechamos a trajetória de Carlos Ribeiro e nos voltamos a pensar sobre as memórias de José Germano da Silva, que desde os catorze anos de idade trabalhou em livraria, inicialmente, como entregador e nos serviços gerais, passando a atendente, depois livreiro responsável pelo balcão de livros jurídicos – uma especialidade da São José –, enfim, torna-se um dos sócios da livraria e herdeiro do seu nome. Agora, a livraria São José acompanha José Germano, primeiro para a Rua do Carmo, 61, seu endereço por mais trinta anos, depois para a Rua Primeiro de Março, 16, em 2004, quando fecha as suas portas de rua, em 2014, e sobe para uma sala comercial, discreta e suficiente, na Rua da Quitanda, 67.

Acompanhada, pela primeira vez, do escritor Ubiratan Machado, fomos ao encontro do Seu Germano para uma conversa sobre livros, no dia 18 de setembro de 2019. Num outro dia voltei sozinha, em 10 de outubro de 2019, com o seu cartão

¹³⁰ Ver: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DeeBGccA/>.

de visita nas mãos, eu ainda queria ouvir e fotografar algumas coisas; enquanto caminhava pelas ruas do Rio, lembrava-me do ano de 2005: meu primeiro ano na faculdade de Ciências Sociais, meu primeiro ano morando no Rio de Janeiro e o primeiro sebo que conheci, a Livraria São José, na rua Primeiro de Março, localizada ao lado do Centro Cultural Banco do Brasil, onde eu passeava constantemente, nesta época, a São José era um *sebo*. No dia dezoito, o livreiro nos aguardava às 15h, enquanto isso, a sua filha, que ajuda, cadastrava os livros no *Portal do Livreiro*, decididos a deixar a Estante Virtual. A São José foi um dos últimos sebos a aceitar o convite da Estante Virtual, a sua conta permaneceu ativa por dez anos, e um dos primeiros a desistir do negócio.

Figura 54: Cartão de visita da Livraria São José



Fonte: fotografia da autora.

Anotações no caderno de campo. Data: 18/09/2019.

José Germano é a Livraria São José. Ele ainda vende obras importantes, livros raros na área do Direito, vende por telefone para pessoas certas, nunca colocou em leilão, prefere vender pra um amigo, “é mais honesto, é pra estudar”, possui cinco mil livros à venda. Hoje trabalha num escritório alugado. Na Rua Primeiro de Março pagava oito mil reais de aluguel e quando fechou pediram vinte mil. Mora na Ilha do Governador e vem pro centro da cidade pelas barcas. Chega às 8h e sai às 16h30min. Passa o dia lendo, toma café com os amigos, organiza os livros. Nos anos de 1970, a São José foi o maior sebo da América do Sul, disse-me com orgulho, “Pablo Neruda chegou a ser nosso cliente. O apelido do Carlos Ribeiro era “O Mercador”, mercador do livro”. Enquanto falávamos de livros raros, ele disse que os guardava “no mocó”, fiquei curiosa, então, ele se levanta e abre uma de duas portinhas de madeira pintadas de branco e embutidas na parede, eu imagino que ali, talvez atrás delas, houvesse um antigo cofre. Nada feito, era uma minicozinha com pia e dispensa! Rimos muito. Depois ele nos mostra os seus livros raros que estavam, assim como os outros, numa estante aberta, todos reunidos numa estante só, os seus melhores livros. O livro mais caro que já vendeu custou 1.180 dólares, quando a livraria ficava na Rua do Carmo. Ele me mostra a técnica de amarração com barbante para guardar livro muito antigo e não danificar, o barbante absorve a umidade e não deixa marca na capa, o livro fica guardado fechadinho. Muitos livros passaram por suas mãos durante mais de meio século de profissão, mesmo assim, ainda existe um livro importante para o livreiro que lhe causaria muita alegria possuir, ou mesmo apenas ver, o *Pandectas*, do imperador bizantino Justiniano. José Germano avalia bibliotecas e, se a biblioteca é vendida,

ele ganha além do serviço mais 1% sobre a venda de cada volume. O que ficou dos 300 mil livros da São José hoje? Jurídicos em primeiro lugar, a tradição da livraria; Direito Administrativo; Música Popular e de estudo para a faculdade, estudantes da UFRJ procuram ele; Ciência Política e alguns volumes raros das mesmas áreas.

Figura 55: São José - livreiros reunidos no final do expediente.



Fonte: fotografia da autora da fotografia do acervo particular de José Germano. Da esquerda para a direita, José Germano é o segundo em pé, exatamente embaixo da letra “S”.

Figura 56: Os livreiros com Carlos Ribeiro e Walter Cunha



Fonte: fotografia da autora da fotografia do acervo particular de José Germano. Nas pontas, Carlos Ribeiro veste terno escuro e Walter Cunha veste camisa clara com os braços para baixo. José Germano veste camisa listrada.

Figura 57: Porta retratos do São do livreiro José Germano



Fonte: fotografia da autora.

Anotações no caderno de campo. Data: 09/10/2019.

José Germano me conta que, na livraria da Primeiro de Março, tinha um cofre de ferro enorme com senha de número para os livros raros. Quando a São José fechou na Primeiro de Março, ele chamou um papeleiro pra levar os livros, nesta época eram por volta de vinte mil volumes. Uma parte foi pra reciclagem e o mais valioso ficou com ele, Germano ficou com os olhos cheios d'água quando lembrou. O livreiro mostrou-me um livro de 1912, o original e a cópia, feita a seu pedido pela Biblioteca Nacional, uma edição fac-similar perfeita, em microfilmagem, de *LE OBBLIGAZIONI*, de Federico Carlo di Savigny, não vale como a edição original, mas muita gente encomenda pra ele e compra. José Germano prefere vender fac-símiles para estudantes e guardar as edições autênticas. Tratava-se de um livro jurídico italiano, eles são muito procurados e o livreiro os tem. Seu tesouro. Sua herança. Mas não só, Seu Germano coleciona convites de formatura. Quase todos são de clientes que, desde a faculdade, pediam a ajuda dele como livreiro. Então, ele tem muito orgulho de ter “ajudado a formar” muitos advogados, gente inteligente, importante. Convites de formatura em Direito. Fala com muito afeto. José Germano teve um filho advogado que tirou dez na OAB, seu filho é falecido. Neste dia, o seu Germano estava bastante emocionado, e também rimos muito, lembramos de casos emocionantes. Ele foi “buscando na memória” e falando. Contou o caso de um marcante lançamento de livro na Livraria São José, era do Político Oswaldo Orico, que também escrevia, sua filha era uma atriz de cinema brasileira que interpretou Maria Bonita em filme sobre Lampião e o Cangaço. Ela era muito conhecida e muito elegante, assim chegou ao lançamento brilhante com salto muito alto e saia muito curta, todos os olhos eram pra ela. Ele estava servindo bebidas neste dia, como garçom, e ela veio pedir uma dose de uísque, ela queria apenas com gelo, ele a serviu, chamando de senhora com respeito, então ela virou-lhe e disse “apenas você” e jogou um beijinho. Tem um rapaz que está escrevendo um livro sobre o dono da São José, Carlos Ribeiro, e sempre o procura para conversar. Este rapaz lhe presenteou com fotos antigas da livraria, dos funcionários, da rua. Ele encomendou molduras para estas fotografias e as expõe

entre os livros, numa sala repleta de estantes. Seu Germano também tem fotos ampliadas, quadros de parede grandes da equipe de funcionários no salão da livraria, “as secretárias do patrão”, os vendedores, livreiros, atendentes... Reunidos lado a lado na foto, ele tinha vinte e poucos anos. O livreiro ficou com este quadro depois que a livraria fechou e com mais outro um pouco menor e da mesma época, neste, alguns rapazes estão reunidos na calçada, à frente da livraria já fechada e esperam para saírem juntos, iriam a um jogo de futebol.

7.4 Leilão sem uísque

No leilão virtual de livros raros não é servido uísque tampouco espera-se neles assistir a acirradas disputas; para os que preferem, indica-se cadastrar lances automáticos, operação simples que consiste em salvar um número do cartão de crédito e a quantia máxima a se investir. Na consulta de um catálogo *online* é aconselhável a manipulação da lupa eletrônica de *zoom* sobre as fotografias de cada lote, clicando na imagem para verificar os detalhes da obra física, com merecido rigor na apreciação. As buscas nos leilões ativos e finalizados ficam abertas e, para cada uma das novas edições, é enviado um convite por e-mail com datas, horários e breves descrições dos volumes em destaque. A figura do leiloeiro, com inscrição pública e confiável é anexada ao *site*, assim, seu nome e reputação podem ser confirmados. O leilão virtual surgiu devido à mudança nos fluxos do *e-commerce*, incluindo os livros raros e usados, mudança que na última década levou antiquários e livrarias ao atendimento dos colecionadores através de operações virtualizadas. No Rio de Janeiro livros vão a leilão, principalmente, nas seguintes plataformas *online*: Ernani Leiloeiro; Brasil Livros Casa de Leilões; Letra Viva; Sebo nas Canelas; Marcelino Livreiro Leilões; Alberto Lopes Leiloeiro; entre outras, entretanto, todas elas participam do LeilõesBR,¹³¹ um portal que oferece aos leiloeiros toda a assistência tecnológica que permite a realização dos eventos *online*. E no Rio de Janeiro já não se realizam leilões presenciais desde meados da década de 2010,¹³² aproximadamente, com as últimas edições pouco frequentes dos leilões de livros raros da Livraria Rio Antigo, de Margarete Cardoso, da Livraria Babel, de Francisco Izidoro – com evento itinerante que percorria livrarias no centro e na zona sul da cidade –, e da Livraria Letra Viva, de Luiz Barreto, os mais respeitados entre

¹³¹ Ver: <https://blog.leiloesbr.com.br/88o-leilao-de-livros-documentos-raros-e-curiosidades/>

¹³² Ver: http://www.aelrj.org.br/website2010/index.php?option=com_content&view=article&id=40:a-arte-de-leiloar-livros&catid=5:noticias&Itemid=8.

bibliófilos. Livreiros e bibliófilos preferiram a segurança e garantia do ambiente virtual, para os livreiros, a transparência das suas negociações e para bibliófilos, o conforto de não se expor fisicamente.

Duas questões são importantes para se pensar as configurações atuais e virtualizadas do leilão de livros raros: o valor conferido às obras e o ritual de tempo e espaço no evento. Diante uns dos outros, a tônica de disputa e prestígio intensifica-se e corresponde à idealização de cada um dos elegíveis e entre espectadores da realização material do desejo, obter a obra finalmente, levando consigo. A solenidade presencial do leilão é executada a partir da escuta concentrada dos interessados, que se articulam com livreiros, da ladainha dos leiloeiros, detalhes das obras, numeração de cada lote, lances inicial; e a cada lance, de espectador move-se ao ativo que propõe, acrescenta, cobre o valor. Ouvir, fazer os lances, dar mais, arrematar em leilão, bater o martelo, assinar o cheque, a ata e a nota fiscal, levar pra casa. Guardiões temporários dos livros, bibliófilos são colecionadores que sabem da fragilidade de suas tutorias, por quantas mãos já passaram um incunábulo alemão até chegar a leilão no Rio de Janeiro no ano de 2018? Incunábulo são livros impressos entre 1455 e 1500 na Europa através de tipos móveis, seu maior exemplo é a Bíblia de 42 linhas impressa por Gutenberg. *Decretales*, de Gregório IX, editado por Anton Koberger, de Nuremberg, um incunábulo de 1482, foi a leilão virtual na 33ª edição do leilão Verso e Prosa organizado pela Livraria Sebo nas Canelas. Visitando o *site* do leilão, pude ter acesso aos detalhes da negociação: foram 1.320 visitas ao lote anunciado e 42 lances, a obra foi arrematada por R\$ 4.800.00. O leilão esteve “em andamento” durante três dias para consulta das obras, finalizando com o pregão. Não cabem mil pessoas nos salões das livrarias tampouco as atribuições, atitudes e movimentos convenientes ao evento suportam tais proporções. Os proponentes no leilão se afunilam a cada cobertura de lance, muitos ficam pelo caminho, dois ou três seguem firmes rumo à batida do martelo. Para os lances virtuais, sem olho no olho, sem olho na obra e, principalmente, sem as mãos nervosas sobre o volume, os valores dos livros flutuam de outras maneiras e tendem a baixar, a força simbólica de um incunábulo presencialmente poderia custar-lhes mais. Em leilão, interessa ao monumento exposto, o valor da ocasião junto à obra; se a ocasião muda, do presencial para o virtual, as condições sobre o valor também mudam.

Seja virtual ou presencial, arrisca-se o livreiro ao leiloar obras com preços iniciais diferentes daqueles que são “regulados por leilões de Londres, de Paris, de Nova Iorque, de Genebra e de outros grandes centros. O livro antigo é uma mercadoria internacional, seu preço é regulado em moeda forte” (MORAES, R. B, 1998: 29), ainda que:

Há cinco ou seis anos, um antiquário de Milão me mostrou um maravilhoso incunábulo de Ptolomeu. Lamentavelmente, me pedia o equivalente a 100.000 euros. Era demais, pelo menos para mim. É provável que, se o tivesse comprado por esse preço, enfrentasse todas as dificuldades do mundo para revendê-lo pelo mesmo preço. Ora, três semanas mais tarde, um Ptolomeu similar foi arrematado durante um leilão público por 700.000 euros. Supostos investidores haviam se divertido fazendo subir seu preço. Depois disso, verifiquei que, sempre que ele aparecia num catálogo, nunca era mais barato. A esse preço, o livro escapa aos verdadeiros colecionadores. (ECO, U. 2010: 120).

A questão ritual da virtualidade do leilão de obras raras pode ser pensado através da abordagem de Jean Baudrillard em *O Leilão da Obra de Arte*, a quinta parte do seu livro *Para uma crítica da Economia Política do Signo*, publicado originalmente em 1972, muito antes da internet, quando a virtuosidade dos leilões só poderia ser pensada sobre os lances encomendados por colecionadores discretos ou estrangeiros a livreiros de confiança. O autor enumera três elementos de transmutação dos valores de troca em valores de signo convencionados pelo leilão (MARX, 1867; 2011): 1. Jogo, festa, ritual, dinâmica e confronto; 2. Caráter pessoal, lugar, ordem, tempo; 3. Não equilíbrio em oferta e demanda, sem valor esperado, troca como recíproca, valor/signo de relação social.¹³³ O valor de uso, Marx, e o valor sobre este valor em signo, Baudrillard, talvez compreenda o seguinte caso – quando o valor econômico não corresponde às regras do valor de signo, invertendo agora o título de Baudrillard –, narrado por Ângela Gabriela, bibliotecária e livreira na Livraria e Leilão Sebo nas Canelas, no Rio de Janeiro:

A vida é muito louca. Estou caminhando pelo bairro da Glória, quando me deparo com um vendedor de rua e decido comprar um livro dele. Ao abrir em casa encontro uma dedicatória para o pai do ex-proprietário da clínica do meu primeiro estágio, há uns sete anos atrás. Um lugar que me deixou boas lembranças de pessoas e aprendizados.

Texto extraído de meu *Facebook*. Post realizado em 29 de maio de 2018. Ao ver a coincidência, fotografei o livro e a página com a dedicatória e postei em minha

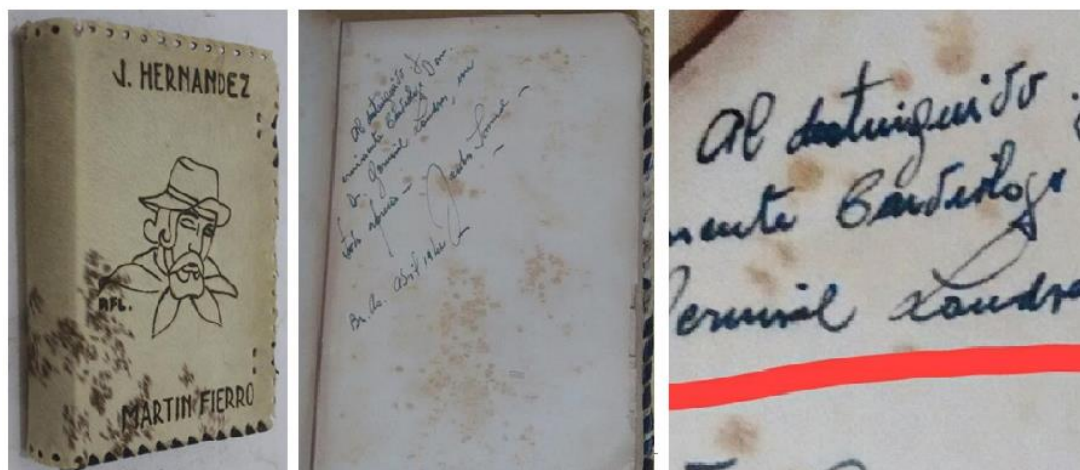
¹³³ BAUDRILLARD, J. Martins Fontes, s/d, pp. 133-134.

página do *Face*. Alguns colegas da época de meu estágio na clínica reagiram com a história entusiasmamente, outros que não conheciam acharam linda. Mais tarde, decidi incluir o livro em um dos leilões que realizo pelo Sebo nas Canelas. A obra foi vendida por R\$20,00 no dia 6 de novembro de 2018.

Descrição do livro no leilão: LIVRO: MARTÍN FIERRO, de José Hernández; estudo de Eleuterio F. Tiscornia. Buenos Aires: Editorial Losada, 1943. Com uma dedicatória para antigo proprietário. Encadernação artesanal. 420 páginas. Ilustrações fora do texto. Com algumas manchas e folhas amareladas pelo tempo. Em espanhol. Tamanho: 14 X 21 cm.

Pois se apenas a sabedoria é que dá preço aos livros, sendo ela tesouro infinito para os homens, e se o valor dos livros está além das palavras, como nossas premissas supõem, como se provará ser custosa a transação em que o bem comprado é infinito? (MORAES, R. B. 1998: 35).

Figura 58: Livro *Martin Fierro*, de J. Hernandez



Fonte: Fotos de Ângela Gabriela enviadas por e-mail.

No dia 16/10/2019, fomos conhecer, Ubiratan Machado e eu, o espaço Sebo nas Canelas, livraria, oficina de restauro e encadernação de livros e escritório do leilão virtual. Neste dia, o escritor pediu para Ângela Gabriela nos mostrar os seus livros guardados em consignação para futuro leilão.

Transcrição de parte da entrevista com a bibliotecária:

Eu entrei na livraria para fazer o cadastro de livros, descrição e colocar no *site*, porque tanto a livraria, quanto a parte de leilões é virtual, não é presencial. A gente trabalha com uma agente credenciada que organiza os leilões nas sessões *online*, ela é leiloeira e é quem bate o martelo virtual do escritório dela. No início, a gente sempre acompanhava e assistia porque era novidade, hoje nós não assistimos a todas as sessões. Agora a gente monta, passa para ela todas as informações e, no dia, ela bate o leilão, fomos conhecê-la pessoalmente faz pouco tempo, nosso contato com ela era só virtual. Nós temos cerca de 300 pessoas cadastradas no nosso *site* de leilão. Ou seja, trezentas pessoas que, em algum momento, já participaram dos leilões, comprando ou só dando lance, fora as pessoas que apenas

entram no *site* para conhecer. Toda vez que vai abrir leilão, a gente envia convites por e-mail para as pessoas cadastradas. A mala direta da leiloeira é muito mais extensa do que a nossa e ela também envia convites. Ela trabalha com obras de arte e antiquários também. Temos também clientes de fora do país, um deles em Londres e outro nos Estados Unidos, que é pesquisador da Clarice Lispector. A maior parte dos nossos clientes é de pesquisadores e colecionadores. No início, a gente não tinha a percepção do nicho de interesse específico dos clientes, tampouco dos assuntos mais ou menos interessantes, tivemos que pesquisar muito os preços para poder atender este público de pesquisadores e bibliófilos. O último leilão que a gente fez foi de uma coleção de livros autografados e raros. Na verdade, as pessoas se acostumaram à expressão “raro”, mas não existe exatamente livros raros, talvez só mesmo a bíblia de Gutenberg, dependendo do que a pessoa procura, para ela, é raro. Nós preferimos chamar de “livros pouco vistos no mercado”. Usamos também “livros de pouco ou difícil contato”. A gente tem uma conta na Estante Virtual e se alguém visitar a plataforma e pesquisar por livros raros talvez o resultado que apareça pra você não tenha esta conotação, mas pra a pessoa que os indexou, depois de uma pesquisa sabendo que o livro não aparece em lugar nenhum, ele classifica como raro, quando, na verdade, ele pode ter apenas não sido mais editado.

Figura 59: Livros expostos para leilão



Fonte: fotografia da autora.

Neste último leilão, teve um livro que aparecia em vários lugares e um cliente nosso entrou em contato para perguntar se ele não podia comprar antes por fora, porque era um livro que a mãe dele tinha e contava a história pra ele, então, era muito raro pra ele, era uma raridade afetiva. Geralmente a gente faz uma pesquisa e verifica inicialmente se tem na Estante Virtual ou se já esteve lá, também faço pesquisa no *site* do LeilõesBR, se ele já esteve lá ou em outros leiloeiros, se foi vendido, a data em que ele foi vendido e o valor que ele saiu. O lance mínimo vai depender de

vários fatores, por exemplo, se um livro saiu num leilão por 3 mil reais, então, eu preciso saber em que ano ele saiu por 3 mil reais, porque ele pode ter desvalorizado ou pode ter valorizado mais. Vejo se ele existe em outros lugares naquele momento à venda. Também faço uma pesquisa histórica pra saber a sua relevância e agregar valor ao livro, além da importância do estado físico do livro também. O livro que saiu por 3 mil reais poderia estar num estado ótimo e o meu nem tanto, então o meu pode não chegar a 3 mil. A circunstância da disputa no leilão também define o preço, se tem pessoas querendo muito o livro ou querendo apenas disputar um livro, ele pode subir de preço. Entra então, talvez, a raridade pela obsessão de ter o livro. O nosso leilão já aconteceu a cada 15 dias e atualmente ocorre uma vez ao mês. Os nossos leilões começaram em 2015. A nossa participação no valor final do livro, quando ele é consignado, é de até 20% e o valor da leiloeira é de 5%. Wmilton [fundador do Sebo nas Canelas] trabalha com livro há mais de 30 anos, ele trabalhou na Livraria Santana, foi um dos primeiros livreiros a se cadastrar na Estante Virtual.

7.5 Ex Libris e outras miudezas

Tudo que envolve o livro é colecionável. Quem coleciona livros de segunda mão coleciona marca-páginas, etiquetas de livraria, cartão postal, cartas, fotos, bilhetes, tickets de eventos, voos, concertos, embalagens de bombom, flores e folhas secas, mechas de cabelo, bigodes soltos de gato, dinheiro. Vera Damazio, em sua tese de Doutorado *Artefatos de Memória da Vida Cotidiana: um olhar sobre as coisas que fazem bem lembrar*,¹³⁴ queria saber o motivo que levaria pessoas a guardarem coisas consigo para “fazer lembrar” e como os artefatos transmitem e acionam, em sua materialidade e presença, as lembranças e afetos: “nos álbuns de família, eles se faziam presentes sob a forma de bichinhos de pelúcia, almofadinhas, berços, mantinhas, bolas (...), confetes, velocípedes, montanhas russas, rodas gigantes, livrinhos entre netos, avós, amigos, namorados, casais, filhos, pais, primos”. Entretanto, os artefatos encontrados dentro de livros usados por sequentes pessoas foram guardados ou escondidos? Poderiam ser marcas da passagem do tempo intencionalmente registradas na materialidade para uma espécie de túnel do tempo, talvez pela recusa da coisa no presente ou para guardá-la para sempre, fora das vistas. Tesouros, surpresas, esconder de si; guardar para não perder, perdendo. Ou guardar para perder. Esconderijo da memória, esconder de si ou dos outros ou ainda para os outros acharem no futuro por ou para você; para lembrarem de você, sendo você uma assinatura, uma dedicatória, um *ex libris*, um rabisco no papel. De

¹³⁴ Vera Maria Marsicano Damazio, tese defendida em 2005, PPCIS-UERJ.

alguma maneira, leitores projetam-se no tempo através das suas intervenções nos livros. Rubens Borba de Moraes fez um acordo entre assinaturas em um valioso livro antigo, pois ao adquiri-lo percebeu três assinaturas de distintos possuidores em sequenciadas datas a cada cem anos, 1689, 1789, 1889, seria previsível que em 1989 ele fosse assinado e datado novamente, durante a leitura do seu relato, eu torcia fortemente para que o escritor pudesse ter assinado este livro, o relato era de 1965 (MORAES, 1998: 85). Por que me entristece tanto saber que Rubens Borba de Moraes aguardou mais de vinte anos para assiná-lo, honestamente, e faleceu em 1986? Por acaso, José Mindlin o teria assinado nesta data? Lendo a tese de Vera Damazio e ouvindo livreiros e bibliófilos, veio-me pensar os artefatos que recheiam livros usados também como: objetos para esquecimentos, sinais de propriedade e surpresas. Por este viés, selecionei os relatos a seguir:

Figura 60: Fotografias, bilhetes e cartas na Feira da Praça XV.



Fonte: fotografia da autora.

Já a chuva se foi e as flores apareceram em nossa terra. Então, os estudantes que descrevemos, mas destruídor que leitor dos livros, enche o seu de violetas, prímulas, rosas e trevos.¹³⁵

Por que guardar “coisas de valor” nos livros? E as gavetas e caixas, pastas? O que faz dos livros um bom lugar para guardar? Os livros correm as mãos e o

¹³⁵ BURY, Ricardo. *Philobiblon ou O Amigo do Livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, p 127.

tempo. Fechar um livro é sumir palavras e coisas. Abrir um livro velho é misterioso. Byung-Chul Han, em *Sociedade da Transparência* (2017), defende que “a pressão pelo movimento de aceleração caminha lado a lado com a desconstrução da negatividade”, o autor me fez pensar a atitude de livreiros sebastas ao fazerem a triagem nos livros no momento do seu cadastramento nos portais de venda *online*. Os livreiros precisam fazer descrições detalhadas do estado físico do livro como objeto de consumo vendável, nesta ocasião, os livros velhos passam por uma inspeção rigorosa, todas as suas páginas são vistoriadas em busca de rabiscos, sublinhados, anotações, alguns deles arrancam as folhas de rosto assinadas, lixam o corte nas laterais do livro para parecerem menos manuseados e “ensebados”, os rabiscos são apagados com borracha e o infinito misterioso de “coisinhas” escondidas ou guardadas nos livros são desvendadas sem ritual, com pouco espanto, a toque de caixa, são acumuladas em algumas caixas por livreiros menos desapegados, formando um acúmulo desforme, despropositado, uma montanha de coisas arrancadas fora de hora por não leitores, ou são acumuladas em sacos de lixo, rasgadas e dispensadas no final da semana para o papeleiro levar.

Difícilmente, os livros usados comprados no *e-commerce* trazem em si mistérios colecionáveis, tampouco aqueles comprados em sebos totalmente cadastrados, a ambiguidade, o oculto, o secreto, o prazer em procurar e achar aquilo que nem se sabe o que ou por quem foi registrado, antes comum aos leitores de sebo: “tudo deve tornar-se visível; o imperativo da transparência coloca em suspeita tudo o que não se submete à visibilidade. E é nisso que está seu poder e sua violência” (HAN, 2017: 35) e “sociedade da transparência é uma sociedade da informação. A informação é, como tal, um fenômeno da transparência na medida em que está privada de qualquer negatividade; é uma linguagem positivada, operacionalizada” (HAN, 2017: 92). Um livreiro me relatou o seguinte: O livreiro me mostra uma ficha de identificação escolar de um aluno escrita há mais de 40 anos. É um perfil psicológico do estudante de uma escola tradicional católica. Ele me mostra para dizer que esse tipo de papel encontrado nos livros ele retira e rasga, me fala que considera como coisas muito pessoais e que a pessoa não gostaria que chegasse às mãos de ninguém. Ele retira absolutamente tudo de dentro dos livros, prefere vender o livro já higienizado e sem estes vestígios materiais de uso. Os seus

clientes não vão ter a surpresa de achar coisinhas, porque ele faz uma triagem antes de vender. (Rio, sebo na Praça Tiradentes, 2019).

Dentro de um dos livros que eu folheava, em uma das bancadas de calçada da Carioca, havia uma carta dedicatória. No livro, estava assinado “Regina Wilson”, no verso da capa, três vezes com canetas pretas de pontas finas e grossas e uma etiqueta de livraria “Livraria Imperial” colado na ponta:

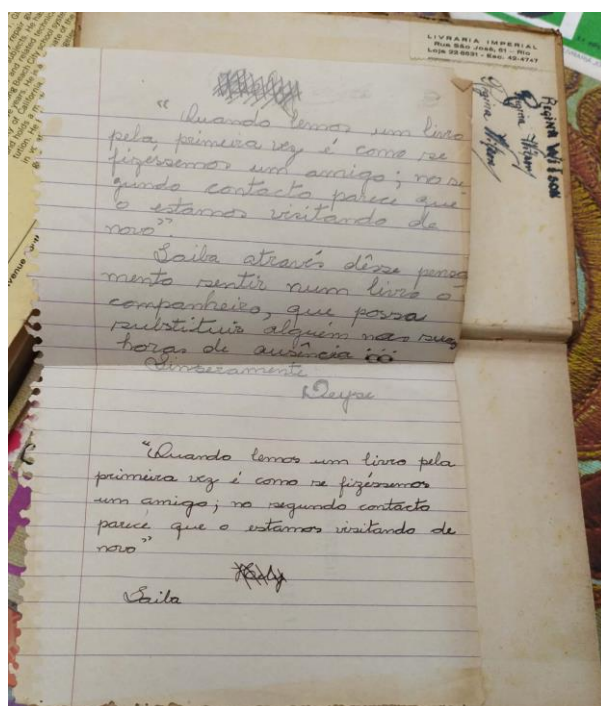
“Quando lemos um livro pela primeira vez é como se fizéssemos um amigo; no segundo contacto parece que o estamos visitando de novo.”

Saiba através dêsse pensamento sentir num livro o companheiro, que possa substituir alguém nas suas horas de ausência

Sinceramente

Deyse

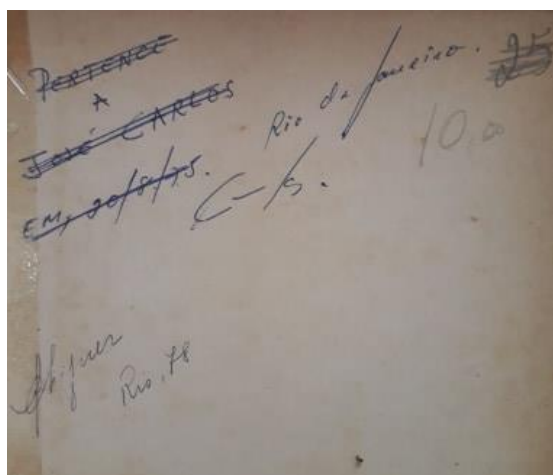
Figura 61: Livro com carta dedicatória, assinatura e etiqueta



Fonte: fotografia da autora.

Outro livro guarda duas assinaturas de diferentes leitores, dois preços distintos anotados a lápis. “Pertence à José Carlos, em 20/8/75”, é rabiscado provavelmente por quem assinou “xxx Rio, 78”; “25”, rabiscado por quem anotou “10”. Outra anotação no centro, não rabiscado, apresenta grafia diferente: “C-/s. Rio de Janeiro”

Figura 62: Livro com assinaturas e preços rabiscados.



Fonte: fotografia da autora.

Ex Libris, que significa em latim “dos livros” ou “dentre os livros”, são sinais de reconhecimento da propriedade de um livro, etiquetas de aproximadamente cinco centímetros, impressas ou gravadas com as técnicas de xilogravura e serigrafia, coladas na face interior da encadernação, na folha de guarda ou antes da brochura. Vinheta, gravura, iconografia livresca, assinatura ou pensamento “de espírito”, pequena epígrafe, filigrana, marca decorativa, título elegante, palavras “de força” e gosto, “arte-miniatura”. Manuel Esteves foi quem mais soube de *ex libris* no país, pesquisador que escrevia para a Tribuna da Imprensa, lança *O Ex Libris: Notas de Bibliografia e Comentários. Informações sobre alguns Ex Libris Brasileiros*, publicado pela Editora e Gráfica Laemmert, em 1954, e distribuído pela Livraria São José, de Carlos Ribeiro. Disponível apenas na biblioteca da Fundação Oswaldo Cruz em Manguinhos, nem mesmo a Biblioteca Nacional dispõe de um exemplar para consulta. Comprei a primeira edição deste livro pela Estante Virtual por R\$180,00, no sebo *Biblioteca de Alexandria*, em Brasília, entre poucos exemplares disponíveis e sem novas edições – a segunda e última são de 1956 –, pouco circulam nos sebos, ao mesmo tempo, não se tratando de obra rara com preço altíssimo, talvez alcançado apenas para os volumes assinados pelo autor ou que pertenceu a alguém de destaque no universo literário. O primeiro *ex libris* conhecido no mundo, segundo o que aponta Esteves, por Frederich Warnecke, estudioso no assunto, é “uma gravura em madeira, representando um anjo a segurar um brasão de armas. Este *ex libris* era posto nos livros doados ao Mosteiro dos Cartuxos, em Buxheim, pelo irmão Hildebrando

Branderburgo, de Biberach, no ano de 1480”, outros apareceram na mesma época como o *ex libris* armoriado de Georgis de Podrebrady, falecido em 1471, ou ainda o *ex libris* de Johannes Knabensberg, 1450, (ESTEVES, 1954: 44).¹³⁶ No Brasil, o primeiro *ex libris* conhecido pertenceu a Manuel de Abreu Guimaraes, morador da antiga cidade mineira de Sabará, cidade com as primeiras e pequenas bibliotecas particulares da colônia, no século dezoito, além deste, outros *ex libris* de brasileiros são valiosos (ESTEVES, 1954: 11): “Viscondessa de Cavalcanti, Barão do Rio Branco, Paulo de Almeida Prado, Tristão da Cunha, gravados por Agry ou os *ex libris* de Stern, gravados para Oswaldo Cruz, Brienne Feitosa, R. de Castro Maia, Alfredo Pujol, Jeronimo Ferreira das Neves”.

Figura 63: Ex Libris I: de Hans Igler (Johannes Knabensberg) e Ex Libris de Manuel de Abreu Guimaraes



Fonte: *Livro dos Ex-Libris*. ABL, 2014, p 13. No primeiro, traduz-se: “Que o ouriço venha lhe beijar” e no segundo, o seu nome completo.

Ex libris figurativos e conceituais nos indicam o imaginário do circuito livresco além da sua inscrição de posse nos *ex libris* heráldicos, assuntos comuns aos livreiros, portas de livrarias, bibliotecas, bibliófilos, colecionadores ao longo dos séculos, de Gutemberg adiante, ao pensarmos a sua versão impressa, assim, “em pequeno espaço, o necessário para conter quatro ou cinco dessas pequenas vinhetas, a gente poderá ver arte, costumes e até religiões, as mais diversas, em

¹³⁶ O autor menciona o primeiro livro ao abordar o *ex libris* no mundo “*Les ex-libris Français depuis leur origine jusqu’à nos jours*” de A. Poulet-Malassis”. Malassis foi quem editou pela primeira vez, em 1857, *As Flores do Mal*, de Baudelaire, edição raríssima. Antes do livro, é conhecido um artigo de Maurice Tourneux, 1872, no “*Amateur d’Autograpes*”. ESTEVES, M. O Ex Libris, Rio de Janeiro, 1954, p 25.

épocas diferentes, pois tudo isso poderá caber em um minúsculo *ex libris*” (ESTEVES, 1954: 107). Ladrões, viúvas e bichos (traças, brocas, cupim) são temas recorrentes em *ex libris*: os ladrões podem ser amigos que pegam emprestado um volume para nunca mais devolvê-lo, pode ser o larápio de balcão que surrupia o livro com precisão e pode ser um *Conde Libri*. As viúvas agem ao seu contrário, são a fonte de livros bons, as herdeiras dos bibliófilos, as mulheres que se desfazem dos livros com rapidez; há entre o ladrão e a viúva uma dialética, de um lado aquele que subtrai, do outro aquela que soma, multiplica. O perigo dos bichos também é o perigo da água e do fogo despropositado.

Entrevista com José Germano, Livraria São José, em 09/10/2019:

Ex libris – os mais raros e valiosos que ele já viu: “Barão do Rio Branco”, “Viscondessa de Cavalcante”, “Alegação Brasil Portugal” - para colecionar *ex libris* é preciso descolar ele do livro. Então, ele me ensinou como fazer esta operação com todo o cuidado exigido, aprendido e elaborado por bibliófilos e antigos livreiros: na folha de rosto se cola só a beirada do selo, então, é fácil remover a cola. Sem danificar nem o livro, nem o *ex libris*, coloca-se um pedaço de papel higiênico ou guardanapo umedecido com água sobre o *ex libris*, não pode estar encharcado, deixar de um dia pro outro, 24h, depois com uma espátula ir tirando na pontinha, se tiver secado pôr mais duas gotinhas d’água.

Figura 64: Ex Libris II: Mario Montenegro (Ladrão) e Ex Libris Haroldo Ferreira (Viúvas)



Fonte: *Ex Libris* de Mario Montenegro: *O Ex Libris*, ESTEVES, 1954, p55; *Ex Libris* de Haroldo Ferreira: *Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre*, 2007.

Em *Ex Libris: Pequeno objeto de desejo* (2012), os pequenos selos são pensados por Stella Bertinazzo, criadora do Ateliê de Xilogravura da UNB, na

década de 1990. Distinta dos escritos de Manuel Esteves, Rubens Borba de Moraes e Ubiratan Machado, sua obra descola, literalmente, os *ex libris* do livro, tratando-o como arte por si, inseridos em seu projeto com estudantes do curso de Gravura e Ciências da Informação, realizando oficinas de elaboração dos *ex libris* e do seu memorial descritivo. “No caso do ‘auto’ *ex libris*, o próprio titular, se tiver pendores artísticos e conhecer uma das várias técnicas de reprodução (...) pode desenhar e, tendo habilidades, reproduzir seu próprio *ex libris*”, assim Stella propõe um “batizado exlibristico” (BERTINAZZO, 2012: 325), sendo mestre de oficina de aprendizes gravadores e gravuristas. Quis colocar-me como aprendiz numa imersão de campo literária, quis também aproveitar a ocasião como álibi da experiência subjetiva. Como perceber o que sentem colecionadores e leitores acompanhados de *ex libris*, ao adquirir tantos livros importantes para escrever este trabalho e redobrar minha biblioteca, penso que se sentem ligados aos livros menos pela propriedade e muito mais por seus detalhes, suas marcas e signos, pelas “coisinhas” que os refletem. Para tal, a técnica usada foi lápis sobre papel, a finalização deu-se por aplicativo de celular com filtro idêntico a gravura, em preto e branco sem escala de cinza.

O artista deve ser enunciado e anunciado nos créditos de um *ex libris* pela palavra latina *fecit*, que significa “feito por”, e, se ele for ao mesmo tempo o autor e o possuidor da marca de posse, pela expressão *ipse fecit*, que significa “feito pelo próprio”. (BERTINAZZO, 2012: 328).

Figura 65: Ex Libris III: Maria Candida



Fonte: fotografia da autora.

Ex libris Maria Candida Vargas Frederico, *ipse fecit*, Brasil.
Original de Maria Candida V. Frederico, 2020.

Memorial descritivo:

Árvores da rua

*Com que mundo magoado encanto
Com que triste saudade
Sobre mim atua
Esta estranha feição das árvores da rua...
E elas são, entretanto,
A única ilusão rural de uma cidade!
As árvores urbanas
São, em geral, conselheiras e frias
Sem as grandes expansões e as grandes alegrias
Das provincianas.*

*Não têm sequer os plácidos carinhos
Dessas largas manhãs provinciais e enxutas.
Nem a orquestra dos ninhos
Nem a graça vegetal das frutas...*¹³⁷

7.6 Colecionadores

Jean-Claude Carrière, em conversa com Umberto Eco (2010), sugere que seguimos desarrumando nossas bibliotecas para outros fins que não a leitura dos livros, trocá-los de lugar frequentemente revendo os critérios de aproximação nos provoca pensá-los. Movendo livros nas estantes, sentimo-los como artefato, o encaixe do seu tamanho importa, como decidir sobre a beleza da sua disposição? “Será simplesmente a fim de que certos livros cotejem outros livros? Para renovar os contatos? As vizinhanças? Suponho uma conversa entre eles, almejo-a, estimulo-a. Os que estão embaixo, subo-os para lhes restituir um pouco de dignidade, para colocá-los na altura do meu olho” (JCC; ECO, 2010: 247). Walter Benjamin, em *Desempacotando minha biblioteca ou um discurso sobre o colecionador*, olha para seus livros amontoados nas caixas e reflete sobre o “suave tédio da ordem que ainda não a envolve” (BENJAMIN, 2012: 233), pois “a existência do colecionador é uma tensão dialética entre os polos da ordem e da desordem”:

De fato, toda paixão faz fronteira com o caos, mas a de colecionar a faz com o das recordações. Contudo, direi mais ainda: o acaso e o destino, que tingem o passado diante de meus olhos, se evidenciam simultaneamente na confusão habitual desses livros. Pois o que é essa posse senão uma desordem na qual o hábito se acomodou

¹³⁷ Poema *As árvores na rua*, de Mário Pederneiras, poeta carioca 1867-1915, citado por João do Rio em *A Alma encantadora das ruas*, 2008, p 49.

de tal modo que ela pode até aparecer como se fosse ordem? Vocês já ouviram falar de pessoas que adoeceram com a perda de seus livros, de outras que na sua aquisição se tornaram criminosas. Neste domínio, toda ordem é precisamente uma situação oscilante à beira do precipício. (2012: 233)

É preciso assumir a beleza material dos livros e do monumento visual de uma biblioteca. Homero Pires, autor de *Rui Barbosa e os Livros*,¹³⁸ (1945), diz que o Rui Barbosa encomendava o corte das encadernações exatamente do tamanho do encaixe nas estantes, para os livros comprados de segunda mão já encadernados por outrem, ele pedia que o corte fosse feito como nos outros sem poupar as suas margens, a maior parte da sua biblioteca tem o mesmo tamanho e o tom amarelado do couro tratado, (PIRES, 1945: 9) “já se não contenta com o comum, o vulgar. Quer-se alguma coisa mais: a boa edição, o papel de melhor qualidade, o formato preferido, a impressão nítida e em belo tipo, a encadernação artística, o exemplar numerado”. Wilson Martins, em *A Palavra Escrita* (2001), cita a “Carta aos Bibliófilos” (*Lettre aux Bibliophiles*), escrita em 1896 por Edouard Pelletan, editor, tipógrafo e gravurista de escritores e artistas como Anatole France e Eugène Grasset; como entusiasta do espírito e gosto bibliófilo, Wilson Martins refere-se à ideia de Pelletan como um retorno estético ao livro pré-industrial, objeto de desejo para poucos até o século XIX, (MARTINS, 2001: 243) “acontece que, no fundo, é apenas contra a estandardização que reclamam as sensibilidades artísticas a quem a situação pareceu intolerável. Possuir o mesmo exemplar que todos possuíam ou poderiam possuir (...) tornou-se desconfortável para numerosos espíritos delicados”.

Rubens Borba de Moraes considera que “houve muito livro feio, impresso no passado, e há muito livro bonito, impresso hoje. O livro, como toda arte, reflete o gosto e o estilo de seu tempo. Voltar ao passado é copiar, imitar e plagiar, não é criar” (MORAES, 1998: 197), contudo, bibliófilos desejam compor coleções bibliográficas, um conjunto de livros que faça sentido entre si e ao propósito da sua reunião. Bibliófilos precisam decidir sobre o recorte da sua coleção e ao dispor de suas escolhas muitos temas e autores precisam ser buscados no passado, desde o seu surgimento, desde a primeira edição. Colecionadores buscam no passado um universo de objetos circunscritos pelo tempo como e não somente como definidor de preciosidade de valor remetido ao antigo, antiguidade, mas, sobretudo, porque o

¹³⁸ Conferência na Casa de Rui Barbosa, a 5 de novembro de 1938, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.

olhar da distância temporal os envolve de significados, aproximações, agremiações, sugestões pós-encaminhadas, cabe ao bibliófilo decidi-lo e partir para a procura de cada item até formar a coleção, uma coleção referenciada. Qual é a graça em reunir itens que não estão perdidos na imensidão da dificuldade? Walter Benjamin diz que colecionar é renovar o mundo velho, “eis o impulso mais enraizado no desejo do colecionador ao adquirir algo novo, e por isso o colecionador de livros velhos está mais próximo da fonte do colecionar que o interessado em novas edições luxuosas” (BENJAMIN, 2012: 234). Enormes tiragens de importantes livros modernos nos perseguem nas vitrines, precisamos talvez desviá-los de nosso caminho pelo tamanho da sua oferta. Outros colecionadores fazem uma imersão neste tempo e universo deixando de olhá-lo à distância, refazendo e percorrendo os seus caminhos, elaborando os signos das suas referências, resgatando e também apresentando “velhas novidades”, como disse Drummond,¹³⁹ novos itens ou desconhecidos itens colecionáveis.

Manuel Esteves, pergunta-se sobre a explicação corrente entre amadores sobre a gênese de todas as coleções: “Será mesmo, como disse alguém, que o primeiro colecionador foi aquele sujeito solitário que, morando perto do mar bravio e deserto e não tendo nada que fazer, vinha todos os dias para a praia, quando fazia bom tempo, e aí ficava a olhar vagamente as coisas...” e o mar era muito azul e nenhuma embarcação flutuava na monotonia do horizonte, “e lá ficava ele, horas e horas a fio, olhando ao longe, lá onde o céu se confundia com o mar. Então para não morrer de tédio, resolveu matar o tempo, ajuntando conchas do mar” (ESTEVES, 1954: 95). Durante conversas de livraria, em tom jocoso, colecionadores de livro remetem-se a Sigmund Freud como fonte de explicação para os seus “atos obsessivos”, de pessoas anal-eróticas que “distinguem-se por uma combinação regular das três características que se seguem. Elas são especialmente ordeiras, parcimoniosas e obstinadas”, pois “quando bebês, parecem ter pertencido ao grupo que se recusa a esvaziar os intestinos” (FREUD, 1976: 89), obtendo prazer suplementar e posteriormente constituindo, muitas vezes, colecionadores ao sublimarem o erotismo pela limpeza, ordem e fidedignidade.¹⁴⁰

¹³⁹ Poema *O sebo*. In: Carlos Drummond de Andrade, *O poder ultrajovem*, Rio de Janeiro e Record, 2011, p 177.

¹⁴⁰ FREUD, Sigmund. “Caráter e erotismo anal”, in: *Atos obsessivos e práticas religiosas/ Moral sexual "civilizada"*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-95.

Jean Baudrillard, em *Sistema dos objetos* (1973), pensa o *objeto-paixão* voltando-se para a teoria freudiana, “uma relação com a conjuntura sexual é visível por toda a parte; a coleção aparece como uma compensação poderosa por ocasião das fases críticas da evolução sexual (...) que se traduz por condutas de acumulação, ordem, retenção agressiva etc.” (BAUDRILLARD, 1973: 95). Mas é preciso distinguir coleção de acumulação: coleção é escolher e reunir; acumulação é amontoar, armazenar, tirar de circulação.

Em *O colecionador*, um dos textos de *Passagens* (2007), Walter Benjamin diz que “construímos aqui um despertar, que sacode o *kitsch* do século anterior, chamando-o à “reunião” e “a contemplação de grandes coisas do passado (...) consiste, na verdade, em acolhê-las em nosso espaço. Não somos nós que nos transportamos para dentro delas, elas é que adentram a nossa vida” (BENJAMIN, 2007: 240), com a coleção de livros acontece que o objeto reunido do passado permanece significando no presente e atravessa o tempo, porque contém elementos simbólicos constantes no tempo, o próprio texto como signo, que vem sendo reproduzido em movimento constante. Ou seja, para os *bibliômanos* e os *bibliopiratas*, assim denominados por Eduardo Frieiro (1945: 80), os livros velhos recuperados são objetos decorativos, figurativos, significam na sua materialidade exposta de coisa de antiquário, relíquia, tesouro, sua designação original é transformada, pararam no tempo, representam o passado no presente; para os colecionadores “guardiões provisórios” e leitores, instituição de proteção e guarda, universidades, bibliotecas e museus, os livros mantêm-se como objetos-suportes de texto e este texto nos revela no presente um conteúdo de interesse constante e uma “luta contra a dispersão” (BENJAMIN, 2007), seja mesmo como antiquaria e curiosidades sobre edições, tipografias, encadernações e tipos de composição livresca e literária, seja como, essencialmente, texto.

8. Últimas páginas

8.1 Colofão ou para fechar a tese

Depois de apresentar as descrições e análises sobre as multissituações constitutivas do circuito urbano de livros de segunda mão na cidade do Rio de Janeiro, venho resgatar o argumento central e as principais questões que me levaram à pesquisa e mostrar o que encontrei de lá para cá.

Primeiramente, vale dizer que o entendimento da *garimpagem* como conjunto de práticas e noções que conduz as atitudes nas situações com os livros foi revelador de atualizações, rearranjos e recomposições no cotidiano urbano, contribuindo, assim, para o debate nas Ciências Sociais sobre os seguintes temas: a) o pensamento e a subjetividade urbana; b) a espacialidade, mobilidade e usos na cidade; c) as relações e conexões com objetos materiais.

a) Sobre o pensamento e a subjetividade urbana:

Como, por quem e sob quais condições e circunstâncias os livros usados circulam?

A cidade é lugar da multiplicidade, da comunicação e da indeterminação, reflexos da sua organização socioespacial e do seu projeto, ainda assim, sob condições e características particulares, a cidade não deixa de ser lugar de encontro. Mas encontrar o que? Ou quem? Melhor seria pensar em “promover o encontro”. Viver na cidade e experimentar os seus fluxos em uma atitude de reunir e dispersar situações e oportunidades, assim observei como livreiros, catadores, garimpeiros, papeleiros, bibliófilos agem na cidade através da atividade contínua de garimpar livros usados. A maneira pela qual estas pessoas percorrem a cidade revela a capacidade de atravessamentos incontáveis por caminhos reconfigurados, caminhos justapostos de usos e percepções. As redes que se formam nestes agenciamentos são indicadores de triagens, seleções, escolhas, mixagens, descartes e buscas em um repertório conceitual urbano. Fazer ou promover o encontro é barganhá-lo, negociá-lo, é disputar os seus elementos constitutivos, valorativos, a sua propriedade, mesmo que ocasional e temporária. O encontro neste sentido seria o cruzamento dos fios, das trajetórias nas situações numa cartografia de lugares,

sentidos e trocas. A circulação de coisas e pessoas em arranjos abertos de noções, lógicas, pensamentos, subjetividades, técnicas, aprendizados e crenças, em caminhos imprevisíveis e a indeterminação e multicominações do percurso asseguram a sua complexidade.

Assim, a categoria nativa-analítica de *garimpagem* promove os encontros e, ao mesmo tempo, serve-me de ferramenta para pensá-los, durante a pesquisa de campo e ao longo da sua escrita torno-me garimpeira, assim como Agnes Varda torna-se catadora. O objeto de pesquisa é construído na reunião e dispersão, recolhimento de arestas, restolhos, aleatoriedades, informações desencontradas e encontradas, fios soltos, entulhos, embaralhamentos, mistérios e desejos evidentes e não evidentes. A garimpagem passa a ser analítica quando: conduz a ação dos atores frente ao garimpo (de objetos e “saídas”) e me conduz para pensá-los. Mas a ênfase analítica não diz respeito à ideia de racionalidade, intenção consciente, propósitos mecânicos, pelo contrário, revela subjetividades que decorrem nas atitudes frente ao garimpo da vida na cidade; semelhante ao que Douglas (2006: 27) escreve em crítica à teoria econômica : “a ideia do indivíduo racional é uma abstração impossível da vida social. É claramente absurdo agregar milhões de indivíduos que comprem e usam bens sem considerar as transformações que provocam ao compartilharem o consumo”. A garimpagem diz sobre os pensamentos e subjetividades urbanas em relação com livros (bens, objetos, coisas) contidas na “viração”, no “rolo”, nos “esquemas”, na “barganha”, no “passar pra frente” e na “segunda mão” como alternâncias, reposicionamentos, simultaneidades e relações com a alteridade através da troca de objetos materiais.

Livreiros garimpam uns aos outros, tornando a barganha um sistema de trocas, eles sabem que “na frente” (porque o objeto de segunda mão circula na atividade retroalimentada de “passar pra frente”) aquele objeto vai voltar, o objeto de segunda mão vai e volta, ele refaz os circuitos e se, em certo momento, o livreiro é barganhado, em outros, ele barganha. Um livreiro sabe, por exemplo, que ao vender livros importantes para um colecionador, eles mantêm um relacionamento de reciprocidade (MAUSS, 1950, 2003). No futuro (devido ao falecimento ou a falta de espaço ou a inumeráveis motivos relacionados à ideia de “guardião provisório ou temporário”), os colecionadores e os livreiros sabem que aqueles livros voltarão ao sebo como herança, como presente, como oferta ou através de outras combinações com outros sebos. Colecionadores, catadores e livreiros são

peritos das noções de tempo e envelhecimento por lidarem com este segmento de objetos em um sistema, (BAUDRILLARD, 1973) “a problemática temporal é essencial à coleção” pois “a coleção representa o perpétuo reinício de um ciclo dirigido onde o homem se entrega a cada instante e com absoluta segurança (...) ao jogo do nascimento e da morte”. Para barganhar é importante conhecer as obrigações de dar, receber e retribuir e, neste sentido, a barganha como parte da garimpagem orienta a circulação de objetos e de noções sobre a vida na cidade através das suas trocas.

A parceria entre os indivíduos do Kula é para toda a vida, “os *mwali* e os *soulava* encontram-se sempre em movimento, vão passando de mão em mão, e não há casos em que esses artigos fiquem retidos com um só dono” (MALINOWSKI, 2017: 150), ao adotar o seguinte princípio: “uma vez no Kula, sempre no Kula”. Além disso, o kula situa-se na fronteira entre o comercial e o cerimonial, envolvendo para além dos artefatos, também uma variedade de objetos que circulam entre as ilhas, além de saberes, canções, crenças, em troca cultural constante. Se o kula é um sistema fechado de troca intertribal envolvendo as mesmas pessoas e objetos (braceletes e colares de conchas) entre as ilhas da Nova Guiné, já o circuito dos livros de segunda mão é elástico e envolve um sem fim de pessoas. Entretanto, pessoas cuja especialização (livreiros, garimpeiros, catadores, colecionadores) facilita-lhes percorrer amplo roteiro do livro, acabam por manterem-se presas a este, integrando-se e tornando-se alguém que “conhece de livro, afirmando que “mexer com livro é uma cachaça” e sugerindo que dificilmente abandona-se uma atividade relacionada ao livro.

As noções de si apresentadas como “quem entende de livro”, “seboso”, “livreiro”, “garimpeiro”, “catador”, “atravessador”, “expositor”, “coleccionador”, “bibliófilo” são relativas às situações experimentadas, sob táticas para percorrer o circuito do livro, assim, elas são circunscritas nas situações, além disso, são pensadas através da ideia circulante de fragmentação, disposições espalhadas e em trânsito. Tanto pela própria dinâmica do circuito, quanto pela fragilidade das concepções sobre profissão e atividades relacionadas ao livro no Brasil. Por isso, os ofícios relacionados ao livro são noções de si, elaboradas em relação ao outro que circula consigo, aprendidas em processos técnicos (tarefas, correrias, buscas) e, sobretudo, subjetivos (ordenamentos, catalogações, descrições, valorações, importâncias, nomeações, resgates, descartes).

b) Sobre a espacialidade, mobilidade e usos na cidade:

Quais seriam as dinâmicas móveis que transportam os livros de segunda mão por diversos pontos e situações na cidade, considerando a heterogeneidade do percurso?

Encontrar livros na cidade, por meio de porteiros de prédios, por meio de parentes de pessoas falecidas, por meio de catadores e papaleiros, por meio das bancadas de calçada e chão, por meio dos sebos, por meio do lixo, das feiras e dos leilões é criar roteiros para atravessar a cidade em arranjos de buscas. A variedade de sebos percorridos, na livraria, no chão, nas calçadas, na internet, está disposta de uma maneira que desmonta a noção hierárquica de acomodação na cidade, (primeiro, os bairros nobres e o comércio formal e, em segundo plano, o centro e o subúrbios e o comércio informal) estes sebos apresentam uma “corrida” do livro circunscrita nos limites do centro e zona sul, entretanto, o mapa se expande ao incluir o local de moradia dos livreiros virtuais que transformam as suas casas em depósitos de livro, nos subúrbios da cidade. Se hierarquizarmos estes sebos pela qualidade socioeconômica de bairro: Dona Alda ocuparia melhor posição que os Sebos de loja, com prédio próprio e/ou funcionários por estar na zona sul; se hierarquizarmos estes sebos por maior circulação de livros: Eduardo e Enilson ocupariam melhor posição, pois se dedicam exclusivamente à venda *online* com a maior demanda atual.

A livreira Alda mantém um sebo de calçada em bairro da zona sul, no Catete, a localização do seu ponto funciona como um vetor de captação de livros, recebendo ofertas de diversos catadores que passam pela sua bancada na ida e na vinda do garimpo nos bairros da zona sul, em direção a Copacabana. Lugar de forte movimentação e, por isso, de captação de livros para vender. Mesmo na indeterminação da rua, ela prefere manter-se na zona sul.

Eduardo e Enilson são livreiros virtuais que não mantêm pontos fixos de captação na cidade, as suas atividades são realizadas na busca de livros em pontos fixos, como na Dona Alda e no Olivar, eles procuram e carregam livros em mochilas durante o dia para atender aos pedidos da internet, Enilson mora em Niterói e Eduardo na zona norte no Rio, eles estocam os livros em casa e moram em depósitos de livro.

Cruzando todos eles, (sebos, livreiros e bairros) o livreiro Alexandre mora em São Gonçalo e estuda em Botafogo, ele não mantém um sebo na cidade, assim

como os livreiros virtuais, ele percorre a cidade buscando livros e depois retorna pra casa sem nenhum, ele não acumula, não estoca, não faz depósito, os livros passam pelas suas mãos em direção a outros livreiros, Alexandre não atende a leitores, ele atende aos livreiros e não ocupa lugar na zona sul e nem no subúrbio, sua atividade costura a informalidade, mas não é perseguido por ela, ele escapa.

Os sebos Elizart e Academia do Saber são livrarias convencionais, funcionando em prédios no centro da cidade, são pontos estabelecidos de captação de livros, estão fixos e são conhecidos pela cidade. O primeiro funciona em prédio próprio e seus livreiros são familiares, o segundo, em três prédios alugados, entre irmãos que contratam funcionários. Os dois sebos atendem também a venda *online*, entretanto, a sua condição de formalidade e localização não garantem a intensa circulação de livros que passa por bancadas de rua, malas e mochilas de livreiros.

Através da pesquisa de campo foi possível pensar que a espacialidade se constitui em relação à mobilidade de coisas e pessoas nos usos que elas fazem na cidade, mas não só de lugares de ou na rua, mas também de outros espaços na cidade como moradias que rearranjam depósitos de livros nos subúrbios, interferindo na relação e disposição de sebos na internet, visto que os depósitos dos sebos em prédios abrigam maior quantidade de livros, mas são labirintos que demandam custos e muitas operações, tornando as casas dos livreiros ótimos depósitos de sebos *online*. E quais são os percursos materiais que alimentam de livros nos *sites*? São os cruzamentos entre sebos no movimento da sua garimpagem na cidade. O aluguel de imóveis no centro sofre constante aumento dos preços devido à valorização e desvalorização de trechos da cidade, disputas imobiliárias e avanço de um projeto de construções que visa expandir o centro “empresarial” desviabilizando espaços tradicionalmente ocupados por livrarias (a Praça Tiradentes está em destaque), impondo aos sebos novas “corridas” por lugar na cidade.

Se o comércio de livros de segunda mão faz e refaz o circuito multissituado, ele compõe uma cartografia na cidade, a qual apresentei através das tabelas “Sebos por plano de adesão a Estante Virtual” (numa mapa da situação virtual), “Legenda do mapa do livro feito pelo Alexandre” (sobre o “rolo” na cidade atravessando subúrbio, centro e zona sul), “Shopping chão de livros” (sobre a distribuição sempre temporária, imprevisível, mas constante nas ruas), além disso, apresentei a disposição de bancadas de calçada *estrategicamente situadas* (MARCUS, 1995),

ou seja, imóveis fisicamente em único lugar, mas relacionando-se em escala micro e macro com diversos pontos de livro.

O percurso do comércio do objeto usado é veloz, a percepção desavisada dos sebos como lugares de desaceleração e calma, relacionando-os às características de uma cinética do passado por lidarem com objetos que “lembram” o passado – antigos, velhos, reusados – esconde a sua velocidade. Os sebos operam através da “correria” inerente à garimpagem. Por isso, pude perceber que a crítica cinética dos modelos de produção da modernidade (SLOTTERDIJK, 2002), apontando para a aceleração, e esgotamento, cansaço, (HAN, 2017) não se realiza através do consumo de objetos de segunda mão, contudo, a crítica da mobilização contribui para a noção de garimpagem através da categoria de *paragem*, desenvolvida por Almeida (2016), como desmobilizações táticas, sobre como os livreiros adotam alternâncias na recomposição dos ritmos de correria.

Além disso, através da pesquisa sobre um circuito de objetos materiais na cidade, foi possível perceber uma dinâmica de ocupação milimétrica de espaços, tornando-os lugares, desde o chão, as marquises de restaurantes, os meio fios, as entradas e respiradouros de metrô, os canteiros de árvores e, ainda, a participação de banheiros, mesas, tendas, cadeiras de comércio e vizinhança dos sebos. Ao mesmo tempo em que os de rua e calçada são acolhidos e abrigados por estes micros lugares, os sebos de loja acolhem e abrigam transeuntes na ida e na vinda do trabalho, para respirar, descansar, encostar-se nas estantes para esperar passar a hora do *rush*, também são moradias de gatos e ratos e lugares de memória (NORA, 1993) por sobreposições de lugares ao longo do tempo, de livrarias sobre livrarias e um *continuum* de presenças (GUMBRECHT, 2010).

c) Sobre as relações com objetos materiais:

O volume expressivo de livros de segunda mão em fluxo relaciona-se com algum indicador subterrâneo de leitura no país?

Como relacionar-se com livros de segunda mão? Como ler, manusear, colecionar?

Este circuito de objetos de segunda mão pouco corresponde às convenções de troca da economia da produção, distribuição, oferta e demanda, mesmo tratando de um comércio ou mercado. Talvez por uma exaustiva pesquisa elaborada através de um projeto que reúna pesquisadores acadêmicos e instituições de apoio ao livro

e às livrarias, seria possível mensurar a qualidade e quantidade de dados que indicariam a leitura no país por meio de livros de segunda mão, sobretudo, a Estante Virtual acaba por disponibilizar parte considerável destes dados, de maneira muito aleatória, mas que poderia caminhar bem para início de projeto. Assim procurei fazer na tese e a contribuição deste meu esforço pode vir a orientar outras pesquisas.

Ainda sobre leitura, afinal, esta tese é sobre livros, busco pensar os livros velhos sem deixar de reconhecer entre eles os livros novos, ou seja, a circulação de livros que, inevitavelmente, estão fadados a envelhecerem, ao desgaste, ao descarte e ao retorno. Livros ainda novos naquelas edições pouco ou nunca manuseadas, cujas folhas límpidas estalam entre os dedos curiosos, atentos e velozes, são livros para ler. Como deixar de ler um livro novo, comprado na tabela corrente da moeda, anunciado e oferecido como tema para o assunto de hoje? O livro novo é comprado para ler, ainda que não seja lido imediatamente e posto na fila das futuras prioridades, ele deve ser lido. Diferente deste, o livro velho, ensebado, usado, de segunda mão, gasto, esgotado e raro deve mesmo ser lido? O livro velho pode ou não ser lido, e tudo bem. As suas páginas já não estalam ao folhear, esfurelam-se, quebram-se, desmancham-se e os dedos curiosos são estudiosos, nostálgicos e preciosistas, desejam tocá-lo em todas as suas dimensões, iniciando infinitos ensaios das mãos, às vezes, o miolo nunca é alcançado por elas. Adquirido na moeda flutuante, relacional, na disputa, na barganha, na sorte e no achado, e anunciado e oferecido como tema de sempre. Quando foi que um livro clássico precisou da ocasião da pressa para ser lido? Os livros velhos podem ser livros colecionáveis, artefatos, coisas e objetos. Os caminhos que percorrem os livros velhos são cartografias abertas, as mãos que seguram livros velhos são segundas e terceiras, a moeda da transferência de valor aos livros velhos são signos culturais circunscritos em situações, a leitura de um livro velho é uma virtuosidade ritual. Mas livros de segunda mão também são resistentes, calejados, viajantes, sobreviventes, eles podem ser vulgares, comprados na bancada da porta de entrada do metrô, lidos na viagem e descartados na saída. Também são livros para estudo, anotados, sublinhados, dobrados, marcados. São livros extremamente conectados com a cidade e com a extensa e intensa variação de usos e sentidos sem deixar de ser livro. O livro de segunda mão, velho, antigo, raro continua sendo livro, mesmo quando habita antiquários e se faz de decoração, esta é uma das suas modalidades,

depois, em outro giro, em outras mãos, ele volta a ser objeto de texto, de leitura, de apreciação tipográfica (o que também cabe ao livro).

Os livros de segunda mão permanecem circulando e não possuem rota certa, eles escapam, eles independem das normas alfandegárias e licenciadas para se mover e eles não “encalham” ou significam prejuízos, pois eles também não dispõem sobre as questões práticas do estrito giro comercial. Eles não param de circular, porque a circulação é o seu meio e este meio alonga-se constantemente e não se interessa pela linearidade progressiva do envelhecimento, os livros retornam e são resgatados, depois são esquecidos e dispersam sem rumo. Os acervos das bibliotecas particulares serão acervos de uma diversidade de sebos, eles vão e vêm das estantes de um e de outros e ainda são novidades, livros velhos são destaques permanentes. Os livros de segunda mão sempre são contemporâneos (AGAMBEN, 2009), porque são clássicos, às vezes, pelas características físicas do artefato, quase sempre pelo texto contido, outras vezes, pela representação da passagem do tempo.

Livros, como objetos materiais são suportes de texto e de “coisinhas” (papeladas, assinaturas, bilhetes, cartas, dedicatórias, *ex libris*, etiquetas) e tantos outros objetos que são guardados, escondidos e achados no seu interior, e também revelam marcas de chuva, sol, viagens, gatos, traças (INGOLD, 2017). Como seres moventes, em relação com intervenções humanas, não humanas e circunstanciais, os livros são agentes de conexões (LATOUR, 2012), participando do circuito por meio do texto, memória, ambiente, mãos, burrinhos sem rabo, bancadas, barracas, caixas, estantes, mochilas, pacotes dos correios. Os livros estão a passear na cidade.

Sobre o fechamento de livrarias:

Somando-se às contribuições do meu trabalho, gostaria de apresentar algumas percepções sobre a seguinte questão levantada no início desta pesquisa: as recentes crises sofridas pelas livrarias no país, especialmente no Rio de Janeiro, oferecem riscos ou vantagens ao circuito de livros usados?

O recente fenômeno em processo do fechamento de livrarias no Brasil e, especialmente, no Rio de Janeiro, não pode ser compreendido sob os entendimentos de “risco” e “vantagens”. O circuito de livros de segunda mão, ou seja, velhos, usados, raros, não flutua em outra dimensão completamente alheia ao “mercado editorial” e ao “mercado livreiro”, eles participam em simultaneidade de agenciamentos na cidade e na sua esfera “cultural”, portanto, interessa aos sebos a

condução e os desfechos das “crises do livro”, o circuito de livros de segunda mão mantém-se do fluxo cíclico de objetos que vão, vêm e retornam em repetições materiais, entretanto, a sua renovação está em contato com: os projetos de publicação de novas edições, (mexendo nos grupos de esgotados/raros); a devolução e recolhimento de livros consignados de editoras por livrarias fechadas, destinados às feiras de desconto e aos sebos como “ponta de estoque” (mexendo no trânsito categórico de novo x usado); a demanda de livreiros demitidos que decidem tornar-se independentes e abrir sua livraria através da Estante Virtual (mexendo na “correria” ou corrida do livro com novos integrantes); a demanda de consumidores leitores por livros em outros canais como *marketplaces* e sebos (mexendo nos modelos de operações virtual/material de obtenção de livro).

Garimpando dados e referências:

Ao longo da pesquisa de campo, fui apresentada pelos livreiros às obras de escritores bibliófilos, como Rubens Borba de Moraes e Ubiratan Machado (quem percorreu a cidade comigo em algumas situações) e muitos nomes da bibliofilia nacional e de outros lugares. Nas dinâmicas de conversar e comprar livros nos sebos, incluindo o próprio *site* da Estante Virtual na conversa, fui reunindo “livros sobre livros” (classificação dada por editoras e livrarias a este segmento de publicação), assim, Rubens Borba de Moraes, Ubiratan Machado, Eduardo Frieiro, Homero Pires, Homero Senna, Manuel Esteves, Josué Montello, Plínio Doyle, José Mindlin, Ricardo de Bury e até Carlos Drummond de Andrade formaram as minhas referências. No final das contas, estas narrativas foram de extrema relevância para a construção deste objeto de pesquisa, afinal, quem mais poderia nos contar tão bem “as prosas” sobre livros? Sim, os livreiros, catadores, garimpeiros através das suas trajetórias. Desta maneira, a minha etnografia sobre livros usados inclui as narrativas destes autores como dados, fontes e também referências. Vale acrescentar que eu encontrei ou soube de poucas teses publicadas sobre a Estante Virtual, todas nas áreas de Ciências da Informação e Biblioteconomia, apresentando poucos dados empíricos e referências bibliográficas muito específicas. Entre elas: “O impacto da Internet sobre o futuro dos Sebos de Porto Alegre” (MATOS, 2014); Assim, todas as informações, dados e referências específicas sobre a Estante Virtual que apresento e analiso são relativas as minhas entrevistas feitas na pesquisa de campo, a “varredura” do *site*, as notícias de grandes jornais e revistas com algumas

entrevistas e reportagens sobre André Garcia (criador do *site*), e apenas duas, porém longas e abrangentes entrevistas suas em vídeo, as quais eu transcrevi para citar.

8.2 “Passar pra frente”

Em *A técnica do escritor em treze teses*, Walter Benjamin propõe “XI. Não escreva a conclusão da obra no local de trabalho habitual. Nele você não encontraria a coragem para isso” (2012: 30), então, pensei em dar um passeio lá fora, como nos convida Tim Ingold (2017:49) na abertura de *Materiais contra materialidade*, mas como sair em plena pandemia? Forcei a coragem.

Frente aos dados infinitos da etnografia, alguns cortes foram mais doloridos. Em pesquisas futuras, eu gostaria de resgatar dois capítulos planejados que acabaram não entrando na redação final da tese:

1. Ladrão e Viúva

A contribuição central desde capítulo seria pensar a relação de subtração e ganho de livros nos sebos por meio de ladrões e viúvas. Dois “tipos” frequentes nas conversas entre livreiros, o ladrão é temido e a viúva desejada. Rapidamente, eu os apresentei em *ex libris*, no capítulo 6, “Colecionadores de Livros”. No repertório de prosas e causos de livraria, os livreiros se arriscam, são espertos, detetives, vigilantes, corajosos nas situações narradas onde o ladrão entra em cena, por outro lado, o ladrão aparece como discreto, distinto, rico, distraído, esperto, sagaz. A viúva é despachada, desapegada, espaçosa, ambiciosa e vingativa, ela procura o sebo imediatamente depois do “fato”, ela vem acompanhada de toda a biblioteca que lhe ficou de herança, diante delas, os livreiros são astutos avaliadores, avaros, velozes e urubus. É fácil ouvir de livreiros que as seções de obituários dos jornais são as suas leituras favoritas, que eles oferecem cartões de visita em portas de velório e que estarão sempre prontos para consolar as viúvas. Também é fácil ouvir de livreiros aventuras e perseguições que costumam eclodir nos corredores estreitos das estantes, nas pontas de bancadas de rua e na procedência de obras raras nos pregões. Existe uma disputa em curso pelo livro quando estes dois “tipos” entram no circuito, através de uma tensão entre perda e desejo. Este capítulo acabou não sendo escrito, porque excederia a circunscrição do argumento central

da tese, sendo mais interessante pensá-lo através de outras questões a serem elaboradas.

2. Bichos e Papel

A contribuição central desde capítulo seria pensar as relações entre noções de destruição e recomposições, de vida e de morte. Eu pensei, inicialmente, que seria importante caminhar pelo circuito do livro e, ao final, apresentar um ciclo. Este ciclo incluiria os “perigos” enfrentados pelos livros, o perigo da máquina de trituração dos galpões de reciclagem de papel e o perigo das colônias de bichos que ocupam o seu interior, furando, comendo, riscando, tracejando as suas páginas. Dois assuntos frequentes no repertório de causos e prosas sobre os livros ouvidos em sebos. Primeiro, as estratégias para proteger os livros dos bichos (brocas, traças, baratas, cupins), *horloge de la mort* um tic tac constante ouvido nas livrarias e bibliotecas, o som das cabeças das traças furando o papel. A linguagem que livreiros e bibliófilos direcionam aos bichos inclui termos de guerra: destruição, extermínio, combater, controlar, agressores, inimigos. Contra eles são usados: venenos e armas. Em situações de: tréguas, guerra, luta. O livro molhado, comido por bichos, rasgado e descartado serve aos papeleiros. Mas outros desencadeamentos estão em curso. Dos processos de desencapamento, novas triagens podem mudar o rumo dos livros, de volta aos sebos ou de volta ao texto, sob novos títulos, sob outras camadas de vida. Os bichos costuram exuberantes rendados, respirando e comendo pelos buracos, eles habitam os livros e os livros os acolhem, protegem, alimentam. Os livros furados e bordados são vivos. Este capítulo acabou não sendo escrito também, porque extrapolaria o argumento da tese, exigindo outras questões.

Ao ler o que escreveu Clifford Geertz (2009), em *Obras e Vidas*, sobre o que deve fazer o etnógrafo – como ir a lugares, voltar de lá e tornar as informações disponíveis à comunidade especializada, sobretudo, de uma forma prática – chamou-me atenção quando, em seguida, em um par de oposições, ele desaconselhou a vadiagem por bibliotecas e a reflexão sobre questões literárias. Eu fiz disso tudo um pouco. E, finalmente, depois de longo percurso de corrida e de escrita, pretendo tal qual Hélio Silva, em *Um brinde à academia* (1995: 170), “tentar não chegar à verdade, mas contar com um repertório mais amplo de mentiras que permitam, ao menos, a compreensão dos mecanismos de fabulação ali imperantes, o entendimento das fantasias, dos disfarces e das pistas falsas”.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALMEIDA, Maria Isabel M de. (Coor.) Cartografias da paragem: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.

ALMEIDA, Maria Isabel M de; PAIS, José Machado (Orgs.). Criatividade, juventude e novos caminhos profissionais. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ALMEIDA, Maria Isabel M de; TRACY, Kátia M. A. Noites Nômades. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond. O observador no escritório: Rio de Janeiro: Record, 1985.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O poder ultrajovem. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRADE, Carlos Drummond de. VERSIPROSA: Crônica da vida cotidiana e de algumas miragens. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p 92.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Viola de bolso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

ANDRADE, Soneto da Buquinagem. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1955.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. Infoproletários: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

ASSOCIAÇÃO DE LIVRARIAS DO RIO DE JANEIRO. Guia de Livrarias da cidade do Rio de Janeiro. A.E.L. RJ, 2017.

BÁEZ, Fernando. História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra no Iraque. Rio de JANEIRO, Ediouro, 2006.

BARRETO, Lima. Feiras e Mafuás. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. Edições 70, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. O Sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BAUDRILLARD, Jean. Para uma crítica da Economia Política do Signo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

- BAUDRILLARD, Jean. A troca simbólica e a morte. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. As estratégias fatais. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I. São Paulo, Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. Obras Escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIM, Walter. Obras escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.78.
- BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2009.
- BERTINAZZO, Stela Maris F. Ex Libris: pequeno objeto do desejo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.
- BORGES, Jorge Luís. Ficções. Porto Alegre: Editora Globo, 1996.
- BORGES, Jorge Luís. Outras inquisições. São Paulo. Companhia das Letras: 2007.
- BOTSMAN, Rachel; ROGERS, Roo. O que é meu é seu: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- BURSZTYN, Marcel. No meio da rua: nômades, excluídos, viradores. In: No meio da rua. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- BURY, Ricardo. *Philobiblon* ou o amigo do livro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Org.). Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- BRITO, Jorge. Guia dos Sebos do Brasil. Brasília: Armazém do Livro Usado Editora; Gráfica Avant's, 2001.
- BROCA, Brito. A Vida Literária no Brasil 1900. Rio de Janeiro: José Olympio; ABL, 2005.
- CAIAFA, Janice. Movimento Punk na cidade: a invasão dos bando sub. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- CARRIÓN, Jorge. Livrarias: uma história da leitura e de leitores. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

- CARRIÓN, Jorge. *Contra Amazon*. São Paulo: Elefante Editora, 2020.
- CATÁLOGO da Mostra: Retrospectiva Agnès Varda – O Movimento perpétuo do olhar. Rio de Janeiro - Centro Cultura Banco do Brasil. 2006, p. 117.
- CATÁLOGO 740. *Sugestões para Bibliófilos*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, MCMLXXXVIII.
- CATÁLOGO 450. *Raridades para Bibliófilos do século XV ao século XX, inclusive livros sobre Brasil e América*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1968.
- CATÁLOGO 265. *Raridades para Bibliófilos do séc. XV ao séc. XX, inclusive livros sobre Brasil e América*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, sem data.
- CHAIJ, Nicolás. *O Colportor de êxito*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George (org.). *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Papéis Selvagens Edições, 2016.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.
- DAMÁZIO, Vera. *Artefatos de Memória da Vida Cotidiana: um olhar sobre as coisas que fazem bem lembrar*. Tese de Doutorado, PPCIS-UERJ, 2005.
- DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- DARNTON, Robert. *A questão dos livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DEBARY, Octave. *Antropologia dos Restos*. Pelotas, RS: UM2 Comunicação, 2017.
- DE CERTEAU. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra*. In: *Mil Platôs*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DIDEROT, Denis. *Carta sobre o comércio do livro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ECO, Umberto. *Não contem com o fim do livro*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, Umberto. *A Memória Vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, Umberto. *As Vertigens das Listas*. São Paulo: Record, 2010.

ESTEVEZ, Manuel. *O Ex Libris*. Ensaio. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Lammert Limitada, 1954.

EVANGELISTA, Douglas de Souza. Shopping-chão: identidade e circulação de pessoas e objetos em uma feira de “antiguidades” e “usados” no Centro do Rio de Janeiro. *Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, n 15, 2014.

EVANGELISTA, Douglas. Pessoas e objetos: agência e consumo de segunda mão na cidade do Rio de Janeiro. *Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, n 23, 2018.

FARIA, M. I; PERICÃO, M. G. *Dicionário do Livro*. São Paulo: EDUSP, 2008.

FERNANDES, Adriana. *Escuta Ocupação: arte do contornamento, viração e precariedade no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, PPCIS-UERJ, 2013.

FONSECA, Rubem; FONSECA, Zeca. *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FLAUBERT, Gustave. *Bibliomania*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

FREDERICO, Maria Candida V. *Poetas de rua: Outro eixo em circulação das artes*. Rio de Janeiro: Revista Intratextos UERJ, 2015.

FREUD, Sigmund. “Caráter e erotismo anal”, in: *Atos obsessivos e práticas religiosas/ Moral sexual "civilizada"*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FRIEIRO, Eduardo. *Os livros nossos amigos*. Belo Horizonte: Livraria Inconfidência S/A, 1945.

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: *O saber local*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O espírito e a matéria: o patrimônio enquanto categoria de pensamento. In: *Antropologia dos objetos: coleções, museus*

e patrimônios. Rio de Janeiro: Museu Memória e Cidadania; Garamond, 2007, p 109. 23 Giorgio

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

GREGORI, Maria Filomena. Viração: experiências de meninos de rua. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. Sociedade da transparência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. (orgs.). Antropologia do Ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HERZ, Pedro. O Livreiro: como uma família que começou alugando 1º livros na sala de casa construiu uma das principais livrarias do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

HONORÉ, Carl. Devagar. Rio de Janeiro: Record, 2006.

INGOLD, Tim. Estar Vivo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. São Paulo: Editora 34, 2016.

LATOUR, Bruno. Reagregando o Social. Salvador: Edufba; Bauru, SP: Edisc, 2012.

LEFEBVRE, Lucien. O aparecimento do livro. São Paulo: EDUSP, 1992

LÉVI-STRAUSS, Claude. Olhar, Escutar, Ler. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A lógica das classificações totêmicas. In: O pensamento Selvagem. Campinas, SP: Papirus, 2009.

LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LORETTI, Priscila. Do luxo ao lixo, do lixo ao luxo: uma história da valorização e desvalorização de objetos a partir da feira de antiguidades da Praça XV. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

MACEDO, Joaquim Manuel de. Memórias da rua do Ouvidor. Brasília: Editora da UNB, 1988.

MACHADO, Ubiratan. História das Livrarias Cariocas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MACHADO, Ubiratan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MACHADO, Ubiratan. *A Etiqueta de Livros no Brasil: subsídios para uma história das livrarias brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MACHADO, Ubiratan. *A capa do livro brasileiro 1820-1950*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

MACIEL, Anselmo; SILVA, Alberto da Costa (Org). *Livro dos Ex-Libris*. Rio de Janeiro: ABL; São Paulo: Imprensa Oficial, 2014.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das Tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MARCUS, George E. *Ethnography in/of the World System: The Emergence of MultiSited Ethnography*. *Annual Review of Anthropology*, 1995.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Editora Ática: 2001.

MARX, Karl. *O fetichismo da mercadoria e o seu segredo*. In: *O Capital*. Coleção Os Economistas. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MAUSS, Marcel. *As Técnicas Corporais*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac &Naify, 2003.

MEAD, Margaret. *Visual Anthropology in a discipline of words*. In: HOCKINGS, Paul (Ed.). *Principles of Visual Anthropology*. Paris: Mouton, 1975.

MINDLIN, José. *Memórias esparsas de uma biblioteca*. Florianópolis: Escritório do Livro; São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

MINDLIN, José. *No mundo dos livros*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros: reencontro com o tempo*. São Paulo: EDUSP; Companhia das Letras, 1997.

MONTELLO, Josué. *Histórias da vida literária*. Rio de Janeiro: Nosso Livro Editora, 1944.

- MONTES, Rafael. *Jantar Secreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MORAES, Rubens Borba de. *O Bibliófilo Aprendiz*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 1998.
- MORAES, Rubens Borba de. *Testemunha ocular: recordações*. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2011.
- MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1969.
- MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliana: livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900 e obras de autores brasileiros do período colonial*. Tradução Correia. [1ª edição brasileira, traduzida da 2.ed. ampl. e com base no exemplar do autor]. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2010.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n10, dez 1993.
- PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.
- PINHEIRO, Ana Virgínia T. P. Que é livro raro? Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989.
- PIRES, Homero. Rui Barbosa e os Livros: Conferência NA Casa de Rui Barbosa, a 5 de novembro de 1938. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- QUINTARELLI, Stefano. *Instruções para um futuro imaterial*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- RENNÓ, Rosângela. *Menos-Valia Leilão*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- ROUVEYRE, Edouard. *Dos Livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- SAMAIN, E. “Ver”e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.
- SAID, Edward. *O Orientalismo*. 1978. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SENNA, Ernesto. *O velho comércio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2006.
- SECCHIN, Antonio Carlos. *Guia comentado dos Sebos da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

SECCHIN, Antonio Carlos. Guia dos Sebos das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo: e também de Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Goiânia, Maceió, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Luís do Maranhão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

SECCHIN, Antonio Carlos. Guia dos Sebos das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo: acrescido de um anexo com alguns dos principais sebos de Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Goiânia, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Luís do Maranhão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SECCHIN, Antonio Carlos. Guia dos Sebos das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Goiânia, Maceió, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Luís e Vitória. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

SCHETTINO, Thais Sena. Um grupo em mudança: os livreiros e o saber profissional. *Sociologia & antropologia*. Rio de Janeiro, v.03.06: 605–619, novembro, 2013

SCHWARTZ, Jorge. Borges Babilônico: uma enciclopédia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SENNA, Homero. O Sadoyole: história de uma confraria literária. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2000.

SILVA, Hélio R. & MILITO, Cláudia. Vozes do Meio Fio. Editora Relume & Dumará, Rio de Janeiro: 1994

SINDER, Valter. Configurações da narrativa: verdade, literatura e etnografia. Vervuert: Iberoamericana, 2002.

SLEE, Tom. Uberização: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

SLOTERDIJK, Peter. A Mobilização infinita: para uma crítica da cinética política. Lisboa, PT: Relógio D'Água Editores, 2002.

TELLES, Vera da Silva. A cidade nas fronteiras do legal e ilegal. Belo Horizonte: Argvmentvm Ed., 2010.

TELLES, Vera da Silva. Nas Tramas da Cidade: Trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

THOMPSON, John B. Mercadores de Cultura. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

VELHO, Gilberto. 1973. A utopia urbana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor;

- VELHO, Gilberto. 1994. Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- YAKHNI, Sarah. Cine Ensaios Agnès Varda: o documentário como escrita para além de si. São Paulo: Fapesp; Hucitec Editora, 2014.
- WEBER, Max. Economia e Sociedade. v. 1. Brasília: Editora da UNB, 2000.
- WEBER, Max. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- WHITE, Ellen G. o Colportor Evangelista. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1999.
- WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Reportagens eletrônicas e Sites Consultados

<https://www.sebonascanelasleiloes.com.br/>

<https://www.abebooks.com/>

<https://www.amazon.com.br/>

<https://www.christies.com/features/Good-Books-A-primer-on-Bible-collecting-8445-1.aspx>

<http://cbl.org.br/imprensa/noticias/por-que-o-e-book-nao-vingou-no-mercado-editorial>

<https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/principais-dividas-da-livraria-cultura.html>

<https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/livraria-cultura-comprara-operacoes-da-fnac-no-brasil.ghtml>

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/03/em-recuperacao-judicial-livraria-cultura-enfrenta-enxurrada-de-aco-es-na-justica-do-trabalho.ghtml>

<https://passapalavra.info/2019/04/126181/>

<https://veja.abril.com.br/entretenimento/livraria-cultura-se-defende-apos-cusacoes-de-ex-funcionarios/>

<https://www.estantevirtual.com.br/>

<https://oglobo.globo.com/economia/sebos-fazem-greve-contramazon-retiram-mais-de-1-milhao-de-livros-de-estantes-virtuais-23211913>

<https://www.publishnews.com.br/materias/2017/12/26/livraria-cultura-compra-estante-virtual>

http://www.saraivari.com.br/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=49680

http://www.saraivari.com.br/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=66595

<http://cultura.rj.gov.br/secec-e-seeduc-levarao-40-mil-alunos-da-rede-publica-a-bienal/>

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,internet-e-crisis-ameacam-livrarias-da-europa-imp-,1136116>

<https://www.booksellers.org.uk/>

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1302201007.htm>.

<https://www.nytimes.com/2009/07/27/technology/companies/27amazon.html>.

<https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/andre-garcia-criador-do-site-estante-virtual/>

https://www.youtube.com/watch?v=GjU_Ic0TVqQ

<https://www.youtube.com/watch?v=3d0Yt4fvPgw>

<https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-google-dos-sebos>. Publicação de 12/05/2009

<https://projetodraft.com/os-acertos-e-erros-da-estante-virtual-primeiro-acervo-digital-de-livros-do-pais-que-este-ano-cresceu-20/>

<http://livrarias.cpb.com.br/>

<https://comlurbnet.rio.rj.gov.br/Extranet/ConsultaColetaLograd/index.asp>

<http://www.shoppingcidadecopacabana.com/sobre.cfm>.

<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/shopping-dos-antiquarios-em-copacabana-continua-um-oasis-paraquem-ama-antiguidades-23787415>.

<https://www.publishnews.com.br/materias/2012/12/07/71420-a-historia-de-um-clubedo-livro-com-800-mil-socios>

<https://www.paris.fr/pages/les-bouquinistes-et-paris-histoired-amour-en-majuscules-7886>

<https://www.leparisien.fr/paris-75/les-bouquinistes-parisiens-sur-le-chemin-de-lareconnaissance-planetaire-26-04-2019-8060898.php>

<https://www.livre-rare-book.com/bsa/Booksellers/en>.

<http://www.tujaviu.com/2014/07/veja-o-video-que-gravamos-na-entrada-da-estacao-carioca-metro-ondelivreiro-vende-quadrinhos-europeus-precos-bem-camaradas.html>

www.aelrj.org.br

www2.senado.leg.br

<https://www.youtube.com/watch?v=UoEuvGT1wBs>

<https://oglobo.globo.com/cultura/os-serto-es-embate-de-euclides-da-cunha-dilermando-de-assiscontinua-22308941>

<https://www.christies.com/lotfinder/Lot/graham-maria-1785-1842-journal-of-a-residence5281682-details.aspx>.

<http://colecaodrummondbandeira.blogspot.com/2016/02/soneto-da-buquinagem-carlos-drummondde.html>

<https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DeeBGccA/>.

<https://blog.leiloesbr.com.br/880-leilao-de-livros-documentos-raros-e-curiosidades/>

http://www.aelrj.org.br/website2010/index.php?option=com_content&view=article&id=40:a-artede-leiloar-livros&catid=5:noticias&Itemid=8.

Filmografia

VARDA, Agnes. *Le glaneurs et la glaneuse* – documentário, 2000, cor, 35 mm, 122 min, França.

VARDA, Agnes. *Deux ans après* – documentário, 2002, cor, beta, 64 min, França.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

Tese de Doutorado - Maria Candida Vargas Frederico

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PPGCIS-PUC-Rio

Rio de Janeiro, ____/____/____

Livraria e Sebo Academia do Saber

Endereço: Av. Passos, 23/25 - Centro, Rio de Janeiro.

1. Identificação.

Escolaridade:

Idade:

Sexo:

Tempo de trabalho:

2. Função ou tarefas principais. Detalhar a rotina de trabalho.

3. Por que você trabalha em um Sebo?

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulada: **Tese de Doutorado**, desenvolvida por: **Maria Candida Vargas Frederico**.

Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é coordenada / orientada por **PPGCIS-PUC-Rio**, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 21 35271555 (PUC) e 21 996461547 (pesquisadora) ou e-mail mariacandida16@hotmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é sobre: **Livros usados na cidade do Rio de Janeiro**. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa.

Minha colaboração se fará por meio de entrevista semiestruturada / observação / gravação de áudio e / ou foto, a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados far-se-ão apenas pela pesquisadora e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme os princípios e valores estabelecidos no Marco Referencial da PUC-Rio, a Câmara de Ética na Pesquisa foi instalada na 368ª Reunião do Conselho de Ensino e Pesquisa (CEP), em 25 de junho de 2003.

Data:

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do(a) pesquisador(a):

ANEXO 3

Associação Estadual de Livrarias do RJ - Associadas (Lista criada em 2010, em constante mudança, até 2017)	
1. Academia do Saber	29. Interciência
2. Almedina Camões	30. Itatiaia
3. Argumento	31. Leitura Rio
4. Arlequim	32. Leonardo da Vinci
5. Atzilut	33. Malasartes
6. Baratos da Ribeira	34. Nobel Copacabana
7. Berinjela	35. Letra do Céu
8. Blooks Livraria	36. Letra Viva
9. Bolívar	37. Martins Fontes
10. Burity Sebo Literário	38. Livraria da República
11. Carga Nobre Livros (PUC-Rio)	39. Oceano das Letras
12. Casa Verde	40. Office Book
13. Castro Alves	41. Padrão
14. Cia dos Livros	42. Panorama
15. Consequência	43. Paulinas
16. CPAD	44. Paulus

17. Copabooks	45. Prosa da Praça
18. Cultura	46. Sander
19. Edital	47. Saraiva
20. Eldorado Books	48. SBS Livraria Internacional
21. Espírita Joanna de Angelis	49. Sociedade Bíblica do Brasil
22. Federação Espírita Brasileira	50. Solário
23. FNAC	51. Technical Books Livraria
24. Folha Seca	52. Total Concursos
25. Galileu	53. Travessa
26. Gramma	54. Veredas
27. Gutemberg	55. Vozes
28. Instante do Leitor	56. Yan Livros
Guia comentado dos Sebos da cidade do Rio de Janeiro. 1ª ed. 1997. Antonio Carlos Secchin	
ZONA CENTRO	20. Leonardo Marios (1978)
1. Aimée Gilbert (1983)	21. O Acadêmico do Rio (1971)
2. Alfarrabista do Rio	22. Padrão (1973)
3. Antiquilhas Brasileiras (1989)	23. Regente Feijó (1980)
4. Antiquário (1970)	24. São José (1939)
5. Beringela (1994)	25. Universal (1988)
6. Brandão	26. Walter Cunha (1982)
7. Brasileira (1969)	ZONA NORTE
8. Brumário	27. Che (Andaraí) (1993)
9. Cabral (1994)	28. Portela (Madureira) (1985)
10. Camerino (1972)	ZONA OESTE
11. Casa dos Artistas	29. Irmãos Fernandes (Jacarépaguá) (1975)
12. Casimiro de Abreu	ZONA SUL
13. Elizart (1972)	30. Biblioteca Von Hager Gintner (Botafogo) (1991)
14. Feira do Livro	31. João do Rio (Catete) (1989)
15. Geraldo Mello (1983)	32. Macunaíma (Catete)
16. Império (1967)	33. Cápsula do Tempo (Copacabana)
17. Inconfidenciakm	34. 2005 (Copacabana) (1990)
18. Kosmos (1935)	35. Dantes (Leblon) (1994)
19. Le Bouquiniste (1995)	----- -----

Guia dos Sebos. Antonio Carlos Secchin. 5ª ed. 2007	
ZONA CENTRO	31. São José (filial)
1. Ábaco	32. Sebo nas Canelas
2. Academia do Saber (I)	33. Textos e Pretextos
3. Acadêmico do Rio, O	34. Von Hager Gintner
4. Al-Farabi	ZONA NORTE
5. Amorim	1. Che (Andaraí)
6. Babel Livros (I)	2. Madureira (Madureira)
7. Babel Livros (II)	ZONA OESTE

8. Baú do Leonardo (Leonardo da Vinci)	1. Campo Grande (Campo Grande)
9. Berinjela	2. Irmãos Fernandes (Jacarepaguá)
10. Biblio&Arte	3. Fala Rabino (Vila Kennedy)
11. Bouquiniste, Le	ZONA SUL
12. Cabral	1. Cabral (filial) (Botafogo)
13. Camerino	2. Casa da Cultura (Botafogo)
14. Casa das Letras	3. Luzes da Cidade (Botafogo)
15. Cavalcanti	4. Beta de Aquarius (Catete)
16. Dantes	5. Baratos da Ribeira (Copacabana)
17. 2 Silvério	6. Cidade das Letras (Copacabana)
18. Elizart	7. 2005 (Copacabana)
19. Emmanuel	8. Livraria Primeira Edição (Copacabana)
20. Imperial	9. Mar de Histórias (I) (Copacabana)
21. Leonardo Marius	10. Sofia Livros e Objetos (Copacabana)
22. Letra Viva	11. Beco das Virtudes (Leblon)
23. Mar de Histórias (filial)	12. Achados (Ipanema)
24. Padrão	13. Luzes da Cidade (filial) (Ipanema)
25. Passos do Saber	LIVREIROS AUTÔNOMOS
26. 44 de Camões	1. Edgar Lauria
27. Redescobrir	2. Joanis Bel Amorim
28. Regente Feijó	3. José Jailson Cruz
29. Rio Antigo (antiga Kosmos)	4. Julio Domingues
30. São José	5. Wmilson Santos

Guia dos Sebos do BRASIL. 2003. Jorge Brito. Armazém do Livro Usado Editora. 4ª ed.

NITERÓI	23. Livraria João do Rio
1. Livraria Ideal	24. Livraria Kosmos
2. Livraria Maíra	25. Livraria Letras e Ponto
3. Livraria Otelo (Icaraí)	26. Livraria Mar de Histórias (Centro)
4. Livraria Otelo (Centro)	27. Livraria e Papelaria Camerino
5. Livraria Soletrando (R. Aurelino Leal, 35)	28. Livraria 44 da Camões
6. Livraria Soletrando (R. Alm. Teffé, 681)	29. Livraria Regente Feijó
7. Livraria Soletrando (R. São Clemente, 27)	30. Livraria São José (R. do Carmo, 61)
NOVA IGUAÇU	31. Livraria São José (Pç. Tiradentes, 85)
1. Sebo Nova Iguaçu	32. Livraria Sebo Silvério
PETRÓPOLIS	33. Livraria Universal
1. Arte de Ler	34. Padrão Livraria
2. Roberto Cunha – Livros	35. Roberto Nogueira Livreiro
3. Sebo Alexandria	36. Sebo
4. Sebo Fino Livraria e Antiquário	37. Sebo Rio de Janeiro (Red Star)

5. Sebo Livraria – Livros Usados	38. Walter Cunha Livraria
RIO DE JANEIRO	ZONA SUL
ZONA CENTRO	39. Baratos da Ribeira (Copacabana)
1. Academia do Saber (Av. Passos, 22)	40. Beta de Aquarius (Catete)
2. Academia do Saber (Av. Passos, 23/25)	41. Bibliotheca Von Hager Gintner (Botafogo)
3. Academia do Saber (R. da Const., 20)	42. Boca do Sapo – Livros e Música (Ipanema)
4. Augusto Livreiro	43. Cidade das Letras (Copacabana)
5. Corredor Cultural da Guanabara (Bancas)	44. 2M Livraria (Ipanema)
6. Édipo Rei	45. Gracilianos do Ramo (Copacabana)
7. Elizart Livros	46. Livraria Dantes (Leblon)
8. Estante Livraria (A)	47. Livraria 2005 (Copacabana)
9. Geraldo Mello Livros	48. Livraria Mar de Histórias (Copacabana)
10. Le Bouquiniste Livraria Espaço Cultural	49. Livraria Maria Fumaça (Catete)
11. Livraria O Acadêmico do Rio	50. Livros, Livros e Livros (Ipanema)
12. Livraria Amorim	ZONA NORTE
13. Livraria Antiquilhas Brasileiras	51. Aimeé Gilbert Livraria (Tijuca)
14. Livraria Antiquário	52. Babel Livros (Pç. Da Bandeira)
15. Livraria Berinjela	53. Livraria Che (Andaraí)
16. Livraria Brasileira	54. Livraria Sebo Portela (Madureira)
17. Livraria Cabral	55. Livreiro da Saenz Penha (Tijuca)
18. Livraria Cultural & Cia.	56. Sandim de Lomba (Tijuca)
19. Livraria Champs-Elyseés	57. Sebo Mercado (Madureira)
20. Livraria Emmanuel	ZONA OESTE
21. Livraria Imperial	58. Livraria Irmãos Fernandes (Jacarépaguá)
22. Livraria Império	59. Livraria Sebo Campo Grande (Cp. Grande)

Guia de Livrarias da Cidade do Rio de Janeiro. AEL. 2017. ZONA CENTRO	
1. Academia do Saber 1	31. Livr. Cult. Da Guanabara
2. Academia do Saber 2	32. Livr. F. Espírita Brasileira
3. Academia do Saber 3	33. Livraria da Travessa 1
4. Almedina Camões	34. Livraria da Travessa 2
5. Antiquilhas Brasileiras	35. Livraria da Travessa 3
6. Arlequim	36. Livr. Conselho Espírita RJ
7. Babel Livros	37. Livr. e Sebo Cavalcanti
8. Berinjela	38. Loja do Livro B.N
9. Bukz	39. Lumen Christi
10. Buriti Sebo Literário	40. Mar de Histórias
11. Camerino	41. Marcello Ipanema
12. Casa Cruz 1	42. Mário de Andrade

13. Ciência Moderna	43. Martins Fontes
14. Consequência	44. O Acadêmico do Rio
15. CPAD	45. Odontomedi
16. Cultura	46. Paulinas
17. Elizart Livros	47. Paulus
18. Folha Seca	48. São José
19. Galáxia	49. Saraiva 1
20. Hórus	50. Saraiva 2
21. Hudson 1	51. Saraiva 3
22. Jesus Vive	52. SBS Livr. Internacional
23. JS Triunfo	53. Sebo Sábias Palavras
24. Le Bouquiniste	54. 2 Silvério
25. Lei Nova	55. Sobrado da Bíblia
26. Leonardo da Vinci	56. Socied. Bíblica do Brasil
27. Letra do Céu 1	57. Solário
28. Letra Viva	58. Technical Books
29. Letra Viva Filial	59. Vozes
30. Livraria Café do Wilsinho	60. Worldwide Books

Guia de Livrarias da Cidade do Rio de Janeiro. AEL. 2017. ZONA NORTE	
1. LF Livros de Veterinária	32. Rede Gospel
2. Livraria Evangélica	33. Shopping do Povo
3. El Shaday	34. Yan Livros 1
4. Saraiva 4	35. Fiocruz Livros
5. Saraiva 5	36. Abrasco
6. Leitura 1	37. Canabarro
7. Optima Blue	38. Ler e Aprender 2
8. Interciência	39. Saturno 1
9. Palácio dos Papéis	40. Metrôpolis
10. CPAD 1	41. Yan Livros 2
11. Nobel 1	42. Central Gospel
12. ADIG	43. Maju
13. Bazar N Senhora da Ajuda	44. Real Engenho
14. Bazar Tia Berê	45. Solar Bezerra de Menezes
15. Dissonarte	46. Casa Cruz 3
16. Aliança Universitária	47. Casa Verde
17. Hudson 2	48. Caverna do Saber
18. Hudson 3	49. CPB
19. Leitura 2	50. Di Livros Livr. e Editora
20. Leitura 3	51. Eldorado
21. Leitura 4	52. Galileu
22. Ler com Prazer	53. Letra do Céu 2
23. Nobel 2	54. Lima Barreto
24. Rio Books	55. Point HQ
25. Nobel 3	56. Revinter
26. Triunfo	57. Saraiva 6
27. Nijor Livr. e Papelaria	58. SBS Livr. Internacional
28. Casa Cruz 2	59. Saturno 2

29. Ler e Aprender 1	60. CPAD 2
30. Paulinas	61. Nobel 3
31. Pioneira	62. Saraiva 7

Guia de Livrarias da Cidade do Rio de Janeiro. AEL. 2017. ZONA OESTE

1. Leitura 1	15. Nobel
2. Alegria das Letras	16. Terra Fértil
3. Argumento	17. Yan Livros
4. FNAC	18. Yan Livros
5. Jamer Books and Things	19. Livraria Amigo Realista
6. Leitura 2	20. Metrólolis
7. Leitura 3	21. Praça Seca
8. Livraria da Travessa	22. Nobel
9. Saraiva 1	23. SBS Livr. Internacional
10. Unisaber	24. Alegria do Saber
11. Casa Cruz	25. Joana Flor
12. Jeová Jireh	26. Leitura
13. Leitura	27. Paterbook
14. Livraria Campo Grande	28. Saturno

Guia de Livrarias da Cidade do Rio de Janeiro. AEL. 2017. ZONA SUL

1. Blooks	28. Saraiva
2. Baratos da Ribeiro	29. SBS Livraria Internacional
3. Disal	30. Beta de Aquarius
4. Livraria da Travessa	31. Literária
5. Livraria Editora UFRJ	32. Logos
6. Livraria FGV	33. Carga Nobre
7. Livraria Francesa	34. Livr. Inst. Moreira Salles
8. Luzes da Cidade	35. Malasartes
9. Mister Book	36. Timbre
10. Plens	37. Tracks
11. Prefácio	38. Papel aos Pedacos
12. Primeira Página	39. Casa Reis
13. Saraiva	40. Galileu
14. Saraiva	41. Livraria da Travessa
15. Susanne Back	42. Livraria Francesa
16. Atzilut	43. Livr. N. Senhora da Paz
17. Galileu	44. Luzes da Cidade
18. Instante do Leitor	45. Point HQ
19. Joanna de Ângelis	46. Toca do Vinícius
20. Bíblia & Cia.	47. Roda Pião
21. Bolívar	48. Entretexto Kids
22. Bossa Nova e Companhia	49. Moviola Bistrô e Livraria
23. Casa Cruz	50. Pereira Passos
24. Copabooks	51. Argumento
25. Irmão X	52. Livraria da Travessa
26. Livraria e Sebo 2005	53. Cultura

ANEXO 4

“Os dez mandamentos de um sebo”

Fátima Sá, Berenice Meneses e Gisela Pereira, *Jornal do Brasil*, Panorama, Ano 13, nº 8, de 30-05-1997. In: *Guia dos Sebos do BRASIL*. 2003. Jorge Brito.

Armazém do Livro Usado Editora. 4ª ed.

- I. Pechincharás, pechincharás sempre: muitos sebos dão descontos quando o cliente pede.
- II. Observarás as prateleiras atentamente: ainda que muitos sebos separem livros por assunto, poucos colocam as obras em ordem alfabética.
- III. Não comprarás o livro esgotado logo no primeiro sebo que visitares: se a edição não for rara, as chances de encontrá-la em outra loja são grandes e o preço pode variar muito de um lugar para outro.
- IV. Agarrarás a raridade mais rápido possível: estes livros não costumam esquentar as prateleiras por muito tempo.
- V. Não julgarás o sebo pela aparência: até a loja mais simples e empoeirada pode ter edições preciosas ou interessantes.
- VI. Frequentarás os sebos regularmente: é impossível precisar quando chegam novos livros e eles costumam ser vendidos rapidamente.
- VII. Não te deixarás levar apenas pelo título do livro: manchas e capas rasgadas podem significar descontos, muitos descontos.
- VIII. Examinarás o livro antes de comprá-lo: você pode acabar levando uma comunidade de traças e cupins ou um livro maravilhoso faltando a página clímax.
- IX. Evitarás os sebos que não marcam o preço nos livros: eles costumam cobrar de acordo com a cara do cliente. Aí, melhor é ir de chinelo.
- X. Não usarás roupas claras: além da poeira as edições antigas costumam soltar muita tinta.

ANEXO 5

Ex Libris de Manoel Mattos de Pinho (Livraria Elizart)

